

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO–UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO–PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – MESTRADO

POLYANA ALMEIDA FROTA LIMA

“Queira nos valer Senhora”

**representações de Maria para as mulheres da Tenda de Umbanda
Nossa Senhora da Conceição em Imperatriz-MA**

IMPERATRIZ
2025

POLYANA ALMEIDA FROTA LIMA

“Queira nos valer Senhora”

**representações de Maria para as mulheres da Tenda de Umbanda
Nossa Senhora da Conceição em Imperatriz-MA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra, ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

Orientador: Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras
Coorientadora: Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja

IMPERATRIZ
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Almeida Frota Lima, Polyana.

Queira nos valer Senhora : representações de Maria para as mulheres da Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição em Imperatriz-MA / Polyana Almeida Frota Lima. - 2025.

207 p.

Coorientador(a) 1: Vanda Maria Leite Pantoja.

Orientador(a): Rogério de Carvalho Veras.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2025.

1. Umbanda. 2. Maria. 3. Mulheres. 4. Representações. 5. Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição. I. de Carvalho Veras, Rogério. II. Leite Pantoja, Vanda Maria. III. Título.

POLYANA ALMEIDA FROTA LIMA

**“Queira nos valer Senhora”
representações de Maria para as mulheres da Tenda de Umbanda
Nossa Senhora da Conceição em Imperatriz-MA**

Data de aprovação _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras (Presidente)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS-UFMA

Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja (Coorientadora)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS-UFMA

Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa (Examinadora interna)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFMA

Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho (Examinadora externa)
Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas
PPGEPE/UFMA

Profa. Dra. Taissa Tavernard de Luca (Examinadora externa)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA/UFPA

Prof. Dr. Agustín Laó-Montes (Examinador externo)
Universidade de Massachussets – Amherts (E.U.A)

À Nossa Senhora a quem chamo de Mãe do Céu, à minha mãe Dolores Vieira de Almeida, em homenagem, respeito e gratidão a todo seu sonho de estudar em um tempo que mulheres não tinham permissão para isto e tendo sido criada entre rejeição dos meus avós (seus pais) e extrema pobreza, e por ter sido a professora que me ensinou a ler as primeiras palavras (com cipós de goiaba, tamarindo e um ABC). À minha avó que por muito tempo cedeu sua casa para mim e meu irmão (Paulo Frota), agradeço porque não me curvei aos seus apelos de que eu deveria parar de estudar. À todas as mulheres que durante minha trajetória de vida e acadêmica me estenderam as mãos e me impulsionaram. À todas as mulheres da Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição. “Eu sou por que nós somos”.

Invocação à Mariama¹

Mariama, Nossa Senhora, mãe de Cristo e Mãe dos homens! Mariama, Mãe dos homens de todas as raças, de todas as cores, de todos os cantos da Terra. Pede ao teu filho que esta festa não termine aqui, a marcha final vai ser linda de viver. Mas é importante, Mariama, que a Igreja de teu Filho não fique em palavra, não fique em aplauso.

Não basta pedir perdão pelos erros de ontem. É preciso acertar o passo de hoje sem ligar ao que disserem. Claro que dirão, Mariama, que é política, que é subversão. É Evangelho de Cristo, Mariama. Claro que seremos intolerados.

Mariama, Mãe querida, problema de negro acaba se ligando com todos os grandes problemas humanos. Com todos os absurdos contra a humanidade, com todas as injustiças e opressões. Mariama, que se acabe, mas se acabe mesmo a maldita fabricação de armas. O mundo precisa fabricar é Paz. Basta de injustiça!

Basta de uns sem saber o que fazer com tanta terra e milhões sem um palmo de terra onde morar. Basta de alguns tendo que vomitar para comer mais e 50 milhões morrendo de fome num só ano. Basta de uns com empresas se derramando pelo mundo todo e milhões sem um canto onde ganhar o pão de cada dia. Mariama, Senhora Nossa, Mãe querida, nem precisa ir tão longe, como no teu hino.

Nem precisa que os ricos saiam de mãos vazias e o pobres de mãos cheias. Nem pobre nem rico. Nada de escravo de hoje ser senhor de escravo de amanhã. Basta de escravos. Um mundo sem senhor e sem escravos. Um mundo de irmãos. De irmãos não só de nome e de mentira. De irmãos de verdade, Mariama.

¹ Texto de Dom Helder Câmara. Mariama é “é uma saudação a Maria, Mãe de Jesus, feita por Dom Helder Câmara na Missa dos Quilombos em 1981”. Disponível em: <https://www.a12.com/academia/catequese/mariama>, acesso em 30/12/2024.

Agradecimentos

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora (Mãe do Céu) e a minha mãe Dolores pelas orações que me guardam e pelas mãos solícitas em ser rede de apoio para mim. Aos meus irmãos: Paulo Frota, Tatiane Almeida, Jaermisson Almeida, Maria Cecília Almeida (*in memoriam*) e José Ivan Almeida.

Fazer pesquisa e construir uma dissertação sendo uma mulher pobre, negra e mãe de duas crianças é completa loucura. Desde criança teimo em ocupar lugares que “não foram feitos para mim”. Quando morava ainda na roça e não tinha nenhuma condição, quando faltava até comida, lá estava eu atravessando rios e matas para chegar numa escola que não tinha nada além de um professor para uma única casa coberta de palha e quase sem paredes em chão de barro empeirado. Indo a pé e percorrendo quilômetros para chegar lá. A escola era lugar feito para mim? Não!

Quando frequentei a primeira escola na cidade foi em Montes-Altos/MA (Escola Municipal Santa Isabel) eu não tinha uniforme, caderno, sapatos e muito menos comida suficiente e adequada. A escola fazia as exigências que minha mãe jamais conseguiu cumprir porque não tínhamos dinheiro nem da havaiana para que eu fosse à escola, precisava regrar a havaiana velha com arame embaixo pois não podia me dar ao luxo de usá-la com frequência, era da escola. Eu não tinha café da manhã antes de ir para a escola e rezava para que chegasse a hora da merenda. Eu não tinha material escolar, raramente minha mãe podia comprar algo, o que me levava sempre a ser garimpeira do lixo escolar. Aquilo que meus colegas não queriam mais era tudo que eu precisava, era tudo que eu tinha. A escola era lugar para mim? Não!

Escrevo isso não com dor, mas com profunda gratidão porque em meio a todos os meus dias difíceis, a escola foi meu refúgio e meus professores e professoras anjos na minha vida, diziam sempre para mim “você é boa”, “você é muito inteligente”, “Polyana você é muito esforçada”, “você vai muito longe ainda” e eu nem sabia o que significava esse longe, eu só sabia que minha salvação era ter meus professores e professoras por perto. A sensação que eu tenho é de como se eu corresse uma maratona perdida e eles/elas estivessem aplaudindo e gritando do meu lado me fazendo continuar a percorrer um

caminho em que eu não via meta alguma, era correr sem esperar chegar e me deram chão e combustível para percorrer o caminho.

Gratidão profunda a cada mestra e mestre da educação que passaram por mim e me fizeram ser quem sou hoje, desde o interior (roça) até o mestrado que ora concluo, vocês me salvaram do abismo das dificuldades que sucumbem os pobres e excluídos. É a partir da minha trajetória que faço pesquisa e leio meu lugar na universidade, é como disse Nego Bispo “nossas trajetórias nos movem”.

Glória Anzaldúa escreve que “mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências”², e foi uma virada de chave para mim, mesmo não tendo confiança ainda na minha escrita. A gente sempre pensa nas adequações e o quão maravilhoso seria se tivéssemos tempo, um escritório para a escrita, uma mesa e uma cadeira ideal, se não tivesse que parar pra cozinhar, lavar, passar, cuidar das crianças, oferecer atenção ao esposo e etc.. Anzaldúa me foi crucial, porque podemos usar todas as dificuldades como justificativas para não escrever e ela, “esqueça o quarto só para si — escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar. Eu escrevo sentada no vaso.”³

Tem momentos que nós mulheres e mães nos deparamos com o sentimento de que não fomos suficientes nem na universidade e nem para nossos filhos e que gostaríamos de ter mais tempo e sem esse tempo julgamos que não será possível e desanimamos. Todavia nossos filhos tem a capacidade de ao mesmo tempo que exigem muito de nós, nos motivam e nos impulsionam. Gratidão aos meus pequenos José Bernardo (9 anos) e Luís Maria (6 anos) porque foram combustível nessa jornada. Agradeço ao meu companheiro Wilson Paulo Lima que tem se esforçado em oferecer o básico para que eu siga esse caminho, mesmo quando não concorda (risos). Agradeço a FAPEMA⁴, nesse mesmo parágrafo, somente com essa bolsa pude concluir essa pesquisa.

Agradeço aos meus professores e professoras do PPGS que contribuíram para meu crescimento e foram muito além da sala de aula, Karina Sousa a quem tive a honra de ser aluna em disciplina especial e se tornou muito importante em meu caminho, Wellington

² “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” de Glória Anzaldúa. ESTUDOS FEMINISTAS, ANO 8, 1º SEMESTRE 2000, p. 235.

³ Idem, p. 233.

⁴ Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

S. Conceição a quem me incentivou desde a seleção, Emilene Leite a quem me inspirou à caminhada e o amor pela Antropologia/Etnografia (já escolhi até meu doutorado por causa disso), ao Marcelo Carneiro, professor extremamente competente e generoso cuja disciplina me rendeu a publicação de um capítulo de livro. Ao professor Jesus Marmanillo a quem já havia sido meu professor antes do mestrado. Agradeço aos colegas de turma, em especial Luciana Conceição que foi muito importante para mim na seleção de ingresso nesse mestrado, Henry, Anderson, Jayder, Wyldina e Washington, “é nós”.

Agradeço a todas as mulheres da Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição pela acolhida, carinho, respeito e sobretudo pela confiança em partilhar tanto comigo. A pesquisa jamais daria conta das coisas que vivenciamos em campo e do quanto isso modifica nossa maneira de existir no mundo. Agradeço de modo muito particular a Mãe Meridalva D’Oxum, a senhora tem sido realmente uma mãe para mim e para esta pesquisa, eu não tenho palavras para agradecer tanto, lhe amo. Agradeço a Dona Jarina pela permissão para que eu entrasse em tantos lugares/momentos particulares, agradeço a Dona Maria Légua por imenso carinho que tem para comigo desde a primeira vez que conversamos, agradeço ainda Tapuia e Chica Baiana bem como todas as outras encantadas dessa casa e das mulheres com quem pude conviver e conversar.

Agradeço todas as pessoas dos terreiros de Imperatriz-MA em especial: Mãe Léia uma pessoa tão querida para mim (mãe do meu coração); Pai Salim de Ogum que me acompanha desde os primeiros passos nessa pesquisa; Pai Augusto de Oxum a quem chamo de meu professor; Mãe Juliete e Celson pessoas de grande humildade e sabedoria, Pai Watila, a associação de Terreiros (ASTERCMA) na pessoa do Clauber, Pai César, Welson de Benedito Légua, Lourenço de Doralice, Pai Deusdete, Pai José Osmar e todos/as que me ajudaram nesse processo, minha gratidão.

Ao meu ORientador Rogério Veras a quem tenho profundo respeito e admiração, me orienta desde a Iniciação Científica onde fui bolsista, você é tão grande, professor, um dia quero ser metade do que você é, você me inspira e sem você eu não teria conseguido chegar até aqui, a você e ao nosso Grupo de Pesquisa MensMemini onde aprendi a dar os primeiros passos na investigação científica, meu muito obrigada. Gratidão a querida Vanda Pantoja, mulher, eu te amo demais e sou grata pelos caminhos que me fizeram chegar até você, é fora do comum, gratidão por ser coorientadora nesse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho propõe-se ao estudo das religiões afro-brasileiras (Umbanda) e tem como questão norteadora: quais são as representações de Maria (Nossa Senhora) para as mulheres da Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição em Imperatriz-MA e como elas operacionalizam essas representações. Para tanto, foi lançado mão do seguinte referencial teórico: Reginaldo Prandi (1996; 1998; 2011), Sérgio Ferretti (2005), Mundicarmo Ferretti (1996), Kabengele Munanga (2019), para falarmos das religiões afro-brasileiras em sua historicidade, bem como Quijano (2005), com a categoria da decolonialidade, para tratar com criticidade o processo colonial e James Scott (2013), que auxilia a pensar a categoria “modos de resistência”, olhando para o sincretismo como maneira de subversão dessas religiões. Na perspectiva de gênero, raça e ancestralidade a discussão mobiliza autoras como: Patrícia Hill Collins (2016; 2019), Lélia Gonzalez (2020), Suely Carneiro (2019) e María Lugones (2014), bem como Rosinalda Simoni (2019), Hélen Jardim e Dulce Voss (2022). Em se tratando da parte hagiográfica e mitológica temos Prandi (2001a; 2001b) e Pierre Verger (1981). Para chegar às representações trago como aporte teórico Roger Chartier (2002), Émile Durkheim (1986) e Magnani (2004). Metodologicamente este trabalho conta com a pesquisa etnográfica, onde realizei observação participante, uso do diário de campo, fotografias, aplicação de questionário semiestruturado e também o uso do WhatsApp. As interlocutoras são sete mulheres das quais uma é a mãe da tenda e as outras seis são médiuns da casa. É conclusivo a centralidade das mulheres tanto nas cerimônias, nos trabalhos manuais e espirituais em torno das festas como na dimensão social. Esse protagonismo que se dá dentro da Tenda e para além dela, vem das percepções de afeto e de cuidado que essas mulheres tem a respeito de Maria. Ela é mãe, protetora e auxílio nas necessidades, porém suas representações estão para além desse escopo, Maria se torna inspiração e resistência para essas mulheres e para Tenda, ao mesmo tempo que é aquela que “nos vale”. É possível perceber que essa dimensão se espalha daí até aos projetos sociais da Tenda.

Palavras-chave: Umbanda. Maria. Mulheres. Representações. Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição.

ABSTRACT

The present work proposes the study of Afro-Brazilian religions (Umbanda) and has as a guiding question: what are the representations of Mary (Our Lady) for the women of the Tent of Umbanda Nossa Senhora da Conceição in Imperatriz-MA and how they operationalize these representations. To this end, the following theoretical framework was used: Reginaldo Prandi (1996; 1998; 2011), Sérgio Ferretti (2005), Mundicarmo Ferretti (1996), Kabengele Munanga (2019), to talk about Afro-Brazilian religions in their historicity, as well as Quijano (2005), with the category of decoloniality to critically treat the colonial process and James Scott (2013), who helps me to think about the category "modes of resistance" looking at syncretism as a way of subverting these religions. From the perspective of gender, race and ancestry, the discussion mobilizes authors such as: Patrícia Hill Collins (2016; 2019), Lélia Gonzalez (2020), Suely Carneiro (2019) and María Lugones (2014), as well as Rosinalda Simoni (2019), Hélien Jardim and Dulce Voss (2022). When it comes to the hagiographic and mythological part we have Prandi (2001a; 2001b) and Pierre Verger (1981). To arrive at the representations, I bring as a theoretical contribution Roger Chartier (2002), Émile Durkheim (1986) and Magnani (2004). Methodologically this work relies on ethnographic research, which I did participant observation, use of the field diary, photographs, application of semi-structured questionnaire and also the use of whatsapp. The interlocutors are seven women of which one is the mother of the Tent and the other six are mediums of the house. The centrality of women in ceremonies, manual and spiritual work around the festivals, and in the social dimension is conclusive. This protagonism that occurs within Tenda and beyond comes from the perceptions of affection and care that these women have regarding Mary. She is a mother, protector and helper in needs, but her representations go beyond this scope. Mary becomes an inspiration and resistance for these women and for Tenda, at the same time that she is the one who "helps us". It is possible to see that this dimension spreads from there to Tenda's social projects.

Keywords: Umbanda. Mary. Women. Representations. Tent of Umbanda Nossa Senhora da Conceição.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Censo IBGE 2010 Imperatriz-MA – Habitantes por religião	51
Tabela 02: Distribuição de Terreiros por bairros de Imperatriz.....	53
Tabela 03: Interlocutoras por filiação feminina na religião (mãe de cabeça).....	68

LISTA DE IMAGENS

Figura 01: Caboclo das 7 encruzilhadas e Fernandinho de Moraes	45
Figura 02: Gabriel Malagrida	45
Figura 03: Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Piedade	45
Figura 04: Etimologia da palavra Umbanda.....	46
Figura 05: Origem da Umbanda.....	47
Figura 06: Planta da Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição.....	56
Figura 07: Altar central.....	57
Figura 08: As seis interlocutoras filhas da casa.....	72
Figura 09: Mãe Meridalva em frente a Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição.....	72
Figura 10: espaço seguro.....	74
Figura 11: Mesa das refeições.....	75
Figura 12: Salão Principal – ao lado direito tanque de Iemanjá.....	84
Figura 13: Tanque de Iemanjá Terreiro Nossa Senhora de Santana.....	88
Figura 14: Imagem de Oxum –Tenda Nossa Senhora da Conceição	90
Figura 15: Toia Jarina da Conceição.....	94
Figura 16: Toia Jarina da Conceição – momento da incorporação.....	96
Figura 17: Filhos e filhas da casa recebendo a guia e benção de Dona Jarina.....	97
Figura 18: Quadro de Rei Sebastião incorporado na cabeça de Pai Salim de Ogum.....	101
Figura 19: Quadro de Toia Jarina incorporada na cabeça da Mãe Meridalva.....	102
Figura 20: Imagem de Toia Jarina.....	103
Figura 21: Tapuia na cabeça da Mãe Meridalva festa de Cosme e Damião.....	105
Figura 22: Pirulitos jogados pelo chão do terreiro.....	107
Figura 23: Festa da menina Tapuia.....	108
Figura 24: Légua Boji Buá da Trindade.....	116
Figura 25: Maria Légua Boji Buá na cabeça de Mãe Meridalva d’Oxum.....	118
Figura 26: Maria Légua rezando de “arca caída”.....	119
Figura 27: Maria Légua – escuta de confiança.....	121
Figura 28: Imagem de Maria Légua Boji Buá.....	123
Figura 29: Mãe Meridalva e Maria Légua.....	124
Figura 30: Dona Chica Baiana na cabeça de Mãe Meridalva.....	127
Figura 31: Dona Chica Baiana pegando galhos para benzimento.....	128
Figura 32: Dona Chica Baiana.....	130
Figura 33: Imagem de Dona Chica Baiana.....	131
Figura 34: Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Navegantes.....	156
Figura 35: Mãe Meridalva Rezando.....	168
Figura 36: Filha de Dona Joana Gunça rezando.....	168
Figura 37: Dona Tereza Légua, cerimônia de confirmação.....	171

Figura 38: Devoção a Nossa Senhora (manuscrito).....	172
Figura 39: Ladainha de Nossa Senhora.....	172
Figura 40: Ladainha de Nossa Senhora em latim.....	174
Figura 41: Ladainha de Nossa Senhora da Conceição (manuscrito)	174
Figura 42: Pela estrada da vida (manuscrito)	175
Figura 43: Com minha Mãe Estarei (manuscrito)	176
Figura 44: Bendito da Mãe de Deus das Candeias (manuscrito)	177
Figura 45: Bendito de Nossa Senhora das Dores (manuscrito)	178
Figura 46: Templo Sagrado Nossa Senhora Aparecida.....	180
Figura 47: Medalha Milagrosa em Guia.....	182
Figura 48: Encerramento da Gira na Guma/Guna.....	183
Figura 49: Espetáculo Aruanda lugar de paz.....	193
Figura 50: Espetáculo Aruanda lugar de paz.....	194
Figura 51: Espetáculo Aruanda lugar de paz.....	194
Figura 52: Encontro “Povos de Terreiros” na UFMA.....	197

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
a) “Ele é umbandista”: afetações e a pesquisa	22
b) “É uma das nossas, ela não tem frescura”: rito de passagem da pesquisadora	25
1. RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: CONTEXTO HISTÓRICO E MARCAS DO PROCESSO COLONIAL	36
1.1 Sincretismo e resistência	42
1.2 Umbanda origem e mito fundador.....	44
1.2.1 As religiões afro-brasileiras no contexto maranhense.....	50
1.2.2 As religiões afro-brasileiras em Imperatriz-MA	51
1.3 A Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	54
1.3.1 A família de santo da Tenda	59
2. GÊNERO, DECOLONIALIDADE, RAÇA E ANCESTRALIDADE: DA TEORIA AO CAMPO	61
2.1 Gênero e raça: as mulheres nas religiões afro-brasileiras em perspectiva ancestral	64
2.2 “Espaço seguro”: as mulheres da Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição.....	67
2.2.1 “Nós encantados é que organizamos tudo”: atividades desenvolvidas pelas mulheres nas festividades da tenda	74
3. “SOU UMA, MAS NÃO SOU SÓ”: MITOLOGIA DAS ORIXÁS, ENCANTADAS DA IALORIXÁ E GUIAS DE FRENTE DAS FILHAS DA CASA	79
3.1 “Essa casa cheira cravo, cheira rosas”: Orixá Iemanjá, a dona do tanque e da corrente das águas na Tenda	83
3.2 “Eu vi mamãe Oxum na cachoeira”: Orixá Oxum, a madroeira da casa.....	89
3.3 “Pois ela é filha do Rei Sebastião”: Cabocla Toia Jarina da Conceição a dona da tenda.....	93
3.4 “Oh minha gente Tapuia por aqui passou”: Cabocla Tapuia, a criança/menina da tenda	104
3.5 “Eu vim do Codó, sou Maria Légua eu vim desatando nó”: Dona Maria Légua Boji Buá da Trindade, a farrista da tenda	110

3.6 “O machado que quebra o coco não sai do pé da baiana”: Dona Chica Baiana a “escrava da casa”	125
3.7 “Ela é muito desse lado da saúde né, de cuidar, da reza”: Mãe de cabeça das filhas da tenda	132
4. “QUEIRA NOS VALER SENHORA”: AS REPRESENTAÇÕES DE MARIA PARA AS MULHERES DA TENDA	138
4.1 Hagiografia das figuras marianas festejadas na Tenda	141
4.2 De Maria de Nazaré a Nossa Senhora: breve história do pensamento mariano e de como este foi forjado.....	143
4.2.1 Nossa Senhora da Conceição, a Madroeira da Tenda e Nossa Senhora dos Navegantes.....	151
4.3 “Ela é uma mulher muito guerreira na vida da gente”: a fala das mulheres sobre Nossa Senhora/Maria	158
4.4 “Minha madrinha é a Virgem da Conceição, o meu padrinho é o Rei Sebastião”: Minhas observações do campo de pesquisa em torno das representações de Nossa Senhora/ Maria	166
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: “NOSSA SENHORA É NOSSA SENHORA [...] OS GUIAS SÃO OS GUIAS”	187
6. REFERÊNCIAS	198
7. ANEXO 1: GLOSSÁRIO DOS ENCANTADOS E DO POVO DE TERREIRO	205

INTRODUÇÃO

*“Nossa Senhora da Conceição,
ó vos queira nos valer senhora,
nesta ocasião.”*

(Ponto cantado nas festas/giras de Nossa Senhora/Iemanjá/Oxum)⁵

Antes de iniciar peço licença a todo povo sagrado do qual irei falar. Aprendi com os povos de terreiros que “não se entra em terra de encantados/as sem pedir permissão”⁶ e não se fala de encantado/a sem pedir permissão, por isso, tendo imenso respeito pelo que aprendi, eu peço licença e peço benção a minha Nossa Senhora e também as mais velhas que me antecedendo me concederam em tão grande generosidade a graça desse momento e desse espaço de fala. Começo essa escrita com esse ponto, ele é muito significativo para mim enquanto pessoa devota de Nossa Senhora⁷ e que me lancei a pesquisar as religiões afro-brasileiras. Esse ponto tem me acompanhado desde a primeira vez que fui à Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição, quando o conheci. Outras vezes, a Mãe Meridalva gravou e me enviou através do Whatsapp, como instrumento de pesquisa e também quando ela sentia que eu precisava ouvir essas palavras melodiadas, ela sempre acertava meus momentos de necessidade. A elas (Nossa Senhora e Mãe Meridalva) minha gratidão, porque mesmo sem que eu soubesse elas me deram a toada que ressoa por toda essa escrita.

O presente trabalho propõe-se ao estudo das religiões afro-brasileiras, de maneira particular a Umbanda, e tem como questão norteadora: quais são as representações de Maria (Nossa Senhora) para as mulheres da Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição em Imperatriz-Ma e como elas operacionalizam essas representações. Para alcançar tal objetivo aponto quatro propósitos que são: 1) traçar um percurso histórico das religiões afro-brasileiras e de como essas são marcadas pelo processo colonial; 2) refletir sobre gênero, decolonialidade, raça e ancestralidade; 3) apresentar por meio da mitologia as entidades femininas encontradas no campo e por fim; 4) analisar de que

⁵ Ponto cantado nas festas/giras de Nossa Senhora/Iemanjá/Oxum na Tenda De umbanda Nossa Senhora da Conceição. Ponto cantado é uma espécie de cântico sagrado na religião.

⁶ Sugiro ao leitor ou leitora que antes de adentrar ao território desta dissertação, consulte primeiro o “Glossário dos Encantados e do Povo de Terreiro” que está no **Anexo 1** localizado na página 205 deste trabalho, isso tende a facilitar a leitura.

⁷ Falo do pertencimento religioso que é o ser católica.

maneira as representações de Maria estão presentes na Tenda e como as mulheres percebem e reverberam essas representações.

A cidade de Imperatriz-MA⁸ está localizada na Região Metropolitana do Sudoeste Maranhense, segunda maior cidade do estado do Maranhão e segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no último Censo (2022), existe uma população de 273.110 habitantes⁹, em se tratando das religiões os dados ainda não foram atualizados sendo possível acesso somente ao censo de 2010, que demonstra a maior presença das religiões cristãs. A Tenda a qual é tema desta pesquisa fica localizada no bairro Vila Macedo, bairro periférico desta cidade e tem como dirigente geral a Mãe/Ialorixá Meridalva¹⁰.

As religiões afro-brasileiras como o próprio nome já denota, diz respeito as religiões que foram trazidas para o Brasil pelo povo negro através do processo colonial. Prandi (1998, p. 152) conta que essas religiões “formaram-se em diferentes áreas do Brasil com diferentes ritos e nomes locais derivados de tradições africanas diversas”, algumas delas são: “Candomblé na Bahia, xangô em Pernambuco e Alagoas, Tambor de Mina no Maranhão e Pará, Batuque no Rio Grande do Sul e Macumba no Rio de Janeiro”. Além disso, entre essas religiões afro-brasileiras está a Umbanda que segundo esse autor é uma religião genuinamente brasileira.

Para Reginaldo Prandi (1998, p. 152), a umbanda é “brasileira por excelência” porque nasce no Brasil e é resultado “do encontro de tradições africanas, espíritas e

⁸ “A fundação de Imperatriz se deu em 16 de julho de 1852, três anos depois da partida da expedição que saiu do porto de Belém, em 26 de junho de 1849. Frei Manoel Procópio do Coração de Maria, capelão da expedição, foi o fundador da povoação, que recebeu inicialmente o nome oficial de Colônia Militar de Santa Tereza do Tocantins. Depois de quatro anos, em 27 de agosto de 1856, a lei n.º 398 criou a Vila de Imperatriz, nome dado em homenagem à imperatriz Tereza Cristina”. fonte: <https://imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/a-cidade.html>, acesso em 10/09/2022.

⁹ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>.

¹⁰ Ela se denomina Ialorixá ou mãe Meridalva, na tenda ou terreiro que é o espaço do culto e também da sua moradia que fica anexa ao salão das festas, o povo a chama sempre de mãe Meridalva. A denominação Ialorixá “no Brasil se dá à sacerdotisa-chefe de uma comunidade-terreiro. O mesmo que mãe de santo. Do iorubá *iyálorisa*” (Lopes, 2011, p.640). No convívio com as mulheres da referida tenda, percebi que há três maneiras de se referir a dirigente Meridalva, são elas: Ialorixá que ela usa para as ocasiões mais formais, como por exemplo nos cards e convites para as festas da casa; Mãe, aparece como um termo mais geral, as pessoas que visitam a casa e inclusive eu a chamo assim. E também tem o termo madrinha, esse me parece mais particular, as filhas da casa a chamam assim, madrinha, “minha madrinha”, esse termo é usado pelas pessoas dos terreiros de Imperatriz, os filhos e filhas chamam de madrinha ou padrinho os seus respectivos pais e mães de santo, por exemplo a Mãe Meridalva chama o seu Pai de Santo (Pai Salim de Ogum) de padrim Salim ou padrim Sales, assim os filhos e filhas de santo da Mãe Juliete (outro terreiro que não dessa pesquisa) chamam ela de madrinha e assim tenho percebido.

católicas”. Dentre essa diversidade de religiões, é possível destacar ainda o Terecô que está sobretudo na cidade de Codó-MA. O Terecô pode ser denominado também de encantaria de “Bárbara Soeira” ou só “Barba Soeira”, bem como “Tambor da Mata” ou simplesmente “Mata”¹¹. O terreiro/tenda da qual é locus desta pesquisa é denominado pela Mãe Meridalva de Tenda de Umbanda, contudo, essas religiões se misturam, costumo ouvir as filhas da casa dizer com frequência, “vamos baiar terecô”, “dançar um nagô”, “dançar/baiar na macumba”, “bora na gira” ou “festa”, todos esses termos para se referir ao momento do culto.

As religiões afro-brasileiras são forjadas no contexto escravagista, em que a imposição colonial submete às condições des-humanas pessoas trazidas da África através do tráfico negro. A certeza colonial decretava “de antemão a verdade revelada, negro = humanidade inferior” (Munanga, 2019, p. 28). A colonialidade em suas maneiras de operar deslegitimava (e deslegitima) também saberes, crenças e a identidade desses povos que em terras brasileiras se resinificavam para resistir.

A teoria decolonial ilumina essa pesquisa no que se refere a esses processos de subalternização em relação ao povo negro e suas implicações nas religiões afro-brasileiras, sobretudo no que se refere às mulheres, mães/ialorixás dos terreiros/tendas. Trazer perspectiva da decolonialidade como um dos pilares deste trabalho é, como aponta Quijano (2005) e Lugones (2014), uma possibilidade de refletir os processos de subalternização e hierarquização a partir da raça e do gênero.

Por que mulheres? No contato que eu tive em alguns terreiros da cidade de Imperatriz-MA, percebi a grande participação das mulheres. Na Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição, a dirigente é uma mulher e durante a primeira ida a campo em fevereiro de 2021, notei que a maioria das pessoas que estavam no salão no momento da gira/culto eram mulheres, elas também estavam no preparo das refeições e na acolhida das pessoas que chegavam à casa.

Dentro das religiões afro-brasileiras as mulheres exercem papéis de fundamental importância, elas ocupam os cargos mais altos como mães de santo ou ialorixás, conforme aponta Nogueira (2019, p.37), “ainda que auxiliada por diversas

¹¹ Para mais especificações sobre Terecô, conferir a pesquisa de Mundicarmo Ferretti (2000), cujo título é, “Encantaria de ‘Barba Soeira’: Codó, Capital da magia Negra?”.

outras mulheres e homens, será a Mãe de Santo que terá a palavra final sobre a comunidade”. Nogueira (2023, p. 133-136) mostra como há na tradição oral e registros documentais informações sobre esse protagonismo feminino nessas religiões, particularmente como fundadoras tanto de terreiros de Candomblé na Bahia como o Tambor de Mina no Maranhão, afirma que “desde o início dos primeiros registros de rituais religiosos de origem africana no Brasil, tivemos um protagonismo quase sempre feminino” (Nogueira, 2023, p. 133).

Além disso refletir sobre a centralidade das mulheres nas religiões afro-brasileiras, “evoca pensar o lugar das Yabás na tradição religiosa de matriz africana. Nanã, Iansã, Oxum e Iemanjá estão para o candomblé como estão as colunas de sustentação em relação à um edifício.” (Rocha et al., 2016, p. 40).

Em se tratando de representações, categoria analítica desta pesquisa, escrevo a partir de Roger Chartier (2002) e com a sociologia de Émile Durkheim (1996), que levam em consideração a coletividade e não somente as individualidades. Este trabalho busca através desses teóricos, compreender os sentidos e significados constituídos pelas mulheres da referida Tenda em torno da figura mariana. Para Durkheim “as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas” (Durheim, 1996, p. 16), para isso se torna imprescindível observar não somente os discursos, mas e, sobretudo, as práticas, “contar com o que eles dizem e com o que eles fazem” (Magnani, 2004, p. 130).

Sendo significantes essas imagens, são elas capazes de atribuir ao mundo de cada sujeito e, sobretudo ao grupo, uma infinidade de significados, pois as representações partem sempre das e nas relações, entendendo na subjetividade do sujeito religioso essa relação entre aquilo que se vê e o que se sente e percebe, ao ver determinada imagem ou ouvir falar dela. Para este trabalho mais importa notar que as representações “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (Chartier, 2002, p. 17), e essas representações coletivas dão coesão ao grupo, operando na organização da coletividade.

O interesse para a construção do presente trabalho se deu baseado em experiências que tive na infância com meu pai médium e junta-se a isto o período em que fui bolsista PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) no ano de 2020-2021¹²,

¹² Os resultados desta pesquisa podem ser conferidos em: <https://www.youtube.com/watch?v=l3lDkzjSDZE&t=35s>.

no curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Sociologia (LCH) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. Parte desta pesquisa PIBIC se tornou posteriormente meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no ano de 2022¹³. Nas idas a campo, pude observar nos terreiros/tendas de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora Sant'Ana, e Santa Bárbara, o protagonismo das mulheres, sobretudo na Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição que foi a primeira que visitei para início desta pesquisa.

A metodologia utilizada é o método etnográfico, contando com observações participantes que eu chamo de “estar/ser com as mulheres da Tenda”; uso do diário que são as minhas observações enquanto estive em campo e anotações depois das festividades, quando chegava em casa conforme as lembranças vinham à minha mente; fotografias das quais algumas estão no corpo desta escrita; aplicação de questionário semiestruturado, ao todo foram quinze questões; e o uso do WhatsApp por meio do qual converso com minhas interlocutoras, pois tenho o contato de todas elas, e de maneira particular, converso frequentemente com a Mãe Meridalva.

Os dados etnográficos apresentados nesta pesquisa se dão desde fevereiro/2021, quando começo meu trabalho de campo (na iniciação científica), até dezembro/2024. Contabilizo desde a minha primeira entrada em campo ainda como bolsista PIBIC porque minhas observações, anotações e as relações com as pessoas desta casa iniciaram desde essa época. As interlocutoras são sete mulheres das quais uma é delas é Mãe/Ialorixá da Tenda e as outras seis são as médiuns da casa e que vivem mais próximas à Mãe, estão presentes basicamente em todas as atividades públicas, e ajudam no preparo das festas/gira/culto.

Me orientam nesse percurso etnográfico sobretudo, Uriarte (2012) no que se refere teoria e prática e no contato profundo com as sujeitas desta pesquisa; Oliveira (1998) nas intenções dos três passos “olhar, ouvir e escrever”; Mariano (2011) com a categoria “escutar” e Favret-Saada (2005) me conduz no processo do “ser afetado”, que me toca a partir da caminhada que me propus por meio desta pesquisa.

O presente trabalho está dividido em Introdução e mais quatro capítulos. No capítulo primeiro, traço um breve percurso histórico ressaltando as marcas do processo

¹³ “Eu fui escolhido por Deus: memórias e musealidade no campo religioso em Imperatriz-MA, disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/18909>.

colonial sobre o povo negro e sobre as religiões afrobrasileiras, destaco o sincretismo como mecanismo de resistência a partir dos autores: Sérgio Ferretti (1998) e James Scott (2013), este com a categoria “resistência” e “infrapolítica”. Falo da umbanda como símbolo da identidade nacional, bem como trato de maneira breve das religiões afro-brasileiras em contexto maranhense e imperatrizense, e apresento a Tenda que é o *locus* desta pesquisa. Para isto faço referência a autores como Reginaldo Prandi (1996; 1998; 2011), Sérgio Ferretti (2005), Mundicarmo Ferretti (1996), Clóvis Moura (2003), Kabengele Munanga (2019), bem como autores locais: Karoline Costa (2018), Ugo Dias (2019) e Polyana Frota e Rogério Veras (2022/2023).

No segundo capítulo falo sobre “gênero, decolonialidade e ancestralidade”. Abordo questões sobre gênero e raça a partir das autoras: Patrícia Hill Collins (2016; 2019), Lélia Gonzalez (2020), Suely Carneiro (2019). No que se refere a decolonialidade, a pesquisa se ancora especialmente em Quijano (2005) e Lugones (2014), bem como trabalho as perspectivas de Rosinalda Simoni (2019), Ana Paula Sampaio (2020) e Hélen Jardim e Dulce Voss (2022) que tange ao papel e ao protagonismo das mulheres nas religiões afro-brasileiras, trazendo uma perspectiva ancestral. Tenho aqui o objetivo de tratar dessa discussão de gênero, raça e ancestralidade para compreender os protagonismos das mulheres no campo pesquisado. Neste capítulo também apresento as interlocutoras com as quais convivi e pesquisei.

No terceiro capítulo faço abordagem em torno da mitologia das orixás/encantadas que conheci no campo de pesquisa e que atuam diretamente na dinâmica da Tenda, seja do ponto de vista físico (material) seja cosmológico (espiritual). Também junto as entidades que são da crôa da Mãe Meridálva, apresento de maneira resumida as entidades que são guias de frente das mulheres que foram entrevistadas/colaboradoras deste trabalho. Penso essa parte de importância fundamental, no sentido de compreender como elas reverberam nas representações de Maria para as mulheres com as quais pesquisei.

No quarto capítulo faço uma breve linha histórica de como o pensamento mariano foi forjado, passando por períodos como Antiguidade, Idade Média e Contemporaneidade. Pretendo através da hagiografia trazer as figuras marianas encontradas no campo de pesquisa e analisar por meio do referencial teórico e dados de campo, as representações de Maria para as mulheres da Tenda.

a) “Ele era umbandista”: afetações e a pesquisa

O anseio para esta investigação surge baseado nas experiências que tive na infância, ao presenciar algumas entidades de religiões afro-brasileiras na “cabeça” do meu pai¹⁴ que era médium. Se junta a isto minha aproximação com a figura de Maria na Igreja Católica¹⁵ e de querer perceber como essa figura é vista e venerada nas religiões afro-brasileiras.

A razão pela qual optei pela Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição se deu exatamente por ter sido a primeira que visitei enquanto bolsista PIBIC e por ter como padroeira “Nossa Senhora”, o que diz muito sobre minha curiosidade de estudar a temática, como já sinalizei acima. Outra razão que me fez escolher o campo é de que, na verdade, não o escolhi, me senti escolhida desde a primeira vez que o visitei e que conversei com a Mãe Meridalva e com a “patroa” da casa, Dona Jarina¹⁶, bem como intuições e sonhos me levaram a crer que este seria o campo no qual eu deveria me dedicar e continuar a pesquisa sobre as religiões afro-brasileiras na referida cidade.

Como católica e advinda de uma linha conservadora eu sempre me recusei a aceitar a religião do meu pai (umbanda), por mais que tivesse nascido em um ambiente em que meu pai fosse umbandista e católico ao mesmo tempo. Com a separação dos meus pais, morei em outras cidades e assim me tornei evangélica da Assembleia de Deus e depois católica, a adesão a esta última eu atribuo à uma aproximação religiosa com Maria/Nossa Senhora.

Mesmo não tendo tanto contato com meu pai, eu me recusava aceitar sua religião, lembranças iam e vinham na minha memória e eu passei por alguns ritos até de “renúncias” de algum tipo de ligação com a religião que meu pai praticava. Ocorre que

¹⁴ Evento que acontece no momento do transe ou possessão. Segundo Lopes (2011) na Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana “O transe das religiões africanas é, em geral, provocado, na busca da comunhão de um adepto especialmente preparado com uma entidade espiritual benfazeja, aspecto que o diferencia da possessão pura e simples.” O termo “na cabeça de” significa que a pessoa está nesse transe/possessa.

¹⁵ Falo do meu pertencimento religioso e de novo da minha devoção e ligação com Nossa Senhora.

¹⁶ A Mãe Meridalva diz ser sua “patroa”, aquela que governa tudo na casa, esta é a Cabocla Toia Jarina da Conceição ou como o povo do terreiro costuma chamar, Dona Jarina, ela faz parte de um grupo de três irmãs de caboclas, as outras duas são Herondina e Mariana, nas religiões afro-brasileiras elas estão no grupo das/os encantadas/os. Conferir em <https://www.revistasampa.com.br/2020/06/10/lendas-do-maranhao-conheca-a-historia-das-princesas-turcas-mariana-jarina-e-herondina/>

estando ele muito doente e a outra família não querendo assumir os cuidados exaustivos que demandava, eu tive que assumir a responsabilidade do cuidado e tive que lidar também com sua religião, o que não foi bem uma negociação, eu passei por diversas circunstâncias em que joguei fora maior parte dos seus objetos sagrados da sua religião.

Entrando no curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia na Universidade Federal do Maranhão, tive contato com várias teorias, e nunca duvidei da minha própria fé, mas o que eu não sabia é que eu podia ter a minha fé e respeitar a fé dos outros, neste caso, a fé do meu pai. Alteridade, palavra-chave nesse processo. Foi então que comecei a fazer um duro processo de descolonizar a minha mente, um processo de pesquisa e de reconhecimento possibilitado, sobretudo pelo Grupo de Pesquisa do qual faço parte, “MensMemini:Religião, Memórias e Trajetórias”¹⁷.

Iniciei essa pesquisa mais direcionada à Umbanda no mestrado, querendo reconhecer de fato quem eu era, o que me tornei e quem sou. O mergulho nesta pesquisa vem sendo o mergulho nas minhas impossibilidades, não esperava ser quem sou (humana-religiosa), e esse caminho aconteceu por causa do meu pai que já não falava, não enxergava e nem andava mais. Pensei: vou fazer o processo da pesquisa como que para fazer justiça a ele e a mim mesma. Enquanto trabalhava na construção deste trabalho, meu pai faleceu e mesmo lá no hospital, em meus braços, um dia antes de partir, prometi para ele que não desistiria, isto se deu numa experiência única e sobrenatural de despedida, jamais conseguiria descrever com exatidão aquele momento, mas Nossa Senhora estava lá, eu e ele sentimos e choramos.

Sempre ouvi dizer que na religião da umbanda existe uma corrente que é iniciada, aberta, e quando a pessoa dessa religião (médium, Pai/Mãe de Santo) está prestes a falecer, essas correntes tem que ser encerradas ou desligadas. Nunca soube de nenhuma literatura ou Pai/Mãe de santo que me confirmasse ou não isso. Naquele momento (que eu sentia a despedida) conversava com meu pai sobre essa questão, ele sempre queria viver muitos anos, dizia que iria desencarnar só quando tivesse com uns cento e dez a cento e trinta anos (ele tinha essa vontade de viver). Fui fazendo orações junto com ele, segurava suas mãos, e percebi, “fui afetada” (Favret-Saada, 2005), notei que o processo

¹⁷ Grupo de pesquisa ligado a Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Imperatriz), pode ser acompanhado através da página no Instagram: <https://instagram.com/mensmemini?igshid=YTQwZjQ0NmI0OA==>.

desta pesquisa estava me transformando, mudou minha maneira de ver o meu pai e sua religião, aquele momento foi um estalo de algo que me “mobilizou” ou “modificou” “meu próprio estoque de imagens” (Favret-Saada, 2005, p. 159).

O momento exalava uma atmosfera que não sabia de fato o que estava acontecendo, e de verdade algo me impelia a falar com meu pai coisas que nunca me imaginei falando antes. Como a narrativa da Jeanne Favret-Saada (2005, p. 159), eu sabia que estava falando, “algo me impelia a falar”, mas não sabia porque estava falando e fazendo o que estava falando e fazendo, e porque estava tomando determinadas atitudes, não compreendia porque tinha que “dizer justamente aquilo”. Depois que tudo isso passou eu me perguntei, meu Deus, e eu por acaso sou umbandista para fazer isso? Mas depois refleti que a minha devoção a Nossa Senhora me dava também essa coragem e um certo respaldo para que nesse momento eu pudesse viver isso sem me pretender ser umbandista para fazer tal coisa, afinal, isso não era sobre me tornar o outro (no caso, meu pai), mas sobre a maneira como fui afetada e de como isso abriu comunicação entre mim e ele.

É tão verdadeiro que enquanto acertava os detalhes na funerária, o recepcionista preenchendo um formulário de cabeça baixa como de costume, me perguntou, qual a religião do seu pai? Respondi sem demora: **ele era umbandista**, o rapaz olhou para mim com os olhos esbugalhados e perguntou: “e agora o que eu faço?”, eu respondi: me dê tudo que um bom católico tem direito, assinei os papéis e fui embora. Nesse instante percebi o quanto esse processo de feitura desta pesquisa havia me modificado. Eu não nego mais quem era meu pai, não nego também a minha fé. Antes tinha a impressão de que precisava suprimir a crença dele, o fazer acreditar na “minha fé”, a verdade é que ele acreditava nas duas. Contradição? Para quem? Para mim talvez, para ele, jamais!

Meu pai era extremamente crente em Deus (sim, o Deus cristão), na eucaristia, nos santos e na Bíblia, era devoto das almas a quem guardava o dia de segunda-feira para isto, e também contava sempre suas histórias de vivências sobrenaturais com os franciscanos. Ainda no leito do hospital, ele recebeu como última visita um franciscano que o abençoou e ele faleceu numa manhã de segunda-feira (dia das almas), que não consigo crê que seja uma simples coincidência. Essa pesquisa tem esse tom de memória e honradez, perdão e reconciliação, processo e cura, abandono e reencontro. Respeito, acima de tudo, respeito! É bem verdade que depois de morto ele está ainda mais vivo em mim através desta pesquisa.

b) “É uma das nossas, ela não tem frescura”: rito de passagem da pesquisadora

Ainda quando bolsista PIBIC, fiz amizades com as pessoas da Umbanda de várias tendas/terreiros de Imperatriz e região. Meu primeiro contato foi com a Mãe Meridalva quando visitei sua casa¹⁸ pela primeira vez, na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, dia 02 de fevereiro de 2021. Nesta ocasião, fui bem recebida, e a Mãe me deixou à vontade para fotografar, anotar e filmar as giras, bem como o altar central e os demais altares da Tenda.

Os primeiros contatos com as pessoas do campo de pesquisa foram marcados pelo período crítico da pandemia do Covid-19, eu usava duas máscaras com óculos de proteção ou duas máscaras e capote, sempre que ia visitar o terreiro. Protegia-me assim por não ter vacinas ainda disponíveis. Portar-me desta maneira fazia-me sentir diferente das demais pessoas que lá estavam e tive a sensação de que por lá me achavam diferente também, uma vez que em sua maioria não usavam máscaras. A casa da Mãe Meridalva cessou por um período os cultos abertos durante a pandemia, essa festa de fevereiro de 2021 foi a primeira realizada após esse período de pausa.

Quando tentei as primeiras aproximações com as pessoas, sobretudo as mais velhas não queriam muito contato comigo, achavam que eu era uma espécie de fiscal da área da saúde que estava lá pra investigar quem queria e quem não queria receber a vacina contra a Covid-19 (quando estivesse disponível). De fato, o etnógrafo enfrenta o dilema de ser confrontado “com sua própria apresentação diante do grupo que pretende aprender a conhecer” (Berreman, 1980, p. 125), o que me fez lembrar de Gerald Berreman (1980, p.130) ao tentar se aproximar das pessoas na aldeia do Himalaia, tanto ele quanto seu intérprete foram confundidos com missionários ao invés de os terem como antropólogos. Por mais que eu tentasse explicar que eu era uma pesquisadora da universidade e queria estudar a religião a partir daquele lugar, parte das pessoas não acreditou de imediato em mim.

Fui me aproximando aos poucos, primeiro me inserindo no meio deles e delas, fotografando timidamente e fazendo alguns registros por escrito em meu caderno de

¹⁸ Aprendi com o povo da religião a me referir ao local como tenda, terreiro, casa, barracão e centro. Durante esta escrita procuro usar somente três destas: tenda, terreiro ou casa.

campo, fiquei bastante tempo na área da cozinha e no salão onde acontece o culto público ou a gira, percebi que na cozinha as pessoas sentavam, tomavam café, acendiam um cigarro e papeavam com tranquilidade e na gira as pessoas cantavam, dançavam, e outras assistiam como era meu caso. Eu observava sem ter coragem de fazer muitas perguntas.

Nesse observar cheguei perto de uma jovem senhora que coincidentemente (ou não) tinha o mesmo nome que o meu e por esse detalhe em comum começamos a conversar. Ela é filha de santo do Pai Salim, que também é o mesmo Pai de Santo da Mãe Meridalva, e ela me apresentou como pesquisadora para as outras pessoas da casa e de outros terreiros que estavam por lá naquela ocasião, a partir da apresentação dela foi que consegui créditos como estudante/pesquisadora, antes era vista como a fiscal da saúde. Esta filha de Omolu se tornou minha principal interlocutora.

Minha interlocutora recém-conhecida me informava via WhatsApp de todas as festas que aconteciam até mesmo as festas que aconteciam na casa da Mãe Meridalva (meu atual campo de pesquisa) e fora da cidade de Imperatriz, por exemplo: as festas de alguns terreiros do Tocantins, também era com ela que eu ia tirando minhas primeiras dúvidas sobre a religião e nas giras ela me orientava de coisas como: “não cruza as pernas”, “não senta no chão, não é bom”, “não fica na porta, aí circula muita energia”, “não posso comer esse tipo de comida por causa da minha entidade”, “filhos/as de Omolu sentem mais coisas no corpo mês de agosto”, etc..

Além dessas orientações ela me falava o nome das entidades que estavam na cabeça das Mães, Pais de Santo e médiuns nos momentos das giras e nas confraternizações que aconteciam no pós-gira. Foi por meio dela que tive meus primeiros contatos com seu Lourenço Légua e dona Corina Légua, ambos na cabeça de Pai Salim, desta última recebi uma imagem de Nossa Senhora Aparecida feita de vidro, persente que guardo com muito carinho, disse que era “agradecimento por estar sempre ajudando aquela casa nos momentos de luta para a construção”.

Quando visitei a Tenda de Umbanda Nossa Senhora Aparecida pela primeira vez, fui muito bem recebida pelo Pai Salim que me concedeu entrevista sobre sua história de vida, por ocasião da minha pesquisa como bolsista do PIBIC, em julho de 2021. Pude observar também a luta para construir o terreiro num local mais alto por causa dos

constantes alagamentos, era tempo de pandemia, um período socioeconômico delicado e além do mais, uma religião que sofre tantos preconceitos.

As tentativas de angariar fundos para este fim eram feitas através de rifas, bingos e feijoadas. Fui ajudando no pouco que podia, fazendo as artes para passar nos grupos de WhatsApp, e nos dias de feijoada eu ia buscar alguns pratos para poder ajudar a casa, comprava pontos das rifas, oferecia em alguns grupos que eu participava, ajudava a organizar quando me pediam e fui aos poucos fazendo parte do ambiente religioso no qual estava pesquisando.

Outro ponto que me possibilitou estar com os povos de terreiro foi ter participado ativamente da Primeira Audiência Pública dos Povos de Terreiro que aconteceu na Câmara Municipal de Imperatriz, intitulada “Audiência Pública: reivindicações dos Povos de Terreiros da Região Tocantina” (11 de novembro de 2021), a mesma foi tanto presencial como transmitida pelo canal do YouTube da Câmara Municipal¹⁹, esse momento foi solicitado pela Associação de Terreiros de Religião e Cultura de Matriz Africana (ASTERCMA), com a presença do Centro de Cultura Negra Negro Cosme.

Esse dia foi extremamente importante para que eu tivesse contato com mais pessoas da religião e também tivesse a confiança dessas pessoas enquanto pesquisadora, além de receber convite para participar da diretoria da ASTERCMA e contribuir nas mídias sociais, convite que aceitei e muito aprendi com as amigas dos povos de terreiros, sobretudo, destaco a Mãe Léia, a importância dela para mim, essa mulher fez total diferença no meu caminho enquanto estudiosa da Umbanda.

Em se tratando da casa da Mãe Meridalva, eu voltei para visitar na festa de São Pedro, em 29 de junho/2021. Nesta festa, minha interlocutora não estava, e fui tentando me aproximar, sobretudo das mulheres, mas tenho a sensação de não ter obtido tanto sucesso nesse sentido. Consegui duas entrevistas gravadas e uma conversa rápida, as duas entrevistas foram com abatazeiro/batazeiros/ogã²⁰ e uma conversa rápida sem conseguir

¹⁹ Esta audiência foi transmitida através dos links: <https://youtu.be/-NL0C1d4uJM> ; <https://youtu.be/qkF-37hH25I>

²⁰ Músicos que tocam os instrumentos no terreiro nos momentos das giras. Eles se apresentam como batazeiros ou como ogãs. Segundo Lopes (2011, p. 953), o ogã é o “título da hierarquia masculina dos candomblés, conferido a pessoas prestadoras de relevantes serviços à comunidade-terreiro ou mesmo a especialistas rituais, como músicos, sacrificadores de animais etc.”. No entanto, os três ogãs que conheci, que tocam na casa da mãe Meridalva, eles se referiam a ogã para me dizer que eram músicos iniciados

anotar ou gravar com uma mulher enquanto ela amamentava, ela estava com pouco mais de um mês na Tenda e fazendo seu processo de assumir a mediunidade.

Esta é uma mulher preta, Mãe de três crianças, o mais novo estava com quatro meses. Durante a conversa ela me informou que antes de fazer parte da Umbanda, ela era da Nova Aliança que é uma igreja evangélica da cidade de Imperatriz. No instante da conversa, ela havia saído da gira que é um momento onde o corpo demanda grande esforço e saiu para amamentar, a conversa foi curta porque obviamente o momento era de cansaço e de cuidado com o pequeno que estava em seu colo e dos outros dois que brincavam pelo terreiro, foi a única vez que a via na casa, ela não entra no rol das entrevistadas, mas considero importante o registro neste trabalho em se tratando do percurso de campo.

Nesta festa que fui com o intuito de fazer trabalho de campo, eu levei um girassol para a Mãe da casa, ela carinhosamente recebeu a flor e colocou no altar principal ao lado da imagem de Nossa Senhora da Conceição e disse que a flor era para ela, para a santa. Esse gesto me fez entender que a Mãe me acolhia ali, no seu lugar sagrado, acolhia esta pesquisa. Também me fez perceber que ela já havia entendido meu interesse de pesquisadora (as representações de Maria). Interessante que a flor permaneceu ali nas outras vezes que fui visitar o terreiro.

Nas minhas idas a campo procurei estar atenta às conversas das mulheres, não por simples curiosidade, mas para poder conhecê-las e ter como conversar com elas. Ouvia suas brincadeiras, a maneira como faziam para sair do emprego mais cedo quando os dias de festa na casa eram no meio da semana, ouvia sobre alguns problemas de família, às vezes me olhavam e diziam “né não Polyana?”.

De modo que passei a me relacionar bem com as mulheres da Tenda, mas ainda sem ter coragem de fazer perguntas do tipo: Quantos anos você tem? É casada? É solteira, e trabalha com o quê? Isso foram coisas que fui ouvindo uma ou outra falar enquanto

especificamente para aquela missão. Esses batazeiros/ogãs não são filhos da casa, na verdade eles tocam nas festas dos terreiros de Imperatriz e região e recebem financeiramente para isso. Perguntei se havia mulheres que tocam nas festas, eles me disseram que sim que há uma, mas não cheguei a conhecê-la ainda. Na tenda de Umbanda Santa Bárbara (localizada no Bairro Vila Zenira, em Imperatriz), nas duas vezes que visitei nas festividades (16/10/2022 e 29/06/2023), vi uma filha desta casa tocando um maracá (instrumento musical feito de cabaça), mas nunca tambor. A forma correta de se referir seria Abatazeiro, porém nunca escutamos o povo do terreiro puxar a vogal “A” antes, ficando assim comumente chamado de Batazeiro.

ajudava acender a fogueira antes da festa começar, enquanto ajudava no preparo do café para as visitas, ajudava a arrumar o som e as pilhas dos microfones e enquanto convivia com elas pela casa.

Até que, na última festa de Nossa Senhora dos Navegantes/Iemanjá (fevereiro de 2023), cheguei cedo, fui fazendo minhas anotações no caderno de campo e atenta na gira. No intervalo da festa, a Mãe Meridalva e mais duas mulheres (uma filha de uma médium da casa e outra participante do terreiro) estavam preocupadas como seria o almoço, pois aconteceu um imprevisto com as cozinheiras e a outra filha da casa que costumava cozinhar ainda estava no trabalho. Assim, trouxeram essa preocupação à Dona Jarina que no momento conversava comigo, então me dispus a ajudar e com a autorização e os agradecimentos de Toia Jarina, dona da casa, fui para a cozinha ajudar no preparo do almoço.

Quando uma das filhas da casa entrou na cozinha com ingredientes para a comida, disse: “a Polyana é uma das nossas, ela não tem frescura”, essa expressão demonstrava um certo grau de confiança estabelecido nessa relação entre eu e elas, “é uma das nossas” significava também que eu poderia estar ali na cozinha, lugar também sagrado num terreiro e que não se entra sem concessões, “a cozinha é um espaço de essencial importância no terreiro e é tradicionalmente controlada por mulheres” (NOGUEIRA, 2019, p. 114); “não tem frescura” me mostrava também que estar ali para pesquisar não poderia conferir a mim um status de superioridade para com minhas colaboradoras, botar uma touca e me permitir celebrar aquele momento sagrado com elas, fazia parte, de certa forma, de um rito de passagem para mim nessa experiência etnográfica, por mais que elas me conhecessem como a pesquisadora da universidade, agora me designava como “uma das nossas”.

Esse dia foi uma experiência incrível, partilhar as brincadeiras, as gargalhadas, ouvir as mulheres falarem de suas “preocupações”, em não saber preparar determinado tipo de alimento, dos problemas de saúde, de como achavam a comida da casa melhor do que outros lugares e de como haviam driblado os padrões para estarem ali, naquele lugar, naquele dia e naquela festa: “a gente tem sempre um jeito”, dizia uma delas.

Mas somente depois de quase três anos na casa e de convívio com essas mulheres é que me senti à vontade para fazer perguntas mais diretas, entrevistas semiestruturadas,

acredito que nesses casos o tempo não é o grande protagonista, mas as relações que se estabelecem, ganhar e oferecer confiança. Enquanto cozinhava, não estava pensando em como estruturar esta pesquisa, porém, posteriormente refletindo sobre esse dia deduzi que a pesquisa pode ser mesmo assim, como preparar refeições fora de casa, em lugares de grandes movimentações, onde não temos certeza de quem vai degustar (da comida/escrita), é necessário dedicação, atenção, estar por perto para que as coisas funcionem bem. Um momento a mais no fogo e você põe tudo a perder, uma quantidade a menos de sal e a diferença no sabor será notada.

Ao pensar no “como fazer” a pesquisa, somos muitas vezes levados a pretender a teoria como se fôssemos fazer uma comida olhando uma receita pronta. Primeiramente, paramos para ler a lista de ingredientes, o passo a passo, ver um vídeo rápido na internet de alguém fazendo, explicando: eu fiz assim, ou faço desse jeito ou daquele, ficamos atentos aos detalhes para que a comida fique tão perfeita quanto aparece no vídeo ou na fotografia. Porém, é necessário o próximo passo que é o de meter a mão na massa, essa etapa exige não só que leiamos a receita, mas que a ponhamos em prática, pois somente ler ou assistir alguém dizendo como se faz não trará algo feito por você. Fazer algo significa ser “autor(a) de”.

Foi a experiência de estar com as mulheres da casa que me fez imaginar a cozinha do terreiro como um laboratório de pesquisa. Na cozinha é necessário um conhecimento prévio sobre o preparo dos alimentos, se aprende isso antes, com alguém fazendo, escrevendo uma receita ou gravando tutorial mostrando como se faz. Na pesquisa, é imprescindível a teoria que nos norteia, e é a experiência/vivência que te dar a oportunidade de unir teoria e prática, receita e preparo. Pensando assim, do ponto de vista da experiência (botar a mão na massa) é que se faz possível as duas coisas acontecerem (cozinhar/pesquisar).

Também é necessário registrar o carinho e amparo que recebi da Mãe Meridalva, seja presencialmente, seja com seus áudios via WhatsApp, ou com um “vai dar tudo certo minha filha”; seja com um ponto de Nossa Senhora cantado nos momentos que mais precisava, bem como das entidades que são de sua cabeça, em especial dona Maria Légua

Boji Buá²¹ e Dona Jarina; e tantas vezes que a Mãe e essas entidades acolheram esta pesquisa e a mim.

Lembro-me de chegar ao terreiro depois da prova oral da seleção de mestrado, neste dia eu mal consegui tomar café da manhã (nervosa, ansiosa), e como era dia de Nossa Senhora da Conceição/Oxum (08 de dezembro/2021), dia da festa da padroeira da Tenda, eu terminei a prova já na parte da tarde e fui direto para o terreiro. Quando cheguei, dona Maria Légua Boji Buá, na cabeça²² de Mãe Meridalva, me acolheu com muito carinho e disse: “minha filha, como que você chega essa hora e tão cansada e com tanta fome assim, vou já pedir pra providenciarem uma comida pra minha filha”.

Eu nada tinha dito sobre minha situação, mas após sua fala acolhedora expliquei que estava fazendo a prova do mestrado, ela me afirmou que eu passaria. Esse carinho é manifestado não somente quando estou na Tenda Nossa Senhora da Conceição, mas também já aconteceu quando eu a encontrei na cabeça de Mãe Meridalva, na casa do Pai Salim. Na verdade, de todos as/os léguas que já encontrei (dona Maria Légua, seu Lourenço Légua, Mãe Corina Légua) nesses terreiros, sinto que eles têm carinho por mim e cuidado.

²¹ Entidade da família dos Léguas. Na literatura encontrei tanto o nome “Boji” quanto “Buji”. “Em cultos afro-amazônicos, elemento que compõe o nome de várias entidades integrantes do sistema nagô, da jurema e suas variantes, como, por exemplo, Légua-Buji-Buá ou Légua-Buji-Buá-da-Trindade. De Legbá”. (LOPES, 2011, p.739).

²² Momento da incorporação mediúnica. Pude notar que a depender da entidade que esteja na cabeça do/da médium o corpo passa a assumir determinados tipos de comportamentos e maneiras de falar, por exemplo: Quando Mãe Meridalva tem dona Maria Légua em sua cabeça (eu a chamo de dona, em sinal de respeito, assim como aprendi com o povo do terreiro, mas também chamo de mãe, e a entidade me disse que eu poderia ficar à vontade para chamá-la de dona ou de mãe) ela tem alguns gestos mais firmes na fala, na maneira de andar, de cantar, e o sinal externo mais visível é o uso do chapéu. Quando é a erê Tapuya que está em sua cabeça, é notório comportamentos de criança, ela chupa pirulitos, ela fala como uma criança que ainda confunde a pronúncia das palavras como “eu dotei de tudo ati na minha festa” (eu gostei de tudo aqui na minha festa), ela brinca com bonecas, rola no chão, mete o dedo no bolo que é preparado exclusivamente para ela no dia de Cosme e Damião, pula, dar risada e brinca muito com as filhas da casa e também com as crianças do bairro que são convidadas para a festa. Através da convivência, já consigo perceber quando na cabeça de mãe Meridalva é dona Maria Légua, Tapuya e dona Jarina, ainda confundo muito quando é dona Chica Baiana, essa por eu ter tido bem menos contato, ainda não consigo diferenciar. As filhas da casa sabem com muita facilidade, em uma única festa passa pela cabeça de mãe Meridalva todas elas e na troca entre uma e outra elas já sabem quem chegou e já levam os acessórios que aquela entidade usa, em uma festa que participei no terreiro (27/09/2023) dona Chica Baiana, quando desceu na cabeça da mãe Meridalva, rapidamente lhe trouxeram um cachimbo e um isqueiro.

Recordo ainda das vezes que dona Jarina²³ me pediu para sentar perto porque queria falar comigo sobre a pesquisa, para falar da vida de moça Meire²⁴, ou de como tratar doenças da alma, por exemplo, a depressão. Chamava-me para falar do como ela pensou as festas da Tenda bem como gostaria que fosse a casa. Esses momentos de conversa, de trocas, de confiança, foram extremamente significativos para mim enquanto pessoa, enquanto praticante de outra fé e enquanto pesquisadora. Não foram trocas imediatas, foi algo construído, como se tece algodão para virar cobertor: ponto a ponto, fio a fio, visita por visita, conversa por conversa.

Experiência etnográfica “é uma forma de nos aproximarmos da realidade que nos propomos estudar e entender” (Uriarte, 2012, p. 4), é uma relação de diálogo entre o pesquisador e o nativo, e para isto é imprescindível à ida a campo, pois é lá que o pesquisador “toma contato direto com seus pesquisados” (Damatta, 1987, p. 144). Desta maneira, o “estar lá” me proporcionou tecer relações e estabelecer conversas com as mulheres com as quais pretendia estudar.

Estabelecendo relação entre pesquisador e pesquisado é o que torna possível uma pesquisa de campo, pois “é nesse diálogo que os dados se fazem para o pesquisador” (Uriarte, 2012, p. 4), para isto é preciso que o pesquisador faça “um mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses Outros que queremos apreender e compreender” (Uriarte, 2012, p. 5). Esse mergulho é possibilitado, especialmente pela teoria que deve ser a primeira etapa, consiste em um “mergulho na teoria, informações e interpretações já feitas sobre a temática e a população específica que queremos estudar” (Uriarte, 2012, p. 5).

Porém, o que experienciei no campo foi aprendizados que jamais conseguiria lendo sobre o terreiro. Vivenciar o campo me possibilitou as sensações das cerimônias, o impacto dos toques dos tambores, de ver o suor banhar os corpos, de sentir o embalo da gira e ver os olhos se enchendo de lágrimas quando as pessoas iam sendo entrevistadas.

²³ Entidade, chamada como Cabocla Toia Jarina, e que a mãe Meridalva me explicou ser sua patroa, aquela que rege a casa, sua chefe de comando.

²⁴ É assim que as entidades costumam chamar as mulheres da casa, moça. Nesse caso, moça Meire, ela se referia a mãe Meridalva. Nesses momentos, me relatou seu processo de depressão pós perda de um filho adolescente, falou das dores da moça Meire e de sua força.

Essas experiências que o campo me proporcionou fizeram e fazem total diferença na minha percepção a cerca daquilo que estou me propondo estudar.

Quando me deparei com o momento da escrita, me dei conta de que algumas perguntas que julgo “básicas”, eu ainda não havia feito às minhas interlocutoras, me senti num momento de escuridão e de duvidar de mim enquanto pesquisadora e cientista social. Eu “des”interessadamente me dediquei em estar com as mulheres e ouvir o que elas queriam falar quando estávamos dialogando, sem fazer perguntas de natureza mais diretas e pessoais.

Tinha sempre a sensação de que não era o momento para aplicar questionários, mas me permitir ser com elas, de ser “vista” e criar laços, sentia a necessidade do “contato prolongado”, aquele sem o qual “ou se cai nas graças do grupo ou se continua como uma “sombra moral ou metafísica” (Geertz, 1989, p. 279), necessidade de ouvir para além das palavras, ver os gestos, ou pensando do ponto de vista da jornalista Agnes Mariano, “escutar”:

Escutar é estar aberto para o espanto, é estar aberto para se surpreender. É tu te despir. Cada entrevista te exige isso: é tu te despir daquilo que tu és, dos teus preconceitos, da tua visão de mundo e chegar o mais vazia para aquele momento e conseguir realmente escutar com todos os sentidos o que aquela pessoa está dizendo. [...] Quando a pessoa fala, ela fala também com o seu corpo, fala com o seu olhar, fala com os seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela para de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando ela hesita. Ela continua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar. Essa escuta que é o nosso trabalho. A gente não está só escutando palavras, a gente está escutando toda a complexidade desse momento. Eu acho que isso é que faz a diferença. (Mariano, 2011, p. 310-311)

Fez-me lembrar que era necessário olhar e ouvir. Aquelas duas premissas de Roberto Cardoso de Oliveira (1998, p. 18), onde “no caminho da investigação olhar e ouvir precisa um do outro, ambos se complementam e servem para o pesquisador como duas muletas que lhe permite caminhar, ainda que tropegamente, na estrada do conhecimento”. Olhar e ouvir estão num primeiro estágio cujo “Escrever” é pertencente e necessariamente vem depois, “é no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão ‘antes’ da textualização dos dados provenientes da observação sistemática.” (Oliveira, 1998, p. 29).

Mas o meu olhar e meu ouvir não pareciam sistemático (ainda não) e por isso voltei a conversar com as mulheres do meu campo para fazer algumas perguntas que,

junto com as observações participantes ou participação e observação, e as conversas informais (frutos do ver e ouvir), anotações em diário de campo e fotografias, guiam metodologicamente este trabalho, são elas:

Qual seu nome? Qual sua idade? Qual sua cor? Estado civil? Tem filhos/as? Se sim, quantos e qual idade deles/as? Você trabalha fora de casa? Se sim, pode por favor me dizer com o quê trabalha? Qual seu grau de escolaridade? Há quanto tempo você participa da Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição? O que te motivou a participar desta Tenda? Qual sua filiação no santo (pai e mãe de cabeça)? Para você, quem é Nossa Senhora? No seu dia-a-dia como se dá sua relação com Nossa Senhora (obs.: responda somente se existir relação com ela)? Você sente que Nossa Senhora influencia na sua vivência religiosa, se sim de que forma isso acontece? O que você aprendeu sobre Nossa Senhora nesta Tenda? Você mora perto ou distante da Tenda? Você já sofreu algum tipo de preconceito relacionado a sua religião?

Ao todo foram quinze perguntas feitas com muita leveza e respondidas com descontração, e no momento em que eu conversava com essas mulheres a respeito dessas questões eu me perguntava se não poderia ter feito isso antes. Porém, sentindo a maneira como elas me respondiam, tive a sensação de que foi necessário ser primeiro a Polyana que estive com elas naquele vai e vem das festas, na troca acontecida até mesmo no meio dos afazeres dos quais não me furtei a experiência.

Tudo isso nos tornou próximas, ao ponto de conversarmos sobre esses assuntos através de um questionário, e ao mesmo tempo como quem as ouvia contar piadas ou partilhar suas dores no terreiro, vez ou outra soltando um “eita Polyana”, seguindo de um sorriso em alto som ou uma embargada na voz sucedida de uma pausa por não conseguir mais falar. Ou seja, nas palavras de Agnes Mariano (2011, p.10), essas mulheres continuavam a me dizer, mesmo quando não conseguiam falar, seja no sorriso alto, seja na mudança do tom da voz, nas expressões que usavam e até na pausa silenciosa que faziam, tudo isso é dizer se você estiver ali para escutar. (Mariano, 2011, p. 311).

Ao total foram seis mulheres entrevistadas, são as mulheres que estão mais próximas à Mãe Meridalva, que estão em todas as festas, que fazem as tarefas da casa

antes, durante e depois das festividades. São seis as interlocutoras filhas²⁵ e mais a Mãe/Ialorixá Meridalva, as colaboradoras²⁶ deste trabalho. Aqui escolhemos (escolha conjunta, eu e elas) nomeá-las pela entidade feminina a qual é mãe de cabeça de cada uma delas, desta maneira serão nomeadas assim: Filha de Joana Gunça; Filha de dona Maria Chica; Filha de dona Maria Redonda; Filha de dona Cigana; Filha de dona Maria José e filha de dona Rosalina, juntamente com a Mãe Meridalva que é filha de dona Jarina.

Pois bem, com a autorização de Dona Jarina chefe dessa casa e Dona Maria Légua a farrista e quem me acolhe, estou na cozinha deste terreiro. Enquanto corto os temperos e mexo as panelas eu olho através da grande janela e observo o salão e a gira. Desta cozinha escuto o toque dos tambores e é nesse ritmo que vivencio a ancestralidade desse lugar e a minha também, é assim, junto com esse alimento, que preparo essa escrita, é da cozinha que tiro todos os ingredientes de cada capítulo. Que você, cara leitora e caro leitor se sirva daquilo que melhor lhe agrada, no final das contas você estará desfrutando daquilo que a própria espiritualidade quis permitir e oferecer, axé!

²⁵ Filhas/os ou filhas/os de santo, no candomblé e na umbanda é “a designação genérica do iniciado. Outrora, nos terreiros mais ortodoxos, a expressão era usada apenas no feminino (filha de santo), uma vez que a iniciação como iaô era privilégio das mulheres. Em Cuba, o termo correspondente, e mais apropriado, é *ahijado* (afilhado)”. (Lopes, 2011, p.532-533).

²⁶ Uso a categoria colaboradoras porque apendi com o povo de terreiro que o coletivo é o que mais importa na religião e sem essas pessoas eu jamais conseguiria fazer este trabalho. Para além de interlocutoras (pessoas com quem estabeleci diálogo) as mulheres e as próprias entidades me conduziram durante este trabalho. Assumo a escrita das letras, mas um trabalho antropológico (de quem fez uma profunda imersão de campo) até virar texto tem um antes colaborativo imprescindível, nesse sentido, chamo as mulheres de colaboradoras desta pesquisa.

1. RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: CONTEXTO HISTÓRICO E MARCAS DO PROCESSO COLONIAL

Penso que cabe aqui um esboço do processo colonial, ainda que conciso, ele se faz necessário, uma vez que estamos falando de marcas desse processo que reverberam até os dias atuais. Trago essa discussão em relação ao povo negro e sua exploração, a fim de que, traçando esse breve contexto histórico, esse nos sirva de base para pensarmos os procedimentos da colonialidade, da exclusão e da subalternidade aos quais esses grupos ainda são sujeitados. Para isto, Quijano (2005) pontua esse sistema de hierarquização e diferenciação nos quais historicamente pessoas foram violentadas ao nível animalesco (desumanas/animalizadas).

O processo colonizador foi extremamente violento, e de fato, a palavra colonialismo deriva “do termo ‘colônia’ proveniente do latim, significa terras novas para o cultivo” (Gonçalves; Ribeiro, 2018, p.3). Esse termo “terras novas” corresponde à ganância do colonizador em sempre querer mais terras, e para isto era necessário conquistar novos espaços territoriais, uma vez que o processo necessitava sempre invadir e saquear lugares e povos. Em outras palavras:

Sua meta era civilizar o resto do mundo, haja vista que, o colonizador, considerado civilizado, dono de uma história, pertencente ao ocidente possuía o aval para colonizar outros espaços que eram tomados como territórios de seres inferiores, que não possuíam histórias, vistos como incivilizados, sem cultura, não humanos, sem alma, sem coração, bárbaros, portanto, não considerados homens (Gonçalves; Ribeiro, 2018, p.3).

Esse raciocínio colonial escamoteava culturas e costumes, pois “a dominação não foi somente de território, mas também cultural, o que possibilitou uma narrativa universal tornando a Europa como o centro dos saberes, linguagens, memoriais no imaginário do colonizado (Gonçalves; Ribeiro, 2018, p.3). Com isto era despojada a identidade dos povos africanos, criando categorias homogêneas como negros, de igual modo, diversos povos indígenas chamados apenas de índios, enquanto que “os dominantes chamaram a si mesmos de brancos” (Quijano, 2005, p.118).

Ser branco significava um imperativo de dominação atrelado à ideia de civilização que por sua vez era cancelada pela modernidade²⁷. De fato, Dussel (2005, p. 30) vai dizer que a “‘modernidade’ é justificativa de uma práxis irracional de violência”, esta transvertida de “progresso”, com objetivo de “desbrutalizar” o colonizado.

Esta dominação produz vítimas (de muitas e variadas maneiras), violência que é interpretada como um ato inevitável, e com o sentido quase-ritual de sacrifício; o herói civilizador reveste a suas próprias vítimas da condição de serem holocaustos de um sacrifício salvador (o índio colonizado, o escravo africano, a mulher, a destruição ecológica, etcetera) (Dussel, 2005, p. 30).

Dos argumentos para os ultrajes, estava em destaque a ideia de raça, ou seja, “uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros” (Quijano, 2005, p. 117). E ainda mais, “essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia” (Quijano, 2005, p. 117). Deste modo, o processo de dominação era legitimado.

Convencidos de sua superioridade, os europeus tinham a priori desprezo pelo mundo negro, apesar das riquezas que dele tiravam. A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas sociedades que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas da exploração predisuseram o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais (Munanga, 2019, p. 28).

A escravidão estava para além da exploração das forças de trabalho, ser negro, “torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica” (Munanga, 2019, p. 28). Esta era a justificativa para a submissão também do intelecto ligado a esses povos, pois “a condição social do negro no mundo moderno criará uma literatura descritiva dos seus pretendidos caracteres menores” (Munanga, 2019, p.

²⁷ Dussel (2005) vai dizer que não há um único conceito de modernidade, mas que há dois tipos de modernidade, o primeiro é o “eurocêntrico, provinciano, regional. A modernidade é uma emancipação, uma ‘saída’ da imaturidade por um esforço da razão como processo crítico, que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano” (Dussel, 2005, p. 28), segundo este autor esta é a “visão ‘eurocêntrica’ porque indica como pontos de partida da ‘Modernidade’ fenômenos intra-europeus, e seu desenvolvimento posterior necessita unicamente da Europa para explicar o processo” (Dussel, 2005, p. 28). A segunda concepção de modernidade que o autor propõe é a “visão da ‘Modernidade’, num sentido mundial, e consistiria em definir como determinação fundamental do mundo *moderno* o fato de ser (seus Estados, exércitos, economia, filosofia, etc.) ‘centro’ da História Mundial. Ou seja, empiricamente nunca houve História Mundial até 1492 (como data de início da operação do “Sistema-mundo”). Antes dessa data, os impérios ou sistemas culturais coexistiam entre si. Apenas com a expansão portuguesa desde o século XV, que atinge o extremo oriente no século XVI, e com o descobrimento da América hispânica, todo o planeta se torna o “lugar” de “*uma só*” *História Mundial* (Magalhães-Elcano realiza a circunavegação da Terra em 1521)” (Dussel, 2005, p. 28).

28). É nesse contexto de desumanização mas também de resistência negra que se forja as religiões afro-brasileiras, pois:

São religiões de procedência africana. Sabemos que o continente africano, com mais de 30 milhões de km², possui quase o dobro da superfície da América do Sul (que tem 17 milhões de km²) e mais que o dobro da população (a África tem mais de 700 milhões de habitantes e América do Sul tem cerca de 350 milhões de habitantes). A África tem mais de 50 países nos quais são falados cerca de dois mil idiomas. Tais números dão uma pálida idéia da complexidade do continente africano. As religiões de origens africanas procedem de diversas regiões da África, acrescidas de elementos europeus e ameríndios. Sabemos que a África é um continente com numerosas nações e etnias. Há muitas culturas e religiões africanas que vieram para o Brasil e para o Maranhão. É difícil identificar suas origens com exatidão (Ferretti, 2005, p. 1).

Pierre Verger (1981, p. 8) vai afirmar que “a presença dessas religiões africanas no novo mundo é uma consequência imprevista do tráfico de escravos”, e mesmo que seja difícil identificar as origens exatas como sinaliza Sérgio Ferretti, Verger pontua que “estes que foram trazidos para os diferentes países das Américas e das Antilhas” são “provenientes de regiões da África escalonadas de maneira descontínua, ao longo da costa ocidental, entre Senegâmbia e Angola. Provenientes, também, da costa oriental de Moçambique e da ilha de São Lourenço, nome dado na época a Madagascar”.

Esse autor ainda explica que “disso resultou, no Novo Mundo, uma multidão de cativos que não falava a mesma língua, possuindo hábitos de vida diferentes e religiões distintas.” (Verger, 1981, p. 8). Além dessas diferentes religiões que se encontram nesse processo escravista do novo mundo, tem ainda o encontro com as culturas indígenas e a religião oficial do colonizador, que é o catolicismo, além da forte influência da religião advinda da França, espiritismo, já no século XIX.

As religiões afro-brasileiras são compostas por rituais que incluem tambores e danças, “são religiões não apostólicas, não de pregação ou de discursos, mas fala ao pé do ouvido, da oralidade e não de livros” (Ferretti, 2005, p. 2). Essas religiões não são de exclusão, mas, inclusão. São abertas e aceitam todas as gentes, “são tolerantes com outras práticas religiosas, aceitam as outras como diferentes, mas não contraditórias” (Ferretti, 2005, p. 2). São religiões “iniciáticas, de transe ou possessão, que cultuam entidades sobrenaturais, consideradas semelhantes aos santos católicos... são entidades protetoras, intermediárias entre os devotos e o Deus superior” (Ferretti, 2005, p. 3).

É interessante notar que “a maioria dos participantes são mulheres, muitas casas tradicionais só mulheres participam inteiramente de todos os rituais, entram em transe e

dançam” (Ferretti, 2005, p. 3) e que “é comum a homossexualidade entre membros do culto, como em muitas outras religiões ou atividades que incentivam a sensibilidade, mas não é uma prática estimulada” (Ferretti, 2005, p. 3). As religiões afro-brasileiras, nessa imensa diversidade, “não possuem uma organização eclesiástica unificada. Cada casa é única... os grupos afro-religiosos são autônomos” (Ferretti, 2005, p. 3).

Os cultos africanos no Brasil se transmutam, iniciam com reverência aos antepassados e depois quando as famílias escravizadas foram separadas, devido ao contexto escravocrata, a relação familiar muda e com isto modifica o culto também: “quando as estruturas sociais foram dissolvidas pela escravidão, os antepassados perderam seu lugar privilegiado no culto, sobrevivendo marginalmente no novo contexto social e ritual” (Prandi, 1998, p. 53). Assim, são inseridas deidades ligadas aos elementos da natureza como a mata, a água²⁸ etc., “a escravidão não somente separa como une o que separa” (Bastide, 1971, p. 98).

As religiões que vieram da África para o Brasil, procedem, sobretudo da África Sudanesa – da região em torno da linha do Equador: dos atuais países do Togo, Benin e Nigéria, trazidas pelos povos Jejes, Nagôs, Minas, Tapas, Haussás e também por outros localizados mais ao Norte como os Felupes e Bijagós da Guiné Bissau e os Mandingas do Senegal. Há ainda pouca documentação histórica comprovada pois os estudos sobre o tráfico são ainda incipientes no Maranhão e no Brasil. Muitos vieram também da África ao sul do Equador – dos povos Banto, dos países do Congo e Angola, entre os quais os Cambinda, Kikongo, Kibundo e outros (Ferretti, 2005, p. 4).

As religiões afro-brasileiras são forjadas num contexto em que era válida somente a religião do homem branco, e que ser cristão católico seria a maneira de “inclusão no mundo branco. E logo a significar o imperativo de ser, sentir-se e parecer brasileiro. Os negros não podiam ser brasileiros sem ser ao mesmo tempo católicos” (Prandi, 1998, p. 154).

Antes de serem embarcados nos navios negreiros, ainda na África, os escravos eram batizados e introduzidos nas práticas rituais da Igreja Católica. Quando não, a inclusão compulsória no catolicismo fazia-se no desembarque. Desse modo, os negros que instituíram no Brasil as religiões afro-brasileiras eram, por força da sociedade da época, e da lei, também católicos. Acabaram por estabelecer paralelos entre as duas religiões, identificando, por meio de símbolos ou patronagens comuns, orixás com santos católicos e Jesus Cristo (Prandi, 2011, p. 13).

²⁸ Ver: Prandi, 1998, p.154. As entidades que regem a Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição estão intimamente ligadas às águas, conforme se pode observar adiante, são elas: Iemanjá, Oxum, Nossa Senhora dos Navegantes, Cabocla Jarina.

Em terras brasileiras a religião do colonizador não só impunha sua fé aos negros como também usufruía da mão de obra escrava, como escreve Clóvis Moura (2003). Segundo este autor, era comum que padres tivessem escravos e não somente eles, mas conventos e ordens religiosas também.

Em tempos atuais, esse grupo quer continuar manifestando sua fé através dessas representações que outrora foram forçados a aceitar, mas quando fazem isso publicamente, são barrados. Pantoja (2018) descreve muito bem como se dá essa situação quando, na Geopolítica do Sagrado, escrevendo sobre a procissão do Círio de Nazaré, percebe nitidamente a demarcação geográfica que separa os religiosos católicos dos adeptos das religiões afro-brasileiras no espaço com o andor da santa.

Por outro lado, em Belém/PA, é possível perceber um “Catolicismo Afro-Amazônico” (Luca; Pantoja; Neto, 2017, p. 50), fruto de um catolicismo popular e que se reverbera principalmente nas figuras de Jesus e Maria durante uma procissão que é realizada na Semana Santa. Assim, através dessa devoção é possível observar um catolicismo afro-amazônico, ou seja, uma participação das religiões afro-brasileiras no catolicismo popular. Isso mostra como essas religiões estão misturadas e isso se deve ao processo histórico colonial.

A questão racial ocupa um espaço de reflexão significativa para pensar essas religiões que tem sua origem no povo negro, isto traz consigo uma gama de significados que, bem sabemos, estão pré-estabelecidos nos “estereótipos raciais do nosso dia-a-dia” (Prandi, 1996, p. 53); em vias de descrição é dizer que “negros são preguiçosos, sujos, fedorentos, metidos, despudorados, ignorantes macumbeiros, migrantes, são ainda beberrões. Malandros e bandidos, cafetões e prostitutas” (Prandi, 1996, p. 53).

Depois disso, não é de se estranhar que também suas práticas religiosas sejam consideradas do mal como se faz pensar ser o próprio negro. Além do que, numa espécie de luta maniqueísta, “as religiões evangélicas formadas no Brasil” montam todo seu arcaboço baseado no “preconceito contra as religiões afro-brasileiras” (Prandi, 1996, p. 53).

No entendimento de Reginaldo Prandi (1998), a história das religiões afro-brasileiras se divide em três momentos, o primeiro deles está nessa perspectiva abordada até aqui (neste tópico) e que ele vai alinhar ou chamar de sincretismo, para ele “as religiões afro-brasileiras, em suas origens, sempre foram devedoras e dependentes do

catolicismo, ideológica e ritualmente” (Prandi, 1996, p. 154). O segundo momento das religiões afro-brasileiras é o que o autor em questão vai chamar de “branqueamento, na formação da umbanda nos anos 20 e 30” (Prandi, 1998, p. 152).

Nesse período, quando nasce a umbanda no “Rio de Janeiro, em meados dos anos 1920” (Prandi, 1998, p. 156), essa religião totalmente brasileira surge “como dissidência de um kardecismo que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerados pelos espíritas mais ortodoxos como espíritos inferiores” (Prandi, 1998, p. 156). E não só isso, mas com a “umbanda iniciou-se vigoroso processo de valorização de elementos nacionais como caboclo e preto velho, que são espíritos de índios e escravos” (Prandi, 1998, p. 156). Nisto a umbanda desponta retrabalhando “elementos religiosos incorporados à cultura brasileira por um estamento negro que se diluía e se misturava aos brancos pobres na constituição das novas classes sociais numa cidade, então a capital federal, que era branca” (Prandi, 1998, p. 156).

Como terceiro momento, Reginaldo Prandi vai trazer a africanização, que é a “transformação do candomblé em religião universal, isto é, aberta a todos, sem barreiras de cor ou origem racial... a partir dos anos 60” (Prandi, 1998, p. 152). Nas religiões afro-brasileiras há uma diversidade de denominações, diz Ferretti:

Umbanda no Sul; Candomblé na Bahia; Xangô em Pernambuco, Batuque no Pará e no RGS; Tambor de Mina, Casas de Mina, em S.Luís e na Amazônia; cura ou pajelança, em Cururupu e na Baixada; Terecô em Codó. Existem estas e muitas outras denominações nas chamadas religiões afro-brasileiras, com diferenças e variações no repertório dos rituais (cânticos, danças, entidades cultuadas, vestes, instrumentos, etc.) (Ferretti, 2005, p. 1).

Já havia apontado essa diversidade na introdução desse trabalho, volto a falar para ressaltar essa variedade e como é difícil encontrar um terreiro em que haja somente uma dessas religiões, elas se misturam. Seguindo ainda os rastros deste antropólogo, as religiões afro-brasileiras “são muito difundidas no Brasil e especialmente no Maranhão, um dos estados onde foi maior a presença negra no país” (Ferretti, 2005, p. 1). Essas religiões “sofrem preconceitos até hoje, como herança de escravos, feitiçaria, embora haja presença de numerosos praticantes brancos” (Ferretti, 2005, p. 2). O que contribui também para o preconceito, segundo Prandi (1998), é que a religião chamada dos orixás, traz sobre ela um ar de secreto, de mistérios, o que acaba por povoar o imaginário popular como se isso fosse um risco, um perigo.

1.1 Sincretismo e resistência

Em se tratando das religiões afro-brasileiras, diante desse processo de violência físico, psíquica e simbólica acontece o sincretismo religioso, mas não como aceitação passiva dos dominados, e sim como meio de preservação e continuação daquilo que acreditavam, como maneira de guardar o seu sagrado, uma forma de resistência.

Convencionou-se dizer que o termo sincretismo provém do vocabulário grego *sigkrestimós*, mencionado na pequena composição *De fraterno amor* de Plutarco (c. 46-127 d.C.), filósofo e prosador natural de Queroneia, cidade grega da Beócia. Esse autor na mencionada obra, considerando o fato de que os cretenses (*—cretismoll*), apesar de muito divididos entre si, uniam-se (em grego *—sinl*) quando se fazia necessário combater um inimigo comum, chamou tal realidade de sincretismo (Vieira, 2021, p. 103).

Desta forma, não foi uma simples junção, foi uma maneira de resistir ao malgrado da imposição escravagista e preservar de alguma maneira seus cultos, ou seja, “a fidelidade aos seus deuses foi uma maneira de resistência” (Iwashita, 1991, p. 55), uma vez que “os senhores brancos possuíam e impunham aos escravizados um novo e estranho universo religioso. Daí surgiu da parte dos negros a necessidade de se fazer a passagem possível das ideias e práticas anteriores para os rituais e crenças católicas” (Vieira, 2021, p. 106-107), ou seja, maneiras de guardar e praticar as suas crenças tradicionais “criando artifícios para conservá-las” (Vieira, 2021, p. 106).

O sincretismo é um “elemento essencial de todas as formas de religião” (Ferretti, 1998, p. 195), porém, neste trabalho, faço destaque sobre o seu papel como forma de resistência me referindo especificamente às religiões afro-brasileiras. O contexto histórico acima apresentado mostra que “o sincretismo afro-brasileiro foi uma estratégia de sobrevivência e de adaptação, que os africanos trouxeram para o novo mundo” (Ferretti, 1998, p. 188), e ainda mais, ele “foi uma estratégia de sabedoria” (Ferretti, 1998, p. 189). Esse antropólogo, baseado em outros autores, vai comparar o sincretismo ao quilombo em se tratando de resistência, diz ele:

Estas comunidades de mocambos e quilombos próximas dos grandes centros urbanos, como ocorreu com muitas outras em diversas regiões do país, afastam-nos da visão idealizadora dos quilombos embrenhados nas florestas e marginalizados. Da mesma forma, o sincretismo, operando convivência entre religiões africanas e o catolicismo popular, leva-nos a considerar a importância da resistência diuturna das religiões afro-brasileiras em relação ao catolicismo. A compreensão entre o processo vivenciado pelos quilombos próximos aos

grandes centros e o sincretismo religioso, parece-nos sugestiva e reveladora a respeito da sobrevivência cultural que ambos estes fenômenos representam (Ferretti, 1998, p. 192).

Muito embora o antropólogo Ferretti (1998) traga autores que discordam do sincretismo, e que não raramente é visto até como uma “palavra maldita”, isso acaba sendo resultado mais de preocupações exageradas de alguns líderes e intelectuais, segundo ele, do que do próprio povo das práticas populares. Esses intelectuais falam de uma “identificação ambígua entre santos e orixás”, Ferretti insiste que não há confusão, pois “os devotos dos voduns e dos santos não confundem um com o outro”. Ele continua explicando que “provavelmente no passado, esta devoção teria se originado na estratégia de aceitar a dominação, como forma possível de sobrevivência numa sociedade opressora”. (Ferretti, 1998, p. 186)

Ponderar o sincretismo nessa linha de compreensão nos permite perceber que cultivar um santo católico e um orixá é uma maneira de ser organizado para resistir. Tocar tambor e cultivar o seu sagrado através de um “disfarce” é pensar na arte da resistência de James Scott (2013), onde afirma que os subalternos silenciavam ante as ordens dos opressores, mas ocultamente elaboravam suas formas de reagir e relutar.

Para este autor, a infrapolítica é caracterizada pela “luta discreta que os grupos subordinados exercem todos os dias e que está, como raios infravermelhos, para lá da parte visível” (Scott, 2013, p. 09). A infrapolítica para Scott é “o cimento da ação humana mais elaborada, através da qual os mais de baixo vão pondo constantemente à prova os limites da dominação e desafiando as suas fronteiras”. Desta maneira, eles estão “travando uma luta de posições próxima da guerra de guerrilha”, onde os discursos elaborados ocultamente nessa organização podem se tornar públicos. (Scott, 2013, p. 09)

Desta forma, podemos pensar o sincretismo para além da lógica da imposição, fruto desse processo colonial como acima discutido, mas como o lugar onde se constrói estratégias de resistências, como por exemplo, “a escravidão institucionalizada teve, como contraponto, as práticas de resistência forjadas pelos sujeitos escravizados, notadamente a formação dos quilombos” (Duarte, 2023, p. 16).

Assim como em “A dominação e a arte da resistência” de James Scott, os camponeses tinham sua maneira de agir, ao invés de protestarem abertamente, eles operavam ocultamente, “em ataques anônimos a propriedades” (Scott, 2013, p. 47). De igual modo, Munanga (2019, p. 42) pontua que “é preciso reconhecer: às vezes o negro trabalhava pouco. Mas isso não era preguiça, e sim resistência, rebelião diante do trabalho

desumano, forçado e sem remuneração. Uma revolta passiva”. Isso mostra a infrapolítica descrita por James Scott, os subterfúgios dos subalternos frente a dominação.

Em se tratando do sincretismo como resistência, aos moldes de James Scott, é necessário observar que “as relações de dominação são, simultaneamente, relações de resistência” (Scott, 2013, p. 83). Desta maneira, ainda que usando de “deferência” junto à religião dominante, os negros em contexto colonial e depois a umbanda enquanto na perseguição policial do “baixo espiritismo”, esses grupos se situam nessa infrapolítica, pensando que esta “é essencialmente a forma estratégica que a resistência dos subordinados deve assumir em condições de grande perigo” (Scott, 2013, p. 273). Haveremos de inferir que “o sincretismo religioso foi fundamental para a sobrevivência dos valores, ontologias e cosmologias dos negros no contexto social, no qual lhes impuseram a condição de subalternos” (Almeida, 2020, p. 38).

1.2 Umbanda origem e mito fundador

Já fora dito que as religiões afro-brasileiras são diversas e para recorte deste trabalho, a umbanda ganha destaque. É uma religião tida como brasileira ou condensadora de uma identidade nacional brasileira, conforme aponta Prandi (1998, p. 156) e Cumino (2015a, p. 121). Em seu mito de origem, o mais consensual²⁹, para os Pais e Mães de Santo de Imperatriz é de que o culto surgiu na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1908, através da incorporação do Caboclo das Sete Encruzilhadas³⁰ em Zélio Fernandinho de Moraes (figura 01), após este viver um quadro de doenças e por indagar numa reunião espírita a não incorporação de espíritos de negros e indígenas, conforme afirma o sacerdote e cientista da religião Cumino (2015b, p.21). Zélio incorpora no dia seguinte a este acontecimento, um preto velho por nome de Pai Antonio (Cordeiro, 2019, p. 19).

²⁹ Me refiro ao mais consensual porque contam essa história aqui em Imperatriz como a história da Umbanda, embora tenha pessoas da religião que contam esse mito, ensinam assim, ao mesmo tempo contestam que a Umbanda tenha surgido somente desta data. Para algumas pessoas da Umbanda desta cidade, essa religião vem de antes de Zélio Fernandinho e que ele só foi o grande propagador, outras pessoas dizem ainda que Zélio representa quase que um malefício à religião porque para essas pessoas, Zélio fez parte de uma Umbanda que marginalizava as pessoas. Trago o mito conforme me ensinaram nos terreiros por onde passei e nesta nota esclareço também que há quem conteste o mito.

³⁰O caboclo das Sete Encruzilhadas na incorporação dizia ser um sacerdote missionário chamado de Gabriel Malagrida (Figura 02), este foi “sacrificado na fogueira da Inquisição por ter previsto o terremoto que destruiu Lisboa em 1755, e que, em sua última encarnação, teve o privilégio de nascer como índio brasileiro. (Cumino, 2015b, p. 21)

Figura 01 Caboclo 7 Encruzilhadas Zelio



Fonte: Carlos de Ogum³¹.

Figura 02 Gabriel Malagrida



Fonte: CUMINO, 2015a, p. 129.

A umbanda teve como primeira Tenda, segundo consta em Alexandre Cumino (2015b), a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (Figura 03). Segundo este autor, no que consta, na origem da Umbanda, o primeiro templo religioso recebe esse nome durante a mesma sessão do dia 15 de novembro de 1908, Zélio conta que se chamaria “Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade”, porque “da mesma forma que Maria ampara nos seus braços o filho querido, também serão amparados os que se socorrem na Umbanda” (Cumino, 2015b, p. 50).

Figura 03 - Residência de Zélio de Moraes, a primeira sede da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, na Rua Floriano Peixoto n° 30, Neves, São Gonçalo-RJ.



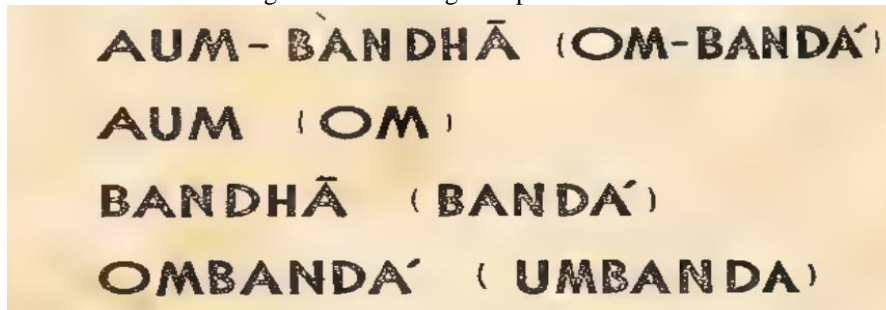
Fonte: <https://www.tensp.org/historia>.³²

³¹ Disponível em: <https://umbandayorima.blogspot.com/2013/04/historia-da-umbanda.html>, acesso em 10/08/2023.

³² A primeira Tenda de Umbanda. Disponível em: <https://www.tensp.org/historia>, acesso em 28/09/2023.

A etimologia da palavra umbanda está descrita no livro do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda que aconteceu em 1941, da seguinte maneira:

Figura 04: Etimologia da palavra Umbanda



Fonte: Livro Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, (1942, p.21).

Esse congresso atribui a etimologia da palavra umbanda como “Princípio Divino; Luz Irradiante; Fonte Permanente de Vida; Evolução Constante” (Livro Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, 1942, p. 22). Essa concepção, segundo os congressistas, deriva do “saskrito, a raiz mestra por assim dizer, das demais línguas existentes no mundo” (Livro Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, 1942, p. 21). Além disso, para os participantes do congresso era “interessante carregar um tom de superioridade para religião, assim conseguiram mascarar-la diante da visão preconceituosa da sociedade” (Cordeiro, 2019, p. 19). Contudo é válido dizer que para as pessoas da Umbanda de Imperatriz, “Umbanda é a arte de curar”.

Já Altair Pinto (2007, p. 197) define a umbanda dizendo: “temos em linguagem oriental antiga, a palavra UM, que significa Deus, e BANDA, também da mesma origem, que quer dizer agrupamento, legião”. Ele pontua ainda que “a influência do Oriente sobre os povos africanos, foi a causa de que, no Brasil, recebêssemos a Umbanda da África dado a grande massa de africanos que emigraram para o Brasil”, no período colonial, do tráfico negroiro.

No entanto Cumino (2015a, p. 102), depois de discutir alguns teóricos sobre a origem desta palavra, vai sinalizar que “as várias origens da palavra foram manipuladas a fim de justificar teorias, divagações e, muitas vezes, falta de transparência”. Também critica esse ponto de vista do primeiro congresso. Por outro lado, Lohann Cordeiro (2019, p. 23) observa que “foi graças ao Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda que a religião deixa de ser seita, pois é justamente quando se define com uma doutrina e filosofia exposta ao público”.

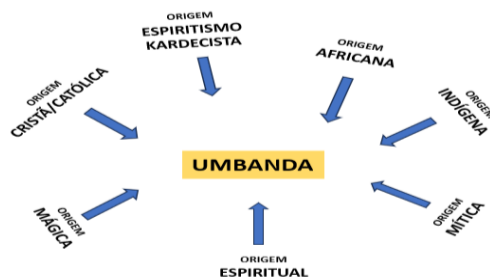
É preciso levar em conta que esse contexto de primeira Federação Espírita Umbandista e do primeiro congresso é de grande perseguição à Umbanda que era acusada de “baixo espiritismo”, por ter incorporação desses espíritos não aceitos no “alto espiritismo”, que era sobretudo branco e elitizado. Essa perseguição nos remete ao processo colonial de que as “ações desses grupos estigmatizados, principalmente dos índios, negros e pobres, eram vistas como perigosas” (Cordeiro, 2019, p. 32) e por isso a necessidade de ser barrada.

Existe uma clara fronteira étnico-racial entre Espiritismo Kardecista e as Religiões de Matriz Africana, em que os seguidores do primeiro desqualificam os espíritos africanos (pretos velhos, pretas velhas, caboclos e indígenas) e exaltam os espíritos de luz de identificação branca europeia. Trata-se de uma terrível agressão que associa, por um lado, os Espíritos da Luz mais purificados, com os brancos e, por outro lado, os Espíritos das Trevas, como não evoluídos, com os negros. Isto é certamente um tremendo componente perturbador na fronteira étnica com o qual a Umbanda lida com dificuldade. Existe o forte atenuante do grande senso de respeito paternalista que é cultivado no meio espírita. (Costa; Follmann, 2013, p. 14)

Segundo Cumino (2015b, p. 75) embora se diga que a Umbanda é uma religião jovem, ela traz consigo e em suas práticas saberes antigos, afirma que “os espíritos que nela se manifestam, trazem conhecimento, lembrança e informações tão antigos quanto as mais antigas religiões de que se tem notícia”, e ainda que seja “nova” essa religião, ela “traz em si sabedoria ancestral e milenar... vem resgatando valores ancestrais” (Cumino, 2015b, p. 75). Ou seja, nessa linha de raciocínio “a umbanda é, sim uma nova religião que traz milênios de experiência como bagagem de seus mentores e idealizadores no astral” (Cumino, 2015b, p. 75).

Essa bagagem vem, sobretudo, dos ancestrais como pretos e pretas velhas, e indígenas. Cumino (2015b, p. 29) diz que a Umbanda é “herdeira das experiências de três raças (branca, negra e vermelha) e muitas culturas”. Nesta mesma obra ele explica que esta religião tem sete tipos de origem, são elas:

Figura 05: origem da umbanda Cumino, (2015b, p. 33-76)



Fonte: elaboração da autora

A partir disto Cumino (2015a, p. 37-40) afirma que, enquanto de origem Kardecista, a Umbanda herda os fundamentos e práticas em Alan Kardek, tais como a reencarnação, carma, evolução, espíritos e mundo astral. Pela via africana, vem o vocabulário, o culto aos orixás, tambores e espíritos de origem africana. Enquanto origem indígena, tem o vocabulário, reverência à natureza, uso de ervas, rituais indígenas, semelhança dos orixás aos deuses indígenas e espíritos indígena. Pela via cristã/católica, vem o sincretismo dos santos com os orixás e os rituais de batismo, casamento e funeral. Esta religião possui elementos mágicos como símbolos e rituais sobrenaturais. Ela é mítica pelo mito de origem e espiritual por sua estrutura do mundo astral e presença de espíritos.

Esta religião, segundo J. Fagundes (2012, p. 32), possui sete linhas que podem variar de nome de acordo com os autores que delas escrevem, são elas: linha de Oxalá, linha de Iemanjá, linha de Oxóssi, linha de Xangô, linha de Ogum, linha de Obaluayê e linha das Almas, porém há outras linhas que se aproximam destas sete e suas falanges.

A Umbanda se situa na manifestação religiosa dos empobrecidos ou que se comunicava sobretudo com a linha de pretos velhos e indígenas. Samuel Duarte (2023, p. 24) coloca que “a sociedade brasileira pós-Lei Áurea não eliminaria sua herança escravocrata, perceptível na pauperização da população negra, sua segregação nas periferias urbanas e marginalização pelas estruturas de Estado – antes repressivo que provedor”. Em sua dissertação ele adota uma perspectiva de que:

As manifestações religiosas afro-brasileiras constituem atos de resistência do povo negro tanto em relação ao sistema escravista, no caso em particular do Candomblé, quanto do sistema de classes, no caso particular da Umbanda. Esse marcador de raça e classe na Umbanda se afirma por meio da composição do seu conjunto de praticantes e, para a finalidade do presente estudo, pelo panteão umbandista composto por orixás africanos, entidades indígenas e santos católicos numa lógica sincrética que se coaduna com a construção de uma comunidade imaginada – ou seja, a formação da identidade nacional após o advento da República em 1889. (Duarte, 2023, p. 7)

Segundo o documento denominado de Carta Magna da Umbanda³³, “A religião de Umbanda tem características únicas, uma religião brasileira miscigenada” (Carta

³³ A Carta Magna de Umbanda (2022, p. 11) é um projeto em forma de documento que “fora redigido em 2012 e apresentado em reunião dia 14 de abril de 2013, na rua Brigadeiro Jordão, 297 – Ipiranga – São Paulo/SP, com participação de várias lideranças; cada órgão federativo, representado pelos seus diretores, sacerdotes e lideranças se empenharam, ajudando a trazer propostas para o Congresso Nacional de Umbanda. A direção dos trabalhos foi do MPU (Movimento Político Umbandista), com todos os presentes

Magna, p. 20), pois em sua mistura, como já apontado acima, estão elementos da cultura negra, também indígena e europeia. Ao olhar para estas partes “tendo em vista a história do Brasil podemos interpretar a própria história da religião de Umbanda através de sua miscigenação e pluralidade de culturas” (Carta Magna, 2022, p. 24). A carta ressalta ainda que:

Uma nação só se estabelece como tal quando respeita sua história, e o Brasil, assim como outros países, possui em sua história bases sociais e culturais que se iniciaram através dos nativos da terra. A união de culturas, a miscigenação, clara e evidente neste país continental chamado Brasil, é exemplo histórico para o mundo (Carta Magna da Umbanda, 2022, p. 23)

Coaduna a este raciocínio, Samuel Duarte (2023, p. 17), destacando que “A Umbanda traz o aspecto *sui generis* de operar na confluência de elementos dos orixás negros, espíritos indígenas e santos católicos, dando luz a uma religião que expressa o mito das três raças como constitutivas da brasilidade”. A partir do que foi dito até aqui acerca da Umbanda podemos refletir sobre este escrito “UMBANDA, QUEM É? por Elcy Barbosa”:

Quem sou? É difícil determinar. Sou a fuga para alguns, a coragem para outros. Sou o tambor que ecoa nos terreiros, trazendo o som das selvas e das senzalas. Sou o cântico que chama ao convívio seres de outros planos. Sou a senzala do Preto-velho, a ocará do Bugre, a cerimônia do Pajé, a encruzilhada do Exu, o jardim da Ibejada, o ioga do Hindu e o Orun dos Orixás. Sou o café amargo e o cachimbo do Preto-velho, o charuto do Caboclo e do Exu; o cigarro da Pomba-gira e o doce do Ibeji. Sou a gargalhada da Rosa caveira, o requebro da Maria Padilha, a seriedade do Seu Marabô. Sou o sorriso e a meiguice de Maria Conga e de Pai José; a traquinagem de Mariazinha, Risotinho, Joãozinho e a sabedoria do Caboclo Tupinambá. Sou o fluido que se desprende das mãos do médium levando a saúde e a paz. Sou o isolamento dos orientais, onde o mantra se mistura ao perfume suave do incenso. Sou o Templo dos sinceros e o teatro dos atores. Sou livre. Não tenho Papas. Sou determinada e forte. Minhas forças? Elas estão no homem que sofre e que clama por piedade, por amor, por caridade. Minhas forças estão nas entidades espirituais que me utilizam para seu crescimento. Estão nos elementos. Na água, na terra, no fogo e no ar; na pomba, na cuia, no mandala do ponto riscado. Estão finalmente na tua crença, na tua fé, que é o elemento mais importante na minha alquimia. Minhas forças estão em ti, no teu interior, lá no fundo, na última partícula da tua mente, onde te ligas ao Criador. Quem sou? Sou a humildade, mas cresço quando combatida. Sou a prece, a magia, o ensinamento milenar, sou cultura. Sou o

unidos com “responsabilidade pela UMBANDA”. Este documento visa orientar os umbandistas no que se refere a questões como: aborto, suicídio, eutanásia, homicídio, inseminação artificial, pedofilia, violência doméstica, orientação sexual e identidade de gênero, divórcio, métodos contraceptivos, ecologia e etc.. Porém o início do documento é bem claro, “não sugerimos que este documento venha, em nenhum momento, ser algum tipo de codificação, deixando livre quem não aceitá-lo. (Carta Magna de Umbanda, 2022, p. 12). Em Imperatriz, o representante do Instituto Carta Magna de Umbanda é o Juremeiro Celson, esposo da Mãe de Santo Juliete do Terreiro de Sant’Ana. Ele tem feito tentativas de reunir pessoas para debater sobre esse documento e sua importância para a religião.

mistério, o segredo, sou o amor e a esperança. Sou a cura. Sou de ti. Sou de Deus. Sou Umbanda. Só isso. Sou Umbanda. (Cumino, 2015a, p. 118).

É difícil precisar o que é a Umbanda, e o esforço aqui foi vê-la como símbolo de uma identidade nacional brasileira com suas características de um povo que é misturado e por isso, único, todavia sem a pretensão de dizer o que é certo e o que não é.

1.2.1 As religiões afro-brasileiras no contexto maranhense

No Estado do Maranhão ou a respeito das religiões afro-maranhenses³⁴, segundo os dados de Sérgio Ferretti, em 2005, em São Luís, funcionavam:

Duas casas de tambor de mina fundadas por africanos em meados do séc. XIX, a Casa Grande das Minas Jeje, da Rua de São Pantaleão e a Casa de Nagô, da Rua das Crioulas. Ambas possuem mais de 150 anos de funcionamento, como poucos terreiros mais antigos do Brasil e encontram-se em processo de declínio e extinção que parece inexorável, talvez pela dificuldade de adaptação aos novos tempos, pois ambas são muito ciosas na preservação dos segredos do culto. Funcionam também em S.Luís mais duas ou três outras casas fundadas em fins do séc. XIX e inícios do séc. XX, com mais de um século de funcionamento. Ao longo do séc. XX foram surgindo numerosos outros grupos, sobretudo a partir da década de 1950 e com a difusão dos rituais de umbanda em todo o país. Todos preservam em geral o estilo de rituais da Casa de Nagô, uma vez que a Casa das Minas, embora exerça até hoje grande influência, é única e não possui casas filiadas. (Ferretti, 2005, p. 4)

Ferretti traz a dificuldade de saber com exatidão quantos terreiros existe em São Luís. É difícil especificar, até porque “a maioria dos grupos de culto se disfarça como casas residenciais, para fugir aos estigmas da perseguição policial que sofreram por muito tempo” (Ferretti, 2005, p. 4). Antes de adentrarmos às religiões afro-brasileiras na cidade de Imperatriz, faz-se necessário observar que:

No Maranhão os terreiros realizam rituais de tambor de mina, outros são de umbanda e alguns de candomblé, difundido nos últimos vinte anos. As diferenças entre estas denominações não são rígidas e os praticantes não se preocupam muito com elas ou com a ortodoxia, que parece preocupar mais os

³⁴ Religiões afro-maranhenses é um conceito abordado no trabalho de Sérgio Ferretti (2005). Em se tratando das religiões afro-brasileiras, cada região tem suas particularidades. “Entre as denominações religiosas afro-brasileiras mais antigas e conhecidas podem ser citadas: o candomblé da Bahia, o xangô de Pernambuco, o batuque do Rio Grande do Sul e tambor-de-mina do Maranhão. (Ferretti, 2008, p. 1), sendo assim o termo religiões afro-maranhenses inclui principalmente a mina, pois “o Tambor de mina é a manifestação religiosa afro-brasileira típica do Maranhão. Surgiu em São Luís antes da abolição da escravidão (ocorrida em 1888)” (Ferretti, 2008, p. 2), mesmo tendo origem em São Luís, a mina, saindo da capital foi “levada para as cidades litorâneas e do interior do estado, onde se integrou a tradições religiosas locais. Apesar de possuir características próprias, o tambor de mina foi sincretizado com o terecô (tradição afro-brasileira desenvolvida em Codó, no interior do estado)” (Ferretti, 2008, p. 2), e ainda foi integrado à “cura (pajelança maranhense), com a macumba, tradição afro-brasileira proveniente do Centro-Sul e com a umbanda, bastante influenciada por essa última, e, mais recentemente, com o candomblé, tradição afro-brasileira surgida na Bahia, hoje amplamente difundida no Brasil” (Ferretti, 2008, p. 2). Para religiões afro-brasileiras no Maranhão, conferir também Bruno Santos (2022, p. 12).

estudiosos interessados em estabelecer uma tipologia dos grupos de culto que nem sempre é rígida. Muitas vezes é difícil distinguir porque uma casa se diz de Umbanda ou de Mina, embora haja especificidades em ambos os cultos. Uma delas é que em terreiros de umbanda quase nunca vemos a realização de festas em louvor ao Divino Espírito Santo, que são comuns nos terreiros de mina. Muitos caboclos da mina baixam também nos terreiros de umbanda (como dona Mariana, Baiano Grande, caboclo Ubirajara, dona Rosalina, seu Tapindaré, seu José Tupinambá, o Rei da Bandeira, Menina da Ponta d’Areia etc). Uma das razões da diferença entre uma ou outra destas tradições é a origem da preparação do líder do culto: se ele foi preparado na mina, na cura, ou na umbanda ou no candomblé. Fala-se que no Maranhão a Umbanda é cruzada com a Mina, isto é, possui elementos do tambor de mina (Ferretti, 2005, p. 1).

Não obstante toda essa gama de informações, “existe ainda no Maranhão grande número de entidades africanas cujas origens não são bem estabelecidas” (Ferretti, 2005, p. 6) e a Umbanda se difundiu no Maranhão, segundo temos notícias, desde a década de 1950 e encontra-se “cruzada” com o tambor de mina, em relação aos instrumentos utilizados, vestimentas, cânticos, entidades, etc. (Ferretti, 2001, p. 2).

1.2.2 As religiões afro-brasileiras em Imperatriz-MA

Imperatriz tem o predomínio das religiões cristãs (Católicos 138.785 pessoas e evangélicos 78.992 pessoas), enquanto nas religiões afro-brasileiras o número é bem pequeno, segundo os dados do Censo de 2010 (44 pessoas somando Umbanda e Candomblé³⁵; conferir tabela 01). Essa informação do censo é desproporcional à realidade. Vejamos que mesmo não tendo informações exatas sobre os números de pertencentes dessas religiões, alguns dados confirmam essa disparidade entre o censo e a comprovação de alguns pesquisadores como veremos a seguir.

Tabela 1 – Censo IBGE 2010 – habitantes por Religião.

Sem Religião	Budismo	Ateu	Católica Apostólica Brasileira	Católica Apostólica Romana	Católica Ortodoxa	Espírita	Evangélica	Hinduísmo	Não sabe
20.898	42	387	1.101	138.785	377	1.135	78.992	10	
Igreja de J.S.dos últimos Dias	Islamismo	Não determinada	Novas Religiões Orientais	Testemunhas de Jeová	Tradições Exotéricas	Umbanda	Umbanda e Candomblé	Outras Religiões das Cristãs	
215	56	571	126	1.659	61	22	22	3.253	203

Fonte: (IBGE) - tabela elaboração da autora.

³⁵ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/pesquisa/23/22107> .

Podemos apontar pelo menos dois motivos pelos quais esses dados são tão distantes do real: um deles pode ser pela própria questão histórica e sincrética que já vimos anteriormente, de que para essas religiões não é incomum ser afro-religioso e ser católico ao mesmo tempo, ou melhor, “o afro-brasileiro é ao mesmo tempo católico e praticante de outras religiões” (Ferretti, 1998, p. 193).

Outro motivo também já sinalizado acima, pode ser “por questões de preconceito e discriminação que incide sobre os pertencentes a elas (religiões afro-brasileiras), pois existe receio na autodeclaração junto ao recenseador, havendo muitos afro-religiosos que se identificam como católicos” (Frota; Veras, 2022, p. 182).

Em relação à dificuldade de catalogar as casas de religiões afro-brasileiras, Imperatriz não foge à regra. No trabalho de Clímaco e Rocha (2012) é apontada a existência de cerca de vinte (20) a trinta (30) terreiros na cidade. Em 2019, o Trabalho de Conclusão de Curso de Karoline Sousa fez o esforço de mapear os terreiros de Imperatriz e indicou a existência de dezessete (17) terreiros. Ainda nesse mesmo ano, um filho de santo, Ugo Leonardo Dias, na sua pesquisa, sinaliza para um número de vinte terreiros (20), ele diz:

O município de Imperatriz não possui mapeamento dos terreiros e tão pouco possui dados oficiais a respeito da quantidade de casas religiosas de matriz africana no município. Porém, de acordo com o levantamento realizado na pesquisa de campo e em um grupo de WhatsApp, Imperatriz conta com aproximadamente **20 terreiros**, sendo apenas dois deles de candomblé. (DIAS, 2019, p. 11. **grifo meu**)

Segundo essa pesquisa, desses vinte (20) terreiros, são: “18 de Umbanda e 02 de Candomblé” (Dias, 2019, p. 37), ele ressalta que “no município de Imperatriz a Umbanda e Candomblé se misturam, e juntamente com a forte influência do Kardecismo, Catolicismo, Pajelança dão origem a uma ‘nova religião’: o Terecô” (Dias, 2019, p. 37)³⁶.

Ugo Dias explica ainda que mesmo havendo a prática do Terecô, os sacerdotes e sacerdotisas de Imperatriz “tendem a afirmar que se tratam de terreiros de umbanda e/ou de candomblé. Terecô seria apenas os toques de tambores, os rituais dançantes, com as manifestações dos encantados, caboclos, voduns, orixás, pretos velhos, etc.” (DIAS,

³⁶ Segundo Ugo Dias (2019, p. 37), Terecô, também conhecido como tambor de mina e/ou tambor da mata, é uma religião afro-brasileira tradicional de Codó, cidade do interior do Maranhão, tendo surgido provavelmente em fins do século XIX.

2019, p. 37). A partir de informações coletadas através do levantamento feito por Dias (2019, p. 36-37), elaborei uma tabela (2) com a disposição de terreiros por bairro, em Imperatriz:

Tabela 2 – Distribuição de terreiros por bairros de Imperatriz-MA

Bairro	Quantidade terreiros de Umbanda	Quantidade terreiros de Candomblé	Total
Bairro Bom Sucesso	3	1	4
Bairro Santa Inês	1		1
Bairro Vila Macedo	3	1	4
Bairro Vila Machado	1		1
Bairro Nova Imperatriz	2		2
Bairro Bacuri	1		1
Bairro Vila Nova	2		2
Bairro Bom Jesus	1		1
Bairro Vila Airton Senna	1		1
Bairro Vila Redenção	1		1
Bairro Vila JK	1		1
Bairro Lagoa Verde	1		1
Total de Terreiros em Imperatriz-MA			20

Fonte: Dias (2019); tabela de elaboração da autora.

A cidade conta com mais de cem bairros³⁷ e doze destes, como podemos observar na tabela acima, tem a presença das religiões afro-brasileiras, sendo que os bairros Bom Sucesso e Vila Macedo, com maior número de terreiros (quatro terreiros cada um), são também os únicos a ter terreiros de Candomblé, segundo os dados. Não se pode deixar de notar que geograficamente esses bairros são localizados quase em sua maioria na periferia da cidade. Em sua pesquisa, Ugo Dias constata: “nenhum dos terreiros pesquisados possui CNPJ” (Dias, 2019, p. 38).

Pensar nessas legalizações foi sua grande preocupação enquanto formando do curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão, seu trabalho para isto se intitulou: “O PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO JURÍDICA DOS TERREIROS DE UMBANDA/CANDOMBLÉ DO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ/MA”. Esse assunto se mostra muito caro para estas religiões em Imperatriz, pois a Associação de Terreiros de Cultura e Religião de Matriz Africana (ASTERCMA) nasce com esse grande anseio de legalização dos terreiros do ponto de vista jurídico e para isto vai se articular desde a organização de eventos, como buscar apoio do poder público, para não só legalizar suas casas, mas para assegurarem seus direitos constituídos por lei.

³⁷ Fonte: <https://www.guiamais.com.br/bairros/imperatriz-ma>

1.3 A Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição.

A Umbanda chama o lugar onde acontece o culto de tenda/terreiro/centro/barracão/casa. Em Imperatriz, é muito comum encontrar a palavra Tenda para designar esses locais. A de Mãe Meridalva se chama “Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição”, estive em busca de saber de onde vinha essa palavra “Tenda”, se bem que obviamente deduzimos: “é o local onde os umbandistas se encontram em sessões, giras, ou cultos para promover atendimentos” (Fagundes, 2012, p. 11).

No entendimento de Culmino (2015b, p. 20), “Zélio de Moraes designou o termo ‘Tenda’ por se tratar de uma forma de humildade ao se referir ‘Templo’ da Religião. Aqui para nós Tenda, Centro, Casa, são sinônimos de Templo, onde se pratica a Umbanda” (Cumino, 2015b, p.20). Já perguntei para um pai de santo qual o significado da Tenda, de onde vinha essa palavra, ao que ele me respondeu que:

Vem de herança aos bem mais antigos, dos primeiros a começar a religião, porque antigamente é reconhecido que nossa religião era praticado dentro das matas muitas vezes escondido, na beira de lagoas, escondido, e no final da escravidão quando os povos começaram vim dos quilombos, das matas, dos interiores, para as cidades, para mais próximos da cidade e começaram a praticar a religião mesmo com as perseguições policiais no fundo de seus quintais e as condições financeiras eram muito poucas, aí eles construíam aquilo que a gente chama de latada, só erguiam os paus as forquilhas e cobriam de palha ou lona e ali faziam seus rituais, começavam a tocar seus tambores e fazer a gira ali mesmo. Aí faziam isso nas matas também quando iam fazer suas obrigações, botavam ali quatro paus enfiados e cobriam de palha ou jogava uma lona por cima e começavam a fazer os toques dos tambores e as giras, e chamavam aquele lugar com o nome de Tenda. Mas isso pode ser entendido também por não haver lugar fixo do culto antigamente, por causa das diversas perseguições. A Tenda vem também de origem cigana, quando você conhece ciganos que não tem locais fixos e moram em tendas. Isso influenciou muito os povos de terreiros porque muitas vezes não tínhamos lugares fixos para nossos cultos, nossos rituais. Nessa migração de um ponto para o outro de uma cidade para outra e de um bairro para o outro influenciou muito que chamássemos de Tenda. (Pai Augusto de Oxum, informação verbal, maio/2023).

Já perguntei também a Mãe Meridalva o que ela entendia por Tenda, ela me explicou que:

A Tenda é mais que um lugar de culto de relação ao sagrado, de ensinamentos de desenvolvimentos de médiuns, ela se torna na realidade muito social com a questão das pessoas em si, como no meu bairro é carente é um lugar onde as pessoas buscam ajuda, onde os serviços são caridade, principalmente a caridade, a quinta-feira da caridade, eu sempre toda a minha vida eu nunca olhei a pessoa chegar na minha casa com dinheiro ou não, com dinheiro ou

sem dinheiro todas as pessoas na minha casa são como presentes de Deus e dos orixás, então aqui a gente sempre prega o amor, a caridade, respeito ao próximo e amor a religião. A Tenda é onde a gente reúne as pessoas. A Tenda para mim é um conjunto de todas essas coisas. (Mãe Meridalva, informação verbal, setembro/2022).

Quando começaram a surgir no Rio de Janeiro as tendas de umbanda, esse termo “tenda era utilizado para designar e distinguir a forma de culto adotado. Tenda era a casa de Umbanda que era estabelecida em um sobrado, ou seja, no alto, pois era comum naquela época realizar sessões nestes lugares (Lar Umbanda Pai Xangô, 2012, p. 1), J. Fagundes (2012, p. 7) ressalta que esse termo vem desde o período escravagista, e faz parte da resistência negra. Para este autor, tanto os que fugiam, como os libertos pela lei do Ventre Livre, dos Sexagenários e Áurea, faziam a montagem dessas tendas.

Quando perguntei quantos anos tinha a tenda/terreiro³⁸ da minha pesquisa, a resposta não foi imediata. Numa busca angustiante por exatidão do dia (minha cabeça racional), esta não foi a primeira vez que procurei saber essa informação, eu já havia conversado com um senhor que é pedreiro e ele me disse ter ajudado a construir aquele lugar, mas também não lembrava data. Foi preciso perguntar a mais de uma pessoa para lembrarem quantos anos de fundação. Nesse momento de indagação uma das filhas me disse: “é do tempo da Sabrina”³⁹, a Mãe Meridalva completou, “é mesmo, essa casa tem por volta de 18 anos” (Mãe Meridalva, informação verbal, fevereiro/2022), esta foi a conclusão.

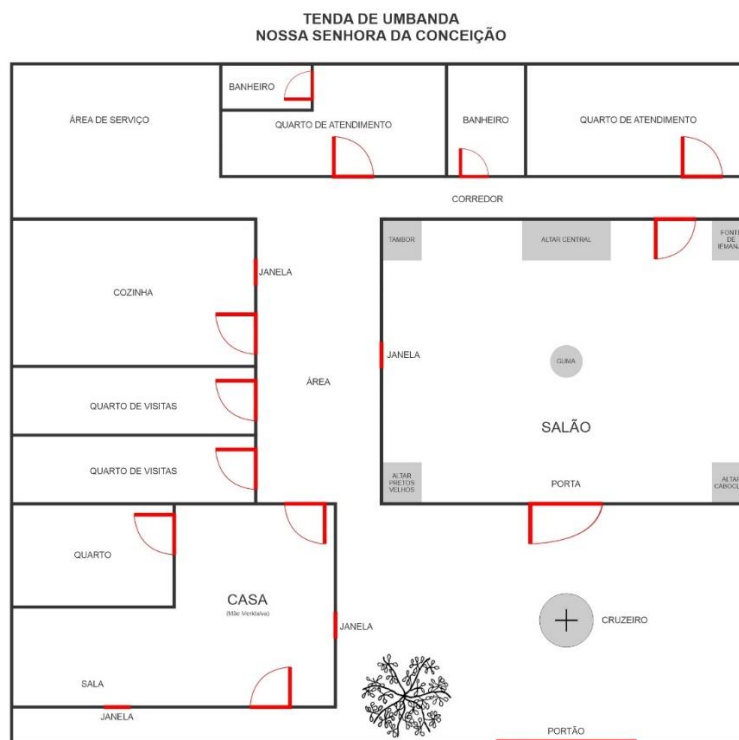
Sua moradia fica também no terreiro, numa casa contruídas ao lado do barracão, é uma construção só, que se reparte entre residência e tenda (público e privado), dois quartos de visitas, cozinha do barracão, dois quartos de atendimento e dois banheiros (um no quarto de atendimento e outro externo). Segue demonstração da tenda conforme figura 05, abaixo. Esse salão está passando pela terceira reforma, devido aos alagamentos provocados pelas grandes chuvas e por estar localizado em uma parte periférica da cidade que sofre essas consequências, quando o período chuvoso chega. Isso nos possibilita falar

³⁸ Para falar da Tenda, como aprendi com o meu campo, às vezes falarei terreiro, às vezes falarei Tenda e outras vezes casa, essas três palavras usarei com mais frequência, se bem que por vezes se confunde o público e privado, porque geralmente a Mãe ou o Pai de Santo, mora ou ao lado do salão no mesmo terreno como é o caso da Mãe Meridalva ou na parte que fica atrás do salão. A casa-moradia e a casa/tenda/terreiro se tornam praticamente a mesma coisa. Além dessas três palavras, ainda pode ser chamado de barracão ou salão, já ouvi essas designações diversas vezes em campo.

³⁹ Sabrina é filha da Mãe Meridalva, filha de sangue, digo isto para diferenciar das demais mulheres que são filhas de santo.

da falta de infraestrutura da cidade (ruas não pavimentadas, falta de rede de água e esgoto, falta de transporte, limpeza e iluminação públicas, etc.) sobretudo, no que diz respeito aos bairros mais distantes do centro.

Figura 06 – Planta da Tenda



Produção: autora

Como podemos observar através desse esboço da casa, dentro do salão ou da tenda (lugar do culto público) tem o altar central (figura 7). Neste altar, pude observar que estão organizadas as imagens dos “santos católicos” (Jesus, Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, São Jorge, São Pedro, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora de Nazaré). Do lado esquerdo (de quem entra), há um lugar reservado ao tambor, lugar dos ogãs/batazeiro. Do lado direito tem a fonte de Iemanjá. Próximo à porta de entrada do salão tem, do lado esquerdo, o altar dedicado aos pretos e pretas velhas, e do lado direito, um altar que é dedicado aos caboclos e caboclas.

Essa Mãe do terreiro tem 44 anos de idade, se denomina parda. Ela começou a sentir sua mediunidade ainda quando criança, aos 7 anos, diz ser instruída desde criança pela ancestralidade espiritual, sua guia, cabocla Jarina. Mãe Meridalva foi casada e está separada, teve dois filhos; ela me disse ser uma menina, que é a Sabrina, e um menino, ela nunca me contou o nome do seu filho, só me contou a história de como ele faleceu, já

adolescente e o quanto isso foi doloroso para ela.

Figura 7 - Altar central



Fonte: autora, 2021.

Perguntei a Mãe Meridalva quantas/os filhas/os de santo a casa possui, ela me disse que ao total são dezoito, sendo que desse número são quatro homens e o restante são todas mulheres. Dessas dezoito pessoas, há aquelas que moram fora da cidade de Imperatriz, tem as que só vêm nos dias da festa que é considerada a maior, dia 02 de fevereiro, e tem aquelas que estão em todas as festas e que ajudam na manutenção da casa. São essas mulheres que estão frequentemente na casa, que fazem o antes, durante e depois das festividades, as interlocutoras deste trabalho.

Das festas que são abertas ao público, estão as quatro principais “Festa de Nossa Senhora dos Navegantes” ou “Iemanjá”, que acontece dia 02 de fevereiro, conforme calendário católico. Esta é a principal festa da casa, é o dia em que é festejada também a chefe espiritual da tenda, que a Mãe Meridalva diz ser sua “patroa”, aquela que governa tudo na casa, esta é a Cabocla Toia Jarina da Conceição ou como o povo do terreiro costuma chamar, dona Jarina. Ela faz parte de um grupo de três irmãs de caboclas, as

outras duas são Herondina e Mariana⁴⁰, nas religiões afro-brasileiras elas estão no grupo das/os encantadas/os, que são:

1) seres invisíveis à maioria das pessoas ou algumas vezes visíveis a certo número delas; 2) que habitam as encantarias ou “incantes”, situados “acima da Terra e abaixo do céu”, geralmente em lugares afastados das populações humanas; 3) que tiveram vida terrena e desapareceram misteriosamente, “sem morrer”, ou que nunca tiveram matéria; 4) que entram em contato com algumas pessoas em sonhos, fora de lugares públicos (na solidão do mar, da mata, por exemplo) ou durante a realização de rituais mediúnicos em salões de curadores e pajé, barracões de mina, umbanda, terecô (religiões afro-brasileiras) e em outros locais onde são chamados (Ferretti, 2008, p. 1).⁴¹

Seguindo as festas, vem a de São Pedro ou Xangô “grande e poderoso orixá iorubano, senhor do raio e do trovão” (Lopes, 2011, p.1353), que acontece dia 29 de junho. Essa festa tem como um dos principais motivos ser celebrada a festa de obrigação de uma das filhas da casa (eu a chamo neste trabalho de filha de dona Maria Redonda). Neste dia acontece as giras e também se canta parabéns com direito a bolo de aniversário.

Tem ainda a do dia 27 de setembro, dia de Cosme e Damião ou os Ibêji, “O nome Ibêji, referido tanto no singular quanto no plural, provém do iorubá *ibéjì*, “gêmeos”, cuja raiz é *éjì*, “dois” (Lopes, 2011, p.642). Nesse dia a Mãe Meridalva junto com filhas e filhos da casa, distribuem doces e fazem comidas para as crianças do bairro, bem como a distribuição de brinquedos. Essa festa, segundo a Mãe Meridalva, tem sido para olhar com mais atenção para as crianças do bairro. Inspirada também nisto, a casa está se transformando num instituto (um projeto social), para promover educação e outros benefícios para as crianças e as mulheres do bairro.

E tem ainda a festa do dia 08 de dezembro, Nossa Senhora da Conceição ou Oxum, ela é “orixá iorubano das águas doces, da riqueza, da beleza e do amor” (Lopes, 2011, p.986). Esse dia é festejada a padroeira da Tenda, e aquela a quem a Mãe Meridalva diz:

Quando eu decidi colocar minha mesa (a gente decide e é escolhido ao mesmo tempo, sabe?) aí eu decidi que a santa da minha mesa, a dona da minha casa vai ser minha Nossa Senhora da Conceição que é a santa que eu tenho a minha devoção, não é? (Mãe Meridalva, informação verbal, 02 de fevereiro de 2020)

⁴⁰ Conferir em <https://www.revistasampa.com.br/2020/06/10/lendas-do-maranhao-conheca-a-historia-das-princesas-turcas-mariana-jarina-e-herondina/>

⁴¹ Para explicações mais extensas sobre os encantados, conferir Venâncio (2019), mais precisamente a partir da página 88, seção 2.2.

Através da observação de campo e das entrevistas, pude notar que o terreiro obedece a uma hierarquia⁴², em primeiro lugar está a Mãe do terreiro ou Ialorixá, ela é a grande responsável pelas/os médiuns⁴³, ensina através da oralidade os saberes adquiridos dos seus/suas ancestrais, ela também é a responsável por atender a clientela que chega à tenda em busca de algum serviço espiritual, comanda as sessões de trabalhos e os cultos públicos.

Depois dela vem a Mãe Pequena, “personagem feminina desenvolvida e que substitui a Mãe-de-Santo. Auxiliar das iniciandas (iaôs) durante o seu desenvolvimento mediúnico” (Pinto, 2007, p. 120), e o Pai Pequeno que tem o mesmo significado e função da mãe pequena e na ausência da Ialorixá eles assumem o comando da casa. Em seguida ao que pude perceber, vem as/os médiuns da casa e as/os consulentes⁴⁴ e visitantes.

1.3.1 A família de santo da Tenda

A Mãe Meridalva é filha de santo do pai Salim de Ogum⁴⁵, da antes “Tenda de Umbanda Nossa Senhora Aparecida” que desde a reinauguração (12 de outubro/2022), a partir da nova construção, passou a se chamar “Templo Sagrado de Umbanda Nossa Senhora Aparecida”. Esse terreiro/tenda/templo, fica localizado na Vila JK, bairro periférico da cidade de Imperatriz e marcado pelos constantes alagamentos em tempos chuvosos. Entre essas duas tendas, eles vivem uma relação de proximidade, de respeito, de familiaridade. Quando tem festa na casa do Pai, as filhas e filhos de Mãe Meridalva se organizam para ir, quando a festa é na casa da Mãe Meridalva, as filhas e filhos de pai Salim juntamente com ele, também estão presentes.

⁴² Refiro-me a hierarquia de um ponto de vista visível, material, e não espiritual, a hierarquia espiritual não será abordada aqui neste trabalho.

⁴³ “É aquele que tem o privilégio de ser intermediário entre os espíritos e os seres encarnados. Nem todas as pessoas podem ser médiuns, pois que a mediunidade não pode ser plenamente desenvolvida em qualquer um. A missão do médium, principalmente em Umbanda, é muito delicada e exige capacidade de sacrifício, espírito de caridade, bom comportamento e vida pura”. (Pinto, 2007, p. 124-125)

⁴⁴ Aquelas pessoas que buscam o terreiro para consultas.

⁴⁵ Pai Salim de Ogum em trabalho anterior já disse: “Não se torna um médium, se nasce médium” para falar de acontecimentos na sua infância (por volta de “7, 8 a 9” anos de idade), que sinalizavam sua mediunidade, coisa que sua própria mãe, mesmo sabendo, não queria aceitar, e aqui ele disse: ‘as pessoas denegrem muito a imagem da umbanda’. Aos 12 anos de idade, Salim sai de sua cidade Natal, Santa Luzia do Tide e vem para Imperatriz, aos 13 anos de idade “começa iniciação no santo” e passou ‘13 anos em desenvolvimento’, ele disse que ‘o terreiro é uma escola’ e lá ele aprendeu e desenvolveu sua mediunidade (Frota; Veras, 2022, p. 196).

Essa questão da troca de visitas é bastante significativa não somente entre pai e filhos, mas de outros terreiros/tendas que visitam uns aos outros nos momentos festivos. O povo do terreiro me explicou que isto se chama “pagar visita”, ou seja, eu te visito e em troca (“não obrigatória”, mas, “voluntariamente”) você me visita, no dia que o meu salão estiver em festa, e há quem fique bem chateado e chateada quando as pessoas de terreiros e suas filhas e filhos passam muito tempo sem visitar sua casa nas giras.

Alguns terreiros de Imperatriz são também visitados por terreiros de outras cidades e estados (Bela Vista/TO, Codó-MA, Goiânia/GO, Santa Inês/MA, Santa Luzia/MA, Grajaú/MA, etc.)⁴⁶, bem como prestigiam também esses Pais e Mães de Santo em suas respectivas festividades. Quando se organizam para visitar outro terreiro, costumam dizer “vamos lá dançar esse nagô e ganhar essa visita pra nossa casa”, essa troca movimenta a Umbanda de Imperatriz e região, em algumas ocasiões em que o Pai/Mãe de santo estão impossibilitados de ir por problemas de saúde, por exemplo, os filhos e filhas vão para representar a casa de axé a qual pertencem. Já aconteceu de me fazerem muitos convites para as festividades de outros terreiros que não o desta pesquisa e quando não compareço eles ficam sempre lembrando que estou “devendo” visita.

Algo que Mãe Meridalva me disse desde o início desta pesquisa, foi da sua relação espiritual com seu Pai de Santo, aquele que lhe preparou, lhe formou no santo, pai Salim. Explicou-me mais de uma vez que ela sente quando ele não está bem, que ela já até teve algum atrito o outro com ele, mas que a ligação espiritual é mais forte, essa não se rompe. Ela me relatou algumas situações (não cabe detalhar aqui) em que só ele (Pai Salim) a pôde ajudar, assim também como houve outros momentos que só ela o ajudou, devido a esse elo de força espiritual que existe entre ambos.

Ainda que Mãe Meridalva seja Mãe de Santo e tenha seu próprio terreiro, as relações se mantem como família, ela continua manifestando seu respeito de filha a Pai Salim e todas as suas filhas de terreiro chamam ele de “vô”. Algumas questões bem pontuais mudam a partir do momento que se é Pai/Mãe de Santo e se tem o próprio terreiro, ao invés de cumprir as obrigações (trabalhos de ordem espirituais) próprias da casa do seu Pai/Mãe de Santo, a casa passa a ter as próprias obrigações, de modo que a participação fica mais em formas de visitas nas festas na casa um do outro.

⁴⁶ Esses foram alguns do que já presenciei.

2. GÊNERO, DECOLONIALIDADE, RAÇA E ANCESTRALIDADE: DA TEORIA AO CAMPO

Pensando o debate em torno das condições as quais foram submetidos os povos africanos, conforme demonstrado de maneira sintética, no capítulo primeiro deste trabalho, este capítulo aborda esse contexto e suas implicações no que tange não somente à raça mas, sobretudo, ao gênero. Esses marcadores de “gênero” e “raça” terão grandes ressonâncias na vida e na conduta da sociedade colonial que perduram até os dias de hoje, conforme demonstra algumas intelectuais como: Lugones (2014), Gonzalez (2020), Carneiro (2019), Collins (2016), etc..

Essas autoras trazem a perspectiva da luta de mulheres negras, suas posições contrárias à colonialidade⁴⁷, sobretudo no que diz respeito ao gênero, raça e classe. O debate decolonial entra justamente nesse viés crítico a uma visão eurocêntrica que “promove-se como emancipadora, como uma utopia, como mito que definiu a superioridade dos europeus sobre os outros que ela considera bárbaros” (Curiel, 2020, p. 131). A decolonialidade não é algo recente, pelo contrário:

As questões relativas à crítica ao poder colonial vêm de longe, provavelmente desde a chegada do primeiro colonizador às nossas terras. Mas sua introdução como campo de conhecimento se dá somente nos anos 1970, ficando conhecido como estudos pós-coloniais. Essa escola de pensamento nasce da associação de trabalhos teóricos como os de Frantz Fanon, Aimé Césaire, Albert Memmi, Kwame Nkrumah, Gayatri Spivak, Edward Said, Stuart Hall, e do Grupo de Estudos Subalternos, criado na década de 1970 pelo indiano Ranajit Guha. (Hollanda, 2020, p. 13-14)

É que antes mesmo de “utilizar precisamente o termo ‘colonialidade’, já era possível encontrarmos a ideia que gira em torno desse conceito em toda a tradição do pensamento negro” (Costa; Grosfoguel, p. 17). Seguindo a linha crítica à colonialidade, Lugones (2014, p. 935) escreve um artigo intitulado “Rumo a um feminismo descolonial”. Nesse trabalho ela inaugura a categoria “colonialidade de gênero”, nas palavras de Hollanda (2020, p. 16):

Para Lugones, o sistema de gênero surge quando o discurso moderno colonizador estabelece a dicotomia fundadora colonial: a classificação entre o

⁴⁷ Segundo Lugones (2014) diz respeito, sobretudo, a compreensão de uma permanência da estrutura de poder colonial que perdura até os dias de hoje, mesmo após o processo de independência das colônias, a colonialidade diz respeito às coisas que a partir desse processo ainda permanecem. Conforme Gonçalves e Ribeiro (2018, p.3), a “colonialidade está presente em três bases principais: poder, saber e ser”. Ela se estabeleceu basicamente através do percurso que já traçamos no tópico anterior.

humano e o não humano. Como humano, o colonizador. Como não humanos, os nativos indígenas e, um pouco mais tarde os africanos escravizados, todos vistos como animais e primitivos. Na categoria não humano, a atribuição de gêneros está ausente, o que não chamou atenção dos autores decoloniais. É esse o passo à frente que deu nome ao feminismo decolonial: o gênero como elemento estruturante da colonialidade, como categoria criada pelo vocabulário colonial, e que não faz propriamente parte das dinâmicas pré-coloniais. O feminismo decolonial denuncia a imbricação estrutural das noções de heteronormatividade, classificação racial e sistema capitalista.

Lugones desenvolve esse conceito a partir do pensamento de Quijano a respeito da colonialidade, porém este autor trata da colonialidade que se apoia, sobretudo, na ideia de raça, enquanto Lugones “apesar de acolher a proposta de Quijano sobre colonialidade, diz que a raça não determina sozinha a configuração da colonialidade do poder; ela é acompanhada pelo gênero e, com ele, pela heterossexualidade” (Curiel, 2020, p. 132).

Lugones, feminista decolonial, “identifica que os escritos até então construídos no Grupo Modernidade/Colonialidade⁴⁸ baseavam-se em conceitos eurocêntricos e heteronormativos sobre gênero” (Gonçalves; Ribeiro, 2018, p. 4-5). A partir disto ela “realiza uma crítica a Aníbal Quijano, pois a composição de gênero do mesmo configurava-se em uma perspectiva biológica” (Gonçalves; Ribeiro, 2018, p. 5), enquanto que, em Lugones, a categoria gênero, tanto quanto a raça em Quijano, é uma invenção colonial necessária que facilita o processo colonização/dominação.

Ademais, Lugones (2014, p. 936) compreende “a hierarquia dicotômica entre humano e não humano como a dicotomia central da modernidade colonial”. Esta autora, como já dito acima, mostra que os colonizados/as, não eram humanos, pois “só os civilizados são homens ou mulheres [...] O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir”, este por sua vez, era “o ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão” (2014, p. 936). Além do mais, “a mulher europeia burguesa não era entendida como complemento, mas como alguém que

⁴⁸ Segundo Luciana Ballestrin (2013, p. 89) o “Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), constituído no final dos anos 1990. Formado por intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas, o coletivo realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de “giro decolonial”. Assumindo uma miríade ampla de influências teóricas, o M/C atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferece releituras históricas e problematiza velhas e novas questões para o continente. Defende a “opção decolonial” – epistêmica, teórica e política – para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva.”

reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês” (2014, p. 936).

Em se tratando da questão feminista decolonial, Ochy Curiel (2020, p. 136) afirma que “a subalternidade precisa deixar de ser objeto e passar a sujeito do conhecimento”, e que pensando nessa subalternidade a qual as mulheres negras foram e são sujeitadas, é mais importante compreender porque isto acontece. Diz a autora, “não é necessário dizer que somos negras, pobres, mulheres, trata-se de entendermos por que somos racializadas, empobrecidas e sexualizadas” (Curiel, 2020, p. 136) e afirma que é “isso que nos interessa, enquanto feministas decoloniais, porque assim conseguimos mostrar que essas condições foram produzidas pela colonialidade (Curiel, 2020, p. 136). A autora assevera ainda que:

Uma posição decolonial feminista significa entender que tanto a raça quanto o gênero, a classe, a heterossexualidade etc. são constitutivos da episteme moderna colonial; elas não são simples eixos de diferenças, são diferenciações produzidas pelas opressões, de maneira imbricada, que produzem o sistema colonial moderno (Curiel, 2020, p. 137).

Desta maneira, trazer a discussão sobre decolonialidade e feminismo é, sobretudo, afirmar que as mulheres negras a partir de suas próprias experiências são produtoras de conhecimentos e que podem falar a partir do seu lugar, também é reconhecer que o feminismo negro, assim como a decolonialidade, não são propriamente categorias acadêmicas. Lembra Patrícia Hill Collins (2019, p. 402), “o pensamento feminista negro é um conhecimento subjogado” por motivos já descritos acima.

Sendo assim, esse pensamento por não ser legitimado como “saberes” por “instituições sociais controladas por homens bancos” (Collins, 2019, p. 402), teve que ser reverberado muitas vezes por mulheres negras na “música, literatura, conversas cotidianas e o comportamento cotidiano como dimensões importantes para a construção de uma consciência feminista negra” (Collins, 2019, p. 402). Isto implica dizer que a produção de saberes das mulheres negras leva em conta, mormente, as experiências por elas vivenciadas e que estas não podem mais ser simplesmente descartadas, conforme Angela Figueiredo (2020, p.20):

Nesse sentido, uma epistemologia insubmissa feminista negra decolonial é aquela que se rebela frente às normas previamente estabelecidas, rompendo fronteiras e colocando os sujeitos que historicamente estiveram à margem no centro da produção do conhecimento, no nosso caso em especial, colocando as mulheres negras no centro da produção.

É necessário trazer a discussão sobre decolonialidade e legitimação de saberes, uma vez que este trabalho traz o tema da ancestralidade e a importância da mulher na Umbanda. Só é possível pensar nesses dois pontos a partir de uma construção que não seja construída aos moldes dos ditames coloniais racistas e sexistas, em padrões de uma religião cristã pautada, acima de tudo, no poder masculino e porque não dizer no modelo europeu de homem branco. Também é necessário pensar a ligação que há entre as religiões afro-brasileiras e os movimentos de mulheres negras.

2.1 Gênero e raça: as mulheres nas religiões afro-brasileiras em perspectiva ancestral

As mulheres são importantes para as religiões afro-brasileiras, isto foi percebido por vários pesquisadores e pesquisadoras como, por exemplo, Reginaldo Prandi que dedicou às últimas páginas do seu livro “Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras” (Prandi, 1996, p. 165) a contar a história de várias Mães de Santo a quem ele denomina “Mães-de-santo, mães de São Paulo” (Prandi, 1996, p. 165), junta-se a isto o que Rosinalda Côrrea Simoni (2019, p. 294) diz:

Em quase todas estas religiões a mulher exerceu e exerce um papel fundamental. As sacerdotisas das religiões afro-brasileiras, conhecidas como Iyalorixas (candomblé), Mãe de santo ou Zeladora (umbanda ou quimbanda) Mestras (Jurema, Jarê), representam a força e importância do matriarcado africano e afro-brasileiro, que nasce no contexto religioso, e que dele perpassa para o movimento de resistência sócio-cultural dos escravizados.

Nesse pensamento a autora continua a dizer que “o movimento de mulheres negras sempre esteve ligado à religiosidade, pois, a articulação pela liberdade de existir nasceu nas conversas de terreiro” (Simoni, 2019, p. 297) e ainda que “[...] as conquistas, mesmo quando ligadas à intelectualidade, perpassavam ou nasciam dentro dos terreiros de matriz africana” (Simoni, 2019, p. 297).

Essas mulheres entram em movimentos para uma luta que é ancestral, é a luta das mulheres negras, como lembra Sueli Carneiro, e “são suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular” (Carneiro, 2019, p. 326), ela segue dizendo: “fazemos parte de um contingente de mulheres originárias de uma cultura que não tem Adão” (Carneiro, 2019, p. 326), completa dizendo que são “originárias de uma

cultura violada, folclorizada e marginalizada, tratada como coisa primitiva, coisa do diabo, esse também um alienígena para a nossa cultura” (Carneiro, 2019, p. 326).

Em suma, são as mulheres negras que “vivenciam a opressão de forma pessoal e holística” (Collins, 2016, p. 109) ou como diz a própria Patrícia Hill Collins em “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”, pontua que mulheres sofrem a “natureza interligada de opressão” (Collins, 2016, p. 109), pesam sobre elas, entre outros, os marcadores de gênero, raça e classe como já demonstrado acima. Trazer essas reflexões para o campo das religiões afro-brasileiras é primordial, pois “hoje como ontem, a visão eurocêntrica e racista de práticas religiosas pertencentes às culturas não europeias só faz confirmar o quanto a ideologia do supremacismo branco se perpetua” (Gonzalez, 2020, p.142).

Considerando ainda a questão religiosa nesse viés de confronto que é travado pelas mulheres negras, Lélia Gonzalez traz a figura de uma guerreira sagrada chamada Nanny e diz que ela, sendo “espécie de Oiá/Iansã, constituiu-se num dos grandes pilares dessa amefricanidade que nos alerta e sustenta nossas lutas atuais, amefricanas de todas as regiões. Axé, mulher!” (Gonzalez, 2020 p. 143). Corroborando para esse mesmo raciocínio as autoras Hélen Jardim e Dulce Voss (2002, p. 2), afirmando que:

as práticas religiosas afro-brasileiras configuram-se em ação política, ética e estética de resistência negra aos epistemicídios coloniais, racistas e sexistas. Expressões da colonialidade do saber, do poder e do sentir que deslegitimam outras crenças e ritualísticas, como as religiosidades de matriz africana e afro-brasileiras, as quais disputam veracidade no imaginário e na vida social. Crenças e rituais provenientes das culturas africanas seguem sendo interdidas desde a colonização. Os terreiros, as casas, templos e rituais de Umbanda, Batuque e Quimbanda, assim como os/as praticantes dessas religiosidades, são alvo de constantes interdições, estigmas e preconceitos, o que indica o modo como relações de poder-saber hierarquizam diferentes culturas e discursividades.

No que tange à religião, a categoria ancestralidade “se manifesta nas crenças e na vida comunitária. Artes cujos valores são transmitidos de geração em geração” (Jardim; Voss, 2022, p. 4). Pois ao “protagonizar suas práticas, mulheres negras umbandistas corroboram para manter viva a ancestralidade africana herdada dos antepassados e os valores culturais afro nas experiências cotidianas” (Jardim; Voss, 2022, p. 4).

Além do mais, Moita (2017, p. 1) percebe “o terreiro de umbanda como espaço de emancipação feminina através das práticas de libertação e tomada de consciência oportunizada pelas ações que o lugar oferece sob chancela espiritual”, e que:

A direção de uma comunidade religiosa/social ser realizada por mulheres representa uma grande ruptura com os modelos eurocentrados, onde toda lógica gira em torno do pensamento patriarcal, excludente e misógino. Pensamento este refletido também nos organogramas religiosos desse modelo, na qual a mulher é vetada de realizar papel de liderança ou sacerdócio (Moita, 2017, p. 2).

A Umbanda como religião afro-brasileira é um espaço ainda estigmatizado dado a sua origem ancestral negra. Depois de tudo que foi dito até aqui sobre o povo negro e a prática colonial, não é de se estranhar que também suas práticas religiosas sejam consideradas tão inferiorizadas quanto se pensa ser o próprio negro. Além do que, numa espécie de luta maniqueísta, “as religiões evangélicas formadas no Brasil” montam todo seu arcaboço baseado no “preconceito contra as religiões afro-brasileiras” (Prandi, 1996, p. 53).

É preciso ressaltar que, em se tratando de mulheres negras e de religião, as perseguições são maiores, já que elas agregam os elementos motivadores desta postura. Evidenciamos que a religiosidade é também uma forma de conservar a identidade, principalmente em um contexto de opressão, e as mulheres negras são um exemplo desta afirmação (Simoni, 2019, p. 298).

Em 17 de agosto/2023 uma Ialorixá, Mãe Bernadete Pacífico, foi brutalmente assassinada dentro do quilombo em Simões Filho (BA), quilombo que ela comandava. Uma mulher, negra e idosa (setenta e dois anos). Em reportagem, o neto de Mãe Bernadete lembra dela da seguinte maneira: “ela era uma leoa, queria ter todo mundo debaixo da asa dela. Queria proteger todo mundo. O que pudesse fazer ela fazia”, ele completa dizendo que ela “criou muitas pessoas aqui na comunidade e foi uma grande inimiga da fome, matou a fome de muita gente”⁴⁹. Essa mesma reportagem no subtítulo dá ênfase a isto: “Morta a tiros, ela combateu a violência e a fome nos quilombos”.

Essas mulheres estão na linha de frente das lutas pelos direitos do seu povo (povo negro, povo de terreiro), logo são alvo das mais variadas formas de violência. Exemplo disso, em Imperatriz-MA, Mãe Léia Alves enquanto presidenta da Associação de Terreiros de Cultura e Religião de matriz Africana (ASTERCMA), quando foi solicitar, nas Secretarias da Prefeitura, um espaço público para seu povo (povos de terreiros) realizar um evento em alusão a semana da Consciência Negra e dia Nacional da Umbanda, em novembro/2021, ouviu como resposta de que não poderiam ceder o local, porque a data seria um dia de domingo e por ser a Beira Rio um dos espaços mais frequentados

⁴⁹ Conferir reportagem completa em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/08/quem-foi-mae-bernardete-lider-quilombola-assassinada-na-bahia.shtml> .

pela população, esse lugar não poderia ser ocupado pelas religiões afro-brasileiras. Ela questionou a resposta racista da seguinte forma: “e nós somos o quê? Somos sociedade também, somos humanos também, somos religiosos também” (Frota; Veras, 2023, p. 169).

2.2 “Espaço seguro”: as mulheres da Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição

Pensando na importância das mulheres procuro apresentar as interlocutoras deste trabalho. Conforme sinalizado na metodologia, são seis interlocutoras (figura 8) que são filhas da casa e a Mãe da Tenda (figura 9), somando assim sete mulheres, são elas: Filha de Dona Joana Gunça; Filha de Dona Mariana; Filha de Maria Dona Redonda; Filha de Dona Cigana; Filha de Dona Maria José, Filha de Dona Rosalina e Mãe Meridalva. Na tentativa de nominá-las e ao mesmo tempo resguardar a identidade de cada uma delas eu pensei em escolher nomes de entidades femininas. Assim, perguntei a elas se poderia ser a mãe de cabeça⁵⁰, todas concordaram que sim e a Mãe Meridalva também, desta maneira em total concordância com elas, trouxe para o texto.

A partir da convivência com essas mulheres nas festividades da casa e da aplicação de algumas questões semiestruturadas elaborei a tabela abaixo (3), a fim de que, olhando para esta, tenha-se acesso de maneira mais rápida a essas informações sobre as nomeações e também me refiro basicamente a linha de pertencimento dessas entidades na/para a umbanda.

Na tabela não consta os demais dados das entrevistadas, acredito que descrevendo as informações de maneira individual seja a melhor maneira de falar dessas mulheres. Assim, sigo as apresentações/descrições de cada uma delas, conforme esta ordem demonstrada abaixo:

⁵⁰ Segundo mãe Meridalva, para a religião, pai e mãe de cabeça também chamado de orixá de frente (na Umbanda não necessariamente é um orixá mas um encantado que vem na linha dos orixás, na vibração dos orixás), é o encantado/a que desce de frente, ou guia que estar sempre junto do/da médium e segundo ela “sua função é dar saúde, discernimento, sabedoria, dar caminho, ou seja, direcionamento na vida”. A mãe explicou que: “muitas vezes o médium chega com problemas espirituais na casa, com problemas de saúde e muitas vezes você trata o médium põe ele de obrigação e sempre o encantado está sendo ali alimentado com velas, com incensos e com frutas para dar caminhos para o médium, tanto do lado financeiro, saúde e para ter o equilíbrio na vida. O Orixá de frente (pai e mãe de cabeça) ele que dar equilíbrio pro médium, ele que organiza tudo na vida de um médium. O guia de frente tanto faz ser pai ou a mãe de cabeça tem por obrigação de através da mãe de santo do terreiro fazer com que o médium tenha equilíbrio” (Mãe Meridalva, informação verbal, agosto/2023).

Tabela 3: Interlocutoras por filiação feminina na religião (mãe de cabeça)

Nomes das interlocutoras por filiação feminina na religião (mãe de cabeça)	Origem da entidade
Filha de Dona Joana Gunça (contra guia da casa)	Encantada da Linha de Léguas
Filha de Dona Mariana	Cabocla
Filha de Dona Maria Redonda (Guia de esquerda)	Preta Velha
Filha de Dona Cigana da Beira da Estrada (Mãe pequena)	Linha de ciganos do oriente
Filha de Dona Maria José	Preta Velha
Filha de Dona Rosalina	Cabocla
Mãe Meridalva filha de Dona Jarina	Cabocla

Fonte: elaboração da autora

A filha de Dona Joana Gunça tem trinta e seis anos, se declara parda, foi casada durante dez anos e está separada, é mãe de três meninos na idade de vinte e um anos, dezoito anos, treze anos e uma filha de quinze anos. Essa mulher tem o ensino fundamental completo, trabalha fora de casa, informou que sua profissão é de serviços gerais e atualmente está empregada em uma fábrica de cerâmica. Ela me disse “sou ajudante na fabricação de tijolos”, ela mora distante da tenda, sua residência fica no bairro da Caema. Quando perguntei desde quando ela participa da tenda, ela me respondeu que “há mais ou menos treze anos”.

Durante esse tempo ela se afastou e retornou para o terreiro, me explicou assim: “fiquei afastada nove anos porque meu ex-marido me tirou de dentro da macumba, ele me afastou da macumba, mas agora eu voltei foi com gosto, tava acontecendo muitas coisas comigo, tava acontecendo muita coisa na minha vida e eu voltei foi pela dor” (Filha de Dona Joana Gunça, agosto/2023). Quando questionada sobre as motivações que a levaram participar da tenda ela disse: “eu achava bonito e porque eu sou médium desde pequena, eu via muitas coisas na minha frente desde pequena. Eu achei tudo muito bonito lá no terreiro e gostava de baia e aí eu entrei dentro da macumba” (Filha de Dona Joana Gunça, agosto/2023). Essa filha da encantada Joana Gunça é Contra Guia da Tenda⁵¹.

⁵¹ Segundo a Mãe Meridalva a “Contra Guia é a Guia de Tambor de direita, é quem organiza com a Mãe de Santo da obrigação dos tambor da casa, os tambor e os ritos da direita. Todo o rito que começa na casa de direita ela ajuda” (Mãe Meridalva, informação verbal, dezembro/2024).

A filha de Dona Mariana tem trinta e três anos, se declara parda, já foi “amigada” (expressão que designa morar junto com uma pessoa sem ser casada no sentido civil ou religioso), atualmente está solteira, tem um filho de quatorze anos e uma filha de três anos. Em se tratando da escolaridade, possui o ensino médio completo e um curso técnico em enfermagem, trabalha no comércio varejista (vendedora) de Imperatriz e atualmente está desempregada, mora no bairro Santa Rita e participa da Tenda há um ano. Sobre as suas motivações para fazer parte da família de santo desta Tenda ela me explicou que

No início foi curiosidade, eu já tinha sido católica, eu já tinha sido evangélica e aí eu fui na curiosidade de saber o que era a Umbanda e aí acabou que eu gostei. Eu fui uma vez só pra tirar uma carta aí eu gostei e fui pesquisar sozinha por mim mesma nas redes sociais e aí eu gostei, e aí tô nela há um ano (Filha de Dona Mariana, informação verbal, agosto/2023)

A filha de Dona Maria Redonda tem trinta e nove anos, se declara morena, já foi casada e está solteira, não tem filhos, ela possui o ensino médio completo e trabalha como assistente administrativo, mora no bairro Vila Macedo e participa da Tenda há mais ou menos doze anos. Ela é a guia de esquerda⁵² da Tenda e em relação as suas motivações que a levaram fazer parte desse lugar religioso, ela explicou:

Eu comecei frequentar através da minha ex-sogra, e aí o que me levou foi os encantados mesmo, a forma que eu fui acolhida na casa na segunda vez porque a primeira vez foi só um baralho e na segunda eu já tive um contato direto com os encantados e aquilo ali me chamou atenção e eu comecei frequentar e eu vi também que a minha vida melhorou depois que eu comecei a ir pra lá e aí depois disso eu não parei mais, tanto que eu já comecei a dançar e comecei aos poucos, aí pronto a gente acabou ficando e viramos uma família... Antes eu era bem católica e depois da minha separação minha sogra me chamou pra ir botar um baralho e desse baralho eu comecei a frequentar a casa da madrinha (Meridalva) que ela viu que eu tinha espiritualidade e ela começou a cuidar de mim. (Filha de Maria Redonda, informação verbal, agosto/2023).

A próxima interlocutora a ser apresentada é a Filha de Dona Cigana, tem quarenta e três anos, se declara parda, e quando falamos sobre seu estado civil, ela me disse que está solteira, porém como a vi no terreiro em outra ocasião com um homem que ela me apresentou como seu esposo, eu perguntei, mas você mora junto? Ela disse “sim, há oito anos”. Perguntei ainda se ela já havia sido casada antes e ela me disse: “mulher esse já é meu quinto marido, mas nunca fui casada”. Entendi que para ela o “ser casada” dizia respeito a algo formal do ponto de vista legal, ou como ela diz, “papel passado”.

⁵² Nas informações da Mãe Meridalva, a Guia de Esquerda “é quem ajuda a Mãe de Santo nos trabalhos de guias de esquerda como cortes [sacrifício de galos/galinhas], oferendas e etc..” (Mãe Meridalva, informação verbal, dezembro/2024).

Essa mulher tem três meninos (idade de vinte e cinco, vinte e um e quinze anos) uma menina de vinte e dois anos e o enteado de dezesseis anos. Ela possui o ensino médio incompleto, trabalha fora de casa e quando questionada em quê, me respondeu: “mulher eu sou tudo, eu cuido de criança, de idoso, sou doméstica, tudo que aparece eu faço”, e em seguida informou que atualmente trabalha como cuidadora de idoso. Essa Filha de Dona Cigana mora em frente à Tenda e me disse que foi uma das pessoas que ajudou na construção junto com boa parte de sua família, me disse que tem “mais de dez anos que participo ali, meus filhos era tudo pequenininho”. Ela é a Mãe Pequena da Tenda. Mãe Pequena é uma das funções hierárquicas dos terreiros de Umbanda, ela e o Pai Pequeno substituem a Mãe/Pai no terreiro quando esses não estão presentes e por isso mesmo exercem cargo de grande responsabilidade e confiança, seja por auxiliarem Pai/Mãe de Santo diretamente, seja na substituição dos mesmos. E o que te motivou a participar da Tenda, indaguei:

Mulher, o que me levou, assim, eu na época eu senti uma dor de cabeça muito forte, eu fui no médico o médico fez exames e não deu nada me passou remédio tomei e não aliviou nada, aí eu voltei lá com minha vó e minha vó foi e falou pra ele que não tinha resolvido e aí ele tornou a fazer exame e aí ele disse pra minha vó que o meu problema não era doutor e sim o doutor do mato que eles chamam, doutor do mato para não chamar macumbeiro e desde esse tempo eu tô lá até hoje (Filha de dona Cigana, informação verbal, agosto/2023).

Seguindo nessa linha de apresentações das interlocutoras, vem a Filha de Dona Maria José, ela tem quarenta anos se declara parda. Esta mulher foi casada durante quatorze anos e está viúva há um ano e sete meses. Ela tem seis filhos sendo duas meninas, uma de dezessete e outra de oito anos, quatro meninos com quatorze, nove anos e dois gêmeos de seis anos. Ela é não alfabetizada, faxineira e atualmente trabalha na casa da mãe Meridalva, mora no bairro Sebastião Régis e participa da Tenda há mais ou menos nove anos. Na verdade, ela disse que não sabia precisar bem o tempo porque ela começou a participar e saiu e depois retornou, também explicou que tudo começou porque teve um problema de saúde na gravidez, “eu tava doente e minha menina tava amarrada na minha barriga”.

Quanto à filha de Dona Rosalina, foi a única das mulheres que não quis que eu gravasse a entrevista e preferiu responder as perguntas por escrito e me entregar depois, suas respostas são sucintas. Ela tem cinquenta e cinco anos, não alfabetizada, se declara morena, tem dez filhos e me disse que as idades são: trinta e sete, trinta e seis, trinta e cinco, trinta e quatro, trinta e dois, vinte e sete, vinte e dois, vinte, dezoito e quinze anos,

não especificou entre seus filhos homens e mulheres. É solteira e trabalha em serviços gerais, ela mora no bairro Vila Macedo, próximo à Tenda e participa de lá há quatro anos, informou que sua participação na Tenda e na religião se deu através de sua família.

A Mãe Meridalva, como já dito, tem quarenta e três anos, se declara parda, possui o ensino médio completo, fez curso de técnica de enfermagem e atualmente está iniciando um curso de graduação em Enfermagem. Quanto a sua origem ela disse: “eu sou filha do Pará, eu sou marabaense”, contou que recebeu o chamado ainda quando criança na idade de sete anos e relatou: “a minha vó ela rezava nas crianças, ela tinha devoção também com Nossa Senhora” e continuou:

Na nossa família nós tem muito sobre hierarquia, sempre esse dom nosso de cuidar e de ser da religião da umbanda principalmente de linha branca da mesa branca, a gente recebe de mãe passada pra filha e de vó passada pra neta, não sei se você entende. Então assim, eu recebi o meu chamado com sete anos de idade, eu já via os guias, eu já ouvia os guias, eu já tinha aquele dom não tanto da adivinhação, mas assim da intuição, tinha também aquele dom de rezar nas pessoas por qualquer coisa assim que estava inflamado no corpo ou às vezes a pessoa estava doente e eu rezava e a pessoa ficava boa. Então assim, eu tive esse chamado, eu sempre tive dentro da minha família a gente sempre teve na questão do quê? Eu conheci minha vó sendo médium de mesa branca e o guia chefe de croa dela era seu João da Mata e a Cabocla Herondina, então assim, eu já cresci sabendo que um dia eu teria essa missão comigo de cuidar, a vovó dizia que eu que ia ficar cuidando. Aí eu fui estudar, fui trabalhar, tive meus filhos e meu marido e dei uma quietada na espiritualidade até porque não tinha como eu ter naquele momento. Com a idade de um certo tempo depois que eu me separei, minha vó chegou a falecer e comecei a ter problemas de doenças em mim e tudo mais, e com um tempo eu comecei novamente a ter vidência, a ter a espiritualidade muito próxima de mim e aí que eu fui me desenvolver e meus guias começaram a descer, dona Jarina foi minha mãe de cabeça sempre, ela foi a primeira que desceu, e aí foi quando eu encontrei o pai Salim, eu já estava morando aqui no Maranhão e ele fez o batismo da dona Jarina a minha cabocla, então foram mais de dez anos e eu me tornei mãe e estamos aqui hoje (Mãe Meridalva, informação verbal, agosto/2023).

Interessante que a entidade guia chefe da sua avó (Herondina) é irmã de dona Jarina que é entidade chefe dela (mãe Meridalva), o que confirma a fala acima, mostrando essa transmissão e missão espiritual que é também ancestral.

Figura 8 – As seis interlocutoras filhas da tenda



Da esquerda para a direita: Filha de dona Joana Gunça; Filha de dona Maria Redonda; Filha de dona Maria Chica; Filha de dona Cigana; Filha de dona Maria José e Filha de dona Rosalina. Fonte: autora – 02/02/2023.

Figura 9 – Mãe Meridalva em frente a tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: autora – 02/02/2023.

Nas observações percebi que a maioria das integrantes da casa são mulheres, e mulheres negras e que estão entre empregos com baixa remuneração, trabalho informal e

até desemprego. Para esta pesquisa, como já dito, fiz o recorte das seis filhas e a mãe da casa e quando questionadas sobre sua cor nenhuma delas se declarou como preta. Voltando a observar a figura 8 é possível notar o tom da pele de cada uma delas e comparar com suas respostas. Nas descrições acima, a maioria se identificou como parda, um número de cinco mulheres e outras duas se identificaram como morenas, essas classificações por mais imprecisas que sejam, estão todas incluídas como negras.

Também observei as mulheres que chegam à Tenda chorando por problemas familiares, por problemas de saúde. Pude perceber o cuidado que essas mulheres tem umas com as outras, quando na entrevista que fiz perguntei se elas queriam comentar sobre algo que não perguntei ou falar do relacionamento com as mulheres da Tenda, uma disse “elas são minhas irmãs e se mexer com uma, mexe com todas”. Assim, a Tenda se torna o “espaço seguro”⁵³, no qual essas mulheres partilham suas dores, falam sobre suas lutas, se expressam através da dança e renovam suas forças para resistir. Além de fortalecerem suas identidades de mulheres negras (de cor) por meio da religiosidade.

No dia 27 de setembro/2023 estive na tenda, festa de Cosme e Damião, uma das filhas estava com muitas dores nas costas, até quando mexia os braços ela gemia, então a mãe Meridalva disse “mia fia, espera bem aí que eu vou te dar um remédio é agora”, catou uma caixinha cheia de remédio e deu um para ela tomar. No momento da gira, essa mulher ainda sentindo dores foi acolhida por outra filha da casa que fez massagem em suas costas e depois a abraçou (figura 10).

⁵³ Entenda-se por “espaço seguro” segundo Patrícia Hill Collins (2011, p. 21), em que fala da necessidade de espaços em que mulheres negras possam falar e se expressar livremente, esses “espaços seguros estão livres da vigilância de grupos mais poderosos. Esses espaços simultaneamente retiram as mulheres Negras da vigilância e fomentam condições para auto-definições independentes por parte das mulheres Negras”. Os espaços seguros nem sempre diz respeito a um lugar físico, Collins explica que até mesmo o blues, a escrita são lugares de expressão para mulheres afro-americanas.

Figura 10 – espaço seguro



Fonte: autora – 27/09/2023

2.2.1 “Nós encantados é que organizamos tudo”: atividades desenvolvidas pelas mulheres nas festividades da Tenda

Elas estão nos nove dias que antecedem as festas (Nossa Senhora da Conceição/Oxum e Nossa Senhora dos Navegantes/Iemanjá/dona Jarina), são nove dias de preparação em que, segundo a Mãe Meridalva, se reza os terços, cantam as ladainhas e próximo ao dia da festa, elas limpam o terreiro e deixam tudo organizado e, terminada a festa, essas mulheres tem mais três dias para “organizar as coisas”. Disse a Mãe/Ialorixá da casa, também são mulheres que cozinham, e geralmente são contratadas para tal função, já conversei com cozinheiras que não eram umbandistas e também cozinheiras que são filhas da casa. Em dias de festa, as mulheres levam também seus filhos para o almoço e todas/os se servem da mesma mesa (figura 11).

Figura 11 – Mesa das refeições



Fonte: autora – 08/12/2022.

Em relação a como proceder, elas recebem os comandos, quais tipos de comida se deve fazer, como se organizar, tudo isso é feito por comando da entidade que rege a casa, e esses direcionamentos estão tanto no plano espiritual como na organização da casa para o culto (que tem a dimensão espiritual e também material), diz a mãe:

No caso quem dar o cargo e o fazer de cada uma dentro do terreiro é o guia, na minha cabeça, no caso, né, que administra, no caso, deixa comigo e eu passo pra todas elas, entendeu? Quem pode vir limpar um dia o terreiro, quem não pode, é assim, a gente é tudo uma família, a gente se organiza se ajuda uns para com os outros (Mãe Meridalva, informação verbal, Meridalva, 2022).

Quando fala “o guia”, a mãe usa o artigo definido no masculino, mas na verdade, é a guia, ela se chama Cabocla Toia Jarina. Em uma das vezes que pude conversar com essa encantada, na festa realizada na tenda dia 08 de dezembro de 2022, dentre outros assuntos, ela me falava do terreiro, quando afirmou: “nós, encantados, é que organizamos tudo”.

Quando estive na cozinha com as mulheres, pude observar e vivenciar com elas a alegria do preparo das refeições. A cozinha é o lugar das risadas, das piadas, das conversas soltas e das partilhas da vida diária, bem como a preocupação em servir bem cada um e cada uma que por ali chegue, além, é claro, da busca em manter o padrão de que na casa de Mãe Meridalva a comida é muito saborosa. Notei que, por nunca pensarem somente nas filhas e filhos da Tenda, mas em pessoas que visitam o terreiro, bem como aqueles e aquelas que vão assistir a gira, a comida é sempre pensada num todo; eu digo isto em

relação à quantidade, fazem muita comida, como elas dizem: “aqui não tem miséria não” e ainda, “aqui quem chega come e come bem”.

Além da direção da casa, a Mãe Meridalva participa de um grupo de mulheres da cidade de Imperatriz denominado “Mulheres de Axé”. Esse grupo é liderado também por outra Mãe/Ialorixá, que está na luta pelos direitos das mulheres, sobretudo, as mulheres de terreiros. A Mãe Meridalva está inserida nesse movimento a fim de buscar melhorias para a sua casa e suas filhas, melhorias no que tange a programas de saúde e até mesmo cursos de aperfeiçoamento. Isso mostra que esse mundo religioso se espraia para além do culto, ao que podemos ainda pensar essas iniciativas como caminho para aquilo que, na perspectiva feminista, Sardenberg (2006) vai chamar de empoderamento.

Digo que se espraia, porque além da inserção nos movimentos de mulheres, a mãe Meridalva, juntamente com suas filhas e filhos, estão fazendo o registro do terreiro como um instituto. A intenção é criar projetos para cuidar das crianças do bairro onde o terreiro está localizado, o projeto está ligado ainda ao desejo de ajudar também as mulheres:

Esse ano eu já tô encaminhando os projetos pra casa, voltados para crianças, adolescentes e para as mulheres também do terreiro. Não sei se mia fia⁵⁴ percebeu, aqui o nosso bairro é bem carente, bem carente mesmo, então assim eu vejo não meu lado, mas o lado das pessoas ao meu redor, das crianças quando sai da escola, esse tipo de coisa, e as mães também, eu tô vendo essa situação toda (Mãe Meridalva, janeiro/ 2023).

Em conversa com mãe Meridalva, em julho e agosto desse ano (2023), ela me contou sobre esses projetos, a documentação está adiantada, e enquanto eu fazia a planta do terreiro e mostrava para ela (figura 5), ela foi me explicando que no lugar onde está atualmente sua moradia será construída salas para ser uma escolinha de crianças, e que também tem objetivo de oferecer cursos para as mulheres do bairro. No local onde está sua cozinha, será feito uma laje e construído ali sua residência. A intenção é aproveitar o próprio espaço do terreiro para fazer funcionar os projetos.

Junto com a Mãe Meridalva, fiz um esboço do currículo cultural do instituto, montando os dados gerais e portfólio com fotografias que foram feitas através desta pesquisa. Tentamos já este ano (2023) buscar fazer um projeto da casa e dessa construção que ela pretende desenvolver. Os orçamentos para construção são muito altos para que o

⁵⁴ É a maneira carinhosa como ela costuma se referir a mim.

instituto, ainda sem nenhuma verba, consiga arcar com os custos. Tentei com uma amiga, que estava recém-formada em engenharia, para que nos ajudasse e ela foi clara em dizer que não podia ajudar porque era um terreiro e isso feria seus princípios cristãos/religiosos. De modo que a mãe Meridalva tem buscado, mas tem contado com pouco apoio ainda, porque tem que se deparar com atitudes como essa em que se configura no próprio racismo religioso⁵⁵.

As autoras Hélen Jardim e Dulce Voss (2022, p.9) afirmam que essas comunidades umbandistas “preservam valores afro herdados dos antepassados. São marcas de ancestralidades que potencializam a afirmação ética e estética da vida vivida pelas comunidades litúrgicas dos povos dos terreiros e coletividades afro-brasileiras”. Rosinalda Simoni, refletindo sobre a história do Candomblé no Brasil, que necessariamente passa pela Bahia, vai mostrar como essas “mulheres exerciam o papel de sacerdotisas, conselheiras sociais e articuladoras políticas” e não só isso, ainda hoje essas mulheres “são reverenciadas e seus pensamentos atemporais ainda impulsionam os movimentos de mulheres” (Simoni, 2019, p. 297).

Perguntei a mãe Meridalva, qual é o papel dos homens na casa? Ela foi direta:

O papel dos homens, no caso, é pra fazer trabalhos pesados, quando tem na casa, roçar, destelhar telhado, tirar goteira do terreiro, lavar o terreiro, entendeu? Trabalhos pesados, fazer pintura no terreiro, entendeu? Tem que fazer pintura, é esses os trabalhos deles, né? A obrigação mesmo, mesmo, de cada um, é na gira né? Cuidar dos seus orixás. Tem o pai pequeno da casa, que ele faz as rezas junto com as meninas, ele reza, ele puxa terço⁵⁶, reza né, junto comigo, mas na minha falta ele pode fazer isso aí, entendeu? As obrigações ele pode fazer, ele e a mãe pequena do terreiro, certo? (Mãe Meridalva, informação verbal, 2022).

Pensar nessas tarefas implica perceber como essas mulheres são essenciais e centrais para que as festas aconteçam, bem como a própria religião em si. Mas que elas, além de umas às outras, tem também os homens que fazem parte desse conjunto, eles, apesar de ser um número bem menor, as auxiliam. O Pai Pequeno, por exemplo, pode

⁵⁵ Alguns acreditam que a melhor expressão seja “intolerância religiosa”. Todavia, no caso das violências praticadas contra as religiões de origem africana no Brasil, o componente nuclear desse tipo de violência contra as Comunidades Tradicionais de Terreiros (CTTro) é o racismo (Nogueira, 2020, p. 44); ou ainda “o Racismo Religioso vai muito além do que desqualificar uma crença Ele é vil, danoso, porque sabota, ou pelo menos tenta sabotar, o que um povo tem de mais sagrado e escolheu para sua fé, e no nosso caso vem acompanhado daquilo que é considerado marginal pelo racista” (Nogueira, 2020, p. 46).

⁵⁶ Conduz a oração nesse momento, puxar significa: iniciar, conduzir.

substituir a mãe da casa no momento do culto caso ela não possa conduzir, porém a centralidade da casa e das festividades está em torno das mulheres.

Assim, sendo elas a maioria na casa e centrais tanto no que diz respeito ao trabalho manual quanto espiritual, é necessário, a seguir, saber também das entidades que correspondem não só a figura de Maria, como Iemanjá/Oxum, passando por aquela que rege/governa a casa, como àquelas entidades que apresentei os nomes acima, mas também as entidades que são mães de cabeça das filhas/mulheres/interlocutoras desta pesquisa.

3. “SOU UMA, MAS NÃO SOU SÓ”: MITOLOGIA DAS ORIXÁS, ENCANTADAS DA IALORIXÁ E GUIAS DE FRENTE⁵⁷ DAS FILHAS DA CASA

A música “Povoada”⁵⁸ representa bem esse tópico sobre o qual versa a temática das mitologias das entidades femininas que encontrei na casa da Mãe Meridalva. É possível perceber várias entidades se analisarmos somente a mediunidade da Ialorixá. Neste tópico, destaco aquelas entidades que tive contato e pude observar comportamentos, interação com as pessoas e também que eu pude conversar. Em se tratando de entidades masculinas, da crôa de Mãe Meridalva, eu só vi uma e por duas vezes de maneira muito rápida, essa entidade é Seu Baiano Grande. A primeira vez que o vi, Seu Baiano Grande, ele somente me disse seu nome, na segunda vez, em junho/2024, também não pude conversar muito com ele pois havia pessoas para cumprimentá-lo e a sua demora foi pouca, logo foi sucedido por Dona Maria Légua Boji Buá. Notei que esse encantado é uma entidade muito querida no terreiro, algumas filhas da casa estavam emocionadas por vê-lo por lá, também porque a sua passagem não costuma ser tão frequente como as demais entidades femininas aqui descritas.

Devido meu contato com as entidades femininas em dias de festas, tornou-se necessário trazer para este trabalho informações sobre quem são elas, e isto será feito por meio das mitologias, busquei suas histórias tanto na literatura quanto nas narrativas das mulheres com as quais foi desenvolvida esta pesquisa, mas sobretudo a dirigente do terreiro Mãe Meridalva.

E por que entidades femininas? Porque foram as que tive toda aproximação e também as que eu pude observar, sem contar que adotamos (as colaboradoras e eu) a opção metodológica de nomeá-las pela entidade mãe de cabeça de cada uma delas (orixá de frente), o que acredito ser necessário que falemos sobre elas ainda que de maneira breve e não somente mencioná-las nos nomes das colaboradoras deste trabalho. A

⁵⁷ Apesar de no terreiro os encantados e encantadas serem chamadas também por orixá algumas vezes, opto por diferenciar esses dois termos.

⁵⁸ “Povoada quem falou que eu ando só? Nessa terra, nesse chão de meu Deus sou uma, mas não sou só. Povoada quem falou que eu ando só? Tenho em mim mais de muitos, sou uma, mas não sou só”. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sued-nunes/povoada/>, acesso em 30/09/2024.

mitologia⁵⁹ das orixás me apoia no sentido de que se fez necessário aprender e compreender quem são essas orixás, que papel elas desempenham nessa casa, como por exemplo a própria Mãe/Ialorixá da tenda, que afirma ser sua mãe uma orixá e carrega isso em seu nome, “Ialorixá Meridalva de Oxum”⁶⁰.

Esses seres espirituais desempenham papel fundamental em toda a dinâmica das relações e por isso não poderia deixar de trazer para o corpo deste trabalho um pouco sobre quem são, como se apresentam e quais papéis desenvolvem para que assim fosse possível uma análise das representações a partir do que li, vi e ouvi sobre estas. Julgo esse capítulo um eixo ou um ponto de intersecção com os demais, nele se desdobram as relações da entrada em campo sem a qual eu não teria acesso a informações que aparecem e que se ocultam (por obediências as regras da tenda) aqui. Isso me fornece suporte para compreender o processo histórico e sincrético, e creio que deste capítulo depende também o desenvolvimento e a compreensão final das representações, pois não é fruto somente de consultas bibliográficas e sim de experiências etnográficas com as quais pude observar também no conjunto dos comportamentos e das relações.

Nesse tópico, falo de algumas entidades femininas do terreiro, mas é necessário observar que não são somente essas encantadas que passam na cabeça de Mãe Meridalva. Muito pelo contrário, ela tem muito mais encantadas e encantados com os quais ela trabalha, por exemplo, Dona Chica Baiana é de uma falange espiritual de baía, mas na crôa de Mãe Meridalva ela desce na falange de Pomba Gira. Contudo, a Ialorixá também tem sua Pomba Gira que é Maria Padilha. Nesta parte, trago ainda as guias de frente das mulheres filhas da casa e que, neste trabalho, são colaboradoras.

⁵⁹ Segundo Mircea Eliade (1972, p. 9) “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos ‘primórdios’. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a ‘sobrenaturalidade’) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.”

⁶⁰ É comum nos terreiros o povo de axé (aprendi nos terreiros a chamar assim as pessoas da Umbanda e Candomblé, Terecô e etc.) se designar com aquele Orixá do qual ele é pertencente, assim temos “Pai Salim de Ogun”; “Mãe Meridalva de Oxum”; outros se designam tanto pelo Orixá como pelo guia do qual é filho/a, por exemplo “Pai Augusto de Oxum e de Valentino Légua”.

Assim, começo a falar primeiro de orixá e depois de encantados/as. No terreiro, muito embora não haja incorporação de orixás, me ensinaram que há uma reverência maior em torno deles, um respeito especial pelos orixás como divindades que parecem ocupar um lugar superior em relação aos encantados. Pude confirmar isso com a Mãe Meridalva (informação verbal, outubro/2024), para saber se realmente a hierarquia se dava desta maneira, como alcançava minha percepção ao que ela confirmou dizendo que:

Os orixás são os orixás, eles são acima dos encantados que trabalham na Umbanda e no Terecô, porque na Umbanda orixá ele não desce ele só, por exemplo protege, como por exemplo: Dona Jarina ela vem na corrente minha das águas, é uma cabocla das águas, portanto ela pode vim na corrente que predomina Iemanjá e Iemanjá é uma Oxum entendeu? Então os orixás eles são mais altos e outra eles não descem na crôa do médium na Umbanda e nem no Terecô, mas tem um encantado específico daquela corrente como da mata, como corrente do povo das águas, de Xangô que predomina e desce na corrente de Xangô de cada um. É como se os encantados, por exemplo, como se os encantados fossem empregados dos orixás, tipo o que fica governando ali, os orixás não descem na Umbanda, então eles são só cultuados, entendeu?

A primeira orixá é Iemanjá porque na mitologia iorubá ela é a mãe de todos e todas, segundo a hierarquia que me ensinaram no terreiro. Em seguida Oxum, orixá que Mãe Meridalva designa como sua mãe no candomblé⁶¹ e também a insere em seu nome (Iarorijá Meridalva de Oxum). Logo após escrevo sobre Dona Jarina que é a dona dessa casa na qual essa pesquisa foi tecida.

Numa conversa informal em junho/2024, enquanto estávamos em um momento de confraternização no terreiro, Dona Maria Légua chegou na cabeça de Mãe Meridalva e conversando com ela sobre a ordem da escrita desse trabalho, em se tratando especificamente das entidades da casa, eu falei que estava seguindo a hierarquia que aprendi com o povo da casa, e Dona Maria Légua respondeu: “tá certo minha filha, tem que ser assim mesmo porque a Jarina é a dona dessa casa e é ela quem manda ni nós outros encantados, e nós só estamos nessa casa porque ela permite, é ela quem governa a gente”. Na sequência falo de Tapuia, pois segundo Mãe Meridalva, essa entidade foi a segunda em seu processo de desenvolvimento espiritual, a primeira foi Dona Jarina. Em quinto lugar, escrevo sobre Dona Maria Légua que é a farrista de crôa da Mãe Merivalda

⁶¹ Segundo Mãe Meridalva ela é feita (palavra usada pelas pessoas da umbanda em Imperatriz para dizer que possui preparação espiritual, cada preparação tem seu tempo de duração e os rituais concernentes a ela) no Candomblé, na Jurema e na Umbanda.

e entidade que mais aparece dentro e fora das festas públicas da casa, e Dona Chica Baiana, a escrava da casa (aquela que muito trabalha).

Em se tratando da Mitologia dos Orixás⁶² o sociólogo Reginaldo Prandi (2001, p. 24) escreve que:

Os mitos dos orixás originalmente fazem parte dos poemas oraculares cultivados pelos babalaôs. Falam da criação do mundo e de como ele foi repartido entre os orixás. Relatam uma infinidade de situações envolvendo os deuses e os homens, os animais e as plantas, elementos da natureza e da vida em sociedade. Na sociedade tradicional dos iorubás, sociedade não histórica, é pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida.”⁶³

Assim sendo, existe os mitos que explicam desde a criação do mundo quanto aqueles que explicam a função ou a força de cada orixá, de modo que a partir desses diversos itãs⁶⁴ o mundo se organiza nessa sintonia cósmica das divindades. Minha dificuldade foi encontrar literatura que versasse de maneira mais específica sobre os/as encantados/as, sobretudo as que aparecem na casa; a respeito dos/das orixás existe uma abundância delas.

Dentro desses itãs, as divindades femininas ocupam lugares de destaque porque elas exercem funções imprescindíveis, não só na gênese como no equilíbrio do mundo, segundo a tradição iorubá. Por exemplo, Nanã “é a guardiã do saber ancestral e participa com outros orixás do panteão da Terra”, ela é a “dona da lama que existe no fundo dos lagos e com a qual foi modelado o ser humano. É considerada o orixá mais velho do panteão na América”. (Prandi, 2001, p. 21)

⁶² Na explicação do antropólogo Pierre Verger (1981, p. 3) “a religião dos Orixás está ligada à noção de família. A família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos. O Orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabeleceu vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização o poder, axé, do ancestral-Orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada. A passagem da vida terrestre à condição de orixá desses seres excepcionais, possuidores de um axé poderoso, produz-se em geral em um momento de paixão, cujas lendas conservaram a lembrança”. Como vemos em Prandi (1998), no Brasil esses orixás são de fato ligados e representados pelos elementos da natureza.

⁶³ A pesquisas de Pierre Verger (1981, p. 2) aponta a informação de que “ainda não há, em todos os pontos do território chamado Iorubá, um panteão dos Orixás bem hierarquizado, único e idêntico. As variações locais demonstram que certos Orixás, que ocupam uma posição dominante em alguns lugares, estão totalmente ausentes em outros. O culto de Xangô, que ocupa o primeiro [...] Oxum, cujo culto é muito marcante na região de Ijexá, é totalmente ausente na região de Egbá. Yemanjá, que é soberana na região de Egbá, não é sequer conhecida da região de Ijexá.”

⁶⁴ “Cada um dos relatos míticos da tradição iorubana. Do iorubá itan” (Lopes, 2011, P. 673)

Ainda sobre as entidades femininas, nesse panteão tem Iansã ou Oiá que “dirige o vento, as tempestades e a sensualidade feminina. É a senhora do raio e soberana dos espíritos dos mortos, que encaminha para o outro mundo” (Prandi, 2001, p. 22). Também tem “Obá dirige a correnteza dos rios e a vida doméstica das mulheres, no contínuo fluxo do cotidiano. Oxum preside o amor e a fertilidade, é dona do ouro e da vaidade e senhora das águas doces” (Prandi, 2001, p. 22).

Ainda segundo Reginaldo Prandi (2001, p. 22), “o culto aos orixás femininos não se completa sem Iemanjá, a senhora das grandes águas, mãe dos deuses, dos homens e dos peixes, aquela que rege o equilíbrio emocional e a loucura, talvez o orixá mais conhecido no Brasil”. Desta maneira, falaremos mais especificamente dessa orixá, conforme segue abaixo:

3.1 “Essa casa cheira cravo, cheira rosas”: Orixá Iemanjá, a dona do tanque e da corrente das águas na Tenda

Iemanjá na Tenda é lembrada sobretudo nas festas do dia dois de fevereiro, que é dia em que a casa festeja Nossa Senhora dos Navegantes/Iemanjá/Toia Jarina. Na Tenda há um tanque de água que fica ao lado direito (tendo como referência a entrada pela porta principal) do altar principal e esse tanque é dedicado a Iemanjá. Esse elemento é típico dos terreiros de Imperatriz, alguns estão no pátio fora dos barracões/salões principais, e outros, como é o caso da casa da Mãe Meridalva, tem o tanque no interior do salão principal, conforme imagem abaixo:

Figura 12 – Salão Principal da Tenda – ao lado direito tanque de Iemanjá



Fonte: autora – dezembro/2023

A função desse tanque, segundo Mãe Meridalva, é em razão de Iemanjá ser mãe do ori, explica: “ela é sincretizada pra gente como uma mãe, mãe de todas as cabeças, devido aí toda uma estrutura dela do início dos tempos”. Por ser assim, há um entendimento de que toda cabeça (todo médium) é também de Iemanjá, todo ori, toda pessoa, mesmo que seja chefiado ou regido por outro orixá. Ela explicou sobre o tanque nas seguintes palavras:

O tanque de Iemanjá pra gente é: porque Iemanjá ela não gosta e não predomina na água do mar? Pois é, para nós zeladores de santo, ali é onde a gente faz as firmezas dos encantados que vem na linha de Iemanjá porque tem várias caboclas, caboclos, preto velhos até mesmo preto velho que vem na corrente de Iemanjá, daquela linha do mar, da água, como: o Seu Barão, como Dom João Soeiro, entendeu? Esses encantados e vudunsos mais velhos, eles predominam a corrente e a corrente que vem predominando das águas do mar, são os encantados do mar, entendeu? (Mãe Meridalva D’Oxum, informação verbal, outubro/2024).

Nas festas da casa que acontecem em dois de fevereiro, é comum cantarem os seguintes pontos de Iemanjá: “*essa casa cheira cravo, cheira rosas, oh cheira mamãe Iemanjá (2x), é Mamãe Sereia, é Mamãe Sereia, é Mamãe ela é Rainha do mar (2x)*” e também “*Iemanjá quando chega leva a gente para o mar (2x), oh me leva me leva Iemanjá, oh me leva me leva para o mar (2x)*”. Convivendo com as pessoas no terreiro em dias de festa dos santos e encantados, e também dias que não eram cerimônias religiosas, pude observar que nos momentos antes e depois das giras, ou mesmo quando

estão em momentos de confraternização da casa, gostam de ouvir pontos dos encantados e não tanto dos orixás.

Também acontece de em momentos de confraternização entre as pessoas do terreiro como, por exemplo, um almoço ou churrasco e mesmo quando é aniversário de alguém, tocam tambor e cantam pontos dos encantados e eles descem para celebrar com as pessoas da casa, para felicitar aquela pessoa que está aniversariando ou até mesmo para aconselhar os demais, etc. Presenciei isso algumas vezes na casa da Mãe Meridalva e também no Terreiro de Santa Barbara, em que fui convidada para um churrasco de aniversário da Mãe de Santo daquele lugar, a quem tenho profunda amizade.

Na casa da Mãe Leia, em determinado momento da festa, a música secular parou de tocar o que mostrava a chegada de Dona Chica Baiana em terra, na cabeça do seu Pai de Santo (Rafael de Chica Baiana). Ela (Chica Baiana) foi somente felicitar a aniversariante (Mãe leia) e cumprimentar os convidados que fizeram filas para pedir a benção e saudar essa entidade. Na ocasião, Dona Chica Baiana fez um discurso sobre a aniversariante e o tempo todo a chamava de filha e manifestava sua alegria em participar daquele momento, dizendo sobretudo que não poderia deixar de ir pessoalmente desejar feliz aniversário para ela. Isso acontece também na casa da Mãe Meridalva, em que Dona Maria Légua ou Dona Chica Baiana desce na cabeça dessa mãe e convive com as pessoas da casa, em diversos momentos que não somente as cerimônias religiosas.

Voltando a orixá Iemanjá, nas informações do trabalho de Reginaldo Prandi, Iemanjá é “uma das mães primordiais e está presente em muitos mitos que falam da criação do mundo” e que “no Brasil ganhou a soberania dos mares e oceanos, regidos na África por Olocum, orixá esquecido no Brasil e pouco lembrado em Cuba, a antiga senhora do oceano, das profundezas da vida, dos mistérios insondáveis” (2001, p. 22). Também na pesquisa de Prandi consta a informação de que:

O culto de Iemanjá na África está associado ao rio Níger e pode ser observado no âmbito da celebração de divindades femininas primordiais, as lá Mi Oxorongá, literalmente, nossas mães ancestrais, donas de todo o conhecimento e senhoras do feitiço, representantes da ancestralidade feminina da humanidade, as nossas mães feiticeiras, mas que entre nós são lembradas muito discretamente em ritos aos antepassados celebrados em velhos candomblés. (Prandi, 2001, p. 22)

Em se tratando da figura das mães ancestrais ou da figura da Grande Mãe em terras brasileiras, O padre Iwashita (1991, p. 198) afirma que “rebeberando-se com as

águas primordiais que banham as praias de nossa terra, ei-la se manifesta nas lendas e nos mitos da Iemanjá de cinco nomes”, ela é “a dona do mar, Iemanjá, Dona Janaína, Dona Maria, Inaê, Princesa de Aiocá”. O teólogo escrevendo poeticamente sobre a presença de Iemanjá nesse país, diz:

[...] podia morar nas cidades do Mediterrâneo, nos mares da China, na Califórnia, no mar Egeu, no Golfo do Benin que dizem que é perto das terras de Aiocá. Mas veio para a Bahia ver as águas do Rio Paraguaçu. E visita Copacabana onde toda uma população de negros e brancos, de mulheres e homens, de crentes e ateus, cristãos e espíritas, na maior exibição de ritual sincretista registrada no mundo, lhe presta as mesmas homenagens que tem recebido através de milênios, de flores e velinhas em generosas dádivas (Iwashita, 1991, p. 199).

Segundo Pedro Iwashita (1991, p. 199) “O culto da Grande Mãe no Brasil, tendo sua expressão no culto de Iemanjá, não é, pois, fenômeno fortuito, mas se insere em movimento coletivo” e afirma ainda, segundo suas pesquisas, que este movimento e esse cultuar “remonta aos tempos mais longínquos, quando os antepassados dos nossos colonizadores cultuavam a Magna Mater, experiência essa que continua viva no inconsciente coletivo e na simbologia” (Iwashita, 1991, p. 199). Desta forma, podemos notar que assim como acontece em Maria, as reverberações da figura da Grande Mãe acontece também em Iemanjá e assim, podemos intuir também, que ocorre com as demais entidades femininas das religiões afro-brasileiras.

Isso pode ajudar a explicar também o fato de que as pessoas dos terreiros estão sempre dizendo Iansã minha mãezinha, mamãe Oxum, Dona Maria Légua minha mãe, Dona Jarina é uma grande mãe e etc.. Pedro Iwashita (1991, p. 302) fala ainda de Iemanjá como “forma de manifestação da Grande Mãe”. No trabalho de Pierre Verger (1981, p.67), consta o significado de “Iemanjá, cujo nome deriva de: ‘Yèyé omo ejá’ (Mãe cujos filhos são peixe)”. Esse autor mostra que ela é “Orixá dos egbá, uma Nação iorubá estabelecida outrora na região entre Ifé e Ibadan, onde existe ainda o rio Yemojá” (Verger, 1981, p.67). E na pesquisa de doutorado de Pedro Iwashita (1991, p. 304) “Iemanjá não é somente mãe de todos os homens, mas também de todos os seres, sobretudo o que pode ser deduzido do seu nome ‘mãe dos peixes’”.

Na escrita do etnólogo aparece ainda a informação de que “Iemanjá seria a filha de Olóòkun, deus (em Benim) ou deusa (em Ifé) do mar” (Verger, 1981, p.68). Ele explica ainda, segundo a mitologia, que “numa história de Ifá, ela aparece casada pela primeira

vez com Orunmilá, senhor das adivinhações, depois com Olofin, rei, com o qual teve dez filhos, cujos nomes enigmáticos parecem corresponder a outros Orixás” (Verger, 1981, p.68). Também na explicação da Mãe Meridalva sobre essa orixá, ela me contou:

No começo dos tempos, Iemanjá é filha de Olokun... um deus né? Porque esses orixás a gente adaptou na umbanda pelo fato deles terem vindo da África que é o berço dos orixás, então, a gente agregou, não só eu, mas outras pessoas que vieram antes de mim que a gente chama de ancestralidade, os mais velhos sempre me contam, desde o meu pai de santo como minha bisavó de santo que alguns meses atrás faleceu, ela nos contava que Iemanjá foi uma filha dentre duas filhas e ela foi sempre preparada pra ser uma mãe, uma mãe como? Já do nascimento dela ela já foi preparada para aquela função né, de ser mãe a provedora do lar a companheira, ser casada. Ela se casou com Oromilá, que se não me engano é um orixá das adivinhações, então ela teve filhos né que foram outros orixás, então ela ficou como sendo né, a protetora da mãe, provedora ali do sustento, protetora do lar, da família, do amor, né, e para nós Iemanjá é uma mãe, as pessoas falam que ela é mãe de todos os orixás, então todas as pessoas que são feitas na umbanda batem cabeça pra Iemanjá por ela ser a rainha do mar, pra nós ela é aquela rainha do mar, né, aquela sereia encantada, quem abençoa os marinheiros, quem abençoa os pescadores, que dar pra gente os nossos peixes, provendo o nosso sustento, né, na nossas casas, entendeu? Então ela traz isso pra nós da religião, esse amor incondicional de mãe, por isso que na religião umbanda diz que ela é mãe, diz que ela é a sereia do mar, na realidade ela é, né! Mas, tem várias outras lendas dela, chamam ela de Mãe d'Água que afundava os barcos quando não se pedia permissão pra tirar os peixes da água, se a Mãe d'Água encantava os marinheiros e pescadores e levava eles pro fundo do mar, muitas, muitas histórias, mas na Umbanda a história que prevalece é essa que ela é a mãe, que ela é a protetora das mulheres do lar e tudo mais. (Mãe Meridalva, informação verbal, janeiro/2023)

Converge no relato mítico da Mãe Meridalva a filiação de Iemanjá com Olokun, no relato dela sobressai sobretudo as características maternas de Iemanjá, como a de que “ela foi sempre preparada para ser uma mãe” e “mãe a provedora do lar a companheira, ser casada” e que “traz isso pra nós da religião, esse amor incondicional de mãe”. A Ialorixá mostra que há outras histórias dessa entidade espiritual e que pode não ser essa mãe terna da qual fala inicialmente, porém ela seleciona essa parte para que seja contada e no final mesmo mostrando conhecimento sobre outras narrativas, ela reafirma que na “Umbanda a história que prevalece é essa que ela é a mãe, que ela é a protetora das mulheres do lar e tudo mais”. Coaduna a esse entendimento o relato feito por Pedro Iwashita (1991, p. 305):

Ela é cultuada no Brasil (também) como a Mãe d'Água. Como mãe d'Água, Iemanjá é nutriz pois dela se espera que alimente os seus filhos. Pede-se a ela uma boa pesca, pois antes de partirem os pescadores dirigem suas preces a Iemanjá [...] segundo uma lenda, Iemanjá apareceu a um velho pescador acompanhada de inúmeros peixes grandes e pequenos. O pescador, que estava enfraquecido, pede ajuda a ela para poder pescar abundantemente. Ao ser perguntada quem era, ela responde, dizendo: Sou Iemanjá, Senhora destas águas. O meu reino é no fundo do mar. E os meus súditos são os peixes, meus

filhos esta noite, quando a lua cheia iluminar estas águas, lança tuas redes e terás peixe farto para comer. E todas as noites, à mesma hora, com a lua ou sem lua, lança a tua rede e nunca mais faltará peixe e nem passará fome.

Ainda em consonância entre a fala da Mãe Meridálva e a pesquisa de Iwashita (1991, p. 305), Iemanjá como a “Grande Mãe [...] não é somente a que dá à luz, a nutriz, mas também a que dá proteção, perto da qual pode-se encontrar refúgio, pois os marinheiros e os pescadores encontram nela refúgio e segurança”. Em se tratando das características e traços físicos das representações de Iemanjá, segundo Pierre Verger (1981, p. 68), em contexto Iorubá/africano, ela é “representada nas imagens com o aspecto de uma matrona, de seios volumosos, símbolo de maternidade fecunda e nutritiva”, o que munda no contexto do Novo Mundo com a Umbanda:

Tomaram Iemanjá como a personificação do bem e da maternidade austera e protetora. Ela é representada como uma espécie de fada, com a pele cor de alabastro, vestida numa longa túnica, bem ampla, de musselina branca com uma longa cauda enfeitada de estrelas douradas; surgindo das águas, com seus longos cabelos pretos esvoaçando ao vento, coroada com um diadema feito de pérola, tendo no alto uma estrela-do-mar. Rosas brancas e estrelas douradas, desprendidas de sua cauda, flutuam suavemente no marulho das ondas. Iemanjá aparece magra e esbelta, com pequenos seios e o corpo imponentemente encurvado. Estamos bem longe da Iemanjá “matrona de seios volumosos” (Verger, 1981, p. 71).

Figura 13 – Tanque de Iemanjá Terreiro Nossa Senhora de Santana



Fonte: autora – julho/2024

As imagens de Iemanjá que estão nos terreiros de Imperatriz que já visitei são nesse mesmo aspecto, conforme a imagem acima do Terreiro de Nossa Senhora de Santana, da casa de Mãe Juliete, e a descrição que está nas pesquisas de Pierre Verger. Para Verger (1981, p. 70) no Brasil “Iemanjá é sincretizada com Nossa Senhora da Imaculada Conceição, festejada no dia 8 de dezembro, e, em Cuba, com a Santa Virgem de Regla, festejada no dia 8 de setembro”, porém ele demonstra também que “na Bahia há o sincretismo que liga Oxum a Nossa Senhora das Candeias, festejada no dia 2 de fevereiro, pois é nesta data que se organiza um solene presente para Iemanjá” (Verger, 1981, p. 70-71).

Isso acontece porque na compreensão de Pierre Verger (1981, p. 71) “o sincretismo entre os deuses africanos e os santos da Igreja Católica não é de uma rigidez e de um rigor absoluto”. Na casa da Mãe Meridalva, Oxum é mais celebrada e lembrada dia oito de dezembro, porém ela mesma já disse em uma das falas acima que também Iemanjá pode ser uma Oxum, na linha das águas das quais ela explicou. Nesse sentido, o dia dois de fevereiro não cabe somente a festejar Iemanjá, mas também Oxum e todas as entidades ligada às águas com ênfase especial, Toia Jarina, filha do Rei Sebastião, da qual falarei de maneira mais extensa em um dos tópicos abaixo.

3.2 “Eu vi mamãe Oxum na cachoeira”: Orixá Oxum na Tenda

Oxum na Tenda Nossa Senhora da Conceição é lembrada com muito mais frequência do que Iemanjá. Ela é lembrada desde o nome da Mãe Meridalva, nos casos das formalidades em cards e convites (Ialorixá Meridalva D’Oxum), também quando ela envia a saudação de todos os dias no grupo de WhatsApp e mesmo quando as pessoas pedem a benção e ela responde com um “Deus e minha mãe Oxum te guarde”, “Deus e os orixás e minha mãe Oxum te abençoe sempre”, ou ainda “Nossa Senhora e minha mãe Oxum te abençoe sempre”. Recentemente, essa Ialorixá recebeu uma imagem de Oxum e presenciei quando ela abriu o presente, se emocionou e disse que aquela Oxum negra é a mesma que ela viu a primeira vez em sua linhagem espiritual, quando ela teve a primeira visão de Oxum era de pele negra que ela descreve como a imagem abaixo:

Figura 14 – Imagem de Oxum – Tenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: autora – agosto/2024

Essa orixá é citada também nos pontos que são cantados na tenda (apesar de ser mais comum pontos dos encantados) e também no grupo de WhatsApp, exemplo disso é o ponto que nomeia esse tópico: “eu vi mamãe Oxum na cachoeira, sentada na beira do rio, colhendo lírio lírio ê, colhendo lírio lírio á, colhendo lírio pra enfeitar nosso Congá”. Também pontos dentre os quais a Mãe Meridalva disse que aprendeu com Mãe Escurinha⁶⁵ que foi quem lhe preparou no Candomblé, os pontos dizem o seguinte: “chama badé Oxum, badé oxum, chama pra maré, chama badé Oxum, chama badé Oxum pra maré” e ainda “Oxum atalai é mulher de ori, Oxum atalai é mulher de ori”. Pedi a Mãe Meridalva que me falasse um pouco sobre Oxum, assim como ela havia feito a respeito de Iemanjá e ela prontamente me disse:

⁶⁵ Também conhecida como Mãe Escurinha de João da Mata, é uma das mães de santo mais velhas da cidade de Imperatriz-MA (tem mais de 100 anos), ela é sacerdotisa do Centro Espírita Oxum Abaluaê que se designa como Terreiro de Candomblé.

A Oxum pra mim abaixo de Deus, como sou filha de Oxum, quem governa minha crôa meu ori é Oxum e é uma mãe amorosa, as pessoas falam assim que Oxum ela é carinhosa, mas também ela é muito cheia de força sabe? Ela percorre assim com uma total força e mansidão ao mesmo tempo, ela tem o lado dela que tanto ela protege, ela cuida mas também ela tem o lado dela vamos dizer assim negativo que ela às vezes mata abraçando sem fazer nenhuma bramura⁶⁶, sempre com maior frieza, e as pessoas que eu conheço de Oxum elas tem esse lado muito vaidoso, esse lado mãe, mas também muito zangada, muito revoltado assim sabe, não gosta de obstáculos porque todos os obstáculos são superados e ela mesmo diz né que os filhos dela traz essa força essa força de percorrer qualquer obstáculo e conseguem persistentes, mas também tem o lado que é candura, que é amor, que é carinho, principalmente com as crianças e as crianças adoram as pessoas de Oxum, são muito e muito apegadas, elas sentem né esse lado dela de mãe de amorosa, eu creio que por ela ter tido as pessoas falam que ela teve só um filho né que ela amou que ela teve mesmo e que ela sofria de saudades do filho dela que era Logun Edé, então assim ele não foi sempre criado por ela foi criado por Oxóssi que é o pai. Dizem que Oxum teve Oxóssi como marido e teve Ogum se não me engano, mas ela era muito amorosa com Ogum, foi essa a questão da junta dela com ele e Xangô também. Mas assim, como eu sempre costumo dizer assim que a personificação que a gente fala, a personificação de Oxum é a beleza, é a vaidade e o amor né, ela tem isso de conquistar e de amar, as pessoas amam e conquistam Oxum e assim Oxum conquista de uma certa forma que no lado dela positivo é muito bom mas também tem o lado negativo que traz algumas coisas referentes a ciúmes, a desentendimentos, a brigas, entendeu, tão tanto que quando a gente coloca omolocum⁶⁷ com o fundamento dela a gente tem alguns preceitos que a gente pede naquela comida de oferenda, paz, harmonia e tranquilidade no terreiro. Mas pra mim Oxum ela é uma mãe que eu amo demais sabe? Quando eu tô naquele momento muito revoltado, muito forte e impetuoso que eu tenho esse lado, ela chega e me dá a brandura, a calma e isso eu agradeço muito. (Informação verbal, outubro/2024)

A Mãe Meridalva ressalta os atributos de Oxum sobretudo as características maternas como “mãe amorosa”, “carinhosa” e é interessante como ela faz um contrapontos para ressaltar traços que parece contrastar a figura da mulher-mãe na parte “mas também ela é muito cheia de força”, mesmo quando ressalta a “total força” logo vem a palavra “mansidão”. Oxum ao mesmo tempo que “protege e cuida” também “mata abraçando” sem fazer muitos alardes para isso (“bramura”) e “com maior frieza”, e isso ela destaca como o lado negativo da orixá. De certo que a Ialorixá afirma que Oxum tem em seus filhos esses dois lados, são vaidosos e tem o “lado mãe”, ao mesmo tempo que que lembra os aspectos contrastantes como “zangada” e “muito revoltado”.

Em seguida a Mãe Meridalva reafirma os aspectos que ela aponta como positivo que são “candura”, “amor” e “carinho”. Outro ponto que destaco como interessante em

⁶⁶ Bramura significa fazer gestos que chamam a atenção, que faz grandes alardes, que faz bagunça ou algo nesse sentido de despertar olhares com barulhos e gestos como gritos e etc.. Não fazer “bramura” significa agir discretamente e em silêncio.

⁶⁷ De acordo com a enciclopédia de Ney Lopes (2011, p. 971), Omolocum é “comida ritual de Oxum, feita com feijão-fradinho e ovos cozidos”

seu relato de Oxum é o de que ela “teve só único filho” e que não foi ela quem o criou, mas sim o pai (Oxóssi) e que por ter ficado longe do filho e porque ela “sofria de saudades”, significa dizer que ela amou muito e hoje esse amor se espalha para as pessoas e “principalmente com as crianças”. No final do seu relato a Ialorixá fala diretamente de si, porém quando ela encerrou falando que “quando eu tô naquele momento muito revoltado, muito forte e impetuoso” e reitera “eu tenho esse lado”, ela justifica sua identidade à identidade da orixá em narrativa, trazendo em sua personalidade traços da personalidade outrora atribuída a Oxum, mesmo citando apenas os aspectos negativos ela assevera receber os aspectos positivos com a frase final em que Oxum “chega e me dá a brandura, a calma”.

Enquanto Iemanjá está associada às águas salgadas, Oxum também está associada às águas, mas seu domínio são as águas doces. Em África ela “é a divindade do rio de mesmo nome que corre na Nigéria, em Ijexá e Ijebu” (Verger, 1981, p. 62). Oxum é comumente chamada conforme consta nas pesquisas de Pierre Verger (1981, p. 62) de “Ìyálódè (Iaodê) título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre todas as mulheres da cidade. Além disso, ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre a água doce, sem a qual a vida na terra seria impossível”, ela também é solicitada pelas “mulheres que desejam ter filhos dirigem-se a Oxum, pois ela controla a fecundidade, graças aos laços mantidos com “Ìyámi-Àjé” (Minha Mãe Feiticeira)” (Verger, 1981, p. 62). Nesse sentido o próprio Pierre Verger (1981, p. 62) faz o seguinte relato:

Quando todos os Orixás chegaram à terra, organizaram reuniões onde as mulheres não eram admitidas. Oxum ficou aborrecida por ser posta de lado e não poder participar de todas as deliberações. Para se vingar, tornou as mulheres estéreis e impediu que as atividades desenvolvidas pelos deuses chegassem a resultados favoráveis. Desesperados, os orixás dirigiram-se a Olodumaré e explicaram-lhe que as coisas iam mal sobre a terra, apesar das decisões que tomavam em suas assembleias. Olodumaré perguntou se Oxum participava das reuniões e os orixás responderam que não. Olodumaré explicou-lhes então que, sem a presença de Oxum e do seu poder sobre a fecundidade, nenhum de seus empreendimentos poderia dar certo. De volta a terra, os Orixás convidaram Oxum para participar de seus trabalhos, o que ela acabou por aceitar depois de muito lhe rogarem. Em seguida, as mulheres tornaram-se fecundas e todos os projetos obtiveram felizes resultados.

O mito mostra Oxum como mulher habilidosa que sabe subverter a ordem das coisas estabelecidas sem usar de violência ou discussão ou como disse a Mãe Meridálva “sem fazer nenhuma brama”, ela é a mãe que cuida, mas também dizem que é cheia de amor-próprio, pois “Oxum limpa suas joias de cobre antes de limpar seus filhos” (Verger,

1981, p. 65). Em Pierre Verger, o arquétipo de Oxum é o “das mulheres graciosas e elegantes, com paixão pelas jóias, perfumes e vestimentas caras. Das mulheres que são símbolos do charme e da beleza”, o que conflui nesse sentido o relato da Mãe Meridalva, quando diz que a “personificação de Oxum é a beleza, é a vaidade e o amor”.

Segundo um dos itãs escritos por Reginaldo Prandi (2001, p. 320), Oxum é filha de Iemanjá com Orunmilá, mesmo Iemanjá sendo esposa de Oxalá, nessa mesma época. Aconteceu de Orunmilá se encantar com a beleza de Iemanjá e depois que ela o visitou, mesmo o mito informando que não se sabe o que houve ao certo neste encontro, Iemanjá engravidou e por ter outros, muito outros filhos, Oxum “foi criada pelo pai, que satisfazia todos os seus caprichos. Por isso cresceu cheia de vontades e vaidades” (Prandi, 2001, p. 321). O que faz recordar a fala da Mãe Meridalva que também o filho de Oxum “foi criado por Oxóssi que é o pai”, assim como ela, pelo que podemos observar.

3.3 “Pois ela é filha do Rei Sebastião”: Cabocla Toia Jarina da Conceição a Dona da Tenda

Dona Jarina é a entidade chefe da casa de Mãe Meridalva, como já dito antes neste trabalho, e isso se dá porque essa encantada é chefe de croa desta dirigente, ou seja, sua mãe de cabeça, guia de frente ou orixá de cabeça. A festa de Toia Jarina acontece dia 02 de fevereiro, onde a casa celebra também Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes, porém Toia Jarina, por ser a principal celebração da Tenda neste dia, recebe maior destaque. A preparação da festa começa nove dias antes, como me explicou a Filha de Dona Joana Gunça : “são nove dias sem beber, sem comer carne vermelha, sem namorar [sexo] e fazendo orações todos os dias no terreiro”, dentre essas orações a principal delas é o terço.

É importante observar que essa preparação não é somente na festa de Dona Jarina, em outras festas grandes da casa também é necessário que médiuns adotem tais critérios. Além do preparo através das rezas, há também a organização do espaço que conta com decoração do salão usando flores, luzes e um trono preparado para a dona da festa, contendo ao lado, numa pequena mesa, sua garrafa de bebida em balde de gelo e cigarros. Apesar de ter cigarros nesta mesa, eu nunca presenciei Dona Jarina fumando em nenhuma das vezes que a vi em terra na cabeça de Mãe Meridalva.

Figura 15 – Toia Jarina da Conceição



Fonte: autora – fevereiro/2024

Dona Jarina senta nesse trono depois de toda a cerimônia de entrada que acontece da seguinte maneira: pela manhã, por volta das cinco e meia da manhã, os/as médiuns despertam, já dormem lá na noite anterior geralmente em colchonetes dentro do salão onde acontece a festa. O ritual inicial inclui momentos como reza do terço, pontos cantados (músicas de Nossa Senhora), banhos com ervas e gira inicial para receber Dona Jarina na cabeça da Mãe Meridalva que faz o banho de croa⁶⁸ dos/as médiuns da casa⁶⁹.

⁶⁸ Momento que faz o ritual de banho na cabeça do/a médium.

⁶⁹ Essa descrição foi feita pelas filhas da casa na festa do dia dois de fevereiro de 2024, muito embora eu esteja inserida nas atividades do terreiro, eu nunca pude acompanhar as cerimônias desde o início por não poder dormir no terreiro e por não ter transporte próprio para me deslocar nesse horário inicial. Então escrevo o que elas me disseram e gravaram para que eu pudesse ver depois.

Essa festa inicia dia dois e se estende até a manhã do dia três de fevereiro. Durante o dia outras entidades passam na cabeça da Mãe Meridalva que costuma ser geralmente Dona Maria Légua e Chica Baiana. Durante o dia tem o toque de tambor, o almoço é distribuído de forma gratuita para todas as pessoas que visitam o terreiro. À noite, após o jantar, tem o momento de organizar os últimos detalhes para a “saída de Dona Jarina”. Tanto médiuns quanto a própria Mãe da casa se vestem com roupas preparadas exclusivamente para esta ocasião. Todos esses detalhes de roupa são anteriormente decididos pela Mãe Meridalva com Dona Jarina, e às vezes Dona Maria Légua, e depois é repassado para a costureira dos terreiros de Imperatriz Dona Meire a quem chamam carinhosamente de Meirinha, ou Meire de Raimundo Légua, a quem eu acostumei chamá-la de madrinha.

No último festejo de Iemanjá/Nossa Senhora dos Navegantes/Toia Jarina (02 de fevereiro/2024) pude acompanhar mais de perto, pois estive na organização das roupas das meninas e também fui eu quem auxiliei a Mãe Meridalva a se vestir/paramentar para receber sua encantada chefe. O preparo aconteceu no cômodo atrás do salão, esse lugar é chamado “quarto de Dona Jarina”, que é o mesmo quarto descrito na planta do terreiro (figura 6) como “quarto de atendimento” que fica entre a área de serviço e o banheiro.

Nesta noite, como todas as filhas da casa estavam se arrumando para o grande momento que é o auge da festa, eu estava auxiliando-as, quando fui (a pedido da filha de Dona Maria Redonda) ajudar a Mãe com a vestimenta dela ou vestimenta de Dona Jarina. Quando terminei de vesti-la e ela sinalizou que estava tudo certo, perguntei se precisava de algo a mais e me pediu um copo de água, porque fazia calor nessa noite e ela transpirava muito devido ao volume das vestes. Nesse instante os/as médiuns adentravam o local para se reunir com Dona Jarina que estava prestes a chegar.

Figura 16 – Toia Jarina da Conceição momento da sua chegada/incorporação



Fonte: autora – fevereiro/2024

Quando retornei trazendo a água, Dona Jarina estava chegando em sua cabeça, foi o instante que registrei em fotografia (imagem acima). Ela chegou, cumprimentou a todos/as, cantou doutrina e as pessoas presentes emocionadas nesse momento, também foram saudando-a, individualmente, pedindo a benção e conversando com ela e Dona Jarina foi dando os comandos⁷⁰ para cada filho e filha médium da casa (também fez isso para toda a casa em vários sentidos, material e espiritualmente) e também entregou para cada um/a a guia que havia sido preparada há alguns dias. Essas guias estavam

⁷⁰ Não tenho autorização para falar das coisas que ouvi, são muitas de cunho espirituais e íntimos que envolvem a casa ou fundamentos espirituais e etc. O que estou relatando é tudo que neste momento e para este trabalho posso dizer. Permaneci no local com a autorização e convite prévio da Mãe Meridalva e depois com autorização de Dona Jarina, que conversou comigo também nesse momento de sua chegada, entre as muitas coisas que ela me disse, ela me agradeceu pela contribuição e carinho para com a Tenda e me deu alguns conselhos e como eu era a última pessoa a falar com ela naquele quarto, ela se organizou para a cerimônia de saída.

mergulhadas em um líquido (que não me fora revelado do que era feito)⁷¹, dentro de uma bacia de alumínio e coberta com outra bacia igual.⁷²

Figura 17 – Filhos e Filhas recebendo a guia e benção de Dona Jarina



Fonte: autora – fevereiro/2024

Essas guias haviam sido preparadas há alguns dias antes e foram usadas durante todo o restante da festa. Após essa (re)união com filhos e filhas (fui a última a falar com ela), Dona Jarina disse estar pronta para sua saída, momento aguardado por todas as pessoas que estavam no terreiro. Dona Jarina sai em cortejo⁷³ que na ordem está uma criança jogando pétalas de flores pelo caminho que ela irá traçar até chegar no interior do salão principal, logo após está o seu Pai de Santo (Pai Salim de Ogum) que vai cantando

⁷¹ Percebo que há sempre um zelo pelos fundamentos espirituais da casa, é preciso preservar segredos, os segredos parecem guardar forças ou pelo menos os mistérios dessas forças. Uma vez revelados os segredos, a pessoa se torna vulnerável espiritualmente falando, porque no terreiro aprendi que pode haver também aqueles/aquelas que lhe querem o mal e deixar que saibam seus segredos ou “fundamentos” no mundo espiritual é ser vulnerável, no sentido de que o outro pode te atacar através desse conhecimento. Por outro lado, ter segredos desta natureza intui-se que há algo muito poderoso, tão poderoso que não é qualquer pessoa que pode saber, logo, ter acesso a isto é consequência ou de um grau de pertencimento muito forte ou privilégios que com toda a certeza não são para muitas pessoas.

⁷² Também o preparo dessas guias até ser entregue nesta noite não tenho autorização para revelar porque são fundamentos espirituais, faz parte de segredos espirituais da casa e da própria Mãe Merdalva.

⁷³ Esse momento pode ser conferido no material audiovisual que produzi e que está disponível na página do Instagram da casa de Mãe Merdalva. Toia Jarina. Disponível em <https://www.instagram.com/p/C3BSJBmu1T2/>. Acesso em 12/06/2024.

pontos/doutrinas⁷⁴ enquanto ela vai caminhando ao lado de uma adolescente que segura sua mão. Ela passa pelo cruzeiro e faz reverências, bem como na porta do salão antes de entrar e nesse momento há explosão de fogos de artifícios na porta externa do terreiro, para celebrar o grande momento que é a entrada da dona da casa no salão principal, nisto já se aproxima de meia noite.

A cerimônia continua no interior do salão com pontos cantados enquanto a Mãe faz reverência diante do altar e da Guma⁷⁵. Em seguida, todos os filhos e filhas da casa se deitam no chão enquanto ela os abençoa cruzando as mãos por cima deles, ao se levantarem pedem a benção novamente e Dona Jarina, que além de abençoá-los/as, beija suas mãos e cada um/uma beija as mãos dela de volta, também acolhe com abraços⁷⁶. Após filhas e filhos da casa, as demais pessoas que estão no salão também podem cumprimentar a dona da festa.

Seguidamente, acontece a primeira gira da noite iniciada por Dona Jarina com filhos e filhas da casa, e somente depois que fazem a primeira gira é que as demais pessoas seguem fazendo o mesmo. Quando Dona Jarina pega o microfone, ela puxa o seguinte ponto/doutrina: “Jarina é flor é flor é flor do mar, Jarina é flor dos orixás, mas quando ela vem mamãe beirando o mar, Jarina é flor dos orixás”.

Em visita a Mãe Meridalva perguntei sobre Dona Jarina para que ela me contasse aquilo que ela podia sobre essa encantada, ao que ela me respondeu:

Dona Jarina é uma das princesas mais doces e cultas, ela não mudou o jeito dela, a personalidade dela, pelo contrário, mais ainda na área da vida, na área nossa de religião ela é uma das guias que mais protege a família, a parte do amor, da saúde e da tranquilidade, então dona Jarina é aquela princesa que ficou na área do amor, da tranquilidade, da paz, do amor verdadeiro, de cuidar de crianças [...] então ela ficou na praia de São Luís, e rei Sebastião adotou ela, tem uma doutrina que fala sobre isso, porque Jarina não se acostumou nem no mar e nem nas matas como suas irmãs, ela preferiu ficar no castelo de rei Sebastião [...] então quando eu faço a festa dela dia 02 de fevereiro ela vem na corrente de Iemanjá, mas assim, ela me pediu essa festa, né, no mês de

⁷⁴ O primeiro ponto cantado enquanto ela sai do quarto: “*A missão de hoje é linda meu pai, a missão de hoje é linda meu pai, o meu pai me chama na Lagoa do Jucá, minha mãe me chama na Ilha dos Orixás*”.

⁷⁵ Guma ou Guna é o mastro que está localizado no meio dos salões dos terreiros. Neste lugar existe fundamentos espirituais enterrados onde a madeira é fincada. Esse lugar é muito importante para a energia de incorporação das entidades nos médiuns pois o culto público acontece girando em volta daquele mastro. Há terreiros, inclusive em Imperatriz que não tem esse mastro, mas há no meio do salão um ponto que mostra que ali está enterrado o fundamento espiritual da Guma/Guna.

⁷⁶ Nesse momento, Pai Salim, que ainda está dirigindo essa cerimônia de entrada, canta a seguinte doutrina: “se tu és filho de santo, se tu és filho de fé, se tu és filho de santo, se tu és filho de fé, ora bata com a cabeça e peça tudo que quiser”.

fevereiro, pelo fato que mãe Iemanjá, ela protege e guarda as famílias e ela (Jarina) na vibração de Iemanjá ela é muito protetora pra proteger família, pai, mãe, filhos, entendeu? Então dona Jarina tem isso dela. (Mãe Meridalva, informação verbal, janeiro 2023)

A fala da Mãe atesta que Dona Jarina é filha de rei Sebastião⁷⁷. No trabalho da professora e pesquisadora Taissa Tavernard de Luca (2014, p. 242), Dom Sebastião faz parte dos “reis ou nobres europeus – em sua maioria portugueses – ligados a história colonial brasileira que foram divinizados e inseridos no bojo de uma religião negra”, ele é um “soberano lusitano que morreu lutando contra os mouros na batalha de Alcácer Quibir” e ela faz isso “na tentativa de mostrar como esse sujeito histórico migrou para o imaginário e se transformou em mito”. A autora escreve ainda que:

Dom Sebastião foi o décimo sexto rei de Portugal, nasceu em Lisboa em 20 de janeiro de 1554. Filho póstumo do príncipe D. João III e de Dona Joana, filha do Imperador Carlos V. Pertencente à dinastia de Avis, foi o único varão vivo de um conjunto de 10 filhos. Seu pai morreu quando ele ainda estava no ventre. Foi chamado de “O Desejado”, uma vez que seu nascimento teria sido profundamente esperado pelo povo português, temeroso em perder sua soberania para Castela, após a morte de D. João [...] foi feito rei com 3 anos e sua regência foi disputada entre sua avó, Dona Catarina e seu Tio Avô o Cardeal Henrique, ligado a Companhia de Jesus, durante toda a sua infância. (Luca, 2014, p. 245)

Acontece que após o episódio da morte de Dom Sebastião a sua figura passa a ser tratada como mítica, ou seja “o fantástico prevaleceu ao longo das narrativas uma vez que os fatos feriam, humilhavam o brio da nação” e ainda “questionava-se a vitória dos marroquinos, afirmava-se que ela era efêmera, pois o rei ainda estava vivo e voltaria a aparecer para tirar seu povo do julgo espanhol e exterminar os infiéis” (Luca, 2014, p. 247).

Nesse trabalho, a professora Taissa analisa “inúmeras narrativas sebastiânicas, construídas por diversos religiosos afro-brasileiros” (Luca, 2014, p. 244) e dentre estas está a narrativa de Pai Tayandô (Luca, 2014, p. 256) que diz o seguinte sobre Rei Sebastião:

Rei Sebastião foi um Rei de Portugal, muito novo. Assumiu muito novo o reino. E foi criado sob a tutela católica apostólica romana. Ele quis combater os sarracenos, os mouros no Marrocos. Começou a fazer uma campanha na Europa, França, Espanha para que arranjasse soldados, condições para ir para África, combater os sarracenos, os pagãos. Ele partiu, foi pra lá com um bom exército e na batalha de Alcaçer Quibir ele sucumbiu. Não encontraram o

⁷⁷ Pai Salim de Ogum do Templo Sagrado de Umbanda Nossa Senhora Aparecida me explicou que “Rei Sebastião é o rei de encantoria”.

corpo. Quer dizer que quando ele desapareceu era um jovem, e é a partir deste momento que a parte mística conta que ele foi atingido por um feitiço feito pelos sarracenos que levou ele daquele local para uma zona tridimensional que nós chamamos de encantaria, que não tem tempo nem espaço. Nessa viagem de lá, ele ficou desorientado, não foi só ele, vieram alguns soldados com ele.

Ele continua a falar sobre esse personagem de acordo com a sua tradição:

O que conta a tradição da minha casa é que ele veio bater na Bahia. A tradição conta que lá ele quis criar o reino dele e se formou um portal lá que hoje é conhecido como Sete Cidade Encantadas. Atribuiu-se que ele quis se estabelecer lá com a corte dele, só que ficou difícil porque lá ficou muito visível. As pessoas chegavam lá e tinham facilidade de enxergar as entidades. Ele não achou bom e veio embora. Foi em vários lugares. Tem vários lugares aí no sertão que dizem que rei Sebastião passou. Até que ele chegou em São Luís do Maranhão, chegou na praia do Lençol. Lá ele se identificou com o local onde ele foi encantado, não com o local de origem dele, Portugal. A identidade com o local onde se encantou. Era um deserto no Marrocos, o lugar onde foi feita a batalha, era uma beira de deserto, tudo areia. Jamais ia fazer a casa dele sobre a terra, deixar algum portal na terra. Então ele levantou a beira da praia e lá em baixo da praia do Lençol ele construiu o seu castelo e lá formou a sua encantaria, uma cidade todinha ligada a rei Sebastião. (Luca, 2014, p. 256)

No terreiro da Mãe Meridalva, em dias de festas ou até mesmo no grupo de WhatsApp, as filhas cantam com muita frequência uma doutrina que diz: “*Jarina é moça nobre é de alta posição, pois ela é filha do Rei Sebastião*”. Isso demonstra a nobreza de Toia Jarina, por ser nobre ela também não bebe qualquer bebida quando está em terra. Em sua festa, a sua bebida favorita e que lhe é oferecida é champanhe, quando essa encantada está em terra, o seu comportamento é de delicadeza nos gestos, no falar e até mesmo na maneira de dançar.

Outras doutrinas que pude observar que cantam sempre quando Dona Jarina chega em terra é a de que ela é uma flor, mostrando ainda assim os traços femininos e de delicadezas como: “*Jarina é flor dos orixás*”. Outra doutrina que recorda esses traços é: “*nessa casa tem uma rosa e a dona dela é uma flor, é no beijo do mar é no beijo do mar é no beijo do mar é no beijo do mar, Toia Jarina veio aqui pra festejar*” e ainda “*Chegou a linda flor das cabaceiras, chegou a linda flor do mar, chegou a moça linda dos lençóis a linda flor do Maranhão, filha do Rei Sebastião*”.

A doutrina que não pode faltar em festa de Dona Jarina é esta: “*lá na praia dos lençóis, lá tem três maresias faladas, é numa delas é numa delas, é numa delas que Toia Jarina é encantada*”. Também é frequentemente cantado pelas pessoas da casa no grupo de WhatsApp. Esse ponto faz afirmação de pertencimento e identidade dessa encantada,

as doutrinas tem essa capacidade de numa repetição de curtas frases dizerem quem é o/a encantado/a, elas realmente ensinam as pessoas da religião (própria pedagogia da oralidade).

Curiosamente, Pai Salim de Ogum, que é o Pai de Santo de Mãe Meridalva, tem como entidade de sua croa o Rei Sebastião. Há um dia específico que esse encantado passa em sua cabeça. No trabalho de Polyana Almeida e Rogério Veras (2022, p. 197), Pai Salim informou que seu “patrono e desembargador de corrente é o Rei Sebastião, que passa na casa uma vez ao ano e sempre dia 12 de outubro, disse ele, ‘eu fui escolhido por Deus’”. Na ocasião ele mostrou a seguinte fotografia que fica em seu quarto de santo:

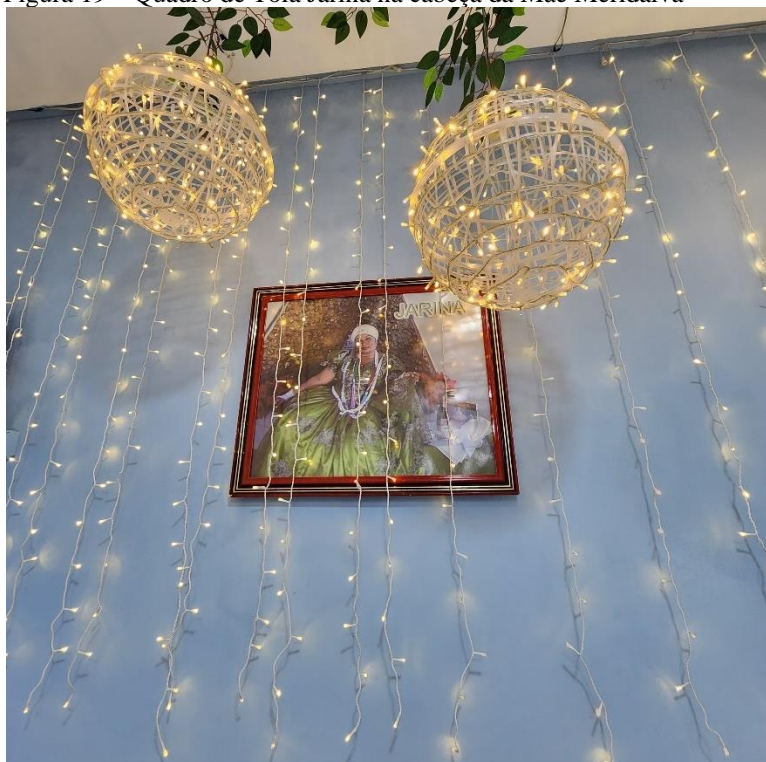
Figura 18 – Quadro de Rei Sebastião na cabeça de Pai Salim de Ogum



Fonte: autora, junho/2021

Essas fotografias com o/a encantado/a principal do terreiro na croa de Pais e Mães de Santo costumam ficar em lugares de destaque nas tendas/barracões, pude observar sobretudo na casa de Pai Salim, e na casa de Mãe Meridalva é a foto de Toia Jarina (figura abaixo), também percebi isso quando visitei um terreiro de Candomblé em Belém do Pará em julho/2023. Na fotografia acima podemos notar alguns detalhes da nobreza de Rei Sebastião, sobretudo o trono em que está sentado, o cetro real em sua mão direita e a coroa em sua cabeça, esses elementos de sua indumentária são para que não reste dúvidas de que é um rei.

Figura 19 – Quadro de Toia Jarina na cabeça da Mãe Meridalva



Fonte: autora, fevereiro/2024

Ainda no texto de Polyana Almeida e Rogério Veras (2022, p. 197), Pai Salim faz a seguinte explicação:

Meu patrono é Rei Sebastião. No mundo espiritual da umbanda existe três reis: Rei Sebastião que é rei de encantoria, Rei Salomão que é rei de sabedoria e Rei Légua Boji que é rei de força. Pra mim e para as pessoas é um privilégio, são poucas pessoas médiuns que recebem Rei Sebastião, aqui em Imperatriz, por exemplo, eu praticamente não conheço ninguém. Ele (Rei Sebastião) passa dia 12 de outubro. Às 10 horas da manhã ele me apanha e 12 horas ele vai embora. Ele passa duas horas em terra e nessas duas horas ele faz o batismo dos médiuns que já estão prontos.

Perguntei a mãe Meridalva qual o papel de Dona Jarina na casa e ela me respondeu:

Dona Jarina ela é uma mãe né que ela é, a mãe é tipo assim a chefe da casa, ela manda outras pessoas, outros guias como no caso Dona Chica Baiana, Dona Maria Légua, Seu Baiano Grande, manda os outros Caboclos né, pra fazer determinadas coisas né no terreiro que ela não faz. Então ela só vem de ano em ano então de seis em seis meses se tiver alguma necessidade muito grande no terreiro, alguma mudança, alguma obrigação muito séria, entendeu? (Mãe Meridalva de Oxum, informação verbal, maio/2024)

Não é tão comum conversar com Dona Jarina, ela não desce em terra com muita frequência nas festas públicas e quando desce ela demora pouco tempo, se não for sua festa dia dois de fevereiro e geralmente está a serviço de toda a cerimônia preparada para ela e dos cumprimentos dos terreiros visitantes. No início da minha pesquisa, eu a via com mais frequência e conversava com ela com mais frequência, e neste trabalho eu não consegui pedir para que ela contasse um pouco de sua história. No terreiro também há uma imagem de Toia Jarina:

Figura 20 – Imagem de Toia Jarina



Fonte: autora, abril/2024

A imagem de Toia Jarina é uma cabocla ou mesmo indígena, ela segura uma cobra que é o seu símbolo de força e a Mãe Meridalva já me contou algumas vezes que ela também vira cobra. Na casa de Mãe Meridalva (incorporada), Toia Jarina é muito respeitada e também temida, no sentido de que ela é a chefe. Na casa as filhas se denominam algumas vezes de “as jarinetes”, demorei compreender do que se tratava essa denominação, apenas com o convívio pude entender que se tratava das filhas de Dona Jarina. O termo se explica a partir da lógica que, se Dona Jarina é Mãe de cabeça da

dirigente deste terreiro (Mãe Meridalva), logo ela é também a mãe de todas e todos, desse raciocínio é que se denominam “as jarinetes”.

3.4 “Oh minha gente Tapuia por aqui passou”: Cabocla Tapuia, a criança/menina da tenda

Tapuia é das encantadas descritas neste trabalho a que tive menos contato na casa porque só pude acompanhar duas festas dela, quando desce ela brinca muito e a atenção dela é bastante disputada com as demais crianças espirituais que descem na cabeça das demais médiuns, outra razão é que ela quase não desce na cabeça da mãe nas demais festas. A sua celebração é feita no dia vinte e sete de setembro, dia de Cosme e Damião ou festa dos Ibêjis/Êres⁷⁸.

Nesse dia a festa é toda ela praticamente voltada para as crianças, com doces, brinquedos e um mini parquinho montado nas dependências do terreiro para as crianças se divertirem, é assim porque a Mãe Meridalva faz desse dia uma Ação Social que é realizada pelo Instituto Nossa Senhora da Conceição (razão social do terreiro/CNPJ). É um instituto criado pela própria casa a fim de desenvolver projetos sociais para as famílias carentes do bairro e adjacentes. Esse projeto até o presente momento acontece contando com o apoio de doações de pessoas que decidem colaborar com brinquedos, comidas ou mesmo custeio da montagem do parquinho.

⁷⁸ Segundo Lopes (2011, p. 642), são “orixás menores da tradição nagô, protetores dos gêmeos, no Brasil identificados com os santos católicos Cosme e Damião. Em Cuba são tidos como macho e fêmea, filhos de Xangô e Oxum, criados por Iemanjá.

Figura 21 – Tapuia na cabeça de Mãe Meridalva festa de Cosme e Damião



Fonte: autora, setembro/2023

Durante sua festa de dois mil e vinte e três, pude observar a Tapuia na cabeça da Mãe Meridalva e alguns comportamentos me chamaram atenção. Essa encantada realmente se comporta como criança, brinca com as crianças que vão para o terreiro e também com as filhas da casa (adultas). Elas pulam, dão gargalhadas, rolam no chão e comem doces. Outro detalhe bem interessante é que a voz também muda, modifica a maneira de pronunciar as palavras, é idêntico a crianças quando estão começando a falar, pronuncia as palavras às vezes com ausência de algumas letras, como por exemplo, ao invés de dizer “vou te dar um abraço” ela fala “vô ti dar um abaço”.

Tapuia ganha presentes, principalmente bonecas e ela tira do embrulho com muita alegria, fica eufórica por isso. Passa um bom tempo chupando pirulito e comendo doces como bolos e refrigerantes. Essa erê ganha festa com decoração e também com bolo personalizado com seu nome e na ocasião divide com as crianças do bairro que ali estão. As crianças também ganham brinquedos e lanches.

No trabalho de Luíz Assunção (2006, p. 189) sobre o culto de Jurema em Terreiros de Umbanda com ênfase no interior do Nordeste, Tapuia é descrita como uma “índia cabocla, uma criança”, segundo o autor, “a Cabocla Tapuia que se apresenta nos rituais de Umbanda é um erê que gosta de brincar, de beber e fumar” (Assunção, 2006, p. 189).

Mas segundo a Mãe Meridalva, Tapuia nem se quer desce em sua crôa se um “encantado grande”⁷⁹ tiver consumido qualquer tipo de bebida alcoólica, a Mãe me relatou um pouco sobre como foi seu início com essa guia criança:

Quando eu comecei meu desenvolvimento, Polyana, ela (Tapuia) foi minha segunda guia que incorporou em mim. Eu sempre via ela perto de mim como uma menininha pequena, uma indiazinha mesmo do cabelo bem pretinho. O erê tem a capacidade de trazer toda a corrente de um médium. Através dele (erê) você consegue buscar o caboclo, buscar as correntes de baiano e consegue buscar todas as correntes que você quiser através dele vindo.

Depois disto ela continuou dizendo que:

O erê desce muito pra fazer certos trabalhos como de união, de paz, de tranquilidade no terreiro, de saúde. O que um encantado grande às vezes não dá conta de fazer, um erê faz, principalmente questão de união e de paz na família. Existem situações que às vezes um encantado tá em mim como exemplo Dona Chica Baiana ou Dona Maria Légua e que caso aconteça algo muito sério comigo ou no barracão, e, às vezes que é pra resolver, ela não vem porque o encantado grande se beber encima de mim ela não vem. Então geralmente em dias de sessão, eu abro pra ela e eu sinto que ela tá na minha corrente, geralmente ela desce primeiro do que qualquer outro encantado, isso já é uma doutrina minha já de muito tempo, desde quando eu fui preparada. (Mãe Meridalva D’Oxum, informação verbal, Julho/2024)

Segundo o relato da Mãe, a entidade criança possui certas capacidades poderosas que os demais encantados não tem para coisas específicas como no caso da “união”, “paz” e “família”. Quando havia conversado com ela no mês anterior (junho/2024), sobre qual o papel ou função dessas entidades das quais tive mais contato e que estão nesse trabalho, ela disse algo bem parecido com essa fala anterior:

A menina Tapuia ela já vem nos dias de firmeza da casa como no caso de questões de família, como trabalhos de saúde, quando na casa tá precisando de certos trabalhos que se dedicam a questão de saúde, de proteção, de prosperidade ela sempre também vem. É a pureza né do guia grande da casa, é a pureza a infantilidade (Mãe Meridalva D’Oxum, informação verbal, Junho/2024).

Antes de iniciar a festa da Menina Tapuia, notei que foi jogado doce por todas as partes do terreiro que marca da porta de entrada até o salão/barracão, eram balas e sobretudo pirulitos.

⁷⁹ A Mãe Meridalva usa a expressão “encantado grande” para diferenciar os/as encantados/as adultos/as da sua encantada criança.

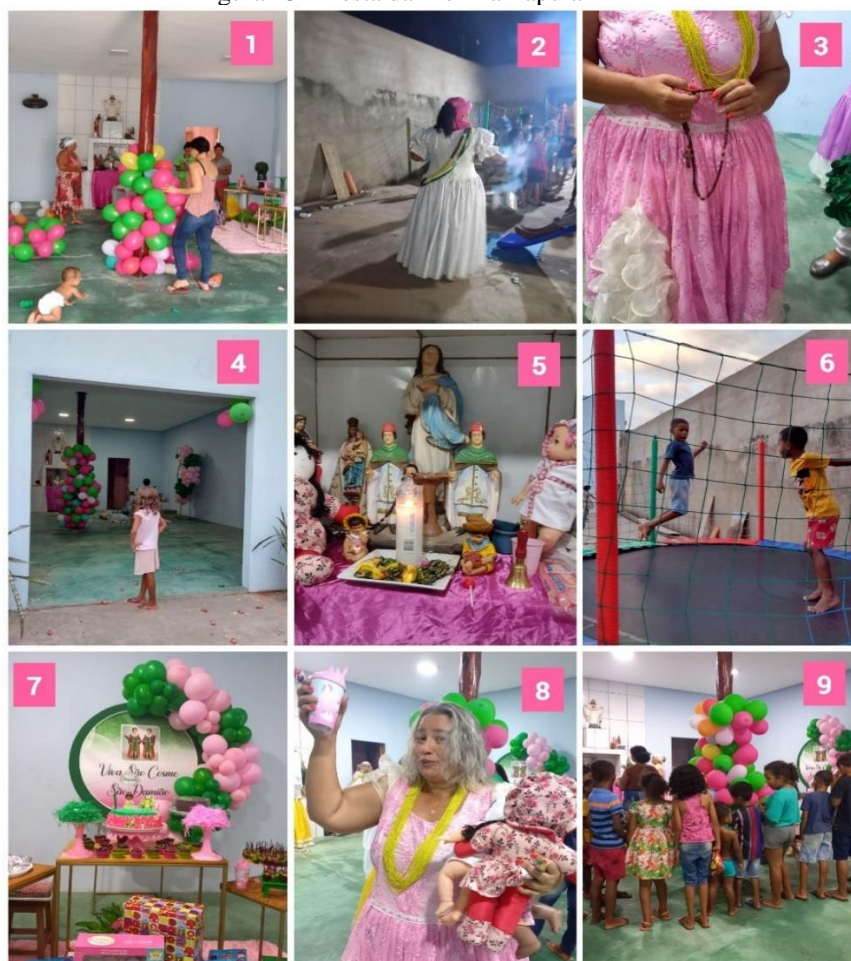
Figura 22 – Pirulitos jogados pelo chão do terreiro



Fonte: autora, setembro/2023

Na foto acima registrei como esses doces são dispostos no terreiro, como são oferendas para os êres, fica subtendido que era para atrair as energias dessa corrente. As crianças correm livremente por esse espaço e por todos os espaços do terreiro, o acesso para elas é livre e nesse momento que os doces são jogados pelo chão, as crianças que vão chegando vão consumindo, às vezes perguntam se podem pegar e outras não se dão a esse trabalho, elas recolhem e ali mesmo vão saboreando e também fazendo seus estoques nos bolsos.

Figura 23 – Festa da Menina Tapuia



Fonte: autora, setembro/2023

A preparação da festa conta com as algumas mulheres que são filhas ou noras de membras do terreiro (1), com as filhas da casa também, elas decoram com balões coloridos o salão. Momentos antes de iniciar a comemoração à noite, tem a defumação (2) que passa por toda a parte desde o portão de entrada até a porta do salão, onde todas as filhas e filhos da casa precisam ter o corpo envolvido nessa fumaça que é feito de ervas específicas para aquela função do dia.

Em seguida as pessoas se reúnem para a reza do terço, que é a Mãe Meridalva quem conduz o momento. Essa hora da reza, as crianças não dão muita atenção, pois elas estão interessadas nos doces e brinquedos que serão distribuídos. As crianças chegam no finalzinho da tarde e observam atentamente a decoração (4), até o altar tem doces como oferendas/presentes para os ibejis/êres cuja festa está sendo celebrada. Depois da reza do terço, acontece uma gira com toque de tambor e as crianças observam as/os médiuns

girarem e também incorporar, enquanto comem pipocas e degustam seus pirulitos e balas. Tanto antes da gira quanto depois, eles curtem o mini parquinho que é montado (6).

A mesa do bolo é multicolorida e Tapuia tem seu bolo com direito a plaquinha e desenho de uma criança compondo a decoração (7). É cantado os parabéns e Tapuia grita esbanjando felicidade, quando menos espero, ela enfiou o dedo no bolo e deu altas gargalhadas, pensei, isso são peraltices de criança levada, é preciso realmente entrar no clima de que está acontecendo uma festa infantil e que os guias são crianças e por isso se manifestam e se comportam assim. Esses comportamentos e toda a atmosfera que vai sendo criada no terreiro reforça as representações dos êres ou dos/das guias crianças que trabalham nessa linha ou falange.

Essa encantada ganhou nessa festa (ano 2023) três bonecas, uma preta, uma branca e outra de pano que tinha cor do tecido branca e cabelos pretos, esse é um ponto em comum com o trabalho de Luíz Assunção (2006, p. 189) quando lembra que Tapuia é também chamada de caboclinha e, “quando chega, entregam-lhes bonecas de pano”. Ela demonstrou muita felicidade ao receber esses presentes e andava por todo o salão segurando seu copinho de canudinho infantil (8) que é preparado especialmente para ela. Todos esses movimentos são observados pelas crianças que seguem atentas e aguardam ansiosamente o momento que Tapuia vai fazer a distribuição dos brinquedos e vão repartir o bolo. Depois que a encantada parte o primeiro pedaço de bolo, todos/todas estão liberados/as para se deliciarem com todas as guloseimas, inclusive a pesquisadora.

Participando de maneira mais direta na organização da festa de 27 de setembro/2024, pude observar toda a movimentação de um lugar bem mais próximo, de fato, minha disposição em trabalhar e ajudar nas coisas do terreiro bem como o amor que tenho pela fotografia me concede lugares, que eu diria, “privilegiados” de informações. Tenho certeza absoluta que somente indo aos terreiros para observar eu não teria aprendido metade do que aprendi convivendo com as pessoas e encantados em diversas atividades da casa.

Na festa de setembro/2024. perguntei para Tapuia no momento que ela já estava se despedindo das filhas e filhos da casa, cheguei perto dela e pedi para que ela esperasse só mais um pouco, que não fosse e que conversasse comigo, nesse momento ela me agradeceu toda a ajuda na organização da ação social das crianças, me abraçou e me

beijou e com a voz de criança que ela tem me falou em poucas palavras: “eu sou uma indiazinha pitininha, eu sou da famia das Tapuias e eu nasci no alto dos Amazonas, sou uma mininazinha Tapuia eu, eu sou bem pitininha mas ás vezes eu venho em outras falanges de adulto, viu?”

Desta maneira a Menina Tapuia se despediu de mim e outra vez de todos que estavam naquele momento próximo a ela e, logo em seguida, chegou Dona Maria Légua que foi logo vestindo seu chapéu e mudando completamente os traços corporais que antes tinha uma entidade infantil.

3.5 “Eu vim do Codó, sou Maria Légua eu vim desatando nó”: Dona Maria Légua Boji Buá da Trindade, a Farrista da Tenda

Dona Maria Légua Boji Buá é uma das entidades mais conhecidas da casa da Mãe Meridalva, nunca fui em uma festa da tenda sem que a cumprimentasse na cabeça dessa Mãe, não somente nas festas abertas ao público, mas até em momentos de confraternização, a Mãe Meridalva puxa pontos dessa encantada e ela vem, diz o ponto que costuma ser cantado na casa: *“se precisarem da sua encantaria chama ela, chama ela que ela vem, sendo ela uma moça encantada, Maria légua nunca fez mal a ninguém”*.

Como seu próprio nome já diz ela faz parte da família dos encantados e encantadas filhos e filhas de Légua Boji Buá da Trindade. O Povo de Légua⁸⁰ é uma família extensa, certo dia na casa do Pai Salim de Ogun⁸¹ ouvi uma explicação sobre a palavra “Légua”, seu Lourenço Légua Boji Buá, na cabeça desse Pai, me disse que a palavra “Légua” é referente a distância e que antigamente se usava essas medidas para falar de algo que era distante, longe, extenso demais e por isso é usado para o povo de Légua para dizer que é uma família numerosa, família grande.

Isso condiz com as informações que ouço das pessoas no terreiro, porque falam que a família de Légua é muito grande, que existe os filhos carnais e também os filhos adotivos ou como já ouvi algumas entidades falarem, “os agregados”. Não obstante a isso, ainda existe encantados/as que não são Léguas e que trabalham e descem na crôa de

⁸⁰ Assim aprendi a falar no terreiro através das conversas e também dos pontos/doutrinas.

⁸¹ Já referido acima, Pai Salim é o dirigente do Templo Sagrado de Umbanda Nossa Senhora Aparecida e Pai de Santo da Mãe Meridalva.

médiuns na linha/falange de Légua⁸². Seu Lourenço Légua me disse ainda que a nomenclatura correta não seria “Légua” e sim, Léga Buji Buá.

Légua Boji Buá da Trindade é uma entidade espiritual que está estritamente ligado a cidade de Codó (estado do Maranhão) e por isso ao Terecô, que é uma religião afro-maranhense. Segundo Mundicarmo Ferretti (2006, p. 63), o Terecô, mesmo tendo origem “de práticas religiosas de escravos das fazendas de algodão do Codó e suas redondezas, sua matriz africana é ainda pouco conhecida”, afirma ainda que “apesar de exibir elementos jeje e alguns nagô, sua identidade é mais afirmada em relação a cultura banto (angola, cambinda) e sua língua ritual, é principalmente português”. (Ferretti, 2006, p. 64).

Nessa religião (Terecô), segundo ainda Mundicarmo Ferretti (2006, p. 64) “as entidades espirituais são organizadas em famílias” e destaca que a “maior e mais importante é a controvertida entidade espiritual Légua Boji Buá da Trindade”. Essa informação condiz com a mesma de Martina Ahlert e Conceição Lima (2019, p. 449) porque demonstram em seu trabalho que “as entidades da região de Codó são chamadas de encantados da mata, uma das famílias mais importantes desse grupo é a de Légua Boji Buá da Trindade”⁸³. A antropóloga Martina Ahlert (2021, p. 23) escreve que quem “chefia a Encantaria Maranhense é Santa Bárbara” e os “encantados do Codó são chefiados por Légua Boji Buá da Trindade”

Tive muito interesse de saber quem era Légua Boji Buá, no que tange as informações a partir da própria cidade de onde essa pesquisa parte, e por isso fui perguntar ao Pai Salim de Ogun (um dos pais de santo mais conhecido de Imperatriz) quem era esse encantado. Meu interesse em compreender mais sobre isto se justifica exatamente pela importância que ele tem no Maranhão e sobretudo na cidade de Imperatriz-MA. Em fevereiro/2024 quando estive visitando Mãe Léia Alves em razão da pesquisa de um amigo, eu perguntei para ela porque era tão frequente o Povo de Légua nos terreiros da cidade e ela me respondeu: “Polyana, minha filha, vou te dizer que aqui nessa nossa

⁸² É o caso de Dona Doralice, encantada e guia de frente do Pai de Santo Lourenço, do Recinto São Lourenço e Tenda de Xangô e Iemanjá.

⁸³ Ainda segundo Mundicarmo Ferretti (2006, p. 64), Légua Boji Buá da Trindade é comumente conhecido “como um príncipe guerreiro, filho de Dom Pedro Angasso (conhecido em São Luís como o representante de Xangô na mata) e como preto velho angolano. Légua Boji é também apresentado em terreiros da capital maranhense como vodun cambina (Casa das Minas-Jeje), ou como um misto de Légba (Exu) e do vodun jeje Poliboji”.

região, principalmente essa parte do Maranhão que nós tamo, aquele Pai e Mãe de Santo que não trabalha com Légua, vou te dizer viu, é fraco minha fia pra trabalhar no espiritual”. Na mesma fala, ela diz algo que para mim é uma grande chave de compreensão em torno dessa família de encantados, ela segue a frase acima: “quem não tem Légua não tem força”. Dito isto, trago a história de Légua Buji Buá da Trindade, segundo os saberes ancestrais de Pai Salim de Ogun (informação verbal, maio/2024):

Polyana minha filha, vou te passar a história que eu cresci ouvindo dos meus avós da minha mãe e da minha mãe de santo, a história que eu vou lhe relatar é essa, por favor ouça bem. O povo de Légua Boji que na verdade as pessoas chamam de Légua Boji, o nome certo chama-se “Léga Buji”, “Léga Buji”. Na época, escute bem, você já ouviu várias histórias e não sei se você já ouviu essa: na época de Noé veja bem né, faz um bom tempo né? Na época de Noé existia inúmeros, centenas e milhares de reinados e um desses reinados era de nosso Pai Légua Buji que o nome de Légua Buji no qual eu nasci e me criei ouvindo chama-se Olegário Léga Buji Buá Ferreira da Santíssima Trindade. Então Pai Légua Boji né, era um rei e sempre ainda é um rei que é o rei de força da encantoria. Existe três reis: Rei Sebastião, rei de encantoria; Rei Salomão, rei de sabedoria; Rei Lega Buji, rei de força.

Na introdução da conversa Pai Salim pediu minha atenção por três vezes quando usou as expressões: “ouça bem”, “escute bem” e “veja bem”, ou seja, o que ele estava prestes a contar exigia que eu reparasse bem nos detalhes, como por exemplo a gênese do encantado e até mesmo a diferença no nome de como ele aprendeu e de como usam costumeiramente nos terreiros, ele repete duas vezes o nome “Léga Buji” para que eu não confundisse com o nome “Légua Boji”, muito embora fosse o mesmo personagem. Não encontrei em nenhuma literatura o sobrenome “Olegário” e nem a ênfase “Santíssima” antes do sobrenome “Trindade”, ele prossegue:

Então, nessa época (de Noé e Léga Buji) o reinado de Olegário Léga Buji era muito grande, diz a história que Léga Buji teve somente nove filhos, nove filhas, nessa época reis podiam ter três, quatro, cinco, oito, dez mulheres na época dos antepassados, e Léga Buji teve três mulheres: Maria Léga, Maria Buji e Maria Buá, por isso que dá esses sobrenomes né, Maria Léga Buji Buá, Lourenço Léga Buji Buá, Mané Légua Buji Buá, reis Léga Buji Buá. Então com cada uma dessas mulheres ele teve três filhos e na verdade eu não me recordo quais são, mas são esses Léguas mais velhos, então pegaram todos os sobrenomes e nesse período quando Deus anunciou o dilúvio a Noé que foram se não me falho a memória cem anos né que Noé preparou a arca e ele avisando aos povos que ia acontecer o dilúvio e as pessoas não acreditavam, no entanto, Olegário Léga Buji que era um rei e como é ainda na encantoria, ele era um rei meio devasso, gostava de orgias, de beber cachaça, fumar e brincadeiras como hoje na família de Légua ainda tem isso aí, todo Légua é bebedor, é dançador, é brincalhão. E, existe centenas de Léguas Buji, mas porque se agregaram na época pelo Rei Léga Buji que ele comandava uma nação, então todos as outras pessoas, os plebeus, chamavam ele de pai Léga Buji, mas pela história que eu sei ele só teve nove filhos, e os outros são agregados que chamam de pai no mundo espiritual.

Pai Salim destaca que Léga Buji era e ainda é rei, um reinado que se sustenta até os dias atuais no mundo espiritual e ele é chamado por ele de “rei de força”, ele repete duas vezes o número de filhos biológicos de Léga que segundo ele são “nove filhos”. Eu fui anotando sua fala conforme ele ia dizendo, “Léga” e “Légua”, demonstrando que ele aprendeu e sabe que é Léga mas pela força do hábito assim como os demais, também chama Légua, prossigamos acompanhando essa narrativa:

Então na época que o dilúvio começou que ele (Légua Boji) disse que ele era um deles que não acreditou né e que Noé tava era louco, como conta a história, não foi só ele. E quando começou a chuva que foram quarenta dias com quarenta noites né, a água foi subindo, subindo e quando começaram a ver que a coisa era real Olegário Léga Buji pegou todos os seus filhos e os filhos genéticos e os filhos agregados o que pôde, e colocou dentro de uma caverna e nesta caverna ele levou muiiiiiiita cachaça, muiiito fumo né, muito álcool pra poder passar os dias né, e no entanto a água foi subindo, foi subindo, foi subindo e Olegário Léga Buji mandou lacrar a entrada da caverna para que não morressem afogados e por esse tempo de quarenta dias e quarenta noites a família toda de Olegário Léga Buji como ele, se encantaram. Então a família de Léga Buji não são espíritos, que existe uma diferença do espírito para o encantado, que o espírito ele não pisa na terra e o encantado sim, como eu que sou um portador da família de Léga que minha descendência espiritual minha força mais é do Povo de Léga Buji. Eu pressinto as pegadas as pisadas de seu Lourenço⁸⁴ e de dona Corina eu já sei diferenciar de quem é, entendeu? As pisadas né, aqui dentro de casa no terreiro, isso eu conheço já, eu tenho quarenta e três anos no santo.

Podemos observar que quando ele quer trazer ênfase para a informação ele repete a palavra como por exemplo “subindo, subindo” e ao mesmo tempo ele também deu uma tônica diferente quando falou “muiiiiiiita cachaça, muiiito fumo” a demora foi maior antes da cachaça do que antes do fumo e por isso usei mais a vogal “i” em muita do que em muito. Essa informação sobre a história de Légua pode explicar o que encontramos nos terreiros/tendas que é o consumo acentuado de cachaça e cigarros pelos encantados, sobretudo o Povo de Légua”.

⁸⁴ Segundo Reginaldo Prandi e Patrícia Souza (2006, p. 261) seu Lourenço Légua “é um dos principais codoenses, muito próximo ao pai. Em quase todas as casas desempenha papel fundamental na família.”. Os autores mostram ainda nessa mesma paginação que no “terreiro de Iemanjá, em São Luís, Seu Lourenço “é quem toma a frente dos tambores, dirige rituais e orienta os mais novos. É extremamente alegre.” Notei que isso também acontece no terreiro do Pai Salim, tanto Seu Lourenço quanto Dona Corina Légua (não há nesse material informações sobre ela) comandam a organização das festas e da casa. Estive na reunião fechada entre a Dona Corina Légua e os/as filhos/as da casa de Pai Salim em outubro/2022 em preparação para a grande festa e reinauguração do salão que havia passado por reformas devido aos grandes alagamentos. Nessa reunião, essa encantada falou de toda a organização, desde a comida, os tipos de carne, de salada para servir, a maneira como deveriam se comportar e muitas outras coisas que não me é permitido falar neste trabalho. No dia da festa, Seu Lourenço Légua e Dona Corina passaram na cabeça de pai Salim para comandarem também a festa pública, me informaram que eles sempre estão ali no comando da organização.

Apesar de Pai Salim dizer que “quase ninguém sabe dessa história”, na Umbanda de Araguaína-TO, a professora Sariza Venâncio (2019, p. 189), em sua tese de doutorado, traz um relato menor, mas que também faz menção entre o acontecimento do dilúvio e a família de Légua, segundo informou José Nazareno, um dos dirigentes que ela entrevistou, a história foi a seguinte:

Como não entrou na arca de Noé e percebeu que as chuvas se adensavam, o patriarca levou toda a família para uma caverna e ali ficaram escondidos e a salvo. Finda a tormenta, saíram do esconderijo e se depararam com a fome e a sede, imensas. Ao encontrarem a primeira poça d’água, todos correram para nela se saciarem. Como relatou Nazareno, Deus tinha dito para Noé que não sobreviveria ninguém fora da Arca; porém, ao perceber o feito da família, “Deus não podia simplesmente matar eles, porque Ele é um Deus de amor”, disse Nazareno. Ao beber da água da poça, toda a família teria se encantado (Venâncio, 2019, p. 189)

Voltando ao relato de pai Salim, quando ele fala “Seu Lourenço” e “Dona Corina” são dois Léguas que ele recebe em sua crôa. Como eu já os conheço não vi necessidade de que ele explicasse na entrevista sobre quem eram esses encantados dos quais dizia ouvir “as passadas”. Ademais, Pai Salim ministra uma aula diferenciando espírito e encantado, e também demonstra em seu relato uma sabedoria que vem da sua própria experiência com os encantados: “as pisadas né, aqui dentro de casa no terreiro, isso eu conheço já, eu tenho quarenta e três anos no santo”. Voltemos ao relato e desfecho da história:

Então eles são encantados (Léguas), eles se encantaram e quando as águas baixaram, eles se encantaram e saíram vamos dizer perambulando pelo mundo que foi aonde Olegário Léga Buji conheceu a mata codoense e lá ele assentou acampamento e moradia. Então as pessoas mais novas contam as histórias que a família de Léga Buji é da mata codoense, mas eles chegaram até a mata codoense no Maranhão e ficaram moradia. Então essa é um pouco da história de Olegário Léga Buji, muito bonita a história por sinal e Léga Buji existe centenas de Légas Buji. E essa história são poucas pessoas que sabem, mas o que eu me nasci e me criei e tô com cinquenta e cinco anos e foi a história que eu ouvi dos meus antepassados, essa é a história né, mas existe dezenas de histórias que as pessoas criam e imaginam porque o mundo espiritual ele é vasto ele é muito grande.

Em sua narrativa esse pai afirma que muitas pessoas sabem que os Léguas são do Codó, mas seu realce consiste em relatar como esse povo foi parar nesta cidade, quando ele diz “povo mais novo” quer demonstrar que sua narrativa é digna de crédito porque afinal ele tem “quarenta e três anos no santo”, ou seja, estou falando algo verdadeiro por mais que ele afirme que existe outras histórias, porém essa que ele está contando vem desde seus/suas ancestrais e “essa história são poucas pessoas que sabem”. Se me demoro

na fala de pai Salim é porque considero importante compreendermos muito dos comportamentos desses encantados nos terreiros/tendas. Depois de fazer essa narrativa, esse pai de santo começou a me contar duas experiências que ele mesmo vivenciou com “Léga Buji Buá”:

Outra coisa, Olegário Léga Buji, chama-se véi Léga Buji, ele não incorpora mais em nenhum ser humano aqui na face da terra, tem mais de trinta anos que eu vi meu pai Léga Buji incorporado em ser humano e ele não desce mais em terra de pecado porque ele já cumpriu a missão dele espiritual, então ficou a família dele e desce na força espiritual dele, nas radiações de Légua Boji, mas Léga Buji mesmo, o senhor, o rei mesmo, ele não passa mais encima de pessoas na terra e isso tem muitos anos e muitos anos que isso aconteceu, e eu não sei porquê Polyana que as pessoas dizem que recebem o véi Léga Buji porque eu vi Léga Buji na minha Mãe de Santo em oitenta e cinco, mil novecentos e oitenta e cinco e no meu avô João de Sara em oitenta e quatro nessa mesma época. A minha mãe era uma mulher de estatura média, morena e mais ou menos da sua altura só que mais forte, e eu presenciei meu pai Léga Buji apanhando ela no chão e ele me chamou e nessa época eu tinha uns quinze anos, quatorze a quinze anos e meu irmão já falecido, por sinal muito forte ele musculoso assim maior do que eu, e o compadre Raimundo o esposo da minha mãe de santo e juntou-se nós três pra pegar ele do chão e botar nesse banco e nós não conseguimos, lutamos, suamos e foi coisa assim que a primeira coisa que eu fiquei sabe admirado no mundo espiritual, como uma senhora naquela estatura e três homenzarrão lutar pra pegar ela e botar na cadeira e não conseguir, a cadeira dava um palmo um palmo e meio de altura que chamam de tamborete e ela na época tinha um filho dela chamado Jardel, ele tinha de sete pra oito anos na época e ele ia passando por dentro do recinto e ele chamou ele e ele foi lá e pediu pra ele botar ele na cadeira, ele pegou nos dois braços da minha mãe de santo e suspendeu e botou ele na cadeira e isso foi coisa que todo mundo dentro do recinto admirou. Aí depois eu perguntei pra meu pai de santo e ele me disse que era porque ele era criança, era inocente ainda e não tinha pecado sabe, aí é que eu fui entender. E do meu avô de santo ele tava deitado por essa hora assim mei dia, ele gostava de almoçar e deitar no terreiro, no salão, e ele tava deitado escanchado na rede ele tava cochilando quando ele abriu o olho quando ele foi olhando assim pro altar, lá vem Léga Buji, baixo mas muiito forte, muito gordo sabe, como ele gritou: comadre Maria me acode, quando ele gritou assim ele tomou de conta dele que a rede abriu de um punho a outro e ele foi pro chão. Foram dois fatos acontecidos que eu sei lhe contar de verdade. Pois é minha querida, essa é a história de Léga Buji.

As características de Pai Salim em relação ao rei/velho Léga Buji são bem parecidas com uma imagem que fotografei no recinto de Pai Augusto d’Oxum⁸⁵ na festa de Santa Rita de Cássia dia 22 de maio/2024, segue abaixo foto do encantado:

⁸⁵ Recinto Nossa Senhora Aparecida, cujo dirigente é Pai Augusto d’Oxum e Valentino Légua, fica localizado na Av. Pernambuco, Parque Santa Lúcia. Recinto é diferente de terreiro e segundo Pai Augusto d’Oxum: “Recinto é um nome que a gente dá para todo ambiente pequeno. Um quarto pode ser chamado de recinto, um local onde se abriga pessoas pode ser chamado de recinto. Há diferença entre terreiro, mesa recinto e congar. A diferença é que o terreiro ele tem uma abrangência maior de fundamentos plantados, fundamentos enterrados, tem fundamentos de cruzeiros, tem fundamentos de tanques de Mãe d’Água, um terreiro ele é um portal espiritual muito grande maior do que uma mesa, uma mesa de santo ou um congar digamos que é um portal da encantaria na espiritualidade e o terreiro é um portal enorme. Antes da gente

Figura 24 - Légua Buji Buá da Trindade



Fonte: autora – maio/2024

Nesta imagem o nome está escrito “Légua Bogi” e tem as características de ser um homem baixo, forte (gordo) e também com o marafo na mão que é uma característica própria do velho Légua. A Partir de suas experiências, Pai Salim ressalta a característica principal de Léga Buji que é sua força, ele é “rei de força”, ora ele afirma isso através da atmosfera espiritual que emanava quando o velho descia ou se manifestava e ora ele usa as características do corpo tanto para dizer ele era baixo, mas “muiiito forte, muito gordo”. Informação que coaduna com as palavras de Mãe Léia ao se referir ao Povo de Légua: “são eles que fazem as forças para nossos trabalhos, quem não tem Légua não tem força”. A mesmo tempo, Pai Salim oferece informações de que o velho “Léga Buji” não incorpora mais em ninguém nesta terra, mas há pessoas que afirmam que sim, que incorpora, por exemplo, cheguei numa festa em um terreiro de Imperatriz-Ma (maio/2024) e um encantado me afirmou que o velho Légua havia incorporado há poucas horas no corpo de uma mulher, ele apontou para que eu soubesse quem era, era uma

fazer e começar os trabalhos e os rituais a gente faz todo um preparo, tem todas as rezas, as falas pra gente fazer a chamada dos guias e dos encantados, e gente abre um portal espiritual para que venha as entidades, então é um portal, um recinto, um terreiro e uma mesa é um portal. O terreiro ele tem os fundamentos maiores do que uma mesa de santo, o terreiro ele tem uma força energética espiritual maior do que uma mesa. Antes de começar a construção de um terreiro o chão é preparado pelo Pai ou Mãe de Santo, faz todo um preparo, todo um ritual pra escolher os cantos, pra escolher o fundamento do axé principal que é o fundamento da guma.” (Pai Augusto d’Oxum e de seu Valentino Légua, informação verbal, julho/2024)

mulher negra, de estatura baixa. Em dezembro/2024 falei com essa mulher (médium) e ela me confirmou que recebe o Velho Légua, mas ele é tão pesado que não sai do lugar quando está incorporado.

E dentro dessa grande família de Olegário Léga Buji ou Légua Buji está dona Maria Léguá Boji Buá da Trindade, a doutrina que nomeia esse tópico fala de sua chegada: “eita eita que eu cheguei, eu vim do Codó, eu vim do Codó, sou Maria Légua eu vim desatando nó”, assim chega Dona Maria Légua no terreiro e nessa escrita, vem dizendo de onde veio e já podemos compreender porque a menção à cidade do Codó. Dona Maria Légua sempre que chega na cabeça de Mãe Meridalva já vai pedindo sua casa (seu chapéu) e as filhas vão buscar rapidamente, pude perceber que todos os Léguas são assim, usam o chapéu como acessório de destaque, mas não é como usar um acessório “enfeite” ou “adorno”.

Ao contrário disto, o chapéu para a Família de Légua é um elemento identitário que sinaliza pertencimento a um coletivo de entidades que são ressignificadas em características do nordestino, do sertanejo, do caboclo (que não necessariamente é um indígena). Vestir o chapéu é dizer do seu lugar e de sua identidade mais profunda, “sou vaqueira”, diz ela sobre si mesma, também o ponto que é cantado para ela fala o seguinte: “Ê boi ê boi boiada, na fazenda do meu pai ainda é madrugada, vou chamar Maria Légua pra tocar minha boiada”.

Outros elementos marcantes da família de Légua é a cachaça que pedem e também o cigarro, porém na crôa de Mãe Meridalva devido a seus problemas de saúde, Dona Maria não bebe mais cachaça branca, como a cinquenta e um (51). Ela toma mesmo é a “espumosa/mijo de égua” (cerveja). Na foto abaixo, mostro uma sequência de nove fotos que são registros de dona Maria Légua descendo na crôa de Mãe Meridalva. Quando a entidade chega, o corpo faz determinados movimentos onde informam que já não é mais o cavalo a comandar o corpo e sim a entidade/encantado.

Figura 25 - Maria Légua Buji Buá na cabeça de Mãe Meridalva d'Oxum

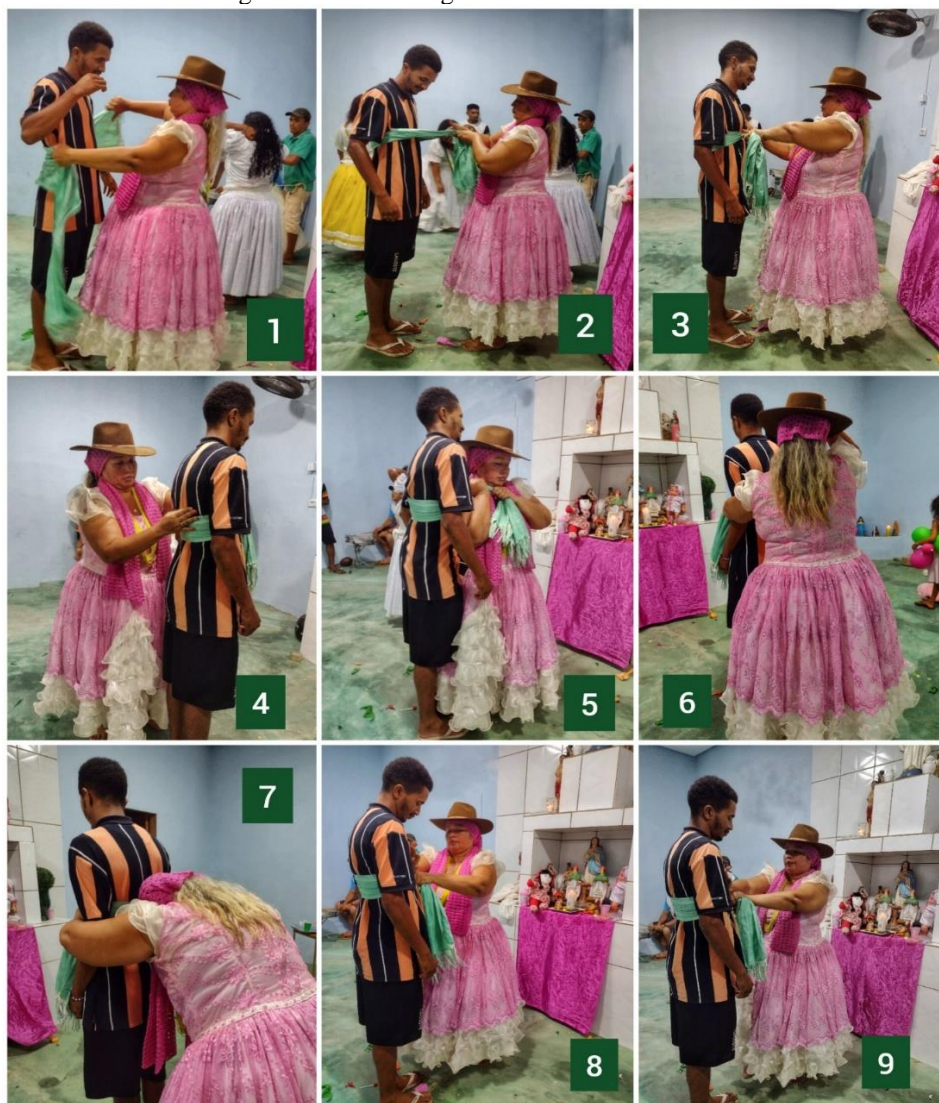


Fonte: autora – abril/2024

Optei por montar esse quadro de imagens para ocupar menos espaço no corpo do texto, então trouxe nove fotos em uma só. O quadro de fotos mostra essa dinâmica da incorporação (1 e 2), a mãe sente no corpo todo, se sacode, baixa a cabeça e quem olha pensa que ela sente agonia e tontura nesse momento. Percebi a incorporação assim, mas me ensinaram que isto acontece devido “o peso do encantado, a força”. Logo após ela pede sua casa e então ela segura em suas mãos (3) e vai ajustando à cabeça conforme seu dispor (4-6), atitude visível do invisível presente ali. Nesse momento, o corpo assume um

determinado tipo de comportamento, pois já é outra a ocupar o mesmo corpo, é dona Maria Légua Buji Buá que quer conversar, quer cachaça, quer se confraternizar e também cuidar das pessoas, exemplo disso é a imagem seguinte em que trago a captura de um momento em que ela (Maria Légua) estava rezando em um homem de “arca caída”, observe:

Figura 26 - Maria Légua rezando de “arca caída”



Fonte: autora – setembro/2023

Para rezar de “arca caída” Dona Maria Légua pega um pano “tem que ser comprido”, disse ela. Com esse pano ela passa pelas costas da pessoa e mede meio a meio (1), depois ela enrola esse pano muito bem (2) e aperta no tórax da pessoa (3), em seguida ela faz o sinal da cruz nas costas (4) e vai fazendo uma reza que não consegui ouvir. Feito isto, Dona Maria Légua segura o peso do corpo da pessoa em seus ombros e vai fazendo

movimento de força para cima como se fosse levantar a pessoa, isso se repete por três vezes (5), então ela tira sua casa (chapéu) e aperta sua cabeça junto as costas da pessoa dando uma leve pressão (7), ela retorna novamente fazendo a reza e pelo lado da frente (8-9) e então a “arca está parcialmente levantada” pois ela recomenda que se reze mais duas vezes para que se complete três.

No momento em que registrava a cena, eu me recordava que no interior onde vivi quando criança essa cena era recorrente, de rezar com um pano, e que isso era “arca caída”. Terminado o atendimento, fui perguntar para a encantada o que significava, e ela me explicou que estava rezando de “arca caída” nesse homem, que geralmente essa enfermidade acomete pessoas que trabalham pegando muito peso e depois de certo tempo começam a sentir fortes dores “nos peito” (tórax), dores nas costas, às vezes pensa que é no estômago e que isso pode atrapalhar a saúde e a vida das pessoas, então ela me disse que reza para as pessoas ficarem bem.

Durante seu tempo “em terra”, ou seja, tempo da incorporação, Dona Maria Légua interage com as pessoas, também deixa ordens e instruções para as filhas/filhos da casa e escuta suas filhas/filhos espirituais. Ela também abre concessões quando, por exemplo, uma filha da casa quer beber uma cerveja/espumosa, vai lá e pede pra ela e quando ela entende que pode, ela libera e ainda brinca nesse momento. É uma encantada alegre, mas também tem seus momentos em que trata as filhas/filhos com dureza, quando quer corrigi-los.

Notei que as entidades participam ativamente da organização da casa (assim também como na casa de Pai Salim, porém aqui pude acompanhar mais de perto), nos afazeres do terreiro quando as/os filhas/os deixam de cumprir suas obrigações como por exemplo: acender as velas nos pontos (nos lugares que são de força no terreiro, como o altar central, os altares de pretos velhos, caboclos e etc.), fazer suas obrigações espirituais, limpar e zelar pelo terreiro e etc., uma entidade vem deixar seu recado através da Mãe Meridalva, prova disto é que mesmo sem mexer no telefone⁸⁶, a entidade pode pedir para

⁸⁶ Nos terreiros de Imperatriz que pude visitar até o momento observei que os encantados não mexem no aparelho celular, e nem gostam de gravar no celular, é sempre aconselhável pedir e preciso pedir permissão antes de gravar suas falas em entrevista. As entidades que tive contato na cabeça de Mãe Meridalva não usam celular e tive oportunidade de fotografar três encantados em maio/2024, em uma festa de um terreiro da cidade e quando fui mostrar a fotografia a um encantado por nome Raimundinho Légua, ele me confessou que foi a primeira vez que viu um “fuxiqueiro/celular”, ele se assustou, quando eu pedi para fazer

alguém pegar o celular/fuxiqueiro pra passar suas advertências, como eu já ouvi várias vezes através do grupo de whatsapp da casa⁸⁷. A imagem seguinte mostra um momento de troca de confidências e informações entre Dona Maria Légua e uma filha da casa:

Figura 27 - Maria Légua na escuta de confidências da filha da casa



Fonte: autora – dezembro/2023

Dona Maria escuta atenta para logo aconselhar com sabedoria ou falar algo também sorrindo e brincando. Nas informações de Reginaldo Prandi e Patrícia de Souza (2006, p. 259), Dona Maria Légua “é uma encantada madura, muito brincalhona e farrista, mas com senso de direção de uma casa. É muito querida por seu pai Légua, algumas vezes é confundida com sua irmã, a princesa Dona Maria José, esta também chamada de Florzinha”. Conversei com essa encantada diversas vezes (na cabeça da Mãe Meridalva),

a foto ele me perguntou: você vai me prender aí dentro não né dona Polyana? Disse que a primeira vez que viu um celular ele achava que haviam prendido ele dentro da tela porque ele viu que estava dançando dentro do aparelho e por isso ele queria quebrar o telefone. Ao mesmo tempo ele me disse que isso foi há um tempo atrás e que agora não tem problema nenhum.

⁸⁷ Desde o início de 2024, a Mãe Meridalva me adicionou ao grupo de WhatsApp da casa, lugar de profunda partilha e confidências dos assuntos da casa, e eu sinto um enorme respeito por poder acompanhar o movimento do terreiro junto dessas pessoas que eu chamo de irmãs/irmãos.

em uma dessas conversas eu pedi que ela me falasse dela mesma, então ela fez a seguinte descrição:

Bem pretinha minha filha, eu sou uma moça bem pretinha, fui encantada há muitos anos atrás, eu vim da escravidão. Meu pai Légua Boji Buá me adotou, eu fui jogada no tempo, eu sou a filha mais nova dele (Légua Boji Buá) e eu sou bem pretinha, aqui no terreiro não tem ninguém mais pretinha do que eu, eu sou uma preta que eu amo a minha cor e me valorizo e gosto, por isso que eu sempre acolho os meus pretos que chegam no terreiro e sempre acolho e tá em casa e eu sou mãe deles todos, entendeu? Em toda cabeça eu sou assim⁸⁸. A minha história é que eu vivia muito numa roça, na roça eu arava, ajeitava gado, eu tirava leite de vaca, eu organizava as coisas, eu sou uma vaqueira, eu monto cavalo, moça Meire não sabe não, mas eu sei⁸⁹, tudo eu sei! Serviço de roça tudo eu sei, plantar feijão, plantar arroz tudo eu sei viu. (Dona Maria Légua Boji Buá, na cabeça de Mãe Meridalva, informação verbal, dezembro/2023).

Observando a fala dela, percebemos o destaque que ela dá na sua cor, “bem pretinha” e também a ênfase que bota nisto quando “eu sou uma preta que eu amo a minha cor e me valorizo”, juntando-se a isto o acolhimento e apreciação dos seus iguais na cor “eu sempre acolho os meus pretos que chegam no terreiro e sempre acolho e tá em casa e eu sou mãe deles todos”, mostrando que sua casa é esse “espaço seguro” para eles/elas. A imagem de Dona Maria Légua que fica no ponto de Légua no terreiro de Mãe Meridalva é esta:

⁸⁸ Ou seja, em todas as pessoas que são médiuns e recebem essa encantada chamada Maria Légua Boji Buá. “Em toda toda cabeça eu sou assim”, significa dizer que está mostrando sua característica que segundo ela, não muda nem mesmo com as subjetividades do cavalo que a recebe.

⁸⁹ Há uma separação, ou digamos, que uma diferença entre coisas que somente os/as encantados/as fazem e que independe das habilidades do/a médium, por exemplo, nas conversas informais pela casa as meninas (filhas da casa) me contaram como a entidade Tapuya (erê/criança da casa) gosta de subir em árvores e um dia subiu numa árvore que ficava próxima ao terreiro da Mãe Meridalva e lá de cima da árvore a entidade suspendeu (termo usado pelas pessoas da casa para falar do momento que a entidade deixa o corpo da pessoa) e a Mãe Meridalva começou a gritar por ajuda, as meninas me contaram que neste dia foi muita luta para tirá-la de cima dessa árvore, uma das meninas teve que subir na árvore para ir ajudando aos pouco a Mãe descer. Nisto e nas coisas que eu ouço quando estou em campo, percebi que as entidades tem suas habilidades próprias e que assim agem também nos corpos de seus médiuns/cavalos quando julgam necessário.

Figura 28 – Imagem de Dona Maria Légua Boji Buá



Fonte: autora – julho/2024

Um dos pontos ou doutrina de dona Maria Légua mais comum de se ouvir no terreiro é este: “Maria légua chegou no salão, Maria Légua chegou no salão é facão na cintura e marafo na mão, é povo de légua lá vem meus irmãos”, e essa letra vai se repetindo. Já ouvi algumas vezes Dona Maria Légua dizer: “eu já avisei nessa casa que eu quero meu facão pra deixar aqui na minha cintura e as pessoas dessa casa não me dão, eu quero meu facão”. A doutrina vai falando da maneira como Dona Maria Légua é descrita pela literatura e por ela mesma na cabeça da Mãe Meridalva, uma mulher de serviços braçais, vaqueira e demonstra também a característica de sua família que é o marafo, ou seja, a cachaça.

Recentemente a Mãe Meridalva comentou no grupo de WhatsApp da casa algo sobre seu início com essa encantada, ela direcionou a mim a seguinte explicação:

Polyana, uma das coisas que eu venho observando muito, muito mesmo sabe, que ultimamente de uns cinco anos pra cá esse Povo de Légua nossos mentores, eles cresceram muito, porque antes a gente quase não via Légua Boji, Légua Boji pra nós e pra algumas pessoas era assim visto como Exu e tal, porque na realidade eles são guias que trabalham tanto na banda branca quanto na banda preta/vermelha. Dona Maria quando começou a descer na minha crôa né, isso tudo é conforme você é firmada e todo mais, quando ela começou a descer na minha crôa eu tinha o maior medo dela sabe, muito medo dela por ser Légua Buji, eu tinha aquela coisa assim de preconceito mesmo, mas com o tempo eu fui percebendo que ela é uma mãe, que ela é uma guia que gosta muito de paz, de serenidade no terreiro, ela é uma guia que gosta de coisas boas, que seus filhos sigam as normas do terreiro normal obedientes e que cada um façam as obrigações, e assim, eu percebi nela também que ela não é uma guia de bagunça. (Mãe Meridalva d'Oxum, informação verbal por áudio via aplicativo de mensagem, abril/2024).

No trabalho de Mundicarmo Ferretti (2000, p.141), aparece essa mesma informação de que o “Tambor da Mata de Codó tem como chefe Légua Boji Buá da Trindade, que é apresentada tendo ‘uma banda branca e outra ‘preta’”. A fala da mãe reforça que o Povo de Légua trabalha firme sobretudo na organização da casa. Algo que pude observar é que as entidades também tem gostos por determinado tipo de roupas, já Vi Dona Maria Légua mudar a roupa na mesma festa trocando um vestido dourado por um vermelho, segue abaixo o registro que fiz:



Fonte: autora – dezembro/2023

Segundo a Mãe Meridalva essa encantada é a farrista⁹⁰ de sua crôa e por isso desenvolve algumas atividades na casa, a Mãe Explica:

A Dona Maria Légua ela já é a minha farrista, a minha farrista digo assim porque é ela quem trata em questão de tambor, ela que tá muito presente na questão do tambor, ela que doutrina as meninas na questão do tambor se for alguma menina alguma das médiuns pra fazer algum trabalho de gira pra firmeza de tambor é ela quem tá ali passando o que tem que fazer, se for pra dar comida pro tambor ou obrigação de tambor de direita ela quem tá ali também, aí ela é minha farrista e ela geralmente está nos tambor que outro encantado não pode descer, então ela geralmente ela que é minha farrista, ela que passa na minha croa pra certas obrigações no terreiro é ela e fora do terreiro pra dias de tambor geralmente é ela. (Mãe Meridalva d'Oxum, informação verbal, maio/2024)

Constatei essas informações quando vi essa encantada falando com as pessoas da casa e dizendo que tipo de banho deveriam tomar, que tipo de vela acender e o que fazer para fins de equilíbrio, saúde, abertura de caminhos. Assim, Dona Maria Légua foi uma das encantadas com a qual tive maior contato durante essa pesquisa exatamente porque nas festas públicas ela é uma das que desce na cabeça da Mãe com maior frequência.

3.6 “O machado que quebra o coco não sai do pé da baiana”: Dona Chica Baiana a “escrava da casa”

Dona Chica Baiana é uma entidade de alto astral, gosta de dançar e quando ela chega na cabeça de Mãe Meridalva, a depender da roupa que seu cavalo ou qualquer outra entidade esteja usando antes dela chegar, ela já pede para mudar, ela até se esconde e só se mostra publicamente com a roupa que lhe agrada e isso está ligado muito mais em questão de cores do que em formato de roupas em si, e também porque percebi que cada entidade tem sua roupa própria no terreiro. Pude perceber isso no tambor de obrigação da casa (06 de abril/2024).

Antes de Dona Chica Baiana chegar na cabeça de Mãe Meridalva, estava Dona Maria Légua, e eu disse para as filhas da casa que estava esperando muito Dona Chica passar para poder a ver e conversar com ela pelos interesses desta pesquisa. Eu já havia

⁹⁰ Farrista de crôa ou entidade farrista “é o nome que dá para aquele guia que está mais presente dentro de uma casa de santo, seja em meio a trabalhos, tambores, festas e até mesmo confraternizando com sua comunidade de axé. Esses encantados tem como missão em está à frente do terreiro, trabalhando, protegendo seus discípulos e clientes, é o encantado que vai buscar e que vai levar. Digamos que seja os guias mais ‘humanizados’ do terreiro, por estar com frequência na terra fazendo seus afazeres espirituais para com sua casa de santo. (Pai Augusto de Oxum, abril/2024).

visto Dona Chica antes, mas não puder falar com ela muito tempo e ela havia dito para as meninas (filhas da tenda) que naquele dia ela passaria. Esperei a tarde toda enquanto fazia algumas observações, anotações e fotografias. Chegou à noite e nada de dona Chica chegar. As filhas da casa diziam pra Dona Maria Légua que eu estava esperando dona Chica, até dona Tereza Légua Buji Buá da Trindade e Dona Cabocla Juliana que estavam incorporadas em seus cavalos por lá, pediam que Dona Chica viesse.

Enfim, dona Chica Baiana chegou depois que a gira já havia acabado e todos estavam sentados no pátio do terreiro se confraternizando. Enquanto Dona Maria Légua deixou a Mãe Meridalva ir ao banheiro⁹¹, a Dona Chica Baiana desceu, nesse momento a Mãe passava próxima ao camarim⁹² (quarto onde ficam as roupas das entidades) e gritou pedindo ajuda.

Fui junto com uma filha da casa ao seu encontro e quando chegamos perto, ela queria outra roupa nas cores vermelha e preta, fui ajudar na procura da roupa que lhe agradasse e auxiliei a própria Dona Chica Baiana a vestir o que ela escolheu e gostou, também busquei um pano vermelho com detalhes preto que ela queria e quando entreguei ela agradeceu muito e foi logo botando envolta do pescoço.

Notei que não somente os acessórios identificam ou diferenciam as/os encantadas/os, algumas características do corpo também mudam de uma entidade para outra, como o levantar da sobrancelha, o olhar, a maneira de falar, a preferência por maquiagem e a dança. Assim que essa encantada chegou no corpo da Mãe Meridalva, pediu também batom vermelho e espelho, arrumou o cabelo amarrando um pouco no alto da cabeça, antes estava solto. Eu atenta, fui fazendo o registro desse momento em fotografias:

⁹¹ Enquanto as entidades estão incorporadas nos/as médiuns estes não vão ao banheiro, não fazem essas necessidades fisiológicas e nem comem nenhum tipo de comida, somente bebem e fumam. Pode ser que em outro terreiro essa prática não seja adotada, mas na casa da Mãe Meridalva tanto suas entidades quanto dos/as médiuns da casa adotam esse comportamento e assim já pude observar em outros terreiros de Imperatriz-MA.

⁹² As meninas da casa dão risada quando eu falo que o quarto das roupas das entidades e onde elas se trocam para as festas, eu chamo de camarim, para elas é só um quarto mesmo, já eu acho o lugar próprio de um camarim e eu brinco que é de onde sai as estrelas da festa.

Figura 30 – Dona Chica Baiana na cabeça de Mãe Meridalva



Fonte: autora – abril/2024

Nessa mesma noite, tive a oportunidade de conversar com essa entidade e dentre algumas conversas eu pedi para que ela falasse um pouco sobre si mesma, ela prontamente me disse:

Moça Polyana, minha filha, eu não sou uma encantada que foi matada, eu vivi, eu era uma moça, mocinha, e um dia eu sai no meio de um cafezal, eu sou bem pretinha mia fia e bem novinha, minha idade é quatorze anos, eu tenho quatorze anos, eu morava assim como sendo uma escrava e na realidade eu era uma escrava numa fazenda muito grande, aí o meu dono e dono do cafezal lá pediu pra mim colher e eu tava muito atribulada querendo colher os café e eu não consegui colher o tanto que ele queria e aí minha preocupação foi muito grande e nesse momento eu roguei no meio do mundo assim eu ajoelhei cá minha cabeça no chão e pedi a Deus, e dali eu sumi, e eu me encantei, eu me encantei Chica Baiana. Então assim, eu sou uma moça, quando fala assim: “eu sou uma moça fina mina de mar minas gerais, eu sou baiana feiticeira não nego meu natural”. Assim eu nunca nego o meu natural como eu sou Chica Baiana. (Dona Chica Baiana na cabeça de Mãe Meridalva, informação verbal, abril/2024).

Nessa sua autobiografia, Dona Chica vai relatando como foi sua vida, apesar de jovem, ela já trabalhava muito, era escrava. Não encontrei na literatura mais informações sobre ela, mas Reginaldo Prandi e Patrícia de Souza (2006, p. 265-266) diz que essa

encantada “é um dos membros da trindade da família (grupo de três encantados mais importantes), que aparece muito tanto no tambor-de-mina quanto na umbanda; embora os baianos da mina não usem o tradicional ‘oxente!’ da umbanda. É muito alegre, extrovertida”

Os pesquisadores Reginaldo Prandi e Patrícia de Souza (2006, p. 265-266) afirmam que no terreiro de Tóia Jarina, onde pesquisaram, ela é “um dos melhores ‘pés de dança’”. Afirmam também que ela “é querida por todos os encantados e pelos filhos do terreiro. É madura e, em vez de turbante, prefere chapéu de palha com flores ou apenas uma faixa com lenço na cabeça”. Essas informações coincidem com as observações feitas a cerca desta entidade na cabeça de Mãe Meridalva, desde o início desse tópico, porque ela prefere um pano de cabeça ou lenço que ela pode colocar na cabeça ou em volta do pescoço para depois usá-lo na cabeça. Abaixo, montei um quadro de fotos para seguir descrevendo Dona Chica na cabeça de Mãe Meridalva, no terreiro desta pesquisa.

Figura 31 – Dona Chica Baiana pegando galhos para benzimento



Fonte: autora – abril/2024

Dona Chica assim como Dona Maria Légua atende as pessoas com muito carinho e também reza nas pessoas, no quadro fotográfico acima, mostro alguns desses momentos. Um homem chegou com um bebê doente e disse que já havia ido ao médico algumas vezes e a criança não melhorava, então naquela noite de festa no terreiro ele foi pedir que Dona Chica rezasse em seu filho. Dona Chica conversou com o pai e pediu umas folhas de peão roxo para benzer o menino, como as pessoas estavam demorando com as folhas conforme ela havia pedido, ela mesma foi dançando pelo terreiro (1, 2 e 3) até uma árvore que fica próxima ao portão de entrada (já me disseram que essas folhas são para banhos espirituais), ela tirou alguns galhos e começou o benzimento.

Quando ela estava rezando no bebê, chegaram com as folhas de peão e ela trocou de folha e continuou rezando (4). Logo que ela terminou deu algumas recomendações ao pai e depois acolheu também a mãe da criança (5, 6). Assim também algumas pessoas foram ao seu encontro e ela acolhia com abraços, beijos e conselhos (7, 8, 9). Aquela noite não era uma festa de convite público, foi somente uma obrigação da casa e para as/os médiuns da tenda, mas as pessoas conhecidas e vizinhas iam até ela para pedir por suas necessidades que nem sempre são materiais, mas são sobretudo assim, espirituais. Penso na doutrina de Dona Chica que toca pelo terreiro: “ô Pai e Nosso que estás no céu, santificado seja o vosso nome aê mãe Chica, aê Chica Baiana”, assim ela acolhe as pessoas, como uma mãe.

Ela também briga e reclama uma festa para ela no terreiro. Um dia estava conversando com as meninas da casa quando elas me disseram que Dona Chica estava na cabeça de outro médium em outro terreiro e disse para elas (filhas da casa de Mãe Meridalva) que não trabalharia mais no terreiro da Mãe Meridalva porque só precisavam dela pra trabalhar e não davam uma festa para ela. Na noite que estive conversando com essa encantada (06 de abril/2024) ela me disse que teria uma festa e que essa festa aconteceria em agosto/2024, depois o povo da casa me confirmou que realmente fariam a festa dela. Em se tratando das atividades desenvolvidas por Dona Chica na casa, a Mãe Meridalva me explicou o seguinte:

A Dona Chica Baiana é escrava da casa pelo fato de que ela é muito trabalhadeira na minha cabeça, muito virada assim né, ela é muito de vamos dizer assim de labuta, de correr atrás do trabalho, de fazer certos trabalhos, de limpeza, de filhos de santo da casa, de alguns cortes de esquerda na casa ela faz, entendeu? Alguns trabalhos de direita ela faz, como: limpeza, defumações,

abertura de caminhos, descarregos e até mesmo tratamentos espirituais pra certas doenças entendeu, ela faz isso. Por isso que algumas vezes ela sempre diz isso que é a escrava da casa porque ela tem um papel muito grande na minha cabeça, na casa. Não que os outros encantados não tenham, mas ela que trabalha mais assim em busca do sustento na casa e que as pessoas procuram também. (Mãe Meridalva d'Oxum, informação verbal, maio/2024)

Essa explicação se deu a partir da minha busca por entender a expressão que ouvi de uma das filhas da casa: “a Dona Chica é a escrava da casa”. Então pedi a Mãe que me explicasse um pouco sobre a expressão e também me falasse sobre a função dessa encantada em seu terreiro e resultou na fala acima. Presenciei ainda a realização da festa dessa entidade, em 13 de agosto/2024⁹³. Nesta noite eu também auxiliei as meninas da casa a se fardarem para a gira e também a Mãe Meridalva que se paramentava para receber Dona Chica, e ela estava vestida conforme fotografia abaixo:

Figura 32 – Dona Chica Baiana na cabeça de Mãe Meridalva



Fonte: autora – agosto/2024

⁹³ Um pequeno resumo da festa pode ser conferido via página do Instagram da casa no material audiovisual feito por mim nesta noite de Dona Chica Baiana, disponível em <https://www.instagram.com/p/C-q6kK1tz9t/>, acesso em 20/08/2024.

As quatro fotografias mostram em ordem, o momento que está acontecendo a incorporação, Mãe Meridalva estava na boca do tambor e sai girando pelo salão com sinais como: meio tonta, mãos na cabeça, o corpo se agita um pouco e faz gestos como de se estender para traz e outras vezes para frente e termina dançando. Em seguida, o sorriso já é a identidade certa da chegada de Dona Chica em corrente de Pomba Gira, ela tem um comportamento completamente diferente das demais entidades como já fora dito acima. As últimas duas fotos são na frente da mesa de decoração flores, velas e uma mesa que continha muitas frutas, bebidas e cigarros.

Outra curiosidade que notei em campo, e segundo os ensinamentos que recebi de Mãe Meridalva, é justamente a de que as encantadas e encantados podem trabalhar em diversas falanges, e Dona Chica pode trabalhar tanto na linha dos pretos velhos, baianos, boiadeiros e, na Tenda Nossa Senhora da Conceição, ela vem em linha de Pomba Gira, e por isso na fala da Mãe ela revela que em sua croa ela faz “alguns cortes de esquerda na casa”, porém a Mãe tem outra Pomba Gira que é a Maria Padilha que na madrugada desta mesma festa (13 de agosto/2024), desceu na crôa de Mãe Meridalva e ficou até o dia amanhecer, porém não presenciei, somente vi os vídeos que foram postados no grupo da casa e me mostraram porque quando sai da festa ainda era Dona Chica.

Figura 33 – Imagem de Dona Chica Baiana



Fonte: autora – agosto/2024

Interessante que na imagem de Dona Chica Baiana, ela aparece sempre com esse objeto na cabeça, que em algumas esculturas tem bolinhos como se fosse acarajé ou algo nesse sentido. Ela é exposta rodeada de frutas, e na festa dela, na casa da Mãe Meridalva, por ser festa de Chica Baiana e uma noite dedicada a pomba gira, a mesa era dividida, de um lado havia muitas frutas e do outro lado cigarros e bebidas. Essas duas coisas pareciam se harmonizar bem, a decoração da festa tanto quanto a identidade da encantada naquele lugar.

Dos pontos que são cantados na casa para ela estão: “Ô lelê lelê, ô lelê do maita Trago arco e trago flecha também trago Maracá Saravá Chica Baiana moradeira do Pará”; também o ponto que fala: “aê Chica Baiana, ho da família de baia, ho abre a roda pra baiana passar, ho deixa a Chica girar”, outro bem lembrado é: “Chica Baiana mora no ôco do pau Chica Baiana mora no ôco do pau, Chica Baiana é moça, Chica Baiana é mau”, e ainda “o machado que quebra o coco não sai do pé da baiana, hô baia baia baiador, ho baia Chica Baiana”. Esses pontos são típicos das doutrinas que falam das características dos encantados e de suas pertencas.

3.7 “Ela é muito desse lado da saúde né, de cuidar, da reza”: Mãe de cabeça das filhas da Tenda

Em se tratando das entidades que não são “orixás” e são comumente chamadas de encantados/as é mais dificultoso o acesso às suas mitologias, no entanto fui perguntando para as médiuns/filhas do terreiro e às vezes para a Mãe Meridalva sobre essas entidades que são mães de cabeça das mulheres que colaboram nessa pesquisa a partir da experiência etnográfica. É importante pontuar que mesmo sendo encantados/as também são chamados/as de orixás pelas pessoas do terreiro e quando perguntei por que chamavam encantados de orixás, me explicavam que era uma relação de respeito para com aquela entidade. Nesse sentido, o pai ou mãe de cabeça, sendo encantado/a, pode ser também chamado de orixá de frente.

Como algumas ainda estão no processo de desenvolvimento da mediunidade, nem todas elas sabiam falar sobre sua guia, no sentido de contar uma história, uma mitologia sobre aquela que lhe acompanha. Algumas dessas mulheres disseram que estão descobrindo aos poucos, e de fato, o processo de desenvolvimento mediúnico não se faz

por estipulações de prazos, mas segundo a Mãe Meridalva, em suas explicações algumas vezes para as pessoas da casa, o orixá tem o seu tempo e não adianta querer apressar ou atrasar, porque o mundo espiritual tem seu próprio ritmo.

Na última festa de Cosme e Damião (setembro/2024), Dona Maria Légua fez reunião com as pessoas da casa após a festa, e ela explicava que há vários graus de mediunidade e dizia o nome das pessoas, explicando que aquela determinada pessoa não tinha a mediunidade de incorporação enquanto outra tinha, e que o grau era tão profundo que ela perdia totalmente a consciência. Ouvindo algumas explicações dessa Ialorixá, nesse viés, entendo que também é uma maneira de apaziguar algumas situações nas pessoas que estão ansiosas pela incorporação, de pessoas que querem desistir da preparação, e nesses momentos formativos, é também de ir conduzindo essas pessoas nesse processo. Há nesse tópico, uma mescla entre o que encontrei na literatura, os relatos que pude coletar das mulheres que colaboram nessa pesquisa e também relatos que ouvi nas festas da casa ou que me explicaram no decorrer da pesquisa a fim de descrever, ainda que de maneira sucinta, essas entidades. Dito isto, coloco aqui as entidades tais quais descrevi na tabela 2, do capítulo segundo.

Dona Joana Gunça é descrita no trabalho de Reginaldo Prandi e Patrícia de Souza (2006, p. 259) como “uma encantada que surgiu em Caxias com mais três irmãs, Ida Gunça, Carmen Gunça e Maria Gunça, todas consideradas irmãs de Légua Boji”. Seguindo as informações dos autores em questão, essa encantada “tem postura de vodum e dizem que faz bons trabalhos de cura” (Prandi; Souza, 2006, p. 259). Para a filha da casa de Mãe Meridalva que recebe ela como guia de frente, essa entidade é apresentada da seguinte maneira:

Joana Gunça ela é uma princesa ela vem na linha do Légua Buji Buá e na linha de Iemanjá com seu cavalo branco e também ela é parteira também, ela trabalha com justiça ela é uma ótima cabocla de mina, quando eu fiquei sabendo que Joana Gunça ia me acompanhar eu fiquei muito grata e ela também trabalha na linha de cura (Filha de Dona Joana Gunça, informação verbal, novembro/2024).

Na festa de Nossa Senhora dos Navegantes/Iemanjá, em fevereiro/2024, na Tenda Nossa Senhora da Conceição, conheci o Pai de Santo Márcio de Joana Gunça, do Terreiro Nossa Senhora Santana, que fica localizado na cidade de Paragominas/PA. Na ocasião ele estava em Imperatriz para participar do festejo, me apresentaram a ele como pesquisadora e ele começou a explicar muitas coisas sobre a religião e numa dessas ele

me contou uma história de Dona Joana Gunça que, segundo ele, essa encantada é dona da sua cabeça e também da sua casa (terreiro). Ele me explicou o seguinte:

Joana Gunça mesmo é de Caxias, mas foi se envolvida em Codó lá com o Povo de Légua, mas lá na minha casa eu cultuo ela como uma preta velha, mas tem terreiro que cultua ela como princesa, vai muito de casa pra casa, lá na minha casa é como preta velha. Aí tem a Joana Gunça e tem as irmãs dela né que várias pessoas trabalha, tem a Joana Gunça, tem a Ida Gunça, tem a Carmen Gunça, Maria Gunça, são quatro irmãs tais entendendo? São de Caxias, mas elas foram de Caxias e a primeira incorporação delas foi pro rumo de Macapá, de Joana Gunça, aí de lá que veio expandindo e é por isso que canta “atravessei maresia” o “vapor”, é uma história, aí tem uma história que foi no Pará que ela se desenvolveu e ela é mais conhecida no Pará, aí lá (Pará) eles cultuam ela como princesa porque eles já tem ela como aquela encantada alegre, encantada divertida, aí no Pará lá pra nós, nós cultuamos ela como se fosse uma Mariana nossa tais entendendo? Por causa da alegria, mas Joana Gunça mesmo, ela mesma as energias dela, a essência dela é de preta velha por ela ser de Légua, ela não é irmã de Légua tem muita gente que confunde e diz que ela foi mulher de Légua, irmã de Légua, não! Ela tem a própria falange dela das irmãs dela falange de Gunça. Ela passa na linha de princesa e preta velha mas ela é de Légua. Ela vem na família de Légua quando ela vem como fazer trabalho, como for fazer uma cura já vem na linha de preta velha, como já vem na linha de farra já vem na linha de Mariana que já mexe com nosso Pará e já faz parte dos lençóis, vai de casa pra casa (Pai Márcio de Joana Gunça, informação verbal, fevereiro/2024)

Perguntei ao Pai Márcio qual a descendência dela e se ela veio da escravidão, ele disse:

Vem da escravidão, vem das quebradeiras de coco, vem de Légua tais me entendendo? Só tem que hoje em dia as pessoas cultuam ela mais já como linha de princesa, como ela foi encantada. Tem casas que cultuam como ela veio da Turca passou pela Turca, em Belém as pessoas cultuam ela mais assim como que ela veio da Turca ela é loira, muda de casa pra casa, de águas pra águas porque tem casas que ela vem pela linha da Mariana aí já cultuam dessa maneira como nós tamo conversando, o fundamento dentro da minha casa é Joana Gunça preta velha, vodunsa velha da família de Légua dentro da minha casa e estou falando da minha casa e não da casa alheia.

Na fala da filha de santo da casa da Mãe Meridalva, Joana Gunça é tanto princesa como também trabalha na linha de Iemanjá e também na cura (linha de preto velho). Ela me deu ainda um ponto dessa encantada que diz o seguinte: “eu venho da maresia do grande peso do mar, e mais sou eu Joana Gunça, sou eu a flor do mar, sou eu filha mais nova, só eu sei trabalhar”.

A segunda que quero apresentar é Cabocla Mariana. Segundo informação de Mãe Meridalva ela é da linha das águas, maresia. Essa encantada aparece na escrita dos pesquisadores Reginaldo Prandi e Patrícia de Souza (2006, p. 236) da seguinte maneira:

É a entidade feminina que mais se destaca no tambor-de-mina em São Paulo, tanto na sua como noutras famílias. Também chamada Bela Turca, na casa de Jarina está sempre presente, dirige cerimônias fechadas e tambores, fala pelo terreiro, aconselha, recebe convidados, administra a casa. Embora seja turca, apresenta-se em vários outros panteões da encantaria, na família de Marinheiros, Ciganos, na Linha de Mata e na linha de Cura, exercendo atividades de curandeira e parteira etc., além de se apresentar em outras famílias, nas quais é sempre bem recebida [...] Gosta de trabalhar com mandioca em infusão, ervas cheirosas, mel, banhos, assim como de trabalhar na linha astral. Acredita-se que seja ‘boa curandeira’ por saber trabalhar em todas as linhas da encantaria.

Não tive contato com essa entidade, e sua filha na qual ela é mãe de cabeça, estando em processo de conhecimento e desenvolvimento espiritual, não soube ainda falar dessa encantada.

A próxima é Dona Maria Redonda que é lembrada como alguém que está ligada de maneira direta ao período escravocrata:

Ei Polyana, que assim eu já pesquisei muito sobre a Dona Maria Redonda que ela era uma parteira né, que ela cuidava das crianças dos escravos e aí ela é muito desse lado da saúde né, de cuidar, da reza, eu acho que por isso originou muito nessa questão dos preto velho né, que eles cuidavam muito da saúde dos filhos dos outros escravos né, e ela era uma que como ela era parteira que já cuidava e acho que originou mais né, aí ela é muito nesse lado dos preto velhos de cuidar de tá ali sempre ajudando nessa questão da saúde de todos. (Filha de Dona Maria Redonda, informação verbal, novembro/2024)

A respeito de Dona Cigana da Beira da Estrada, ela é pomba gira cigana, conversei com essa encantada em um tambor de obrigação interna da casa, em abril/2024, tambor de aleluinha (depois da semana santa) que chamam. Nesta ocasião, Dona Cigana chegou próxima a mim e disse que iria contar a sua história como havia acontecido:

Moça Polyana eu não sou uma encantada que morreu e nem que foi matada, eu me encantei e vou dizer pra senhora o que aconteceu comigo. Eu fui atacada por um bando de homens na beira de uma estrada e com apenas quatorze anos fui estuprada por todos eles, eu gritava, mas ninguém apareceu pra me ajudar. Quando eles fizeram o serviço comigo eu fiquei sangrando e antes de morrer eu passei para o plano espiritual, eu me encantei” (Dona Cigana da Beira da Estrada, informação verbal, abril/2024).

Enquanto Dona Cigana falava de sua trágica história e ela, após contar uma vez, repetia os fatos vagarosamente, eu me emocionava várias vezes, parecia que eu tinha sido transportada pra dentro do acontecimento, ela relatava sua dor dando pausas e aquelas pausas era como tempo suficiente para que fosse construído o cenário na minha imaginação. Pensei no lugar, no medo, na violência, na impotência e não podia mais disfarçar como aquele relato me afetava, eu cheguei a sentir junto com a intensa vontade

de chorar, falta de ar. Ela dizia, “eu gritava”, e eu estava lá naquele lugar ouvindo seus gritos.

Dona Cigana disse não chora não meu amor, vou te contar agora a história desse cavalo que estou montada encima, era a história da médium e eu continuei atenta. Ela me disse:

A moça (nome da médium) quando era adolescente morava com a vó dela, um dia enquanto a vó dela saiu para buscar lavagem (mistura de sobras de comida que são descartadas) para os porcos, um homem entrou na casa dela e com uma faca na garganta dela estuprou ela encima da cama da vó dela, ela gritou, mas ninguém foi salvar ela e ele botou a faca e disse que iria matar ela se ela continuasse gritando. Ela sozinha ficou também lavada de sangue encima da cama e numa tristeza profunda, ainda hoje a moça (nome da médium) tem dias que ela tá numa tristeza profunda, tem dias moça Polyana que a moça (nome da médium) vai pro banheiro e ela passa tanto sabão na pele e bucha com tanta força pra ver se sai aquela sujeira do corpo dela, ela se sente suja, imunda, ela chora e chora muito. Mas ela não tem culpa, eu já disse pra ela, a história dela é a mesma minha. O cara depois fugiu na época, mas hoje em dia ele vive por aí e a moça (nome da médium) ver ele e sente nojo dele (Dona Cigana da Beira da Estrada, informação verbal, abril/2024).

Nesse segundo relato, eu já estava suspensa do chão, aquele relato entrelaçado a mitologia da encantada mexia comigo de uma maneira que não sei explicar em palavras, meu corpo foi tomado por arrepios e as lágrimas desciam descontroladamente, eu tentava segurar, mas era uma luta inútil, eu perdia por sentir demais. Nesse momento, a pesquisadora não conseguia se distanciar objetivamente do objeto, foi um dos momentos mais difíceis de pesquisadora, sem dúvidas.

Aquele relato foi se misturando também a minha própria história de adolescência, em que fui diversas vezes ameaçada de estupro pelo meu próprio padrasto e quanto nojo eu senti de mim mesma em cada olhar nojento, cada palavra e como queria me esconder até de mim mesma. Aquele relato se misturava aos relatos de mulheres da minha família que foram violentadas pelo próprio pai (o machão imaculado e dono de toda moral), se eu pudesse dizer nessa escrita todos os casos que sei dentro da minha própria família e que a mim foram confidenciais, mas não posso.

O que Dona Cigana confidenciava a mim eu só tornei público porque pedi autorização da médium (cavalo), falei que sua história e de sua orixá de frente (Dona Cigana da Beira da Estrada), era também a realidade das mulheres da minha família que morriam em gritos de silêncio, sufocadas pela dor e pelo silenciamento daqueles que ao invés de proteger as violentava. A médium não hesitou em me ceder a sua voz a fim de

que ela gritasse nessa escrita, por elas e também pelas minhas (parentas). Essa história converge com o índice de estupros e feminicídios de meninas e mulheres que são impunes no Brasil e no mundo⁹⁴.

Dona Maria José é uma encantada que não tive contato, a Mãe Meridalva me disse que ela se perdeu na mata e se encantou. Na literatura, “é também conhecida como Dona Florzinha e aí se apresenta como princesa, aliás umas das raras do Codó adaptando-se ao povo da terra e perdendo a condição de vodum” (Prandi; Souza, 2006, p. 263). Ela é descrita ainda como aquela que mesmo “perdendo a condição de vodum” se “manteve princesa e se diz ‘vondunsa’. Está entre as mulheres mais importantes de sua família, sendo que alguns mineiros a confundem com sua irmã Maria de Légua” (Prandi; Souza, 2006, p. 263)

Em se tratando de Dona Rosalina, me disseram que ela é cabocla e se transforma em cobra. Informação que é constatada no trabalho de Reginaldo Prandi e Patrícia Souza (2006, p. 328), em que consta que há a “família das cobras, chefiada por Dona Rosalina” e que essas famílias de encantaria “tem costumes próprios, sistemas familiares, cantigas e uma chefia que se repete em todos os terreiros de mina que tem uma verdadeira origem”. Essa encantada, eu também não tive contato porque a sua filha ainda está em desenvolvimento, e não presenciei nenhuma incorporação com ela no terreiro.

Portanto, todas as entidades que apresentei de maneira resumida, com as suas mitologias e nos depoimentos das interlocutoras, me ajudaram a compreender como essas representações reverberam no campo pesquisado por meio dos discursos e práticas dessas mulheres. Sua importância aponta também no sentido de compreender como essas entidades, de uma forma específica, reaparecem nas representações de Maria para as mulheres com as quais pesquiso, como veremos no capítulo seguinte.

⁹⁴ “O Brasil registrou um crime de estupro a cada seis minutos em 2023”, disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-07/brasil-registra-um-crime-de-estupro-cada-seis-minutos-em-2023>, acesso em 30/10/2024.

4. “QUEIRA NOS VALER SENHORA”: REPRESENTAÇÕES DE MARIA PARA AS MULHERES DA TENDA

Compreendendo a sociedade como um “organismo vivo” pode-se perceber na obra “Da divisão do trabalho social” (1999), a ideia de que cada parte trabalha e é capaz de interagir, o que denota a ideia de “interdependência” ou algo puramente social, coletivo. Partindo disto, entende-se bem o que Durkheim vai falar sobre as representações coletivas, uma vez que ele está interessado no todo e não somente nas partes. Diz ele, “a mentalidade dos grupos não é dos particulares; tem suas leis próprias” (Durkheim, 2011, p. 21). Isso fica ainda mais claro quando ele segue, “o que as representações coletivas traduzem é a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam” (Durkheim, 2011, p. 21).

As representações coletivas ocupam lugar de destaque em Durkheim, visto que ele propõe uma teoria do conhecimento. Para ele, “o conhecimento de algo externo, só é possível através das representações” (Tomei, 2013, p. 2), as representações constituem a vida social, elas “traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam” (Durkheim, 2011, p. 21) e vejamos bem, não é a opinião ou a “sensação” que é peso para as representações coletivas, mas, como o próprio nome já diz “é a natureza da sociedade, e não as particularidades, que devemos considerar” (Durkheim, 2011, p. 21).

Posto isto, trago meu objeto pesquisa que são “as representações de Maria”, buscadas ou observadas na Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição. Segundo aquilo que Durkheim ensina sobre a pesquisa, antes de tudo é necessário “afastar sistematicamente todas as pré-noções” (Durkheim, 2011, p. 54), acerca do meu objeto. Considero este sociólogo imprescindível para este trabalho pretendido acerca das representações, pois segundo Tomei (2013, p.3), em seu entendimento da leitura durkheimiana, “as representações coletivas são a trama desta vida social. Logo, não poderia haver essa vida sem representações coletivas”.

A coerção está presente nas representações coletivas que “podem assumir a forma de leis ou regras morais” (Tomei, 2013, p.5). Isto me induz aos seguintes questionamentos: quais as sanções que os filhos ou filhas de santo podem sofrer se não

participarem dos cultos (momentos de festa/tambor) em que se celebram estas representações?

[...] há sempre uma dimensão tanto racional, quanto sentimental na produção dessas representações. Além disso, há uma distinção muito forte na própria questão da duração destas representações. A criação destas representações se daria em um momento de “intensificação da vida coletiva” no qual a sociedade atribuiria sentidos coletivos à realidade. (Tomei, 2013, p.5)

Diante disto, olhando para meu campo de pesquisa, me pergunto: Quais os significados, sentidos são atribuídos enquanto o grupo se reúne nos cultos para celebrar as festas marianas? Pois segundo o que se entende, além de coercitivas “essas representações são exteriores a nós mesmos” (Tomei, 2013, p.6), se são dotadas de exterioridades, então, em se tratando do grupo onde estou pesquisando, é pertinente observar não o que cada um produz, mas o que o grupo está produzindo nesses momentos de festas e datas comemorativas, através das imagens, rezas, dos pontos cantados, de objetos, organização do ambiente, tudo isso pode reverberar essas representações.

É bem verdade que é preciso levar em consideração vários elementos para percepção das representações dentro desta pesquisa, uma vez que para Durkheim “as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas” (Durkheim, 1996, p. 16). É necessário analisar o grupo e não somente os indivíduos separadamente, para isso se torna imprescindível observar não somente seus discursos, mas e, sobretudo, as suas práticas, “contar com o que eles dizem e com o que eles fazem” (Magnani, 2004, p. 130), pois as representações coletivas “podem dar conta, tanto dos ideais da sociedade quanto de suas ações” (Tomei, 2013, p.7).

Faz-se necessário observar que, em se tratando de representações coletivas:

Durkheim dá a elas três propriedades: a impessoalidade, a universalidade e a relativa imutabilidade. A primeira é a capacidade da representação não estar associada com nenhum tipo de ideia ou modelo de nenhum indivíduo em específico, mas com a de todo um grupo social, ou seja, ela possui um grau de objetividade maior que as individuais. A característica da universalidade é a capacidade dele ser compreendido por uma pluralidade de sujeitos, tal como uma língua que é compreendida por todos os seus falantes. Finalmente, a relativa imutabilidade é o fato que os conceitos, visto que são feitos coletivamente são dificilmente mudados. (Tomei, 2013, p.9)

Partindo deste conceito de representações e compreendendo o primado da coletividade, volto a Magnani (2004), ele vai criticar a maneira como se tem usado costumeiramente nas pesquisas essa categoria, explica:

é como se existisse um acordo tácito: todos sabem do que se está falando... e se fosse o caso de insistir, sairia mais ou menos o seguinte: representação é algo como uma espécie de imagem mental da realidade. Os ingredientes dessa imagem seriam, em primeiro lugar, as experiências individuais decorrentes da realidade social em que o ator está imerso, realidade que se apresenta sob a forma de círculos concêntricos: família, a rede de vizinhança, o bairro, categoria profissional, partido, classe social, etc. (Magnani, 2004, p. 128)

Dentro desse entendimento se dá ênfase no “discurso dos agentes” (Magnani, 2004, p. 128). A partir disto, Magnani propõe Malinowski e os baloma como uma maneira de comparar como se tem feito e como deveria ser, trazendo esse momento da pesquisa desse antropólogo funcionalista para detalhar como era a crença dos Kiriwineses nos espíritos dos mortos, e percebeu que:

cada um deles tem suas próprias idéias. Além do mais, as idéias e crenças não existem apenas nas opiniões conscientes e formuladas dos membros da comunidade; estão incorporadas em instituições sociais e estampadas nas condutas dos arborígenes e deverão ser extraídas, por assim dizer, de ambas as fontes. (apud Magnani, 2004, p. 130)

A fim de chegar a esses momentos, Malinowski vai não só buscar aquilo que eles dizem, ou seja, os seus discursos, mas também o que fazem. Deste modo ele busca no primeiro caso “as opiniões que ele vai chamar de populares ou gerais; depois dos especialistas e, finalmente as especulações e comentários de informantes mais capazes e inteligentes” (Magnani, 2004, p. 130). Depois disto, ele parte para o segundo momento que é “a observação de determinados costumes e ritos públicos, a conduta dos nativos durante essas cerimônias e os comportamentos motivados pelas crenças” (Magnani, 2004, p. 130).

Após ouvir as diferentes opiniões ele “conclui que não há acordo – nem doutrina definida – sobre a natureza desses espíritos” (Magnani, 2004, p. 132), desta forma ele pôde comprovar que “os depoimentos não falam por si; há ademais, outras ‘práticas significantes’ e é do entrelaçamento, da relação entre essas práticas que se pode reconstituir o significado” (Magnani, 2004, p.139). Daí o perigo de no momento da nossa pesquisa de campo, a gente se deter em pensar as representações de maneira individualizada, apenas através de entrevistas, ou melhor, sobre aquilo que dizem ou que pensam sobre aquilo que dizem.

Não é que não devemos dar menos importância aos discursos individuais, ao contrário, esses materiais tem muita relevância e não contrasta o coletivo ou aos momentos de práticas como os cultos, “em outras palavras, discurso e prática não são

realidades que se opõem, um operando por distorção com respeito à outra; são antes pistas diferentes e complementares para compreensão do significado” (Magnani, 2004, p. 140)

Segundo Halbwachs (2004), a nossa memória é coletiva, e nos acontecimentos de nossas vidas o que lembramos ou a maneira com que lembramos parte de uma coletividade, “em realidade, nunca estamos sós” (Halbwachs, 2004, p. 26) e “não é necessário que outros homens estejam lá, que distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (Halbwachs, 2004, p. 26), até quando lembramos, nós lembramos a partir de onde somos, ou do grupo ao qual pertencemos. Sendo assim, haveremos de concordar com Durkhiem quando explica que há uma consciência coletiva que é exterior a nós.

Trazer Maurice Halbwachs neste ponto do trabalho é propositalmente para constatar que as representações, ainda que individuais, são forjadas pela coletividade e por isso não podemos trabalhar com esse conceito somente a partir de partes, mas levando em conta o todo do grupo que estamos analisando. Em relação a isto, quero trazer alguns momentos da pesquisa para que, a partir do que expusemos sobre etnografia e representações, possam lançar luzes sobre o campo e sobre algum material que foi coletado.

Sendo significantes essas imagens, são elas capazes de atribuir ao mundo de cada sujeito e, sobretudo ao grupo, uma infinidade de significados, pois as representações partem sempre das e nas relações, entendendo na subjetividade do sujeito religioso essa relação entre aquilo que se vê e o que se sente e percebe ao ver determinada imagem ou ouvir falar dela. Disto, o mais importante é notar que as representações “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (Chartier, 2002, p. 17), e essas representações coletivas dão coesão ao grupo, operando na organização da coletividade.

4.1 Hagiografia das figuras marianas festejadas na Tenda

Após conhecer a Tenda e as mulheres (Mãe e filhas de santo) que são colaboradoras na feitura deste trabalho, trago as personagens femininas que estão na cosmologia da tenda e com as quais tive contato de maneira direta ou não, ou seja, aquelas que fazem parte do panteão sagrado desta casa e que foram percebidas em campo durante a pesquisa. O objetivo é que, observando as narrativas das colaboradoras e visitando a

bibliografia sobre hagiografia e mitologia dessas femininas sagradas, seja possível perceber e analisar de que forma isto influi nas representações que essas mulheres têm a respeito de Maria (Nossa Senhora).

Devido a tenda ter por nome um título de Maria: “Nossa Senhora da Conceição”, que é um dos quatro dogmas marianos católicos, e pelo fato de as duas principais festas do terreiro acontecerem em dias de festas marianas, que são: Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Navegantes, me instigou trazer para esta escrita um pouco a respeito destas. A partir disto, neste capítulo, me proponho a fazer uma breve linha histórica de como o pensamento mariano foi forjado passando por períodos como antiguidade, idade média e contemporaneidade, fazendo em seguida a hagiografia dessas Marias ou títulos marianos encontrados na Tenda enquanto a pesquisa de campo foi sendo realizada.

A partir da percepção de que há uma ligação entre os títulos de Nossa Senhora que aparecem na tenda, das festas com ela sincretizada, e as entidades com as quais tive contato na casa, o presente capítulo traz de maneira breve, uma linha histórica de como o pensamento mariano foi forjado passando por períodos como antiguidade, idade média e contemporaneidade, compreendendo assim o papel dessa figura mariana nesses momentos da história para pensá-la no espaço onde a pesquisa foi feita.

Assim também a hagiografia⁹⁵ desses títulos marianos me auxilia na compreensão do papel e significado de Maria em suas várias maneiras de se apresentar, como por

⁹⁵ “Hagio-Santo; Gráfica-escrita, ou seja, a escrita sobre a vida de algum santo. Hagiografia é um gênero literário religioso produzido com finalidade de apresentar a vida de um personagem guia de uma crença. Nesse estilo de texto apresenta-se a vida do personagem de forma a legitimá-lo santo. São escritos nas hagiografias relatos onde o personagem demonstra sua santidade por meio de uma vida exemplar e contato íntimo com o sagrado, ou seja, a hagiografia remonta-se às virtudes e milagres que fazem do personagem um santo.” (Silva, 2015, p. 342). Apesar de Maria não está no mesmo rol dos demais santos, as diversas histórias de aparições ou de experiências místicas de milagres das quais designam seus títulos, são cercadas de elementos que remontam as características nelas fixadas como “Virgem”, “Mãe de Deus”, “Imaculada”, “Assumida nos céus” e por isso mesmo poderosa suficientemente para realizar qualquer tipo de intercessão milagrosa em favor daqueles e daquelas que as pedem com fé segundo a crença do povo. Muitas das aparições e mesmo revelações particulares em torno de Maria não foram aprovadas pela Igreja, isso converge com a leitura de Dirceu Silva quando afirma que “a hagiografia busca legitimação aproximando-se de um modelo de vida exemplar defendido pela Igreja, o que, conseqüentemente, também legitima a força dessa instituição”. Desta forma, são necessários alguns critérios para que ao aprovar uma manifestação de fé do povo a instituição não caia em descrédito ou em contradição, porém “a hagiografia surgiu como um texto popular, muito mais integrado ao calendário de festas dos santos. Somente com sua popularidade ela foi levada a ser pensada pelos eruditos da Igreja”. Assim também ocorreu com algumas devoções em torno de Maria e até mesmo dogmas, o povo celebra e crê antes (*sensus fidelium*), a Igreja aprova e torna oficial depois, quando convém, podemos perceber de maneira bem precisa no dogma da Imaculada Conceição como veremos a seguir, o povo já cria nessa “verdade de fé” que chegou a ser festa universal desde 1476 pelo Sisto IV, mas só foi oficializado em oito de dezembro de 1854 pelo Papa Pio IX.

exemplo, Nossa Senhora da Conceição. Através dessas histórias, verifico se as mesmas reverberam ou não no tocante às representações nesse lugar (terreiro).

4.2 De Maria de Nazaré a Nossa Senhora: breve história do pensamento mariano e de como este foi forjado

O povo nutre por Maria um amor profundo e nos caminhos da devoção⁹⁶ rendem a ela todo o seu amor através das maneiras mais diversas, e “o culto é a expressão da fé” (Ossanna, 2006, p. 35), da fé livre que, por vezes ultrapassa os limites da dogmática, mas é amor, é fé. Nesse sentido o marista Afonso Murad afirma: “a veneração a Maria aparece de forma mais intensa na devoção do que na Liturgia” (Murad, 2012, p. 209), a liturgia (culto oficial) na verdade deve ser, segundo o viés cristão católico, o parâmetro do culto aos santos e sobretudo a Maria, mas o que se atesta é que justamente na devoção popular é que essa reverência aparece de maneira mais robusta.

Em se tratando do pensamento mariano, digo já no título desta seção que primeiro Maria foi Maria de Nazaré e somente depois foram tornando-a “Nossa Senhora”, como é comumente chamada e aclamada. No livro “O cotidiano de Maria de Nazaré” de Frei Clodovis Boff (2014, p.5), Maria é descrita como uma mulher comum do seu tempo, “ela viveu como vive a maioria do povo. Ela partilhou as humildes condições de vida de milhões e milhões de donas de casa”, o religioso afirma que:

Estamos tão acostumados a ver imagens da Virgem coradas e mesmo amaneiradas, como aparecem nas pinturas renascentistas, que representamos em nossa mente mais parecida com uma moça de ‘família tradicional’ ou com uma colegial de internato do que com uma mulher do povo. (Boff, 2014, p. 8)

A perspectiva teológica (pelo menos em sua vertente libertadora) e antropológica afirma que Maria não pode ser vista apenas e exclusivamente do ponto de vista divinizado, mas deve ser lembrada no que tange a sua natureza humana e seu lugar social. No entanto, a “singularidade de Maria”⁹⁷ irriga a fé do povo, ao passo que a doutrina

⁹⁶ Com o termo *devoção* quero explicar a atitude interior pela qual a pessoa entra em relação com a realidade ou objeto dessa devoção, ou em outras palavras a “devoção significa por um lado, amar em seu íntimo a figura religiosa de que se é ‘devoto’ e, por outro lado, prestar-lhe exteriormente as devidas homenagens, que os medievais chamavam de *obsequia* ou *reverentia*”. (Boff, 2006, p. 554)

⁹⁷ Poderíamos dizer de maneira simples que a singularidade em Maria consiste na valoração dos “privilégios” que lhe foram conferidos em vista do seu filho Jesus e de sua missão, isso metodologicamente

católica elabora princípios que limitam ou se não isso, pelo menos se esforçam doutrinariamente por conduzir esses “voos apaixonados do amor” (Boff, 2014, p. 26).

O que se nota na história da Piedade Popular é que há, de certo modo, uma distância entre o que a doutrina exige e o que a fé popular pratica em relação aos santos e de maneira muito particular a Maria. Segundo Clodovis Boff, “a incubadora da mariologia foi o coração e não o cérebro”, isso justifica porque “a exaltação de Maria precedeu a reflexão sobre ela. Antes de ser objeto de reflexão, Maria foi objeto de veneração e amor” (2012, p. 24), ele continua escrevendo:

O discurso mariológico segue o ‘amor sem limites’ como seu a priori. O verdadeiro amor é sempre exagerado. E é também um pouco doido. E se compreende. A pessoa enamorada se desdobra em contemplação extasiada e em louvores sem fim pelo objeto de seu amor. Assim também o discurso do devoto sobre Maria: é fruto do afeto, da admiração, do entusiasmo e da exaltação [...] o enamorado da Virgem Maria prefere errar por excesso que por defeito” (Boff 2012, p. 22-23)

Encontramos traços da piedade mariana desde a antiguidade⁹⁸ quando nos deparamos com textos apócrifos⁹⁹ que falam sobre a dormição¹⁰⁰ de Maria e o Protoevangelho de Tiago ambos do século II. Junta-se a este século “a iconografia mariana das catacumbas de Priscila, em Roma” (Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia, n. 23) onde foram retratadas cenas bíblicas e dentre essas Maria no momento da

se fala em princípios abertos por lembrar, segundo a doutrina cristã católica que ela foi Mãe de Deus, Virgem, Imaculada e elevada aos céus, o que equivale aos quatro dogmas relacionados a Maria, ou dogmas marianos. Ao mesmo tempo que essa metodologia em mariologia nos fala também de princípios limitativos ou fechados, que nada mais é do que manter o olhar na sua condição criatural, ou seja, em mariologia não se pode perder de vista que Maria foi uma pessoa, que andou por esta terra e por isto humana, teve sua singularidade, mas humana, criatura e mulher. Para mais informações sobre o assunto, conferir Clodovis Boff (2014, p. 18-24).

⁹⁸ Segundo frei Clodovis Boff (2006, p. 559) “nos três primeiros séculos do cristianismo não existia ainda propriamente uma ‘piedade popular’ contraposta à oficial. A Igreja era basicamente popular”.

⁹⁹ São livros que não fazem parte do cânon oficial da Bíblia, esses livros não são considerados pelo magistério da Igreja como inspiração divina, e por isso não foram arrolados ao todo do livro sagrado. O magistério é que tem a missão e a autoridade de passar os ensinamentos acerca da fé e essa autoridade é conferida ao papa e os bispos que estão unidos a ele ou diz-se em comunhão com o papa, é o magistério que tem a missão de interpretar as escrituras sagradas para todo o povo católico, faz parte do tripé que sustenta a fé católica, são designados como: Sagrada Escrituras (Bíblia), Sagrada Tradição (transmissão da fé passada desde os apóstolos) e Sagrado Magistério.

¹⁰⁰ A dormição de Maria é celebrada pela Igreja Ortodoxa oriental e diz que Maria dormiu e nisto ela foi elevada ao céu, é a mesma festa da Assunção para a Igreja do Ocidente. Em linhas gerais, esse dogma quer dizer que Maria foi levada para o céu de corpo e alma pelo seu filho Jesus.

anunciação, nascimento de Jesus e etc.. Nesse trajeto nota-se a oração mariana mais antiga (*Sub Tuum Praesidium*)¹⁰¹ por volta do século III.

No século IV, a ênfase está em valorizar Maria por sua virgindade, segundo Frei Clodovis Boff (2006, p. 561) esse período levou “muitas jovens a consagrar-se inteiramente a Deus”, ou seja, permanecerem virgens. No século V, se destaca sobretudo “as peregrinações ao santuário de Nossa Senhora da Fonte, onde as pessoas vinham para tomar água ou se lavar, a fim de recuperar a saúde” (Boff, 2006, p. 561), e, ainda no século IV existia na Arábia um “grupo de mulheres que oferecem, em sacrifício a Maria, bolinhos de farinha (*collyris*) como a uma divindade” (Boff, 2006, p. 561).

Ainda nesse período da antiguidade, Maria é lembrada com a temática do Concílio de Éfeso (431 d.C) em que Maria foi proclamada Teotókos (Mãe de Deus), e também pelo Concílio de Constantinopla II (553 d.C) onde Maria foi proclamada Virgem antes, durante e depois do parto. Dogmas que não foram de difícil aceitação pelo povo, por exemplo, o dogma da maternidade divina foi louvado sobretudo em Éfeso onde o povo já prestava culto a “Grande Mãe (originalmente, a deusa Virgem Ártemis). Existia na cidade uma religiosidade popular arraigada, que logo adotou e batizou muitas práticas pagãs e tributou à Maria” (Temporelli, 2010, p. 42), ainda segundo a religiosa e teóloga Argentina Clara Temporelli (2010, p. 43):

Os cultos e as crenças anteriores ao processo de uma nova evangelização e inculturação da fé cristã se concretizam em Éfeso, onde o culto a Maria cresce e, com ele, as características da Virgem e Mãe, que assume o título e funções das grandes deusas das cidades importantes do império romano (Temporelli, 2010, p. 43)

Apesar do debate cristológico¹⁰² ser a pauta do concílio, “para o povo simples, as categorias discutidas pelos padres conciliares não faziam sentido algum, ou não eram totalmente captadas.” (Temporelli, 2010, p. 43), a Igreja oficial elaborava as letras, ao

¹⁰¹ A oração consiste em pedir a proteção a Maria Mãe de Deus, o conteúdo diz o seguinte: a vossa proteção recorreremos Santa Mãe de Deus, não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos ó Virgem gloriosa e bendita.

¹⁰² Cristologia é a parte da teologia que estuda as coisas relacionadas a Jesus Cristo, é obviamente das partes mais importante da teologia cristã. O debate cristológico nesse concílio versava sobre a temática da humanidade e divindade de Jesus ou a unidade dessas duas realidades na mesma pessoa. Uma escola teológica liderada por Nestório defendia que Jesus era apenas homem e que em algum momento assumiria a divindade e outra escola liderada por Cirilo de Alexandria (o grande expoente da proclamação do dogma) confessava Jesus repleto das duas naturezas (divina e humana). Ora, proclamar Maria como Mãe de Deus significava assumir que Jesus nasceu divino, era filho de Deus e também Deus, logo Maria era mãe das duas naturezas e, portanto, a maternidade divina como verdade de fé neste concílio coloca Maria como argumento teológico decisivo.

passo que, “o culto às deusas estivera muito arraigado ali, e com tal força que a definição de Maria como Theotokos significava reconhecer para ela um lugar diferenciado no panteão cristão (Temporelli, 2010, p. 43), era como se em Maria a própria mitologia criasse carne. Pesando assim poderíamos até dizer que em Maria houve duas encarnações, a do filho de Deus (Jesus) e da mitologia em torno das deusas (Grande Mãe) desde os tempos mais remotos.

Essa compreensão do culto à Grande Mãe, bem como das deusas que carregam essa mesma representação, é muito interessante para esse trabalho, digo no sentido de compreender até que ponto tanto Maria como as orixás e encantadas também trazem essa gama de significados, a partir de suas mitologias e cosmologia¹⁰³, e de que modo isso reverbera no culto a essas deidades na Umbanda e no terreiro da presente pesquisa, é uma reflexão sobre ancestralidade, querendo ou não. Segundo o Padre Iwashita (1991, p. 182) o reinando da Grande Mãe¹⁰⁴ é registrado desde o período paleolítico e que desde esse período “o homem paleolítico concebeu na sua consciência o princípio materno como

¹⁰³ Cosmologia que significa a origem do universo ou de como ele é organizado, nesse caso seria a explicação da origem do mundo ou da própria fundação e formação ou melhor, da organização do mundo segundo a espiritualidade afro-brasileira com suas mitologias a partir dos orixás bem como as demais entidades, mas de maneira ainda mais específica penso essa realidade na própria Tenda a qual essa pesquisa foi realizada.

¹⁰⁴ Na tese de doutorado do padre Pedro Iwashita (1991, p. 171-173) em que ele analisa de maneira profunda o sincretismo entre Maria e Iemanjá, esse conceito da Grande Mãe é extensivamente trabalhado, diz ele que “a expressão ‘Grande Mãe’ não é categoria filosófica. É a psicologia que se ocupa mais diretamente com a ‘Mãe’. Mas, na verdade é a mitologia que fala mais intensamente ‘Mãe’, pois é ela somente que se ocupa da Mãe como realidade fundamental. A Grande Mãe, por sua vez, não é nenhum objeto, e ela não pode ser definida através de objetos e nem pode ser limitada pelas outras coisas, pois é uma realidade de ordem geral. A Grande Mãe é celeste, grande, do além, divino, profundo, radical, é como o fundo (Grund) de todo processo maternal [...] a Grande Mãe, então, é como princípio, o início, o fundo, a continuidade e a origem. A Grande Mãe, como início, é aquela que dá à luz, e que ninguém a antecede, assim como nenhum outro número antecede o zero [...] o zero tem assim qualidades como a de ser infinito. A Grande Mãe como nexos, conexão ou continuidade, é aquela que é o fio condutor de nosso existir, como por exemplo, ela é o motivo da nossa respiração; respiramos como nossa mãe [...] a mãe é a passagem do não-ser para o ser [...] A mãe aparece aqui como um mundo transcendental. Como indivíduo ela traz um indivíduo ao mundo [...] O princípio da força, pois ele é fundamento, possibilidade e ser de toda atividade. Não existe nenhum ato sem mãe. Algo mais que ‘Mãe’ não existe. A mãe é um princípio-poder, pois o poder original é maternal.” Todavia é importante ressaltar que a figura da Grande Mãe, em algumas deusas, conforme os mitos, elas possuem um duplo caráter que é “positivo e negativo”, ao mesmo tempo que dão a vida e são poderosas para cuidar, também são para destruir, são extremamente poderosas, como por exemplo Istar que através da mitologia é “evidentemente deusa da fertilidade, da qual toda a vida sobre a superfície da terra depende: deusa do amor e marcadamente ambígua, pelo seu caráter vingativo e belicioso, razão porque era considerada a rainha das batalhas” (Iwashita, 1991, p.189-190). Assim também é a deusa Astarte “deusa da fertilidade e rainha do céu”, também deusa do amor e da fecundidade e da guerra; o seu culto caracterizava-se por um aspecto sanguinário”, quando os sacerdotes eunucos, ao som da flauta, tamborins e cíbalos, se multilavam cortando-se com punhais, fazendo incisões na pele” (Iwashita, 1991, p.192)

dato primordial... o objeto primário da consciência do homem primitivo foi a Grande Mãe”.

A Grande Mãe ocupava o lugar de grande importância, afinal de contas era a “Deusa-Mãe, Deusa das montanhas, dos animais, e das feras selvagens, o culto dessas deusas podia ou pode ser encontrado de um lado a outro do planeta” (Iwashita, 1991, p. 182), nota-se esse poder feminino que imperava e era primordial desde os tempos longínquos, pois:

[...] os antigos sábios, refletindo sobre a natureza da Grande Mãe, chegaram a lhe atribuir uma capacidade ilimitada, um poder sem medida, uma competência universal. A ideia fundamental que está na base é a noção de **mãe**, dessa autora da reprodução, traduzida em plano superior pelo mito de uma deusa mãe dos deuses. Mas esta ideia tem origem mais remota no culto da Mãe Terra prodigalizadora de tudo, diríamos uma concepção mais terra a terra. Por isso para os primeiros adoradores da Grande-Deusa, aquela que engendrou todos os deuses, é por uma razão mais forte ainda a origem dos homens e de outros seres e de tudo que vive, o que constitui manifestação evidente de seu poder (Iwashita, 1991, p. 184, grifo meu).

Dentre essas figuras mitológicas da Grande Mãe, destaco nesta escrita Ísis e Artêmis, pelas aproximações com a Theotókos (Mãe de Deus – Maria) e esta última muito mais por causa do contexto de Éfeso, onde este dogma foi proclamado. Ísis é “mãe, irmã e esposa de Osíris, é considerada desde as origens como uma deusa do céu. Ela é a deusa do céu porque é mãe de Hórus, o deus solar”¹⁰⁵ (Iwashita, 1991, p. 194), o religioso Pedro Iwashita pontua ainda que a deusa Ísis aparece na mitologia “muitas vezes com seu filho Hórus nos braços, prefigurando assim a Virgem Mãe cristã. Esposa e mãe, tornou-se a mãe universal dos céus, a misericórdia cujo poder e amor estendem a todo cosmo” (Iwashita, 1991, p. 194).

Em contraposição às outras deusas, Ísis se “tornou-se a primeira Grande-Deusa-Mãe de bondade, plena de misericórdia, não voltando jamais as costas àqueles que sabiam implorar, em contraste a Istar e Astarte, e tantas deusas sanguinárias” (Iwashita, 1991, p. 194). Ainda segundo o mesmo autor, havia uma presença pujante do culto às “deusas mães nas civilizações, no meio das quais o cristianismo se desenvolveu” (Iwashita, 1991, p. 269), ele chama atenção para diversas deusas de diversos povos sobretudo na Grécia,

¹⁰⁵ Jesus o filho de Maria é comparado ao sol, é chamado desde o profeta Malaquias de “sol da justiça” (Malaquias, cap. 3: 19-20), essa profecia messiânica é confirmada pelo profeta Zacarias no evangelho de Lucas (1, 78-79) vai dizer que Cristo é o sol que ilumina as trevas. Ademais é interessante lembrar que a própria festa do Natal do Senhor é uma ressignificação da festa do deus-sol, que era cultuado pelo povo romano e a Igreja relacionou essa festa com o que ela chama de o verdadeiro Sol da Justiça (Jesus).

porém ressalta que para além “das deusas do panteão Grego, são importantes as deusas mães de Roma e Itália, e das regiões circunvizinhas do império, notadamente do Egito, com o culto de Ísis” (Iwashita, 1991, p. 269).

Ora a proclamação do primeiro dogma mariano se deu em Éfeso como já fora dito, “onde durante muitos séculos floresceu o culto da deusa Diana ou Artêmis¹⁰⁶ em grego” (Iwashita, 1991, p. 270). Apesar de o padre Iwashita trazer autores para sustentar a ideia de que não houve uma atitude sincrética entre culto à Virgem Maria e a mitologia em torno das deusas mães, ao mesmo tempo afirma que os padres apologistas travaram duras polêmicas em torno desse assunto, no que ele concorda que “certamente houve simbiose no nível da piedade popular” (Iwashita, 1991, p. 273), mesmo não sendo do ponto de vista oficial.

E não somente isso, mas “o cristianismo quando estava suficientemente desenvolvido e forte na sua identidade, foi capaz de utilizar certos elementos acidentais das religiões não cristãs, desenraizando esses elementos e enchendo-os de nova significação” (Iwashita, 1991, p. 274). Ao mesmo tempo que o autor faz pontuações sobre a grande possibilidade que havia de o povo transformar Maria em uma deusa, o que não se admite numa religião de viés monoteísta, ele afirma que há muitas similaridades entre os cultos e “é difícil deixar de admitir que muitos desses símbolos faziam e fazem parte do ornamento das deusas: sol, lua, estrelas, água, nuvem, mar, animais, plantas, flores” (Iwashita, 1991, p. 275), e ainda que “motivos como o da mãe que amamenta a criança; a mãe que segura no colo o filho morto, são motivos presente na iconografia das deusas mães, mas também na iconografia cristã da Virgem Maria” (Iwashita, 1991, p. 275).

¹⁰⁶ “Explorações arqueológicas comprovaram que a edificação do primeiro templo, sobre o solo da famosa área do templo remontam a meados do século III a.C. O santuário já reconhecido por volta dos anos 350 a.C. O templo de Diana de Éfeso gozava de tal fama que chegou a ser contado entre as sete maravilhas do mundo antigo. O culto da deusa era tão florescente, que em Éfeso existia toda uma indústria para fabricar estátuas de Diana. No tempo do apóstolo Paulo, Éfeso era não somente centro cultural e econômico, mas também tinha comunidades judaica, que ofereceu um ponto de partida para o anúncio do Evangelho e para os conflitos vividos pelo Apóstolo e seus colaboradores. O capítulo 19 de Atos dos Apóstolos reata os acontecimentos em Éfeso durante a visita de Paulo, cuja evangelização provocou motim entre os ourives. Esse relato nos dá a ideia de como o culto de Artêmis dominava a vida de Éfeso [...] as estátuas de Diana de Éfeso tem as seguintes características: o corpo da deusa se apresenta dividido por cintas, na cabeça há uma torre com muitos andares, leões em cada braço e no peito e estômago grande número de seios [...] mãe de todas as criaturas. Dela sai a vida, razão pela qual enfeitou-se o seu corpo com seres animados e vegetais [...] tornou-se protetora da fertilidade humana [...] ela é em um grau especial protetora da cidade, mas estendia seu poder também sobre o mar. Uma das mais antigas festas era a Daitis, em que se realizava uma procissão em direção ao mar para a lavagem da estátua da deusa. (Iwashita, 1991, p. 270-272).

E tudo isso acaba somando traços comuns “entre a Virgem Maria e as deusas pagãs, que fica no nível simbólico, no nível do conteúdo emocional vivido, a saber no ponto das representações arquetípicas” (Iwashita, 1991, p. 275). Enquanto essas figuras femininas são chamadas de deusas mães, Maria é chamada de Mãe de Deus. O que o padre afirma a seguir é ainda mais interessante do ponto de vista desta discussão. A cerca dessas deusas anteriores a Maria, ele atesta:

Se não houvesse esse suporte arquetípico, cristalizado nos símbolos das religiões da humanidade, humanamente não haveria a possibilidade de fazer a experiência de Maria, como mãe, virgem protetora, intercessora. No nível profundo da psique, da alma, existe um ponto comum de solidariedade, feito de esperanças e de símbolo. É evidente que Maria não é mito, pois ela é pessoa histórica, enquanto que o mito aparece ainda no imaginário [...] a Virgem Maria, tendo realizado o mito, não o destrói, pois o mito não morre, enquanto conjunto de representações do inconsciente (Iwashita, 1991, p. 275).¹⁰⁷

Interessa aqui saber como se deu esse desdobramento do culto mariano, pois esse cultivar a partir das raízes é importante para este trabalho, porque em grande medida oferece possibilidades de compreensão das outras figuras femininas a serem descritas como Iemanjá e Oxum, bem como as demais encantadas do panteão cosmológico do lugar de onde essa pesquisa parte (tenda). Penso na ideia de que, assim como Maria faz parte dessas representações arquetípicas das grandes ancestrais sagradas, também podemos ler as orixás e até mesmo as demais entidades a partir desse mesmo viés porque elas trazem também essa dimensão materna.

Após essa explicação em torno da dogmática de Maria Mãe de Deus, e ainda nessa linha do tempo mariológica a qual estamos passando, no século VI, “levanta-se em Palermo um oratório dedicado a Santa Maria” (Boff, 2006, p. 562); por volta do ano 804, temos o sábado que até hoje dedicamos como “dia da memória de Maria” (Boff, 2006, p. 562) e também as orixás como Oxum. Por volta dos anos 1.000 a 1.500, se destaca a recitação popular da Ave Maria (em sua primeira parte) até a propagação do Rosário que muito contribui “[...] para a formação de fraternidades centradas na piedade mariana” (Dombes, 2005, p. 50). Notemos que passando ainda pelos anos 1.000 “[...] com Gregório VII, realiza-se a primeira ruptura entre liturgia, reservada ao clero e aos monges, e a piedade popular” (Boff, 2006, p. 562).

¹⁰⁷ Segundo Iwashita (1991, p. 277) “o paganismo possibilitou, aos cultuadores da Santa Virgem e Mãe de Deus, não somente sentimentos religiosos, como também locais de culto, respectivamente incentivos para a sua formação e reanimação desses locais, mas doravante numa perspectiva cristã”.

A Idade Média é marcada pela alta mariologia, auge da piedade mariana¹⁰⁸. Uma verdadeira guinada no culto mariano acontece nesse período da história. Diversos santuários são erguidos em sua homenagem, cresce o número de obras tendo ela como tema. Maria passa de Mãe de Deus (título primitivo e conciliar) para títulos como *Mediatrix* (intercessora), rainha de misericórdia, advogada dos pecadores etc, enquanto que Jesus é demonstrado como rei de justiça e aquele que castiga impiedosamente os pecadores, a figura materna de Maria exerce esse poder de deter essa fúria divina e de pedir em favor dos que iriam ser castigados.

Esta forma de piedade para com Maria os reformadores contestaram. Para Lutero, por exemplo, em seu comentário da perícopes¹⁰⁹ do magnificat, o mais importante seria resgatar o caráter evangélico da pessoa de Maria, e não a exaltar por seus privilégios. A crítica da reforma contesta o maximalismo medieval que a piedade popular atribuía a Maria porque acabava por colocá-la no mesmo nivelamento que o Cristo. Para Lutero era mais salutar falar do que Deus fez em Maria do que pensar que ela por si só operava todas os milagres que lhe eram atribuídos.

No entendimento de Frei Clodovis Boff (2006, p. 565), “ a Idade contemporânea (séculos XIX e XX) representa, depois do século de São Bernardo, o segundo vértice da devoção popular mariana, especialmente pelo advento das grandes aparições”. É importante lembrar ainda as duas definições dogmáticas de 1854 (Imaculada Conceição) e 1950 (Assunção de Maria) e o despontar de papas marianos. No século XX, lembra-se que “a teologia e piedade marianas continuam, então a se desenvolver no impulso de fervor dado pelo século XIX. A emulação é constante entre piedade e a reflexão teológica” (Dombes, 2005, p. 60).

O Concílio Vaticano II buscou trazer um olhar mais equilibrado sobre a figura mariana, uma sobriedade na devoção, falando dela a partir das próprias escrituras, dos primeiros padres da Igreja bem como abordando a perspectiva eclesial, antropológica e

¹⁰⁸ Piedade mariana é o afeto e relação que o povo tem para com Maria, figura central para o Cristianismo católico e para além dele. Nessas manifestações de piedade popular para com essa mulher, as pessoas fazem novenas, rezam ladainhas, fazem peregrinações, promessas e tantas outras formas espontâneas de viver esses gestos de devoção, de modo que a parte oficial da Igreja nunca tem total controle sobre essas inúmeras maneiras que o povo tem de se relacionar com Maria.

¹⁰⁹ Perícopes no âmbito da Teologia, é um trecho ou passagem da bíblia, ou seja, um recorte. Nesse sentido a perícopes do Magnificat é o texto que está situado no evangelho de Lucas 1, 46-56, também conhecido como o “cântico de Maria”.

ecumênica. Também esse concílio se preocupou com os dois extremos: Maximalismo e Minimalismo mariano. Assim diz o documento conciliar que tem a Bem-Aventurada Virgem como tema no capítulo XVIII: “O sagrado Concílio...pretende esclarecer cuidadosamente não só o papel da Virgem Santíssima no mistério do Verbo encarnado... mas também os deveres dos homens para com a Mãe de Deus” (Lumen Gentium, n. 54). De fato, lembra Frei Clodovis Boff (2006, p. 18), que “Maria não é, na vivência da Igreja, uma figura qualquer; é, antes, uma figura central”. Desta forma a encontramos ela em seus diversos títulos, sempre presente na história do povo, que é um povo piedoso.

4.2.1 Nossa Senhora da Conceição a madroeira¹¹⁰ da Tenda e Nossa Senhora dos Navegantes

O título de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Imaculada Conceição ou só Nossa senhora da Conceição é o terceiro dogma mariano, foi proclamado dia 08 de dezembro de 1854 pelo papa Pio IX através da Bula¹¹¹ “*Ineffabilis Deus*” (Deus Inefável), o conteúdo do dogma consiste em afirmar e proclamar que Maria foi isenta de pecado desde a sua concepção (conceição), por isso o nome “Imaculada Conceição”. Segundo o dogma, ela foi livre de toda mancha (mácula) do pecado original, que na compreensão da fé cristã recebemos desde os primeiros pais na fé (Adão e Eva).

Apesar do documento trazer a “tradição da Igreja” sobre esse tema (números 4-6), nem sempre isso foi unânime entre os próprios santos como São Tomás de Aquino e o grande expoente da devoção mariana medieval, São Bernardo de Claraval, que depunham contra a opinião de que Maria foi isenta de todo o pecado desde sua concepção. Segundo a teóloga Clara Temporelli (2010, p. 149;154), foi a devoção popular quem muito contribuiu para a proclamação desse dogma (já acreditam antes da proclamação dogmática), o que a teologia e a Igreja chama de “*sensus fidelium*” (sentido dos fiés).

Esse *sensus* é uma espécie de instinto/intuição espiritual que o povo tem para uma verdade de fé, nesse sentido o que marcou o debate em torno dos maculistas (eram contra

¹¹⁰ É uma substituição de “padroeiro” (*Patronus*) derivado do latim (*pater*-pai), para madroeira por se aproximar mais da palavra mãe/feminina.

¹¹¹ Bula papal é um documento oficial cuja função é tornar público uma decisão da Igreja tomada pelo papa, como por exemplo, um decreto, um jubileu ou um dogma como é o caso.

a crença na Imaculada Conceição) e imaculistas (eram a favor da ideia de que Maria foi Imaculada desde sua concepção) foi a fé popular também crida e seguida pelos frades franciscanos dos quais houve o defensor e vencedor desse embate teológico, “Duns Escoto (1308)” (Temporelli, 2010, p. 149;154).

No Brasil essa devoção chega através da colonização, pois “desde os primeiros anos da sua história, a figura da Mãe de Deus foi uma presença marcante no Brasil” (Vieira, 2021, p. 37), e isso se deu pelo fato de que o próprio Cabral em sua viagem invasora em terras brasileiras “levava consigo uma imagem de Nossa Senhora da Esperança, enquanto uma outra imagem, a de Nossa Senhora da Conceição também foi levada a bordo da nau” (Vieira, 2021, p. 37). Nesse caminho de conquista das terras brasileiras, “a primeira igreja que os portugueses construíram, no ano de 1503, foi dedicada a Nossa Senhora da Glória” (Vieira, 2021, p. 37).

Nesse sentido, ainda no século XVII, Maria já era relacionada no Brasil com lutas e conquistas como por exemplo, “depois que os franceses foram vencidos em 1615, seria construída no Maranhão uma igreja dedicada a Nossa Senhora das Vitórias” (Vieira, 2021, p. 38). Algo semelhante aconteceu também em outros lugares do país, de modo que “a devoção a Maria é elemento qualificador da genuína piedade da Igreja no Brasil” (Cipolini, 2010, p. 36). Dessa maneira, o processo de evangelização que se deu em terras brasileiras, “juntamente com ele vem Maria” (Cipolini, 2010, p. 36), Pedro Cipolini (2010, p. 38) escreve:

Diante de um processo evangelizador baseado no medo, em que a figura de Deus Pai aparece com características de autoridade terrível, Jesus como aquele que sofre na Cruz e o Espírito Santo quase ausente, a figura de Maria vai sobressair-se como a mãe poderosa e a intercessora infalível. Em uma realidade marcada pela violência da dominação, da escravidão e do machismo, para Maria vão convergir todos os aspectos que configuram uma mãe poderosa e celestial, cuidadosa e amorosa a quem se pode recorrer de imediato e com confiança.

Não é de se estranhar que Pierre Verger (1981, p. 9), nas longas pesquisas que fez sobre os Orixás, descreveu o processo sincrético em torno da colonização. Nisto ele fez um levantamento sobre as embarcações do tráfico de pessoas para viverem em condições de escravizados, e que os santos e especialmente Nossa Senhora eram “protetores dos negreiros, dos barcos e das mercadorias transportadas” (Verger, 1981, p. 9). Buscando as nomeações desses barcos, o etnólogo notou as seguintes informações:

Passando em revista os nomes dos navios relacionados em diversos documentos, observamos que, até **1800** aproximadamente, todos aqueles dedicados ao tráfico de escravos encontravam-se sob a proteção da Virgem Maria, de Cristo, dos santos e, até mesmo, das almas. Tentamos investigar sob qual denominação Nossa Senhora era mais frequentemente invocada para proteger a tarefa de salvação das almas dos escravos. Por outro lado, procuramos saber quais eram os santos solicitados com maior insistência, a fim de proteger e levar a bom porto os rolos de tabaco, nas viagens de ida, em direção à África, e os carregamentos de escravos, nas viagens de volta, com destino à Bahia. Partindo de indicações recolhidas nos registros de patentes concedidas para carregar os rolos de tabaco, destinados ao tráfico de escravos, constatamos que “**Nossa Senhora**” encontra-se mencionada **1154 vezes**, sob 57 invocações diferentes, sendo que as mais populares apresentam-se na seguinte ordem decrescente: **Nossa Senhora da Conceição, 324 vezes**; Nossa Senhora do Rosário, 105 vezes; Nossa Senhora do Carmo, 98; Nossa Senhora da Ajuda, 87; Nossa Senhora da Piedade, 48; Nossa Senhora de Nazaré, 39; etc. O Bom Jesus encontra-se citado apenas 180 vezes, sob onze invocações distintas, sendo que Bom Jesus do Bom Sucesso figura 29 vezes; O Bom Jesus de Bouças, 26; Bom Jesus do Bonfim, 24 (Verger, 1981, p. 9, **grifo nosso**).

Nota-se que o número de nomeações relativas a Nossa Senhora era consideravelmente maior, se comparado ao próprio Jesus e que, dentre essas embarcações, Nossa Senhora da Conceição ganha lugar de destaque pelo grande número de vezes em que era usado. Porém essas mesmas devoções dos portugueses e colonizadores foram também invocadas pelos colonizados a seu favor. Se apropriar das armas do colonizador, nesse sentido, era também uma forma de proteção.

Desde o início da chegada dos portugueses ao Brasil, se, de um lado, Maria, em um primeiro momento, conferiu ânimo aos conquistadores que trouxeram sua imagem nas caravelas que os transportavam, por outro lado, em um segundo momento, conferiu esperança aos colonizados, dignidade aos escravizados e motivação para todo tipo de desafortunados. Isto é atestado pelos inúmeros títulos com os quais é invocada no Brasil. (Cipolini, 2010, p. 37)

Corroborando com este entendimento, algumas constatações do etnólogo Pierre Verger (1981, p. 10), ao perceber que esses mesmos santos e sobretudo Nossa Senhora, como podemos notar acima, “que haviam protegido os interesses dos negreiros e a vida de uma parte dos negros transportados[...] resultou numa troca de posição: passaram a proteger os escravos, ajudando-os a mistificar os seus senhores”. O pesquisador citado afirma ainda em relação aos santos e a Virgem Maria, “eles ajudaram os escravos a lograr e a despistar os seus senhores sobre a natureza das danças que estavam autorizados a realizar, aos domingos, quando se reagrupavam em batuques por nações de origem.” (Verger, 1981, p. 11). Ele escreve essa informação para explicar logo em seguida as maneiras de disfarces entre santos e orixás para manter suas formas de crer e cultivar. Por

outro lado, Pierre Verger (1981, p. 14), ao escrever sobre os primeiros terreiros de Candomblé formados em terras brasileiras, faz a seguinte colocação:

A instituição de confrarias religiosas, sob a égide da Igreja Católica, separava as etnias africanas. Os pretos de Angola formavam a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo, fundada na Igreja Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho. Os daomeanos (gêges) reuniam-se sob a devoção de Nosso Senhor Bom Jesus da Necessidade e Redenção dos Homens Pretos, na Capela do Corpo Santo, na Cidade baixa. Os nagôs, cuja maioria pertencia à nação Kêto, formavam duas irmandades: uma de mulheres, a de Nossa Senhora da Boa Morte; outra reservada aos homens, a de Nosso Senhor dos Martírios. Essa separação por etnias completava o que já havia esboçado a instituição dos batuques do século precedem e permitia aos escravos, libertos ou não, assim reagrupados, praticar juntos novamente, em locais situados fora das igrejas, o culto de seus deuses africanos. Várias mulheres enérgicas e voluntárias, originárias de Kêto, antigas escravas libertas, pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, teriam tomado a iniciativa de criar um terreiro de Candomblé chamado Ìyá Omi Àsé Àirá Intilé, numa casa situada na Ladeira do Berquo, hoje Rua Visconde de Itaparica, próxima à Igreja da Barroquinha.

Em terras brasileiras, a devoção a Nossa Senhora se estabelece baseado no “catolicismo português que era profundamente mariano. O marianismo português fazia parte até mesmo da alta política de Estado desde que Dom Afonso Henriques fundador da dinastia portuguesa (1139) consagrou o reino de Portugal à Mãe de Deus”(CIPOLINI, 2010, p. 40). Igualmente, em “1640 D. João IV ratifica o ato de D. Afonso Henriques e proclama a Virgem da Conceição padroeira de Portugal e todas as suas possessões, inclusive o Brasil” (Cipolini, 2010, p. 40), de modo que pensar a “devoção a Maria era então uma prerrogativa de dinastia no reino português.” (Cipolini, 2010, p. 40)

São muitas as tradições de devoção a Maria dentro da grande devoção mariana no Brasil. Destacamos duas: a tradição de devoção a Nossa Senhora do Rosário e a de Nossa Senhora da Conceição, que, a partir de 1717, vai gerar a tradição da devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida [...] pode-se afirmar com séria base histórica que a tradição de Nossa Senhora Aparecida representa no Brasil a tradição latino-americana de Nossa Senhora de Guadalupe, largamente difundida no Brasil no período da união das coroas espanhola e portuguesa, entre 1580 e 1640. (Cipolini, 2010, p. 41)

Não somente aos negros mas, Gilberto Freyre (2003, p. 89) em “o indígena na formação da família brasileira”, fala da atuação missionária no período colonial e afirma que “o missionário tem sido o grande destruidor de culturas não européias, do século XVI ao atual; sua ação mais dissolvente que a do leigo”, sua fala segue da descrição da seguinte atitude:

Para sufocar muito da espontaneidade nativa, os cantos indígenas, de um tão agreste sabor, substituíram-nos os jesuítas por outros, compostos por eles, secos e mecânicos; cantos devotos, sem falar em amor, apenas em Nossa Senhora e nos santos. À naturalidade das diferentes línguas regionais

superimpuseram uma só, a "geral". Entre os caboclos ao alcance da sua catequese acabaram com as danças e os festivais mais impregnados dos instintos, dos interesses e da energia animal da raça conquistada, só conservando uma ou outra dança, apenas graciosa, de culumins (Freyre, 2003, p. 89).

Também Nossa Senhora é invocada sob diversos títulos sobretudo na hora do parto, segundo Gilberto Freyre isso fazia parte de “crenças e magias” que vieram de Portugal para o Brasil. Dentre várias práticas, estava o hábito de “cingirem-se, quando aperreadas pelas dores do parto” e também “fazerem promessas à Nossa Senhora¹¹² do Parto, do Bom Sucesso, do Ó, da **Conceição**, das Dores, no sentido de um parto menos doloroso ou de um filho são ou bonito” (Freyre, 2003, p. 211).

É importante destacar, ainda de acordo com esse autor, que no Brasil em meados do século XVI e mesmo XVII, as devoções eram muito presentes na vida do povo, afirma que nesse período não “houve senhor branco, por mais indolente, que se furtasse ao sagrado esforço de rezar ajoelhado diante dos nichos: às vezes rezas quase sem fim tiradas por negros e mulatos”. Algumas dessas devoções eram “o terço, a coroa de Cristo, as ladainhas. Saltava-se das redes para rezar nos oratórios: era obrigação” e nisto “brancos, negros, mulatos, todos rezando ao mesmo Deus e à mesma Nossa Senhora”. E os subordinados, no caso, “os escravos acompanhavam os brancos no terço e na salve-rainha.” (Freyre, 2003, p. 276).

Em se tratando de Nossa Senhora da Conceição, esse título é cultuado pelo povo de fé antes mesmo da proclamação oficial da Igreja Católica e se torna uma das festas mais populares: “o culto a Nossa Senhora da Conceição foi definido como festa universal no dia 8 de dezembro de 1476 pelo Papa Sisto IV. Em 1570, Pio V publicou novo ofício e, em 1708, Clemente XI tornou a festa obrigatória a todos os católicos.” (Carneiro, 2011, p. 7).

a Imaculada foi considerada padroeira do Brasil, título dado pelo imperador D. Pedro I, devido à devoção de sua Dinastia. Com o advento da República e já no início do século XX, deu lugar a Nossa Senhora Aparecida, que é uma antiga imagem de Nossa Senhora da Conceição encontrada nas margens do rio Paraíba do Sul. (Carneiro, 2011, p.8)

¹¹² Resultado, muitas dessas numerosas Marias, de promessas a Nossa Senhora. Resultados de promessas ou do culto de Maria são ainda os nomes de muitos lugares do Brasil Graças, Penha, Conceição, Montesserrate - que tomam a nomenclatura geográfica do nosso país tão mais poética que a dos Estados Unidos com os seus Minneapolis, Indianápolis, e outros nomes em "polis" que Mathew Arnold achou horrorosamente inexpressivos. (Freyre, 2003, p. 258).

Assim, desde a colonização, a devoção a Nossa Senhora acontece em terras brasileiras, seja ela por meio do sincretismo, seja por meio das confrarias, como é o caso de Nossa Senhora do Rosário dos pretos. Se a devoção a Nossa Senhora foi também ponto forte do povo negro, a ponto de fazerem confrarias e igrejas como Nossa Senhora do Rosário dos pretos, então, eles têm grande contribuição na propagação da fé popular na figura mariana.

A fé popular a Nossa Senhora no Brasil é atribuída sobretudo a imagem de uma mulher negra, abraçada pelo povo e encontrada, segundo consta no mito, por homens pobres e pescadores no Rio Paraíba, vestida da realidade desse povo. Nas palavras do teólogo Pedro Cipolini (2011, p. 41) “a tradição de Nossa Senhora de Guadalupe e no Brasil de Nossa Senhora Aparecida, significa a aliança de Maria com os pobres e oprimidos, ou seja, os índios e os negros escravos do Brasil”. No entendimento desse autor, isso acontece justamente porque “no Brasil Nossa Senhora Aparecida tem sua imagem morena, na cor da imensa maioria do povo” (Cipolini, 2011, p. 41).

Figura 34 – Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Navegantes



Fonte: autora – fevereiro/2024

Na tenda da Mãe Meridalva, Nossa Senhora da Conceição ocupa o lugar central do altar principal da casa, ao lado está a imagem de Nossa senhora dos navegantes de tamanho menor. Geralmente, essa imagem de Nossa Senhora dos Navegantes ocupa esse mesmo lugar no altar (central), ao lado de Nossa Senhora da

Conceição, no dia dois de fevereiro, em que a casa comemora também a sua festa.

Em se tratando de Nossa Senhora dos Navegantes que também é conhecida como Nossa senhora das Candeias ou Nossa Senhora da Luz, que é celebrada dia dois de fevereiro, e lembrada na tenda Nossa Senhora da Conceição pela Mãe Meridalva como a protetora dos mares, dos navegantes e pescadores, a história dessa devoção remonta desde o período medieval. Nesse dia, a Igreja celebra a festa da purificação que, segundo Clodovis Boff (2006, p. 561), “no final do século IV a peregrina espanhola Etéria testemunha o fato, em Jerusalém, da festa da Purificação (*Hypapanté*), atual ‘Apresentação do Senhor’, 40 dias depois do Natal do Senhor”, e essa celebração seria a “primeira festa de caráter propriamente mariano que a Igreja celebrou” (Boff, 2006, p. 561). No entanto, o título de Nossa Senhora dos Navegantes inicia na Idade Média quando:

Virgem Maria era invocada como: “*Stella Maris*” (*Estrela do Mar*). Os Cruzados invocavam Maria, como *Nossa Senhora da Esperança*, considerando-a como luz (estrela), como guia dos navegadores na direção do porto seguro (Terra Santa). Na época dos descobrimentos (séc. XV-XVI), portugueses e espanhóis confiavam suas viagens pelos mares e rios a Maria Santíssima, que veio tornar-se “*Nossa Senhora dos Navegantes*”, hoje também considerada dos viajantes, que navegam “*no mar da vida*” ou “*pelas estradas da vida*”, enfim, da Igreja peregrina neste mundo. Se Jesus é “*Luz das Nações*”, e Maria é a “*Estrela do Mar*”, não é difícil entender porque surgiu, neste dia, a bênção das velas e a procissão luminosa (Dilli, 2023, p. 1)

Na casa da Mãe Meridalva, no dia dois de fevereiro, acontece a festa mais importante da casa. Inicia com a devoção mariana do terço, dos cantos, das ladainhas. Durante o dia se lembra e puxa pontos ligado às correntes das águas atribuídos a Iemanjá e no final do dia, ou altas horas da noite, a grande celebração gira em torno da chefe da casa, Toia Jarina. Desta maneira não é uma só comemoração, são três festas em uma só. No card convite se diz que é de Iemanjá¹¹³ e a Mãe Meridalva quando manda fazer o convite diz (coloca Nossa Senhora dos Navegantes ou Iemanjá, quem ver já sabe o que é), mas no final das contas a grande celebração mesmo e qual se diz no terreiro é “obrigação de Dona Jarina” ou “festa de Dona Jarina”. Tudo é preparado para ela, conforme veremos nos tópicos seguintes.

¹¹³ O card da festa pode ser visto na página do Instagram da casa, disponível em <https://www.instagram.com/p/C2aaGLCuHEd/>, acesso em 30/12/2024.

4.3 “Ela é uma mulher muito guerreira na vida da gente”: a fala das mulheres sobre Nossa Senhora/Maria

Do que fora dito sobre Maria e a breve reflexão desse processo em que fora forjado o pensamento mariano, bem como o apontamento para os dois títulos marianos mais presentes na casa, que são aquelas cujas datas são também basilares para as festas principais do terreiro em que esta pesquisa foi realizada, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Navegantes. Há também que saber no que tange as representações o que as mulheres (interlocutoras/colaboradoras) dizem dela (Maria/Nossa Senhora) e para isto trago suas respostas às perguntas mostradas no início desta escrita e que diz respeito de maneira direta a Nossa Senhora, são elas: quem é Nossa Senhora para você? No seu dia a dia como é sua relação com Nossa Senhora (fique à vontade para dizer se existe ou não uma relação sua com ela)? Nossa Senhora influencia na sua vivência religiosa? O que você aprendeu no terreiro sobre Nossa Senhora?

Na mesma ordem de apresentação das filhas da casa na tabela anterior, iniciamos com a Filha de Dona Joana Gunça. Geralmente quando a Mãe Meridalva não pode iniciar o terço nas festas ou obrigações internas da casa, ela quem inicia, mas já me confessou que não sabe rezar a Salve Rainha¹¹⁴ “de cor” (o que não a impede de fazer a oração lendo) , essa oração é a que se faz no encerramento da reza do terço, “Polyana já pelejei pra aprender e não consigo” partilhou comigo quando estávamos prestes a começar a reza do terço em uma das festas que participei pois no terreiro eu participei ativamente dos momentos de orações como terço, ladainhas e benditos, algumas vezes já me pediram para fazer uma parte das orações como: “a Polyana quem vai puxar o terço hoje, Polyana agora você reza aí a ladainha de Nossa Senhora”, rezei e partilhei todos esses momentos com muita alegria.

¹¹⁴ A oração da Salve Rainha é uma das orações mais populares da Piedade Popular e da Liturgia em honra a Nossa Senhora. É atribuída a um monge beneditino Herman Contrat por volta do ano 1050. O conteúdo da oração é: Salve, Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, Salve. A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A Vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, Senhora Advogada nossa, esses Vossos olhos misericordiosos a nós volvei; e depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito o Fruto do Vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos de alcançar as promessas de Cristo. Amém!

Minha entrevistada em questão é sempre a primeira a está com o terço na mão na hora de começar a reza, enquanto as demais raramente o tem. Quando perguntei para ela quem era Nossa Senhora ela respondeu:

Ela é tudo pra mim ela, na hora que eu mais preciso e assim na hora que eu tô mais aperrriada eu preciso dela ela tá lá no tem, ela é uma santa e uma santa que me ajuda muito no tem, me apego muito com ela eu, me apego com ela demais Nossa Senhora da Conceição, ela é tudo, ela é tudo, tudo, tudo, tudo de bom pra mim ela é (Filha de Dona Joana Gunça, informação verbal, agosto/2023).

Em se tratando da sua relação com Nossa Senhora no dia a dia, eu pude observar que na primeira resposta, “na hora que eu mais preciso”, já sinalizava pra sua maneira de se relacionar com Nossa Senhora, porém perguntei para ela como ela considerava ou como se dava a sua relação com essa Nossa Senhora, ela disse:

Eu me apego com ela no tem, na hora que eu preciso e na hora que eu não preciso. Na hora que eu vou pra umbanda também, na hora que eu vou fazer minha oração ou rezo o meu terço eu ofereço pra ela, sempre que eu vou rezar o meu terço eu ofereço pra ela, na hora que eu vou entrar pra dentro do tambor também eu me apego com ela, qualquer coisa que eu faço eu me apego com ela, com Nossa Senhora da Conceição porque é uma casa que eu participo que é a Tenda Nossa Senhora da Conceição que é nossa mãe no tem, pra Dona Jarina ela é nossa mãe também, ela é mãe pra tudo ela, na hora da necessidade, na hora que precisa ela tá lá rente lá ajudando (Filha de Dona Joana Gunça, informação verbal, agosto/2023).

A frase dela ao dizer “na hora que eu preciso e na hora que eu não preciso” me explicava da relação entre ela e Nossa Senhora. Fui seguindo sua linha de raciocínio quando ela mistura o amor por Nossa Senhora ao amor por Dona Jarina que “é nossa mãe também, ela é mãe pra tudo, na hora da necessidade, na hora que precisa ela tá rente lá ajudando”. Essa característica da Mãe Nossa Senhora é também da Mãe Jarina.

Então pedi que ela me dizer se Nossa Senhora influencia na sua vivência religiosa e me deu a explicativa, “qualquer coisa que eu faço, até o terço na hora que eu rezo mesmo se eu rezo com pressa eu ofereço, tudo que eu faço eu ofereço pra ela no tem, tudo, tudo, tudo, eu sempre me apego com ela” (Filha de Dona Joana Gunça, informação verbal, agosto/2023). Em seguida quis saber sobre o que ela aprendeu sobre Nossa Senhora no Terreiro,

Eu aprendi muita coisa, aprendi tudo, aprendi a ser mais humilde que eu era muito agressiva eu era agressiva demais, a minha madrinha¹¹⁵ também me ajudou também, aprendi a ser humilde, aprendi a me amar que eu não me

¹¹⁵ Mãe Meridalva

amava também no tem, eu não me amava, aprendi a me amar. Na separação do meu ex-marido eu sofri muito assim sofri bastante aí me apeguei com ela com Nossa Senhora da Conceição e uma coisa que eu não sabia era me amar eu não sabia aí eu aprendi e aprendi muita coisa com a Nossa Senhora da Conceição, aprendi a rezar também que eu não sabia rezar também, a minha madrinha Meire me ensinou também rezar que eu não sabia de jeito nenhum eu não sabia puxar nem o pai nosso, o terço eu não sabia. É uma santa, uma santa maravilhosa, é uma santa assim que tá presente na nossa vida direto, é isso que eu tenho a dizer assim, tem mais coisa o negócio é que eu não sei é dizer e me expressar (Filha de Dona Joana Gunça, informação verbal, agosto/2023).

Ela também afirmou em seguida que ainda estava aprendendo sobre a religião e que por isso não sabia também falar mais coisa e achava que poderia falar algo errado. Me chamou atenção o fato de que Nossa Senhora tenha sido força e ajuda pra autoamor da parte dessa mulher e também percebi como as vivências religiosas no terreiro e em contexto coletivo podem ser lugares de cura e superação e desempenham papéis essenciais em diversos níveis e aqui destaco sobretudo o nível psicológico.

Já a Filha de Dona Mariana que havia informado anteriormente ter sido evangélica e estava sendo a adepta mais recente no terreiro, inicia falando de Nossa Senhora com a dimensão materna:

Pra mim Nossa Senhora da Conceição é mais uma mãe que é escolhida por Deus né, essa colocação eu tenho na minha cabeça que foi Deus que colocou (Nossa Senhora assim) porque Deus que tipo, como é que eu posso dizer, deus esse lugar, igual assim todo mundo tem vamos supor a sua formação né, você é médico outro já é tal coisa e Deus escolheu aquela pessoa pra ser Nossa Senhora da Conceição, então eu acredito e falo e tenho fé nisso entendeu, essa é uma verdade que tá na minha cabeça porque um exemplo, quando eu fui crente lá na igreja dos crentes eles dizem que, eles falam mal de Maria né, Mãe de Jesus, e eu não era a favor e muitas vezes eu batia de frente com o pastor entendeu, porque lá eles falam assim ‘queima o sangue de Maria pra não gastar o de Jesus’ eu achava isso uma falta de respeito porque se não tivesse Maria Jesus não tinha vindo e foi Deus que escolheu, então particularmente eu entendo que as pessoas estão com falta de respeito né, e voltando lá com a pergunta, é isso é uma pessoa que Deus escolheu né, uma santa que Deus escolheu que a gente quem tem fé que segue confia nela e é uma pessoa, um santo que eu sigo com fé nela (Filha de Dona Mariana, informação verbal, agosto/2023).

Nas palavras dessa mulher, mesmo quando ela foi protestante, Nossa Senhora lhe parecia a escolhida e se incomodava com “falta de respeito” como ela pontua em sua fala, porém em sua resposta seguinte sobre Nossa Senhora essa é “verdade que tá na minha cabeça” e afirmando que “é uma pessoa, um santo que eu sigo com fé nela”. Em seguida, diz sobre sua relação no dia a dia:

Assim, eu sei na mente que tenho ela, que eu participo de uma casa que ela que cuida de nós da casa, porém no meu dia a dia eu não ando tanto falando

entendeu. Quando eu tô lá na casa faço preces a ela, mas fora de lá não, no dia a dia é só as coisas que a gente ver né, nada de espiritual entendeu, mas na hora que o negócio pega a gente fica assim mais devoto ainda, tem o dizer que quando a gente não vai pelo amor vai pela dor né, aí quando o negócio pega a gente: ó Nossa Senhora me ajuda aqui!” (Filha de Dona Mariana, informação verbal, agosto/2023).

Apesar de no dia a dia ela dizer que não faz preces a ela (Nossa Senhora), demonstra que em seus momentos de dificuldades recorre a ela ou quando “o negócio pega a gente: ó Nossa Senhora me ajuda aqui”, o que evidencia como acontece ou como é seu vínculo com ela. Em se tratando da influência de Nossa Senhora em sua vivência religiosa ou se sente que ela influencia ou não nisto, a resposta dela foi afirmativa que “sim porque é como eu te falei né, a casa não é feita só da gente né, tem que ter os santos e os encantados, e eu sei que o mundo espiritual é tão real quanto esse mundo que a gente vive” (Filha de Dona Mariana, informação verbal, agosto/2023).

Mesmo dizendo na fala anterior que “no dia a dia é só as coisas que a gente ver né, nada de espiritual” ela garante acreditar na realidade do “mundo espiritual” “e que todo mundo precisamos de uma proteção, alguma pessoa, e eu tenho convicção disso” (Filha de Dona Mariana, informação verbal, agosto/2023). Durante as conversas com a Filha de Dona Mariana ela não mencionou em momento algum pertencimento a fé católica durante sua vida, mas, protestante sim, porém quando perguntei sobre se havia aprendido no terreiro algo sobre Nossa Senhora, ela fez algumas críticas a Igreja Protestante da seguinte maneira:

Eu aprendi que, que porque quando a gente é católica não é que a gente tá adorando aquela imagem né, mas a gente tem que ter respeito por ela, ao passar se benzer e se baixar diante daquilo, então foi algo que eu deixei que como eu fui ser crente eu deixei de fazer né, e independente ou não de religião eu sei que aquilo ali é uma coisa que Deus criou, que se eu passar por ali e fazer pouco caso eu vou tá desagradando a Deus também, né, apesar de que muita gente fala que a Umbanda não é uma coisa que agrada a Deus tal e tudo, mas, eu creio que não vai ser por conta disso ou de outra situação que eu vá deixar de ser filha dele (Deus), e tipo foi o respeito né e saber quem é ela né” (Filha de Dona Mariana, informação verbal, agosto/2023).

A imagem materna é novamente lembrada pela Filha de Dona Maria Redonda para falar de Nossa Senhora, “pra mim ela é uma mãe, uma pessoa muito assim importante na nossa religião e inclusive na religião católica e pra mim não tem diferença né, tudo pra mim na religião o que importa é a pessoa crê no que você tem e em Deus também né”, ela deu uma pequena pausa, sorriu e completou “Maria pra mim é tudo é a mãe uma mãe né, pra mim é um resumo, uma mãe” (Filha de Dona Maria Redonda, informação verbal

agosto/2023), para ela a síntese sobre Maria/Nossa Senhora é ela ser mãe, nisto está tudo dito e não dito sobre ela. Quando questionada se Nossa Senhora influencia em sua vivência religiosa, declarou:

Influencia sim porque assim, eu sou muito devota de Nossa Senhora das Graças, eu gosto muito de Nossa Senhora apesar de gostar muito de São Pedro que é meu santo, mas eu tenho assim muita devoção aliás com a Nossa Senhora da Conceição e também Nossa Senhora das Graças, as Marias assim que influencia, faz a gente ter mais fé e as coisas melhorar mais na nossa vida né. (Filha de Dona Maria Redonda, informação verbal, agosto/2023).

Ela ressalta a devoção a um título mariano que não está presente na tenda (Nossa Senhora das Graças) e que não ouço falar por lá, então além de uma devoção particular, ela declara que também guarda a devoção coletiva que é a da casa Nossa Senhora da Conceição “apesar de gostar muito de São Pedro”; ela diz isso porque dia 29 de junho é dia de São Pedro e também é seu aniversário e na casa há obrigação espiritual voltada para ela, por isso ela lembra que gosta muito desse santo. Em relação ao que ela aprendeu sobre Nossa Senhora atesta:

olha eu aprendi, como é que eu vou dizer, a rezar mais, porque por mais que eu rezava antes mas agora eu aprendi mais a rezar a crê mais em Deus também porque assim tem muita gente que pensa que a Umbanda é só ali chegar e dançar e não, e na verdade não, você tem ali você pega ali o seu dia do santo ali e reza né, tem tudo isso e eu aprendi isso a rezar mais. (Filha de Dona Maria Redonda, informação verbal, agosto/2023).

Na sua fala parecia que estava falando mais do que aprendeu na tenda em contexto geral do que propriamente sobre Nossa Senhora, no entanto a fala dessa mulher coaduna com a fala da Filha de Dona Joana Gunça, quando me contava que “a minha madrinha Meire me ensinou também rezar que eu não sabia de jeito nenhum eu não sabia puxar nem o pai nosso, o terço eu não sabia”, isso aponta para a formação coletiva por parte da dirigente do terreiro no que diz respeito a Nossa Senhora. Quando perguntei sobre a relação no dia a dia com Nossa Senhora ela repetiu a pergunta duas vezes como que tentasse pensar, tentasse lembrar de algo, nesse momento fiz a mesma explicativa de que ficasse à vontade para dizer sim ou não e então ela:

É porque assim como a gente vive na correria, não é porque a gente esquece mas tem ali por exemplo a gente tira o dia ali da semana pra gente fazer a reza a oração, naquele momento ali que a gente tira a gente tá o quê, tá se doando pro santo né e ali a gente ver o quê, uma paz interior que a gente sente que no caso a Nossa Senhora passa pra gente né, aquela paz, aquela tranquilidade pra gente que isso é muito importante pra nós ter a paz e a tranquilidade e acho que seja isso tranquilidade e paz, é o que eu acho que ela transmite paz e

tranquilidade” (Filha de Dona Maria Redonda, informação verbal, agosto/2023).

A Filha de Dona Cigana da Beira da Estrada também fala da maternidade de Nossa Senhora e também destaca ela como aquela a quem pode sempre recorrer, “mulher, pra mim Nossa Senhora é mãe de todos nós né, é quem vale em todas as horas, no aperreio, na doença, na saúde, ela tá em todos os momentos da vida da gente, ela é uma pessoa muito importante na vida do ser humano né, pra mim eu acho isso (Filha de Dona Cigana da Beira da Estrada, informação verbal agosto/2023). Fica ainda mais evidente o “queira nos valer Senhora” do ponto cantado para Nossa Senhora, quando ela descreve o dia a dia da relação com essa figura sagrada:

Fia pra mim no meu dia a dia cada momento pra mim que eu tô precisando que às vezes meus fi tão passando pela uma coisa eu peço pra ela sempre proteger, sempre tá junto deles, junto de mim, proteger minha família, meus amigos, minha comadi Meire, pra mim ela é tudo, tudo, fora ela vem minha mãe né, que é minha mãe mesmo que eu sempre chamo também minha mãezinha, mas ela é nossa mãe de todas né. (Filha de Dona Cigana da Beira da Estrada, informação verbal agosto/2023).

Fiquei na dúvida quando ela falou “minha mãezinha” se era a mãe dela consanguínea ou se estava falando da espiritualidade e ela respondeu “minha mãe a que me teve” e continuou “porque a gente grita por ela (mãe consanguínea) e pela Nossa Senhora né, duas mães milagrosas” (Filha de Dona Cigana da Beira da Estrada, informação verbal agosto/2023). Na sua fala esta mulher também diviniza sua genitora e a eleva a uma qualidade de “mãe milagrosa”, pois em seu depoimento milagre e presença parecem sinônimos, o milagre é a presença, a proteção e isso se confirma na fala seguinte quando pergunto se ela sentia que Nossa Senhora influencia ou não na sua vivência religiosa:

Sim, sim, sim, ela sempre tá ali junto com nós, sempre nós reza, pede pra ela nossa brincadeira ser boa, ser uma brincadeira que não dê confusão não dê nada e que seja pra frente né, vamos seguir pra frente e que ela ajuda nós nos trabalho e em tudo, tudo isso nós pede pra ela (Filha de Dona Cigana da Beira da Estrada, informação verbal agosto/2023).

Minha entrevistada/colaboradora em voga tem muitos anos na Tenda, ela foi a única a incorporar entidade e que eu pude entrevistar (como já mostrado no capítulo anterior), então, lembrando seu tempo de pertencimento perguntei o que ela havia aprendido nesse lugar sobre Nossa Senhora, ela foi pontuando: “Eu aprendi ter fé, eu aprendi respeitar o próximo, eu aprendi ter respeito por mim mesmo, sempre isso ela

ensina a gente entendeu” (Filha de Dona Cigana da Beira da Estrada, informação verbal agosto/2023).

Continua a lista, “eu aprendi que na pior situação da vida da gente, a gente ter paciência isso ela sempre ensina pra gente, aprendi amar o próximo, por mais raiva que ele faça pra gente ela ensina isso pra gente” (Filha de Dona Cigana da Beira da Estrada, informação verbal agosto/2023) e nisto ela encerra com a frase “ela é uma mulher muito guerreira na vida da gente”. Enquanto ela elencava as aprendizagens eu recordava de uma das entrevistas anteriores, quando ela diz “eu aprendi ter respeito por mim mesmo, sempre isso ela ensina a gente” coaduna com a fala da Filha de Dona Joana Gunça “uma coisa que eu não sabia era me amar eu não sabia aí eu aprendi e aprendi muita coisa com a Nossa Senhora da Conceição”. É interessante a reflexão no sentido em que Nossa Senhora é uma força que inspira essas mulheres nesses processos de autorreconhecimento.

A Filha de Dona Maria José traz em suas falas algumas das características anteriores das demais entrevistadas, porém ela ressalta de maneira recorrente a importância da fé no que tange Nossa Senhora, por exemplo, quando questionada sobre quem era Nossa Senhora para ela, argumenta o seguinte: “Eu acho dela que ela é mãe protetora, quando a gente tá aperreado a gente pede pra ela e se a gente pedir pra ela com muita fé ela protege a gente, ela protege a gente de muita coisa” (Filha de Dona Maria José, informação verbal agosto/2023).

Ao mesmo tempo que ela fala da fé como meio para alcançar o que se pede, ela conclui essa parte mostrando que há uma razão maior para suplicar com confiança, ela sabe que Nossa Senhora vai proteger e “ela protege, ela é mãe também e quando eu tô apurriada¹¹⁶ assim eu peço é pra ela pra ela me ajudar que ela é mãe também” (Filha de Dona Maria José, informação verbal agosto/2023), o pedido se dá na lógica de que Nossa Senhora “é mãe também”, logo, pode compreender o que outra mãe pede em momentos de apertos e necessidades, pois ela é mãe como eu e entende o que eu passo e me compreendendo como tal, pode me atender.

Sobre a relação com Nossa Senhora no dia a dia ela me contou como acontece, “quando a gente tá assim aperreado, quando a gente tá assim agoniada da cabeça, quando

¹¹⁶ Apurriada, seria o mesmo que aperreada, ou seja, alguém que está passando por algum momento difícil, de necessidade, que está preocupado com algo, que está necessitando de algo ou de alguém.

a gente tá assim preocupada de alguma coisa, quando a gente tá preocupado, quando a gente tá agoniada, a gente pede ora pra ela, pede pra ela com fé, ela vai e ajuda” (Filha de Dona Maria José, informação verbal agosto/2023). Tanto a fala anterior quando essa faz muito sentido quando levamos em consideração as suas respostas anteriores, viúva há pouco mais de um ano e sete meses e mãe de seis filhos, sendo que um casal de gêmeos tinha somente seis anos de idade, desempregada e tendo que lutar para sustentar os filhos, ela frisa a palavra preocupada quando repete duas vezes em sua fala, “quando a gente tá assim preocupada de alguma coisa, quando a gente tá preocupado”.

Quando perguntei sobre “você sente que Nossa Senhora te ajuda na sua vivência religiosa ela ficou pensando e disse que não havia entendido, então refiz a pergunta da seguinte maneira: você sente que Nossa Senhora te ajuda a vivenciar a tua fé, depois de um “Ah, sim!”, declarou, “ajuda e muito, ajuda é muito ela”. Nisto ela fez uma pausa demorada então indaguei se ela gostaria de parar nessa resposta ou gostaria de comentar mais sobre como seria essa influência, ela continuou a falar como se não tivesse feito pausa alguma:

Ela influencia muito porque a gente melhora mais da cabeça da gente, a gente vai pra lá (pro salão) a gente melhora, a gente pedir pra ela, ela ajuda a gente, a gente quando tem terecô lá, Armária [“Ave Maria”], eu melhoro eu fico melhor é muito, parece que sai aquele peso das costas da gente, aquela agonia das costas da gente, Armária é bom demais (Filha de Dona Maria José, informação verbal, agosto/2023).

A influência que Nossa Senhora exerce é sobretudo de ajuda, ela vai confirmar isso na resposta da próxima interrogativa. Naquilo que ela contou acima confirma o pedido “a gente pedir pra ela, ela ajuda a gente”, seguido do alívio sentido, pois pedir para Nossa Senhora e está no terecô faz sair “aquele peso das costas da gente, aquela agonia das costas da gente”. No que diz respeito daquilo que ela aprendeu no terreiro sobre Nossa Senhora, ela coloca:

Aprendi foi muito graças a Deus, aprendi foi um monte de coisa lá, aprendi foi muito eu, aprendi foi um bocado, aprendi foi muito. Aprendi que a gente não precisa ficar com aquela agonia, não ficar com aquele negócio nem nada, a gente tem que ter fé, tudo que a gente pede a gente tem que ter fé nela, a gente pedir pra ela ajudar aí ela ajuda. Tem que ter fé pra pedir (Filha de Dona Maria José, informação verbal, agosto/2023).

A Filha de Dona Rosalina deu respostas curtas, ela me pediu para não responder sendo gravada, mas pediu as perguntas para me enviar seu parecer depois, como ela é analfabeta acredito ter pedido para alguém digitar as respostas, quando fez a devolutiva

conversou comigo e pediu que se eu tivesse alguma dúvida ela gostaria de me ajudar a compreender. Quem é Nossa Senhora para você? “É como uma mãe”, respondeu ela, e quanto se ela sentia que essa figura influenciava ou não na sua vivência religiosa ela respondeu “sim” e completou sobre aquilo que aprendeu na tenda a respeito de Nossa Senhora dizendo “ela é uma protetora e mãe de todos nós” e que no dia a dia sua relação com Nossa Senhora era “boa” (Filha de Dona Maria Redonda, informação por escrito, agosto/2023).

Ainda em janeiro/2023 eu havia perguntado a Mãe Meridalva sobre quem era Nossa Senhora para ela, me deu a seguinte explicação:

Pra mim Nossa Senhora, ela sendo a mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, a mãe de Nosso Salvador, pra mim eu tenho uma fé muito grande nela, justamente por isso eu sou devota de Nossa Senhora da Conceição que é a dona da minha casa, até então acho que tu percebeu que o terreiro tem o nome de Nossa Senhora da Conceição, então assim, Nossa Senhora para mim ela é o modelo assim de mãe, de uma mãe que acalenta, mãe que é protetora, mãe que abre os braços pra cuidar do filho, né, a mãe que sempre esteve ao lado de Jesus em todos os momentos e acolhendo e protegendo ele. Para mim Nossa Senhora é um amor incondicional, sabe, justamente pelo quê? Por essa fé que eu tenho tão grande em Deus primeiramente e segundo nela, para mim não tenho palavras, mas...quando a gente faz orações, que a gente reza aqui na casa, que fazemos os nossos terços os nove dias, a gente tem aquela dedicação, aquele amor e aquela fé. Então, para mim, é um amor incondicional que eu tenho, é uma fé muito inabalável que eu tenho por Nossa Senhora que eu tenho muito grande. (Mãe Meridalva, informação verbal, janeiro 2023).

Na fala das filhas da casa aparece muito do que a Mãe Meridalva define acima, é nítido naquilo que elas explicitam seja no significado que Nossa Senhora tem para elas, seja naquilo que relatam ter aprendido na tenda. A Mãe desse terreiro afirma que sua devoção é anterior a própria tenda, antes mesmo de ter uma mesa de trabalho espiritual ela já carregava essa devoção a Nossa Senhora, recordo aqui a fala dela ainda no ano de 2021 e que está no capítulo primeiro desta escrita, onde ela relata o início da abertura da sua mesa, “aí eu decidi que a santa da minha mesa, a dona da minha casa vai ser minha Nossa Senhora da Conceição que é a santa que eu tenho a minha devoção”.

4.4 “Minha madrinha é a Virgem da Conceição, o meu padrinho é o Rei Sebastião”: Minhas observações do campo de pesquisa em torno das representações de Nossa Senhora/ Maria

Do que fora dito a partir da fala das mulheres que colaboraram nesta pesquisa, observei ainda os comportamentos a fim de notar não somente os discursos, mas também as práticas e como essas práticas se articulam para que as representações sejam

sustentadas e repassadas para as pessoas do terreiro. Coletei as informações dos dias que antecedem às festas, do início e final das cerimônias sobretudo das maiores festas da casa, observei o próprio ambiente bem como os depoimentos das mulheres e também perguntei para pessoas que não as mulheres da tenda, para saber o que essas pessoas também fariam sobre Nossa Senhora. A escolha dessas pessoas não foi indicação de nenhuma das minhas interlocutoras, ela se deu pela disponibilidade dessas pessoas em conversar quando iniciei essa investigação antes mesmo de ter como recorte e foco as mulheres.

Em se tratando da fala das mulheres já ficou posto no tópico acima, esses são os discursos. No que se refere aos comportamentos, as mulheres do terreiro por serem atuantes em todas as tarefas da casa são elas também que estão nas rezas. Quando passei a fazer parte do grupo de WhatsApp da casa, eu pude perceber a mãe combinando os dias de se encontrarem para rezar antes das festas durante nove dias, também outros dias em que o povo do terreiro guarda memória (que geralmente são dias de festas de santos católicos). Como finalização da semana santa, a mãe marca de se encontrarem para fazer rezas e trabalhos espirituais (obrigações) e entre essas rezas é ressaltado sempre o terço.

Nas rezas do terço que pude acompanhar na casa, é rezado de maneira rápida quando feita pelo pai pequeno (às vezes nem se espera acabar a Ave-Maria e já estão rezando a Santa Maria) e a reza é bem mais compassada quando feita pelas mulheres ou pela Mãe Meridalva. A mãe costuma rezar de joelhos (figura 35) e às vezes as filhas também a acompanham no gesto para a reza mariana (figura 36). Falo desse momento porque é dos que mais frisam a questão da devoção a Nossa Senhora. No terreiro, essa oração, como já mencionei várias vezes, é a principal oração durante os nove dias que antecedem as grandes festas e eu mesma (como também já disse antes) rezei com essas mulheres diversas vezes.

Figura 35: Mãe Meridalva rezando



Fonte: autora – 08/12/2023

Figura 36: Filha de Dona Joana Gunça rezando



Fonte: autora – 08/12/2024

O terço é uma das imagens que mais representam a devoção a Nossa Senhora, seja no terreiro ou fora dele, é inquestionável. Na casa da Mãe Meridalva esse objeto está tanto no altar principal quanto no canto de Preto Velhos e Léguas e no próprio quarto de Dona Jarina (um quarto meio secreto onde somente pessoas da casa tem acesso), o terço é tão presente no terreiro e nas próprias cerimônias que, participando de uma das obrigações de confirmação¹¹⁷ de uma das entidades da casa 08 de dezembro/2024, Dona Tereza

¹¹⁷ É um dos sacramentos da Umbanda, confirmação tem o objetivo de confirmar um guia/entidade que é chefe de crôa do médium. Segundo a Mãe Meridalva, “o filho de santo quando chega no terreiro que ele começa a trabalhar aí a gente faz o quê, a confirmação, da confirmação a gente faz o encruzo e por último o batismo. O batismo já quando o filho já tá feito né na Umbanda, cada um é etapa. A confirmação a gente faz com três anos, aí outro com sete e outro com treze ou quatorze anos, o batismo é o último com treze ou quatorze anos” (Ialorixá Meridalva de Oxum, informação verbal via WhattsApp, dezembro/2024). Também perguntei ao Pai Augusto d’Oxum sobre os sacramentos da Umbanda e ele disse que os sacramentos mudam de acordo com a região e segundo o que ele pontuou a umbanda do Maranhão é diferente da Umbanda que ele diz sulista, tradicional ou Umbanda de Zélio (segundo o mito fundador, Zélio Fernandinho fundou a Umbanda), explica: “dentro da Umbanda tem vários sacramentos e isso muda e tem muitas variantes de casa para casa, terreiro para terreiro, de região para região, por exemplo, no Maranhão, nas Umbandas maranhenses já se diferencia mais das outras Umbandas do Centro Oeste e do Sul, enfim. Por exemplo dentro do culto da Jurema Sagrada os sacramentos já mudam muito [...] em base do meu conhecimento, do que eu aprendi com meu pai de santo, com as entidades e com o que foi feito em mim, é, primeiro vem a afirmação que é quando o médium já está pegando a irradiação daquela entidade, daquele encantado, ele está já incorporando aquela entidade e tem um determinado tempo, tem casas que em seis meses a um ano realizam a afirmação do guia, eu na casa realizo após um ano da primeira vez que ele começou a incorporar conta-se um ano para fazer a afirmação. O que seria a afirmação? Afirmação é onde que o médium passa por uma série de preceitos, por exemplo: sem comer carne, sem relações sexuais, sem bebidas alcoólicas, enfim entre outras coisas, é, e se recolhe para aquela entidade, para sua corrente. Se recolher é deitar no terreiro, tem casas que deita apenas uma noite, tem casas que deitam três dias, tem casas que é sete dias e

Légua, pude observar ela fazendo todo o trajeto de entrada no barracão com o terço nas mãos, depois de ficar trancada desde o dia anterior em um quarto, sobre isto a Mãe Meridalva explicou que:

isso varia de casa para casa, e é onde que minha casa se deita três dias, se deita e recolhe e no momento que o médium está deitado está recolhido é feito uma série de rituais fazendo chamada dos encantados, aproximando mais os encantados daquele médium. No terceiro dia, após as obrigações sendo realizadas, é onde que é chamado aquele guia, aquele encantado para puxar ele, puxa aquele encantado encima daquele médium e faz a afirmação dele e aí é onde que o encantado dá o nome dele, canta o ponto dele e ele recebe a sua guia recebe a sua benção encima daquele, daquela matéria (corpo) e autorização para está trabalhando [...] o sacramento de confirmação em base aos meus conhecimentos e pelo que já passei, confirmação é praticamente quase igual a afirmação, você afirma o encantado com uma ano após a incorporação, após dois anos ou três é feito a confirmação daquele médium, tem casas que é dois anos, tem casas que é um ano e tem casas que é três, na minha casa é após um ano da afirmação é feito a confirmação daquele guia, o que seria a confirmação? A confirmação passa por todo aquele preceito por todo o procedimento só que com um detalhe, puxando aquele encantado com mais força tá, porque dentro da corrente espiritual tem encantados que mudam entendeu, só fez a afirmação mas tem corrente que pode mudar tá, e no momento da confirmação que é feito aquele guia vai vir novamente e vai confirmar que é ele novamente, vai dar o ponto, vai cantar, vai dizer quem ele é, da onde que ele é, novamente a primeira coisa que ele fez na afirmação e é onde que tem todo o processo [...] O sacramento de encruzo é talvez seria um dos mais importantes para um médium né, o sacramento de encruzo serve para a preparação daquele médium, daquela pessoa para o batismo, o encruzo ele serve como preparação para o batizado do médium, por exemplo, o médium já tem três anos de feitura, de confirmação, de afirmação, de obrigação na casa, ele tem por exemplo sete anos que tá na casa e tem três anos de confirmado que os encantados são confirmados com ponto riscado e ponto cantado né, então o Pai de Santo ou Mãe de Santo, lembrando Polyana que isso é em base aos meus conhecimentos tá, e o pai de santo ou mãe de santo pega aquele médium tem uma série de ritualística bem mais pesadas a pessoa vai pra mata, a pessoa vai pra beira de água, pra beira de cachoeira, pra pedreira, vai pra uma série de ritualística preparando aquela corrente para ser encruzada, o que que vai ser encruzada? Ali vai encruzar a corrente espiritual daquele médium nele, vai cruzar o seu encantado chefe com seu encantado farrista, vai encruzar seu encantado contra-chefe com seu encantado de trabalho. Tudo isso para manter uma forte ligação encima daquele médium, é todo um preparo que é feito [...] aí tem os padrinhos de encruzo, o padrinho vem e encruza a madrinha vem e encruza e é feito é cantado os pontos e a entidade se manifesta e canta os pontos dela [...] após o seu encruzamento o médium está apto a receber o seu batizado dentro da umbanda [...] o batizado digamos que seria o último sacramento dentro da Umbanda da nossa umbanda aqui do Maranhão, eu tiro como exemplo dentro do Catimbó Jurema dentro da Jurema Sagrada a primeira coisa que eles fazem é batizar o médium, é fazer o batismo daquele médium dentro da religião, ou seja, é como se fosse uma iniciação daquele médium dentro da religião e dentro da Umbanda tradicional do mesmo jeito da Umbanda de Zélio, enfim nas outras Umbandas do mesmo jeito. Já em alguns casos aqui no Maranhão, por exemplo no meu caso e outros terreiros daqui, o batizado é o último sacramento e lembrando que o encruzo continua, a pessoa ela tem em vida se ela conseguir chegar até lá ela tem que receber vinte e um encruzo, tem pessoas que não conseguem receber nem sete encruzos que é de sete em sete anos. Mas o último sacramento dentro da ritualística de Terecô em base do meu conhecimento é o batizado. O batizado ele é tanto para fazer com que aquela pessoa que recebeu o batizado já seja entregue o cargo dele de zelador ou zeladora de santo ou simplesmente a entidade chefe ou então a corrente daquele médium pediu um batizado na corrente [...] o batizado dentro da Umbanda dentro do Terecô é um dos mais importantes, todas as obrigações são importantes mas, o batizado é um dos mais importantes, ali recebe a benção dos orixás, recebe a benção das entidades de alto escalão de alta hierarquia, aquela corrente que foi batizada sobre aquele médium ela recebe uma força muito maior, recebe um fundamento muito maior sobre aquela mediunidade, sobre aquela matéria que ele está trabalhando e ganha muitos fundamentos e muitas autoridades, aquele médium que ele é batizado dentro da Umbanda sob os fundamentos certos ele recebe vamos botar entre aspas “autoridade ele recebe um cargo hierárquico dentro da espiritualidade e a espiritualidade vai lhe reconhecer” (fecha aspas)[...] o batizado ganha uma autoridade espiritual, digamos que ele ganha um cargo hierárquico dentro da espiritualidade, é basicamente isso. Lembrando que é baseado no conhecimento de como fui feito, de como eu fui preparado e como eu entendo as situações, a minha verdade não é absoluta, tem outras que são e outras pessoas que aprenderam de outra forma também” (Pai Augusto D’Oxum, informação verbal, dezembro/2024).

Geralmente a Dona Jarina na casa ela faz as confirmações, os batismos todos no dia de Nossa Senhora da Conceição, o que acontece? O terço ele fala o quê? Porque o filho de santo quando ele é recolhido dentro do roncó¹¹⁸, do quarto de santo ele faz as obrigações dele lá e uma das principais obrigações é o quê, rezar o terço né. O terço pra nós umbandistas é muito importante o médium saber rezar o terço porque é uma das orações de muito fortalecimento pra gente né no caso, sempre todos os médiuns da casa sempre tem um terço, sempre é rezado o terço pra Nossa Senhora da Conceição reza-se também o rosário de Nossa Senhora da Conceição que não sei se tu conhece eu acho que tu sabe. Então sempre nas obrigações, nos ritos de confirmação, de batismo e de encruzo quando um médium é recolhido dentro do Roncô ele geralmente minha filha sempre eles tem que fazer as orações deles e isso principalmente encaminhado pra Nossa Senhora. Todos os médiuns todos a maioria deles das casas, pelo menos os médiuns aqui da casa é muito importante isso aí né, o filho de santo rezar pra Nossa Senhora e fazer a devoção de Nossa Senhora, entendeu, justamente para o santo entendeu, pelo menos aqui na casa é isso né, é muito importante para o médium eu sempre o médium a tirar o terço, ensino o médium a rezar o rosário de Nossa Senhora porque é muito importante ter na casa, entendeu? (Mãe Meridalva, informação verbal, dezembro/2024)

Dona Tereza Légua era, então, ali na minha frente a imagem personificada dessa fala da Mãe Meridalva. Essa encantada entrou no salão saudou todos os cantos da casa, e arrumou seu pano de cabeça, recebeu chapéu e baiou (gira/dança/culto) segurando o terço, após todo o ritual ela continuou com seu terço enrolado no braço e isso se deu até o final da festa, ela não largou seu terço para nada o que pode ser confirmado no quadro de imagens abaixo (figura 37):

¹¹⁸ É o quarto de santo, quarto sagrado ou camarinha onde ficam ali os filhos/filhas de santo que são preparados para os ritos de iniciação/sacramentos.

Figura 37: Dona Tereza Légua, cerimônia de confirmação



Fonte: autora – 08/12/2024

Há um manuscrito feito pela Mãe Meridalva que ela me relatou ter sido escrito por ela quando estava sendo preparada espiritualmente, ou seja, quando estava passando pelos rituais sacramentais e ela os mantém guardados e me disse que só tira para fora no dia da festa maior da casa (02 de fevereiro), apesar de acompanhar essa festa há quatro anos eu não tive acesso a esse material antes, se quer o vi pelo terreiro. Esses manuscritos consistem em músicas e orações cantadas à Nossa Senhora e alguns santos e estão em folhas de papel A4 apegados por um grampo e bem parecidos como folhas de caderno e algumas partes estão desgastadas com o tempo. A própria Ialorixá me disse que futuramente gostaria de contar com minha ajuda para transformar em material digital e disponibilizar para as pessoas que entrarem na casa, em uma dessas páginas notei um que se referi exclusivamente ao terço (figura 38):

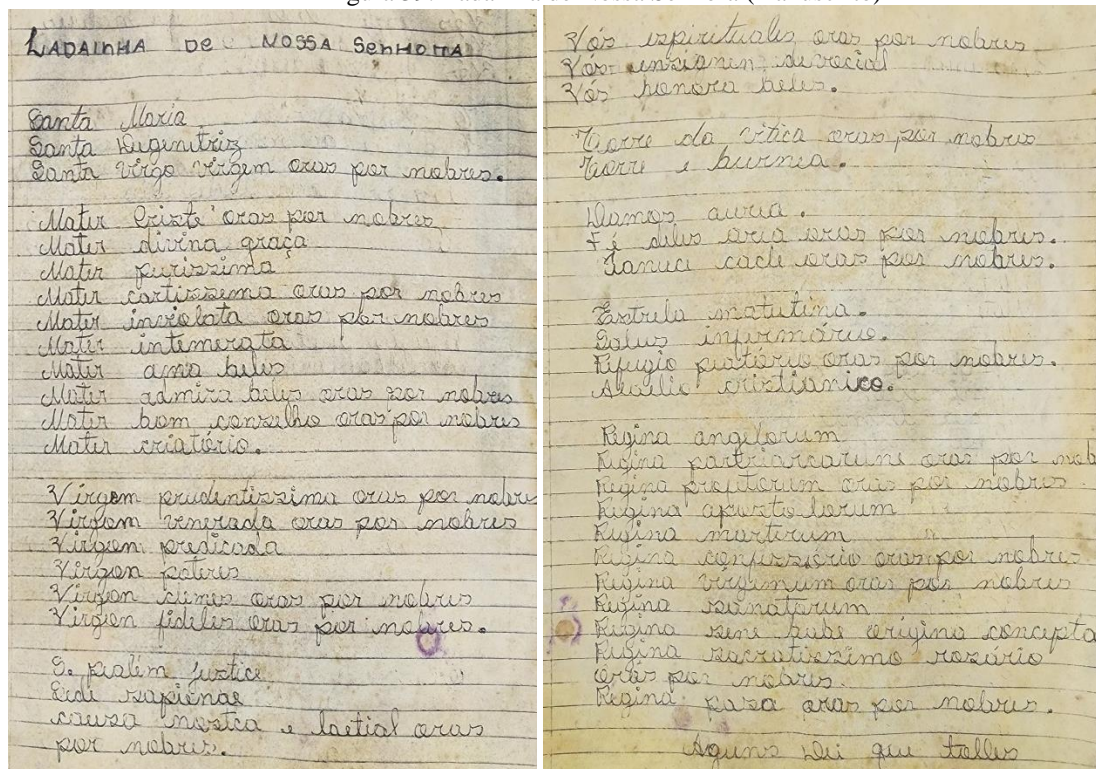
Figura 38: Devoção a Nossa Senhora (manuscrito)



Fonte: autora – 02/02/2024

Além da reza do terço às vezes se reza também a ladainha a Nossa Senhora (figura 39):

Figura 39: Ladainha de Nossa Senhora (manuscrito)



Fonte: autora – 02/02/2024

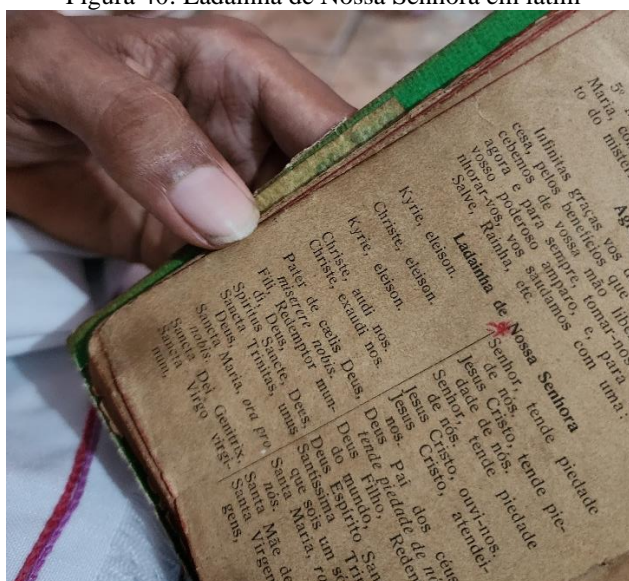
O texto/oração/cântico de “Devoção a Nossa Senhora” (figura 38) demonstra um teor devocional da piedade popular, bem característico de uma devoção pautada numa recompensa de salvação e promessas do auxílio de Nossa Senhora no momento da morte. Já ouvi relatos de quem conhece orações como “sonho de Nossa Senhora”, sabe até o dia que vai morrer, para alguns isso gera interesse e para outros um pouco de medo, bem parecido a letra do segundo parágrafo (figura 38) no qual diz: “quem rezar um terço antes de morrer ela vos dará a glória e o poder”.

Quando cheguei na casa na festa do dia 02 de fevereiro/2024, notei esses manuscritos no altar central, ao lado da imagem de Nossa Senhora da Conceição, e pedi autorização da Mãe Meridalva para fotografar as partes das músicas que falavam de Nossa Senhora e ela disse que daria essa permissão porque era eu e não deixaria outra pessoa pegar naquelas folhas, me explicou quando e como havia escrito e que não deixava aquelas doutrinas expostas, mas que as partes de Nossa Senhora eu poderia usar neste trabalho, quando fotografei, mostrei para ela o que tinha registrado e ela pediu para uma das meninas da casa guardar no quarto de Dona Jarina. O que pude notar nas letras é que esta Ialorixá foi escrevendo conforme ela tinha as letras na mente, por isso a escrita de algumas palavras está tal qual “o original” da oração ou dos cânticos católicos.

A ladainha acima é escrita em latim (figura 39) e é como já notei ser cantada em outros terreiros de Imperatriz, até registrei a mesma oração sendo cantada na festa de Santa Rita de Cássia no Recinto Nossa Senhora Aparecida e Caboclo Sete Flechas, um Pai de Santo por nome José após rezar o terço contemplando os mistérios gozosos¹¹⁹, também rezou a ladainha de Nossa Senhora cantada e em latim, fiz registro da letra (figura 40) justamente por perceber que isso é presente nos terreiros de Imperatriz.

¹¹⁹ Mistérios gozosos é um dos quatro mistérios que se contempla no rosário mariano, como nem todas as pessoas rezam o rosário que é composto por quatro terços juntos, os mistérios são divididos em quatro para alguns dias da semana, assim dias de domingo e quarta-feira se reza os mistérios gloriosos (Ressureição; Ascensão; Vinda do Espírito Santo; assunção de Nossa Senhora; Coroação de Nossa Senhora), dias de segunda-feira e sábado se reza os mistérios gozosos (Anunciação do anjo a Maria; Visitação de Maria a Isabel; Nascimento de Jesus; Apresentação de Jesus no templo; Perda e encontro do menino Jesus no templo), terça-feira e sexta-feira os mistérios dolorosos (Agonia de Jesus no Horto das Oliveiras; Flagelação do Senhor; Coroação de Espinhos; Subida de Jesus ao Calvário; Crucifixão e morte de Jesus) e na quinta-feira reza-se os mistérios luminosos (Batismo de Jesus; As bodas de Caná; O anúncio do reino de Deus; A transfiguração; A instituição da Eucaristia). Assim cada terço é composto de cinco mistérios que contemplam a vida pública de Jesus e alguns deles contemplam também Nossa Senhora.

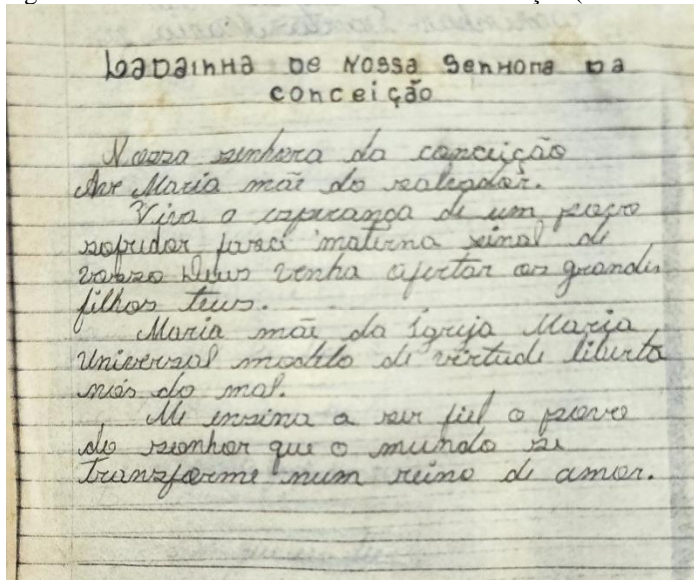
Figura 40: Ladainha de Nossa Senhora em latim



Fonte: autora – 22/05/2024

No livreto (figura 40) a ladainha em latim está de um lado e a tradução do outro lado, porém ela é cantada/rezada em latim. Na casa da Mãe Meridalva encontrei também entre os manuscritos uma ladainha dedicada à Nossa Senhora da Conceição (figura 41):

Figura 41: Ladainha de Nossa Senhora da Conceição (manuscrito)

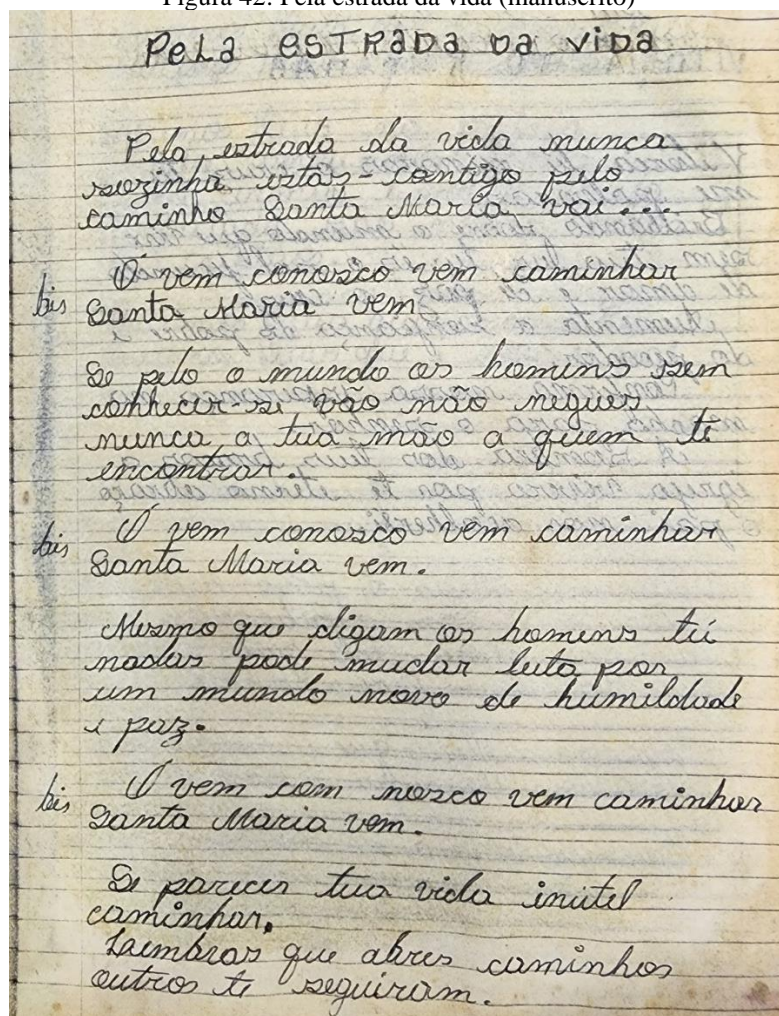


Fonte: autora – 02/02/2024

Nossa Senhora aparece como “esperança do povo sofredor face materna sinal de vosso Deus [...] Maria universal modelo de virtude liberta nos do mal”, essas expressões tem semelhança com as falas das entrevistadas/colaboradoras: “o negócio pega a gente:

ó Nossa Senhora me ajuda aqui” (esperança do povo sofredor); “cada momento pra mim que eu tô precisando que às vezes meus fi tão passando pela uma coisa eu peço pra ela sempre proteger” (liberta nos do mal); “eu aprendi que na pior situação da vida da gente, a gente ter paciência isso ela sempre ensina pra gente, aprendi amar o próximo” (modelo de virtude); “a gente grita por ela (mãe consanguínea) e pela Nossa Senhora né, duas mãe milagrosas” (face materna sinal de vosso Deus).

Figura 42: Pela estrada da vida (manuscrito)



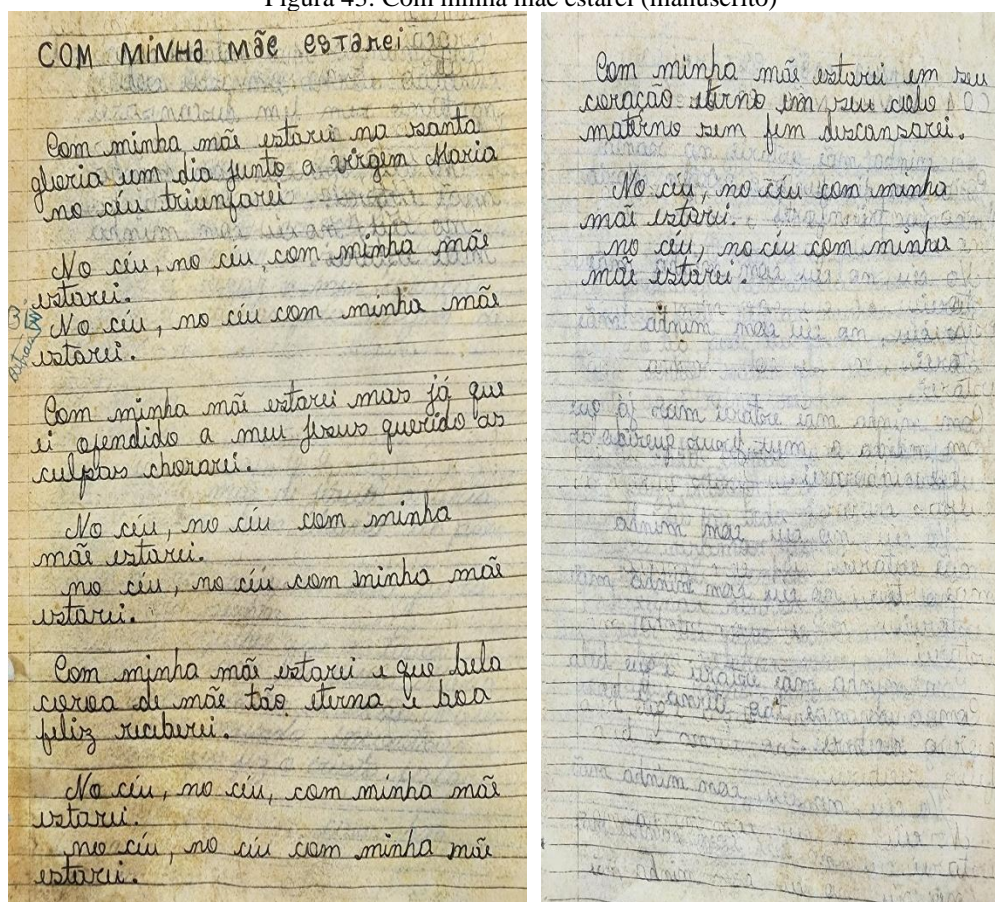
Fonte: autora – 02/02/2024

O cântico/oração acima é bastante conhecido também entre as pessoas mais idosas da Igreja Católica, sobretudo a legião de Maria¹²⁰, a letra demonstra a confiança na

¹²⁰ Grupo de católicos que surge em meados de 1921 por Frank Duff (leigo que se dedicou ao protagonismo dos leigos no contexto do concílio vaticano II) que se juntam e formam quase que uma associação de católicos de Maria. Essas pessoas se reúnem semanalmente na Igreja e uma das missões que carregam é rezar o terço, participar da missa e visitar as famílias realizando assim um apostolado mariano. Esse grupo

presença da figura mariana pelos caminhos da vida que nem sempre são fáceis e que pede ao mesmo tempo certa caridade para com aqueles e aquelas que forem sendo encontrados/as pelo caminho, “não negues nunca a tua mão a quem te encontrar”; “luta por um mundo novo de humildade e paz”; “se parecer tua vida inútil caminhar, lembra que abres caminhos outros te seguirão”, esse cântico raramente vejo pelos terreiros, já encontrei as pessoas cantando nas procissões em dois terreiros e na casa da Mãe Meridalva no altar.

Figura 43: Com minha mãe estarei (manuscrito)



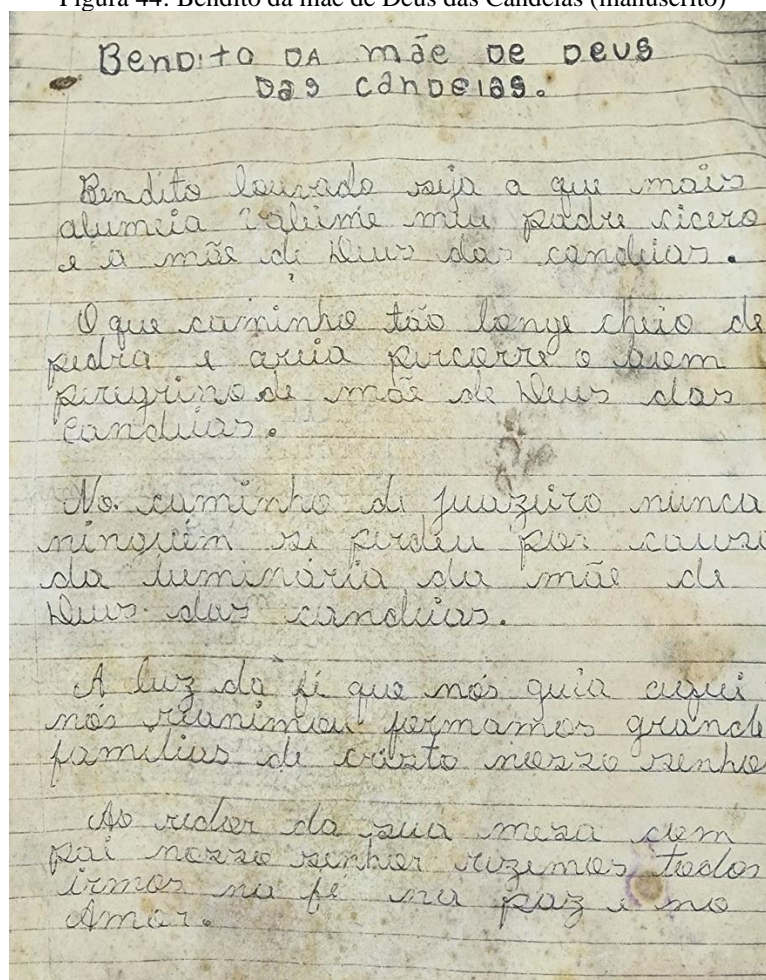
Fonte: autora – 02/02/2024

Outra das cantigas populares a Nossa Senhora e que são cantadas entre as pessoas mais idosas e tem-se o costume de ser lembrada sobretudo em velórios entre essas pessoas cristãs. A letra retrata muito a esperança de estar ao lado da Virgem Maria em triunfo depois de passar pela vida terrena, ou após chorar as penas do pecado deste mundo ou deste “mundo do pecado” como dizem as entidades dos terreiros. Depois de viver como

foi muito inspirado pelas obras de outro santo mariano chamado São Luís Maria Grignon de Montfort, ou seja, o santo dos escravos de Maria.

diz a Salve Rainha (oração) “vivendo e chorando neste vale de lágrimas”, espera-se, conforme o cântico/oração acima, estar no céu com a “minha mãe”, “que bela coroa de mãe, tão eterna e boa feliz receberei” e assim, depois de passar pelas “apurriações” deste mundo “com minha mãe estarei em seu coração eterno, em seu colo materno sem fim descansarei”.

Figura 44: Bendito da mãe de Deus das Candeias (manuscrito)



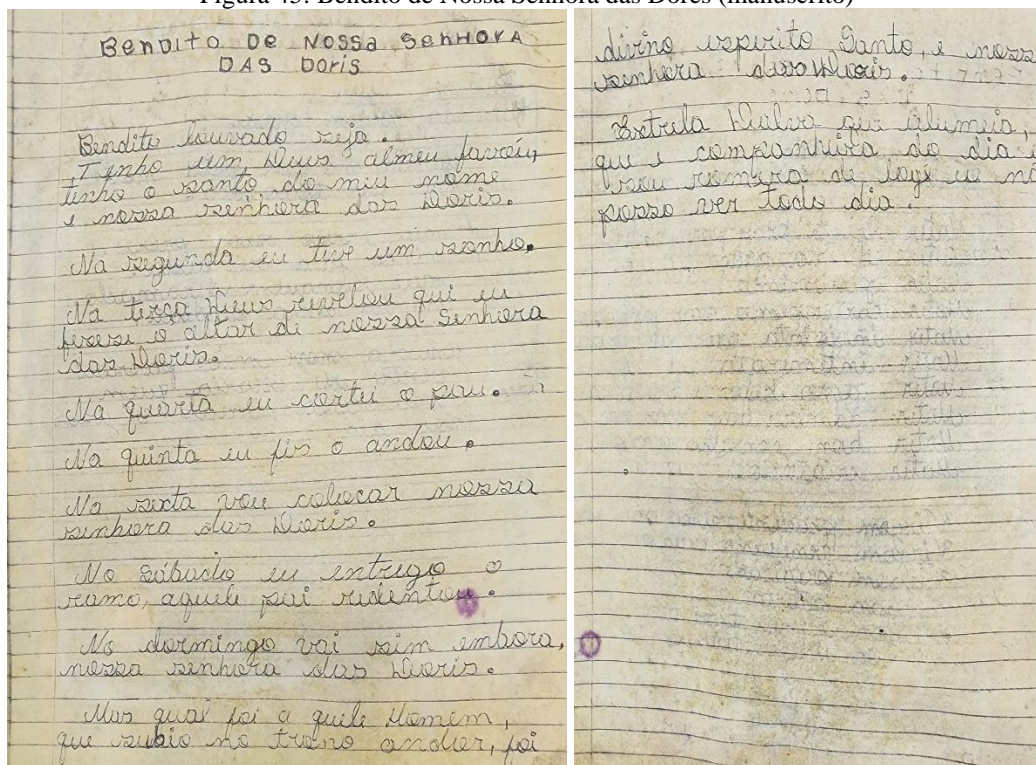
Fonte: autora – 02/02/2024

Esse cântico/oração é mais cantado nos terreiros, já pude presenciar sobretudo o Pai Salim cantando em seu terreiro e mais dois (casa da Mãe Meridálva e casa do Pai Augusto), algumas vezes fica-se somente na primeira estrofe cantando como um mantra enquanto as pessoas se ajoelham em frente ao altar ou aos pés de Nossa Senhora no andor da santa (Nossa Senhora). A letra fala justamente de seguir pelo caminho contando com a ajuda e a luz da Mãe de Deus das Candeias. É um dos benditos que lembram a devoção

a Nossa Senhora das Candeias ou Nossa Senhora da Luz ou ainda Nossa Senhora dos Navegantes (festa celebrada dia dois de fevereiro).

Outro cântico/oração encontrado foi o “Bendito de Nossa Senhora das Dores”

Figura 45: Bendito de Nossa Senhora das Dores (manuscrito)



Fonte: autora – 02/02/2024

Junto a esse bendito também pude presenciar e até aprender a cantar com o povo do terreiro outro que vai repetindo não os dias da semana, mas do número um até o dez da seguinte maneira “uma vez que Maria foi no céu com seu livro de rezar, quando ela chegou lá no céu pôs a mãe e rogou a Deus por nós...duas vezes, três vez...dez vez” e desta maneira começo a citar os pontos ou doutrinas que são cantados no terreiro para Nossa Senhora. O mais de todos eles é o que cito no início deste trabalho e o qual está no título desta dissertação, “Nossa Senhora da Conceição, ó vos queira nos Valer Senhora, nesta ocasião”, ele é cantado no início das giras. Os pontos são cantados uma ou duas vezes em silêncio na “boca do tambor”, ou seja, na frente do local onde ficam os tambozeiros, depois que as pessoas presentes escutaram o que aquela primeira cantou todas repetem e o tambor começa a ser tocado, é típico desse universo da oralidade escutar atentos para aprender e repetir, escutar-aprender-repetir ou mesmo escutar-repetir até

aprender como faz, é uma pedagogia oral dos terreiros, isso está presente sobretudo na musicalidade.

Outra que é muito comum e que cantam também no grupo de WhatsApp da casa é este: “é no balanço que eu venho é no balanço que eu vou, minha Madrinha é a Virgem da Conceição, o meu Padrinho é o Rei Sebastião”. Retrata dois universos que se aproximam e se entrelaçam, a Nossa Senhora do céu que se catam nas músicas acima, mas que ao mesmo tempo caminha com o povo “pelas estradas da vida” e o universo dos encantados que também desempenham esse papel sagrado da presença, do auxílio nas demandas da vida e na evolução espiritual pautada na missão de cada médium, mistura-se a Virgem da Conceição na condição de Madrinha, ou seja, aquela que desempenha uma assistência espiritual na vida da pessoa e o padrinho nesse caso não é Jesus, mas o responsável pela encantaria do mundo espiritual ou o “Rei da Encantaria” para lembrar a fala do Pai Salim, Rei Sebastião. Nesse sentido, os dois universos se unem para auxiliar o crescimento do/da médium do Pai/Mãe de Santo.

Outra doutrina/ponto/bendito que é cantado nas festas de Nossa Senhora e que já presenciei em três terreiros diferentes desta cidade é “se ajoelha devoto vem beijar Maria, nossa protetora nossa luz e guia”, é cantado em terreiros como do Pai Salim de Ogum quando chegam da procissão com Nossa Senhora Aparecida. A procissão é feita pelas ruas do bairro, rezando o terço, cantando para Nossa Senhora e com velas acesas (procissão luminosa). Ao chegar na tenda, o andor de Nossa Senhora é colocado em frente ao altar central e o Pai Salim começa a entoar esse bendito várias vezes enquanto as pessoas se ajoelham diante da imagem de Nossa Senhora, se emocionam, alguns se deitam no chão em frente a imagem, tocam, fazem orações e outros beijam a imagem de Nossa Senhora:

Figura 46: Templo Sagrado Nossa Senhora Aparecida



Fonte: autora – 12/10/2023

Outros terreiros da cidade de Imperatriz e região fazem procissões com os santos em andor, sobretudo para Nossa Senhora, mas na casa da Mãe Meridalva ainda não, digo o ainda não porque a Mãe Meridalva já manifestou diversas vezes o desejo de fazer procissão no dia dois de fevereiro, ela mesma já me disse que me pediria para puxar o terço e cantar na procissão. Porém, o que noto é que para fazer procissão é preciso andar em algumas ruas do bairro e acredito que ainda pode ser um grande empecilho a isso a questão do medo e da vergonha de sofrerem intolerância religiosa, sentida por alguns membros da casa. Uma das filhas nas festas da casa me levou até a esquina e pediu que eu fosse no comércio que ficava há duas quadras do terreiro para fazer uma compra, me fez esse pedido porque ela não se sentia confortável “andar com roupas de macumbeira por aí”. Deste modo, fazer procissão seria bem mais complicado em grande medida por essa questão.

Tem o ponto de Nossa Senhora da Conceição que se junta ao já citado antes “[...]ó vos queira nos valer Senhora”, após a parte final canta-se várias vezes “Nossa Senhora ela é mãe ela é mãe, Nossa Senhora ela é mãe ela é mãe...”, outro ponto cantado faz menção também a Nossa Senhora da Conceição, “eu andei sessenta léguas para cumprir minha obrigação. Eu vim ver minha Virgem da Conceição”. Outro ponto faz menção a Nossa Senhora como mãe, mas não da Conceição e sim mãe da misericórdia, “minha mãe minha mãe, ela é mãe da misericórdia, minha mãe minha mãe, ela é mãe da misericórdia.

Oh misericórdia minha mãe, misericórdia meu Deus (3x)”. O grupo de WhattsApp é um lugar onde as pessoas compartilham também esses pontos que cantam no terreiro, a Mãe Meridalva compartilhou um que ouvi somente uma vez e desta maneira pude fazer o registro por escrito:

Oh misericórdia meu Deus, oh misericórdia Senhor, misericórdia eu tô pedindo, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, oh misericórdia Senhor, misericórdia Nossa Senhora, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia pai de toda cabeça, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia todos os santos, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia dono da casa, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia Toia Jarina, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia meu bom pai eterno, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia Toia Jarina, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia Caboclo Sete Flechas, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia Caboclo Cearense, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia Maria Légua, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia Caboclinho, misericórdia Senhor. Oh misericórdia meu Deus, misericórdia Senhor, misericórdia minha Santa Bárbara, misericórdia Senhor (Mãe Meridalva, dezembro/2024).

O bendito acima cantado pela Mãe Meridalva inicia com o pedido de misericórdia Senhor (seria o senhor das ladainhas, Jesus), em seguida vem Nossa Senhora e se mistura com os encantados e santos. Outros pontos/doutrinas que são cantados a Nossa Senhora no terreiro, são cantados no terreiro também no início da gira ou na primeira gira que o pai ou mãe de santo faz no terreiro com os filhos e filhas da casa, é: “agora eu vou entrando é com meu batalhão, agora eu vou entrando é com meu batalhão, vou pedir Nossa Senhora que dê força no salão, vou pedir nossa senhora que dê força no salão”. Tem-se o costume de cantar à Nossa Senhora quando se inicia e também algumas vezes quando termina o tambor na casa, um ponto de encerramento que me recordo muito de ser cantado no final da gira diz o seguinte: “minha Virgem da Conceição, protegi meu batalhão que agora vai embora. Vai embora que a hora é essa, mas meu mestre é passarinho que canta e chora”.

Há ainda no terreiro várias outras imagens de Nossa Senhora como Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora Aparecida e no quarto de Dona Jarina há várias outras imagens de Nossa Senhora como Imaculado Coração de Maria, Nossa Senhora das Graças e outras que no momento não consigo recordar porque esse quarto não tenho autorização para

fazer registros fotográficos e expor, e há ainda as medalhas de Nossa Senhora que são usadas em colares e também nas guias, como por exemplo:

Figura 47: Medalha Milagrosa em Guia



Fonte: autora – 02/02/2024

A medalha acima é a Milagrosa¹²¹ ou de Nossa Senhora das Graças, na casa, as festas iniciam com o terço e pontos cantados para Nossa Senhora, costumam estar no início e também no encerramento, é possível observar sobretudo nas festas marianas pontos de despedida da gira com referências a ela conforme dito acima. Também após encerramento do toque do tambor as/os médiuns vão para a Guma/Guna fazer orações para finalmente terminar o culto e nesse encerramento com as mãos postas na Guma/Guna (figura 48) rezam algumas orações e entre elas está sempre a Ave Maria e a Salve Rainha.

¹²¹ A medalha de Nossa Senhora das Graças foi cunhada ainda nas aparições a Santa Catarina Labouré em 1830 em Paris e passou a ser chamada de medalha Milagrosa após ser atribuída a ela diversas curas de pessoas em meio a um surto de cólera em Paris.

Figura 48: Encerramento da Gira na Guma/Guna



Fonte: autora –08/12/2024

Também nos convites públicos das festas as imagens que mais são utilizadas são dos santos e de Nossa Senhora, é coisa comum em vários terreiros da cidade, e na casa da Mãe Meridalva não é diferente. Há os cards de convite para festas de esquerda, que aí sim costumam ser os Pais e Mães de santo incorporados nesses guias ou somente imagens. Na casa da Mãe Meridalva acontece de usar mais imagens de Nossa Senhora da Conceição e na festa de dezembro e Iemanjá na festa de fevereiro, como sou eu quem tenho feito esses convites para ela há três anos, eu noto que ela fica na dúvida sempre se coloca Nossa Senhora dos Navegantes ou Iemanjá.

Maria/Nossa Senhora aparece na Tenda, ainda que banhada das roupagens coloniais, de maneira discrepante dessas mesmas características do ethos oficial cristão católico. Também o comportamento das pessoas em relação a ela constata isso. De acordo com o que vimos na história do pensamento mariano, Maria é muitas vezes inspiração e

até mesmo paradigma da moralidade em sentido literal sobre corpo, virgindade, paradigmas de comportamentos e etc.

Na Tenda ela não segue esse padrão, Maria é sim celebrada e reverenciada, por vezes ocupando um lugar de destaque maior do que o próprio Jesus nos cultos e procissões da Umbanda de Imperatriz; nos gestos como beijos, ajoelhar-se, tocar a imagem, fazer o sinal da cruz diante da imagem. Porém ela não é figura, em grande medida, que vem a comedir as mulheres, pelo contrário, ela acaba por dar forças para essas mulheres recuperarem o respeito próprio e o amor próprio frente a situações como separação conjugal, que em outros contextos cristãos, talvez, a mulher se submeteria a situações como de continuar rezando pelo esposo e tentar recuperar uma relação conjugal nociva para ela, ou ainda quem sabe entrar em estado de depressão e etc.. Essa maneira de devotar Maria, com máxima estima e ao mesmo tempo humanizá-la, a ponto de ser capaz de compreender e atender pedidos porque “também é mãe, é uma alta maneira de ressignificar a Maria divinizada/celebrada.

Do ponto de vista sincrético, não há incongruência ter devoção a Nossa Senhora e louvar junto com ela os seus Orixás e Guias, pelo contrário, é reforçar ainda mais essa corrente em que todos eles/elas (entidades) fazem parte nesse grande conjunto que integra o panteão cosmológico da Tenda. Por outro lado, se há o medo do preconceito e intolerância religiosa, na hora de realizar uma procissão, é estratégico e político sair com Nossa Senhora pelas ruas do bairro e mostrar suas vestes e sua religião enquanto levantam, no alto do andor, o elemento católico. Esta estratégia é também um sinal de resistência frente aos preconceitos de uma sociedade intolerante, racista e violenta.

É preciso ainda ressaltar que muito embora Nossa Senhora esteja no altar ou levada às ruas, ela (Maria) não está sozinha naquele andor, há uma corrente espiritual sendo festejada naquele dia e Maria é um símbolo único que pluraliza um mundo cósmico enorme do qual as pessoas comuns nas ruas sequer fazem ideia. Naquele andor, nas ruas da Vila Macedo, poderia até ter Nossa Senhora dos Navegantes, mas com ela estaria Toia Jarina, Tapuia, Maria Légua, Chica Baiana e etc., que em seus significados são também mães, protegem, e estão ali para auxiliar as pessoas na lida da vida. Coaduna a este

pensamento a entrevista da professora e pesquisadora Taissa Tavernard oferece ao jornal O liberal (abril/22)¹²² quando afirma que o sincretismo:

foi um processo maior e mais rico do que simplesmente uma estratégia de esconder orixás atrás das imagens dos santos para garantir a continuidade da adoração. Foi uma ação hermenêutica de leitura da hagiografia desses santos e associação com deuses africanos cuja mitologia possuía correspondência. Às vezes, foi até um processo de reordenação do panteão das religiões africanas a partir da inclusão dos santos católicos, ou seja, o sincretismo é uma ação inteligentíssima de reflexão e reordenamento.

Nesse sentido Maria é a Grande Mãe que tem correspondência também nessas outras mães espirituais do terreiro (entidades), inclusive na própria Ialorixá porque também nas entrevistas as mulheres a citam nesse processo de falar sobre a importância de Nossa Senhora na vida delas e até mesmo quando a Filha de Dona Cigana lembra da sua mãe consanguínea e a equipara à mesma categoria milagrosa de Nossa Senhora, dando um tom de reordenamento a essa devoção, que apesar de ser uma figura tão poderosa é ao mesmo tempo próxima. Me atrevo até a dizer que as mulheres do terreiro já alcançaram o que a Igreja vem se esforçando ao longo dos séculos por fazer, que é o grande desafio de conviver com as duas Marias: divina e humana. Uma divina que está no altar e por vezes mais lembrada que o próprio Jesus e a humana que é capaz de sentir na carne e compreender a dor que elas sentem.

A conclusão de Taissa Tavernard na entrevista citada acima faz total sentido quando afirma que ainda no processo colonizador o negro “não foi pacífico ao processo de dominação e de imposição cultural, ele reagiu modificando a religião do opressor e ressignificando seus símbolos sagrados ao incluí-los em sua liturgia”¹²³. Há na Tenda Nossa Senhora da Conceição a confluência da devoção a Maria como símbolo máximo de resistência e infrapolítico em várias frentes, mas sobretudo se reverbera na vida e no cotidiano das mulheres.

É válido recordar ainda que a Mãe Meridalva quando faz relatos do início dos seus trabalhos na religião decidiu que “a dona da minha casa vai ser minha Nossa Senhora da Conceição”, ao mesmo tempo que tanto ela como os encantados afirmam que Dona Jarina é a dona da casa, a chefe da casa. Devemos perguntar então quem é a verdadeira dona?

¹²² “Sincretismo religioso revela troca cultural entre religiões: nomenclaturas e símbolos contam histórias de fé e dividem opiniões”. O liberal, disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/sincretismo-religioso-revela-troca-cultural-entre-religioes-1.526423>, acesso em 30/12/2024.

¹²³ Idem

De maneira alguma, porque as duas não se contradizem em sua essência, são mães, cuidam, protegem e por isso mesmo governam aquele lugar do ponto de vista cósmico e afetivo e junto com elas todas as demais entidades desse panteão, o que fornece, de certa maneira, coesão ao grupo. Por isso mesmo que andar com Nossa Senhora pelas ruas da cidade ou colocá-la em altar principal, tocar, reverenciar, beijar, pedir para ela e se emocionar é também atribuir a tudo isso uma diversidade de sentidos que estão para além da imagem de gesso, atinge o terreno do simbólico e esse símbolo diz muito da representação onde congrega o conjunto cósmico da Tenda em resistência.

Não é antagônico que na festa de Nossa Senhora dos Navegantes o grande destaque seja em Toia Jarina, ainda que se inicie e termine com Nossa Senhora (orações). Ela (Jarina) também, como Maria, é reverberação da Grande Mãe, das deusas que nem mesmo a imposição cristã e colonial foi capaz de apagar. Se por um lado a doutrina católica limita o culto à Maria através da doutrina, por outro lado o povo do terreiro subverte e ressignifica isso, e ao mesmo tempo em que cultua Maria, cultua também todas as outras entidades femininas de sua corrente espiritual.

Não é, em forma fechada e absoluta, Nossa Senhora e nem tampouco Toia Jarina dona da Tenda, mas a representação simbólica que as duas trazem consigo, quem governa a casa é uma força feminina e materna que está em Maria Mãe protetora, e em Jarina que cuida das crianças, Iemanjá mãe de todos os orixás e de todas as cabeças, Oxum que ama e protege as crianças, Tapuia cuja festa se tornou uma ação social em prol das crianças carentes do bairro, Chica Baiana que abraça e que reza, Maria Légua quando acolhe e reza de “arca caída” etc.. Todas elas estão nessa representação em que Maria se torna símbolo festivo no andor e no altar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: “NOSSA SENHORA É NOSSA SENHORA [...] OS GUIAS SÃO OS GUIAS”

Do que fora dito, Nossa Senhora está presente na casa de diversas maneiras seja nas orações, nas imagens, nos discursos ou nos gestos das pessoas, porém não ficou claro para mim se a figura mariana regula moralmente a vida das mulheres da tenda, nenhuma me relatou algo nesse sentido. Mas o contrário aconteceu, de que Nossa Senhora inspira essas mulheres a um autorreconhecimento e autoamor, isso ficou muito claro na fala de duas delas, ao passo que ela (Nossa Senhora) é conforto, fé, segurança e mãe nos momentos mais difíceis dessas mulheres, o que concerne à fala do mariólogo Clodovis Boff (2006, p. 557):

O que pede o povo aos santos e à Virgem? Fundamentalmente “proteção” frente às múltiplas ameaças que tem de enfrentar em relação a saúde, à segurança, à solução de problemas afetivos (namoro, paz doméstica etc.), à libertação dos vícios (alcoolismo, drogas etc.), ao desemprego, e assim por diante. Frente a esse gênero de demanda, a figura de Maria, aparece como protetora, intercessora e provedora celeste.

A imagem de Nossa Senhora não concorre com as demais imagens de orixás e encantados/as nessa religião e na casa, muito pelo contrário, as entidades também cantam e rezam a Nossa Senhora quando incorporadas, elas também têm profundo respeito e devoção para com Nossa Senhora, não somente no terreiro da Mãe Meridivalva, mas em vários outros terreiros que visitei em Imperatriz é possível observar e constatar isso. Em maio/2024, falando com dois encantados, Raimundinho Légua e Valentino Légua, perguntei sobre Nossa Senhora e Seu Raimundinho disse, “é uma santa, qual das nossas senhoras?”, eu disse que realmente é uma boa pergunta, ele reiterou “que se mistura tudinho e é só uma só”, nesse momento Seu Valentino também disse “mas acaba sendo a mesma santa, não é?!” continuou a explicativa:

Ou seja, nós anda, anda e anda e acaba seguindo na mesma Nossa Senhora. Nós procura Nossa Senhora do Socorro, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora de Aparecida, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora das Cabeças, Nossa Senhora das Dores e por aí vai, mas sempre dar na mesma porque ela é a salvação do mundo, Nossa Senhora mãe de Jesus ela é a salvação do mundo, ela se espalhou em meio mundo de nome para que cada um tivesse uma crença diferente e conseguisse subir pro reino do céu. Nossa Senhora ela é mãe, olha aí a cantiga: **Nossa Senhora oh da Conceição, Nossa Senhora ela é mãe ela é mãe.** Nossa Senhora ela é mãe independente de qualquer coisa. Ela é Nossa Senhora Aparecida porque ela apareceu aqui nessa colônia, como é, nessa colônia não, eu tô atrasado demais, apareceu aqui nesse país que ela se apresenta entendeu? É Nossa Senhora Virgem de Nazaré Imaculada da Conceição de Aparecida. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro porque quando

você está em um momento de aflição socorro Nossa Senhora! Nossa Senhora das Cabeças porque quando você tá com sua cabeça com problema você diz Nossa Senhora me ajuda e controle minha cabeça Nossa Senhora. Nossa Senhora da Saúde porque quando você tá num momento de doença você roga por quem? Nossa Senhora. Nossa Senhora dos Remédios porque quando você tá num momento de doença você roga por quem? Nossa Senhora. Nossa senhora minha filha é o ser mais bendito que existe que não tem espírito de luz ou espírito sem luz que não respeite Nossa Senhora, independente de qualquer coisa, não tem um ser, não tem encantado, não tem egun, não tem kiumba, não tem exu, não tem pomba gira, não tem vodun, que não respeite Nossa Senhora. Até os orixás que quando tá a presença de Nossa Senhora faz a reverência pra Nossa Senhora e ela faz a reverência pra eles porque Nossa Senhora ela é o ser mais puro que existe, nem Jesus Cristo foi tão puro quanto Nossa Senhora porque ela foi concebida sem pecado e Jesus Cristo foi uma criança e quando criança ele teve seus erros, ele só se santificou depois de adulto, mas Nossa Senhora até mesmo antes dela se casar com José ela era santificada (Valentino Légua Boji Buá, na cabeça do pai Augusto de Oxum, maio/2024)

Enquanto Seu Valentino ia tecendo sua fala, ao lado dele, seu Benedito Légua e Seu Raimundo Légua balançavam a cabeça e diziam “é verdade mesmo”. Ainda na casa da Mãe Meridalva, mesmo antes de decidir por ser as mulheres meu objeto de pesquisa neste trabalho, eu já tinha curiosidade de pesquisar sobre Nossa Senhora na religião e entrevistei dois batazeiros/tambozeiros, perguntei para eles sobre a figura mariana e também para um Pai de Santo, Lourenço de Doralice Légua, eles fizeram algumas considerações que acredito serem pertinentes para fins conclusivos deste trabalho. A primeira foi de seu Zacarias, um senhor de um pouco mais de sessenta anos de idade e que toca tambor nos terreiros desde os 11 anos de idade, me relatou o seguinte acontecido:

Eu estava com problema muito sério no meu coração, tive que fazer uma cirurgia delicada e que eu poderia morrer, eu fui todo aberto menina, foi coisa feia, coisa séria. No momento da cirurgia eu comecei a passar mal, ficar ruim demais e eu lembrei que havia pedido para vários Pais e Mães de santo rezarem por mim, e quando me faltaram as forças eu pensei: vou morrer! Eu rezei pra Nossa Senhora Aparecida que é minha protetora, e nesse momento que chamei por ela eu vi toda aquela sala refletir a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Nesse momento que vi ela nas paredes, no teto, eu senti meu peito queimar, eu disse, me ajude minha mãe que eu tô morrendo e lembrei das orações que eu havia pedido para os pais e mães de santo. O teto estava cheio de imagens de Nossa Senhora, a coisa mais bonita, eu me emocionei muito e a cirurgia acabou e eu fiquei curado. Aqui tem as marcas, as marcas daquela cirurgia e do dia que Nossa Senhora me socorreu, ela sempre socorre, sempre anda comigo, é minha protetora (Zacarias Batazeiro, dezembro/2022).

Em conversa com Pai Lourenço de Dona Doralice, ele me disse que sua Mãe (já falecida) nasceu em um dia oito de dezembro e a concepção dela foi fruto de uma promessa que sua avó havia feito à Nossa Senhora da Conceição (também em um dia oito de dezembro) para poder engravidar e quando a graça aconteceu, o nascimento da filha foi no dia de Nossa Senhora da Conceição, “quando ela nasceu minha vó teve uma

revelação que ela vinha e iria passar pouco tempo sobre a terra né, e ela era de Nossa Senhora da Conceição” (Pai Lourenço de Doralice, dezembro/2022), ele continuo seu relato:

No momento que mamãe nasceu, a mãe do meu pai que ela era também muito devota e católica, foi e disse: “olha Neusa, tua filha já trouxe o nome dela, não precisa caçar o nome pra ela, ela já trouxe o nominho dela, o nome dela é Maria da Conceição porque ela é de Nossa Senhora da Conceição”, dia oito de dezembro minha mãe nasceu. Aí ela pegou e registrou Maria da Conceição. Porém minha mãe foi crescendo e sempre via entidades, foi crescendo dentro do espiritismo, desenvolveu a mediunidade dela. Enfim que ela sabia de muitas orações, ela sabia das dores de Maria que é um mistério muito grande de Maria, dos mistérios de Maria ela sabia das orações do rosário apressado de Maria, de tudo. Mamãe era muito sabida, ela sabia até o dia que Deus ia tirá-la, ela chegou a relatar muito pra mim e a gente pensava que era besteira por ela ter adoecido e tudo, mas ela falava. E metade das orações dela ela entregou pra mim e hoje quem habita sou eu sou eu, porém umas eu não procurei ficar, repassei por conta de ter medo. Então mamãe foi embora conforme Nossa Senhora da Conceição falou pra minha vó, com vinte e nove anos nem chegou a completar os trinta. Com vinte e nove anos mamãe faleceu, no dia 21 de outubro/2009, mamãe faleceu (Pai Lourenço de Doralice, dezembro/2022).

Interessante observar esses dois relatos porque falam de experiências místicas, extraordinárias ou milagrosas com Nossa Senhora. Contudo essas experiências não apareceram nos relatos de nenhuma das mulheres que entrevistei na Tenda, nenhuma delas me contou algo nesse sentido de experiências místicas ou miraculosas com Nossa Senhora. O que elas me contaram está no chão do dia a dia, nos pedidos de proteção, nos pedidos de ajuda para ela e para os filhos, como foi o caso da fala da Filha de Dona Cigana da Beira da Estrada, “às vezes meus fi tão passando pela uma coisa eu peço pra ela sempre proteger”.

O seu Washington, também senhor de idade e batazeiro, conversou comigo sobre Nossa Senhora e quando eu ainda estava desejando entender porque ainda tinha aquela velha história que costumamos ouvir na Igreja Católica e na sociedade em geral de que Maria na Umbanda era Iemanjá e Oxum. Então, seu Washington foi uma das primeiras pessoas que conversou comigo e foi logo me esclarecendo o seguinte, “Olha Polyana, eu andei muito tempo na igreja protestante mas não dava pra ficar lá, primeiro porque eu toco tambor na religião aqui desde pequeno e outra porque eles falam muita besteira, falam mal de Maria e aqui eu vou lhe dizer”:

Iemanjá não tem nada a ver com Nossa Senhora, Iemanjá ela é referente às águas, é um orixá que está no comungando das forças das águas e Nossa Senhora está no céu e quando a gente precisa de alguma coisa de Deus, a gente pede pra ela e nem pense que você vai conseguir algo de Deus desagradando a

mãe dele porque tudo passa pelas mãos dela pra chegar até nós pecadores (Washington Batazeiro, dezembro/2022).

Na convivência que tive com as mulheres (entrevistadas/colaboradoras), nunca me falaram sobre Nossa Senhora além dos momentos das rezas que estivemos juntas ou quando alguém pedia a benção para uma delas elas respondiam “Deus e Nossa Senhora te abençoe” ou ainda quando me despedia delas elas diziam, “vai com Deus e Nossa Senhora”. O que notei na Tenda é que não necessariamente é Nossa Senhora quem cumpre as “tarefas de fé”, por exemplo, a “solução de problemas afetivos”, ou fazer algum trabalho de firmeza, essas coisas estão mais relacionadas às demais entidades que tem seus trabalhos e tarefas específicas, conforme a corrente espiritual da Mãe Meridalva na casa.

Contudo, mesmo que não seja funções de Nossa Senhora, é possível observar tanto nas falas da Mãe Meridalva quanto nos relatos das mulheres, que a reza para Nossa Senhora parece trazer mais força para que essas correntes espirituais trabalhem com mais pujança e harmonia. Talvez, do ponto de vista psicológico, a reza é importante para a concentração ou conexão do médium com a espiritualidade, mas há uma intuição espiritual muito estabelecida/fundamentada em Nossa Senhora concernente a importância dela para se viver essa espiritualidade, desde a preparação para os sacramentos, na preparação das festas, antes de começar as festas e também no encerramento.

Essa maneira que a própria Mãe Meridalva vai ensinando as filhas e filhos da casa sobre a reza do terço e de cultivar essa devoção a Nossa Senhora, seja ensinando o rosário, seja ensinando os cânticos/orações marianas, seja cantando os pontos marianos, seja ajudando essas mulheres nos momentos de profundo desgaste emocional, como a separação da Filha de Dona Joana Gunça, quando havia perdido o amor próprio, seja quando a Filha de Dona Cigana diz “eu aprendi ter respeito por mim mesmo, sempre isso ela ensina a gente”, ou mesmo quando tendo todos os motivos emocionais para odiar depois de tudo que lhe aconteceu, ela afirma, “eu aprendi que na pior situação da vida da gente, a gente ter paciência isso ela sempre ensina pra gente, aprendi amar o próximo, por mais raiva que ele faça pra gente ela ensina isso pra gente”.

Acredito que essas experiências do cotidiano e partindo do cru da vida, mesmo que não sendo vistas como milagres, pode ser a parte mais impressionante que eu pude observar nessa pesquisa. Essas mulheres contam com Nossa Senhora para tudo e veem

ela como mãe, protetora, mas não como os relatos dos homens que pude conversar, que têm uma imagem de Nossa Senhora como no medievo, em que Maria é tão poderosa chegando a ser equiparada ao próprio Deus. Ela é mais do que Jesus, até porque “nem Jesus Cristo foi tão puro quanto Nossa Senhora”, afirma o encantado. Essas mulheres também acreditam no poder de Nossa Senhora como a mãe que cuida, mas cuida porque sente também a dor delas, “ela também é mãe” como eu, então ela pode sentir um pouco a minha agonia e me ajudar.

Observei que as festas são os momentos de fortalecimentos dos laços e da coesão do grupo, nesses momentos é onde aparece mais forte a devoção a Nossa Senhora, e somente nessas ocasiões que percebo de maneira pujante orações e cantos para ela. Também são as festas períodos de grande tensão entre os membros/as do grupo, é justamente quando pode haver cisão entre aquelas e aqueles que não cumprem as regras espirituais estabelecidas pela casa e isso pode mexer na coesão espiritual do grupo. Digo isso, porque uma encantada Cabocla Juliana me explicou que se uma única pessoa quebrar a regra da casa pode desarranjar todo o grupo, explica:

Moça Polyana aqui estamos todos vibrando na mesma corrente, fazemos parte de algo muito maior que é formado por nós todos e se uma pessoa quebra os preceitos e as regras estabelecidas pela dona da corrente essa pessoa destrutura nós todos. Estamos todos em sintonia e pra isso tem toda a preparação dos dias antes das festas e se a pessoa sabe que tem as regras e se a pessoa quebra uma regra dessas a gente é que se lasca porque se quebra essa harmonia e essa corrente se enfraquece a gente fica suscetível a uma demanda, um obsessor, um egun, seja lá o que for que possa nos atingir e por que? Porque quebrou a corrente, porque atrapalhou a harmonia e pode enfraquecer espiritualmente a corrente naquele momento. (Cabocla Juliana, informação verbal, abril/2024).

Também Pai Salim em uma das visitas que fiz em sua casa, nas conversas informais, já havia me contado uma longa história sobre um filho de santo seu que quebrou a regra de sua casa¹²⁴, depois de dias de preparação espiritual e também externa, na organização da estrutura para receber Rei Sebastião (essa é a maior festa da casa) que acontece dia doze de outubro de cada ano (dia de Nossa Senhora Aparecida). Então, aconteceu que por causa de um filho infringir uma das regras, o Rei de Encantaria não passou naquele ano e já está com sete anos sem passar na casa. Pai Salim me falando

¹²⁴ Não tenho autorização para relatar toda a história e nem mesmo a regra que foi descumprida.

essas coisas e dizendo: “mãe fia, eu é quem sei o que tenho passado por causa disso, eu é quem sei”.

A devoção a Nossa Senhora não se configura com proibições de algo, essas são regras estabelecidas pela própria religião e cada casa coloca regras em prol da própria ritualística e organização/coesão do culto, como: não beber, não transar, comer carne vermelha e etc, coisas que não são consequências da devoção. No entanto, nesses dias de proibições ou restrições, o terço é uma das orações primordiais, e nesse sentido a prática da devoção entra como uma das regras ainda que não seja Nossa Senhora um impeditivo espiritual ou moral de fazer ou não algo. Ela recoloca esse lugar da força, do amparo espiritual que se tem através desses exercícios espirituais e com a ajuda dela.

Em agosto/2024, a Mãe Meridalva estava sentada rodeada de pessoas e estávamos conversando sobre Nossa Senhora e as religiões umbanda e católica, sobre as dificuldades de entender certas coisas, e ela lá de fora sentada, olhou para o altar central do barracão e falou a seguinte frase: “as pessoas que olham de fora tem essa mania de confundir e pensam que é tudo a mesma coisa, mas **Nossa Senhora é Nossa Senhora, os santos são os santos e os orixás são os orixás e os guias são os guias**, não tem confusão, são diferentes”.

Concluo este trabalho com algumas observações que tenho feito após quase quatro anos de pesquisa nos terreiros e de convívio com as pessoas de terreiro em Imperatriz, seja em momentos celebrativos, seja em eventos políticos de lutas por direitos por parte da Associação de Terreiros de Imperatriz (ASTERCMA), as pessoas da religião lembram constantemente de Nossa Senhora, seja dentro do terreiro, seja fora dele.

Constatei a primeira vez isso quando a ASTERCMA estava realizando um evento conduzido pela Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e Participação Popular do Maranhão (SEDIHPOP), o evento consistia em ensinar as pessoas de terreiros sobre “Procedimentos de emissão de CNPJ e legalização de Terreiros” e foi dividido em dois dias (02 e 03 de abril/2022). No encerramento do primeiro dia, Pai Deusdete estava presente e tendo a fala, no momento do encerramento, disse: “Hoje é sábado e agora são dezoito horas e eu vou rezar pra aquela a quem tenho devoção e respeito que é Nossa Senhora, nossa Mãe” e assim ele fez, rezou Ave Maria, Salve Rainha e cantou à Nossa Senhora, em um evento formal no auditório da Universidade Federal do Maranhão.

Recentemente, no último 09 de dezembro/2024, no evento realizado também na Universidade Federal do Maranhão sobre “Povos de Terreiros e suas Trajetórias em Imperatriz e Região”, pude outra vez observar que após a fala das pessoas que estavam na Roda de Conversa, o presidente da ASTERCMA fez o encerramento pedindo ao Pai Watila que rezasse o Pai Nosso, após a oração o presidente retoma a palavra e diz: “pessoal nós temos um pai mas nós também temos uma mãe, bora rezar nossa Ave Maria”, nesse momento o Pai Flávio pega o microfone e começa “Ave Maria cheia de graça...”. Quando todos lancharam, aconteceu a gira no pátio da Universidade, com vários terreiros presentes e no encerramento desse tambor, a Mãe Juliete puxou a oração da Salve Rainha para finalmente encerrar a participação do povo de axé naquele lugar.

Pensando ainda na conclusão desta escrita, eu trago a experiência de ter assistido ao espetáculo “Aruanda, um lugar de paz” do “Grupo Afro Afixirê” de Açailândia-MA, que aconteceu no Teatro Ferreira Gullar, em novembro/2023 (figuras 49, 50 e 51). Notei que o enredo do espetáculo acontece em louvação aos orixás, como Nanã, Iemanjá, Oxum e o grupo teatral faz danças, reverências a cada um/uma dos/das orixás que adentravam ao palco. No entanto, no final entra Nossa Senhora Aparecida e nesse momento o espetáculo parecia atingir o ápice, eles demonstravam isso com o corpo, com os gestos de reverenciar se ajoelhar, se inclinar baixando a cabeça, de trazer o terço nas mãos como símbolo da devoção para com ela, velas acesas.

Figura 49: Espetáculo Aruanda lugar de paz



Fonte: autora –23/11/2023

Figura 50: Espetáculo Aruanda lugar de paz



Fonte: autora –23/11/2023

Figura 51: Espetáculo Aruanda lugar de paz



Fonte: autora –23/11/2023

Enquanto assistia aquelas cenas e se misturava a musicalidade que dava a toada para a harmonia do espetáculo, pensei também na relação das pessoas dos terreiros com os orixás, as demais entidades e Nossa Senhora. Para mim o espetáculo era retrato imagético do que presenciei no terreiro e na devoção do povo de axé. A devoção a Nossa Senhora é algo concreto na vida e na espiritualidade dessas pessoas, porém essa devoção não destoa das demais relações espirituais, é ao contrário, ela parece ser meio eficaz para que as entidades trabalhem bem nos médiuns que rezam, não é um empecilho, é um meio que muitas vezes aparece na fala da Mãe Meridalva como necessário, sobretudo em momentos cruciais das cerimônias onde se galga posições espirituais mais altas.

A Devoção a Nossa Senhora é vivenciada em vários momentos da vida das mulheres e das pessoas dos terreiros, mas para as mulheres da casa não é levada como imposição, no sentido de serem obrigadas a rezar para ela todos os dias, e sim quando necessitam de socorro, ou quando pedem proteção, recorrem a ela como a Mãe, a protetora, a companheira, aquela que pode auxiliá-las nas demandas da vida, em que precisam do milagre de se redescobrirem também enquanto pessoa, enquanto mulher e se amar.

Nesse sentido, Nossa Senhora ocupa a categoria da Grande Mãe nas quais convergem também um pouco das características das Orixás, das encantadas que cuidam da casa a partir da crôa da Mãe do terreiro e a quem cada uma das mulheres também chamam de mãe: Iemanjá, Oxum, Jarina, Tapuia, Maria Légua, Chica Baiana, Joana Gunça, Mariana, Cigana, Maria José, Rosalina e outras mais que estão nessa casa, estão dançando a vida, as alegrias e as tristezas, as conquistas e as lutas, o riso e as lágrimas de suas mulheres. Nessa dança da espiritualidade, a música que toca é a do cotidiano, não há toadas extraordinárias, mas há melodia que no compasso dos dias, “quando preciso e quando não preciso também”, vai se organizando a devoção e a louvação, a reza e o tambor pois tudo conflui para uma vivência completa do axé que cada uma delas tem a missão de vivenciar.

Por fim, quero dizer que o processo dessa pesquisa me atravessou de tal maneira que em nada mais sou a mesma Polyana de antes. No último encontro de terreiros de Imperatriz (já mencionado acima), recebi uma homenagem que foram algumas palavras e um “certificado malungo”, ou seja, um certificado de companheirismo na luta dos povos de terreiros dessa região. Ao final do encontro e da Roda de Conversa e da cerimônia de homenagens, uma garotinha que nunca havia estado ali antes, subiu a rampa que dá acesso ao palco do auditório da universidade, ela foi subindo e dizendo “deixa eu ensaiar aqui para o dia que eu vou receber meu certificado nessa universidade”, aquilo me chamou atenção.

Ela veio na minha direção e perguntou se ainda tinha certificados das homenagens e eu disse que não, mas poderia emprestar o meu pra ela tirar uma foto com ele, então ela pediu ao presidente da associação de terreiros que falasse o nome dela em alta voz e entregasse o certificado para ela, eu fiquei embaixo aplaudindo ela e quando me dei conta eu estava fazendo a foto dela e chorando. Naquela noite, eu percebi que havia recebido

toda a recompensa por muitos trabalhos realizados desde que fui escolhida para a missão de pesquisar as religiões afro-brasileiras em Imperatriz, aquele evento mesmo havia sido tão cansativo, realizado em final de ano, mas a recompensa estava ali diante dos meus olhos, e ela sorridente me abraçava, agradecia e saiu saltitante daquele auditório.

Pensei comigo mesma, que coisa linda é plantar sonhos no coração das pessoas que talvez não tenham tido ainda a oportunidade de sonhar. Quando ela dizia que um dia ela estaria ali e recebendo um certificado também, isso me enchia de felicidade e pensei comigo mesma, é sobre isso e exatamente isso, plantar sonhos. Naquele instante nenhum certificado, nenhum prêmio, nenhuma homenagem eram necessários, eu havia ganhado o melhor prêmio, o de contemplar a mim mesma naquela menina. Ela saiu do auditório e eu não. Eu continuei ali, parei na imagem em que eu aplaudi a mim mesma quando ainda era só um sonho de menina está numa escola, ainda era só um sonho está numa universidade e receber um diploma, parei na imagem quando olhava para minha foto com o certificado e a dela, era como se estivesse olhando para um espelho e contemplasse, num instante só, dois tempos (passado e presente).

Encerro, por fim, este trabalho dizendo da minha alegria de ter chegado até este dia, de através desta pesquisa poder encontrar comigo mesma, poder aplaudir a realização dos meus sonhos plantando sonhos. Concluo a escrita para entregar o produto que me cabe pela exigência do título, mas esse trabalho está ainda mais completamente e concretamente escrito em mim, já recebi todos os diplomas e as honras que me cabem, eu me vi, eu já ganhei o prêmio máximo. Segue abaixo o registo desta noite (figura 52), eu duas vezes. Apesar de aparecer em somente uma das fotografias, eu sou as duas, eu me vi.

Figura 52: Encontro “Povos de Terreiros” na UFMA



Fonte: Edmara Silva – 09/12/2024



Fonte: autora – 09/12/2024

6. REFERÊNCIAS

- A PRIMEIRA TENDA DE UMBANDA. Disponível em: <https://www.tensp.org/historia>, acesso em 28/09/2023.
- AHLERT, M; LIMA, C. T. “A família de Léguas está toda na eira”: tramas entre pessoas e encantados. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. vol. 23 (2) | 2019.
- ALMEIDA, Nilson Ferreira de. **Transversalidades corporais e constelações de aprendizagens**: processos educativos no Terreiro Reino de Iemanjá. Dissertação de mestrado – UNICENTRO. Guarapuava, 2020.
- ANTONIO, José. **Maria e a Teologia da Libertação**. *Revista de Cultura Teológica*. Ano IV, Nº 20, Jul/Set. 1997.
- ANZALDÚA Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. **Estudos Feministas**, ano 8, 1º semestre 2000.
- ARAÚJO, Isabela. **O que significa Mariama?**: Entenda o porquê chamamos Nossa Senhora desta forma. Disponível em: <https://www.a12.com/academia/catequese/mariama>, acesso em 30/12/2024.
- BALLESTRIN, Luciana. América latina e o giro decolonial. **Revista. Bras.Ciência.Pol.** nº 11. Brasília. May/aug.2013.
- BARBOSA, Árion. Et al. **ENCANTARIA**: A umbanda em Imperatriz. Imperatriz-MA: Universidade Federal do Maranhão, 2021.
- BERREMAN, Gerald D. “**Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia**” [1961]. In ZALUAR, Alba (org.), *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.
- BOFF, Clodovis. **Mariologia social**: O significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. **Introdução à mariologia**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____. **O cotidiano de Maria de Nazaré**. São Paulo: Editota Ave Maria, 2014.
- BRASIL, Mariana. Quem foi Mãe Bernadete, líder quilombola assassinada na Bahia. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/08/quem-foi-mae-bernardete-lider-quilombola-assassinada-na-bahia.shtml>. Acesso em 30/08/2023.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da UNESP, 1998.
- CARNEIRO, Mayra Vaz. A Festa como Patrimônio: um estudo sobre a Festa de Nossa Senhora da Conceição do Morro da Conceição, RJ. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, Julho 2011.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In HOLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CARTA MAGNA DA UMBANDA. 3ª edição ampliada e revisada. Instituto Carta Magna da Umbanda: Brasil, 2022.

CLÍMACO, V. D.N.; ROCHA, M. V. S. **Incidências da Cultura Afro em Imperatriz – Ma**. Imperatriz-Ma: Ethos, 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002

CIPOLINILI, Pedro Carlos. A Devoção Mariana no Brasil. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 40 n. 1 p. 36-43 jan./abr. 2010.

CORDEIRO, Lohann Kundro Cordeiro. **Material informativo: Umbanda como religião e identidade nacional brasileira**. Trabalho de Conclusão do Curso Superior de Tecnologia em Designer Gráfico do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

COSTA, R. A e FOLLMANN, J.I. Processos de construção da identidade nacional brasileira: velhas e novas interrogações sobre a contribuição das religiões de matriz africana. **ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH - Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades**. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: **Revista Sociedade e Estado**. v. 31, n. 1, jan.–abr. 2016.

_____. Epistemologia feminista negra. In: **Pensamento feminista negro: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. **Pensamento Feminista Negro Conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4123078/mod_resource/content/1/Patricia%20Hill%20Collins.pdf, acesso em 01/10/2023.

Constituição Dogmática Lumen Gentium capítulo VIII. Coleção Theotókos. Organização Leonardo Ulrich Steiner, OFM e Dom Murilo S. R. Kringer, SCJ. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Volume 1, edições CNBB, 2016.

COSTA, J. B.; GROSFUGUE, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

COSTA, Karoline Sousa. **Religiosidades Africanas em Imperatriz-Ma: o Candomblé e a Umbanda (2008-2018)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão UEMASUL. Imperatriz, 2019.

CUMINO, Alexandre. "**Maria**" na Umbanda: entre santos e orixás. Disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C_autores/CUMINO_Alexandre_tit_Maria_na_Umbanda.htm, acesso em 01/02/2023.

_____. **História da Umbanda**: uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2015a.

_____. **Umbanda não é macumba**: umbanda é religião e tem fundamento. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2015b.

CURYEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

DAMATTA, Roberto. 1987. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

DIAS, Ugo Leonardo Araujo. **O processo de regularização jurídica dos terreiros de Umbanda/ Candomblé do município de Imperatriz – MA**. Monografia (Graduação em Direito) Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2019.

DILLI, Dom Aloísio Alberto. **Nossa Senhora dos Navegantes**. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/nossa-senhora-dos-navegantes/>, cesso em: 30/09/2024.

DOMBES. **Maria**: No desígnio de Deus e a Comunhão dos Santos. Tradução: José Augusto da Silva, Aparecida: Santuário, 2005.

DUARTE, Samuel Correa. **Memórias do Terreiro de Umbanda Nossa Senhora da Conceição em Nazária-PI**: vinte anos de tradição e cultura. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em História Social (PPGH – UNIFAP) da Universidade Federal do Amapá, 2023.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Coleção a obra-prima de cada autor. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martim Claret Ltda, 2011.

_____. **As formas Elementares da Vida Religiosa**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Da Divisão do Trabalho Social**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e Eurocentrismo. In: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1972.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo: Revista do PPGAS da USP**. Ano 14, Número 13, 2005.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DE UMBANDA. **Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda**. Rio de Janeiro, 1942.

FERRETTI, Mundicarmo. **DESCEU NA GUMA**: O caboclo no tambor de mina. São Luís:EDUFMA, 1996.

_____. **Encantaria de “Barba Soeira”**: Codó, capital da magia negra? – São Paulo: Editora Siciliano, 2000.

_____. Terecô, a linha do Codó. In: **Encantaria Brasileira: o Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo afro-basileiro e resistência cultural. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 4, n.8, p. 182-198, jun. 1998.

_____. Perspectivas das religiões afro-brasileiras no Maranhão. **XVIIª Semana Acadêmica e 11ª de Conferências religiosas**. IESMA, São Luís, 20/10/2005.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família sob o regime de economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

FROTA, P. A., & Veras, R. de C. (2022). “EU FUI ESCOLHIDO POR DEUS”:
Memórias e musealidades no campo religioso em Imperatriz-MA. *Kwanissa: Revista De Estudos Africanos E Afro-Brasileiros*, 5(13), 180–206. <https://doi.org/10.18764/2595-1033v5n13.2022.33>.

_____. “E NÓS SOMOS O QUÊ?”: razões e formas de organização da associação de terreiros de religião e cultura de matriz africana (ASTERCMA) em Imperatriz-MA. In: **Memórias, educação e religiões dos povos amazônidas**. Ponta Grossa: Atena, 2023.

FROTA, Polyana Almeida. **Memórias e trajetórias do campo religioso na microrregião de imperatriz-MA**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=13lDkzjSDZE&t=35s>, acesso em 01/03/2023.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

GOLÇALVES, J. S.G; RIBEIRO, O. S. COLONIALIDADE DE GÊNERO: o feminismo decolonial de María Lugones. **Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade** [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Guia Mais. **Bairros da Cidade de Imperatriz**. Disponível em: <https://www.guiamais.com.br/bairros/imperatriz-ma>, acesso em 29/09/2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

IBGE Cidades e Estados do Brasil/Imperatriz. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>. Acesso em 28/10/2023.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e estatística**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/pesquisa/23/22107>, acesso em 20/01/2023.

IWASHITA, Pedro. Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

J. FAGUNDES. **Umbanda e seus Orixás**. São Paulo: Editora Geek, 2012.

JARDIM, H. O. S.; VOSS, D. M. S. MULHERES NEGRAS UMBANDISTAS: laços de ancestralidade afro. **9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação**, 23 a 26 de maio de 2022.

LAR UMBANDADISTA PAI XANGÔ. <http://larumbandistacabocloopenabranca.blogspot.com/2012/05/diferenca-entre-tenda-e-terreiro.html>. Acesso em 10/08/2023.

Lendas do Maranhão: **Conheça a história das princesas turcas Mariana, Jarina e Herondina**. Disponível em: <https://www.revistasampa.com.br/2020/06/10/lendas-do-maranhao-conheca-a-historia-das-princesas-turcas-mariana-jarina-e-herondina/>. Acesso em 21/01/2023.

LOPES, Ney. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. [recurso eletrônico]. 4ed. São Paulo: Selo Negro, 2011. Recurso digital: il.

LUCA, T.T.;PANTOJA, J.M.; NETO, M.V.B. Catolicismo Afro-Amazônico: uma análise do simbolismo da morte na procissão do Senhor dos Passos em Belém\PA. **Observatório da Religião**. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/1131>. Acesso em 25/11/2022.

LUCA, Taissa Tavernard de. *A viagem fantástica de Rei Sebastião: de Alcacer Quibir ao Terreiro de Mina*. **Revista observatório da religião**. V.1, N.1, jan/jun/2014.

_____. *In* OLIBERAL. **Sincretismo religioso revela troca cultural entre religiões: Nomenclaturas e símbolos contam histórias de fé e dividem opiniões**. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/sincretismo-religioso-revela-troca-cultural-entre-religioes-1.526423>, acesso em 30/12/2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, R. (Org.). **A Aventura Antropológica**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Eliane Brum e a arte da escuta. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 307-322, jan./jun. 2011.

MOITA, Paula. Mulheres de Axé: relação de gênero e emponderamento no terreiro de umbanda. **13º mundos de Mulheres & Fazendo Gênero: transformações, conexões, deslocamentos - Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

MORAIS, Marcelo Alonso. **Umbanda: orixás e entidades**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Novo Ser, 2014.

MOURA, Clóvis. **A encruzilhada dos orixás: problemas e dilemas do negro brasileiro**. Maceió: EDUFAL, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. – (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MURAD Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de Mariologia**. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.

OGUM, Carlos de. **História da Umbanda**. Disponível em: <https://umbandayorima.blogspot.com/2013/04/historia-da-umbanda.html>, acesso em 10/08/2023.

OSSANA, Tulio Faustino. **A Ave-Maria: história, conteúdo, controvérsia**. Tradução: Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2006.

PINTO, Altair. **Dicionário da Umbanda: anexo pequeno vocabulário da língua iorubá**. Rio de Janeiro: Editora Eco, 2007.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do axé: Sociologia das religiões afro**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: Sincretismo, Branqueamento, Africanização. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, 1998.

_____. Sincretismo afro-brasileiro, politeísmo e questões afins. **Debates do NER**. Porto Alegre, ano 12, N. 19, Jan/Jun. 2011.

_____. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, R., & SOUZA, P. R. Encantaria de Mina em São Paulo. In: **Encantaria Brasileira: o livro dos Mestres, Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: , 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ. **Site oficial**. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/a-cidade.html>. Acesso em 29/09/2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

ROCHA et al. O PROTAGONISMO FEMININO NAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, nº 42, 2016. ISSN-1678-3182.

SAMPAIO, Ana Paula de Mesquita. **MULHERES NEGRAS E ANCESTRALIDADE: a comunidade jongo dito ribeiro**. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Secretaria Acadêmica de Pós-Graduação. São Paulo, 2020.

SARDENBERG, Cecília M.B.. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. **I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO**, promovido pelo NEIM/UFBA, em Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>, acesso em 03/01/2024.

SANTOS, Bruno Barros dos. **Divinas Caixas e Suas Histórias**: as filhas de santo/caixeiras e suas representações do Divino Espírito Santo em Porto Franco/MA. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação stricto sensu (mestrado) em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), 2022.

SCOTT, James C. **A dominação e a arte da resistência**: discursos ocultos. Tradução de Pedro Serras Pereira. Lisboa/Fortaleza: Livraria Letra Livre/Plebeu Gabinete de Leitura, 2013.

SILVA, Dirceu Rodrigues da. AS HAGIOGRAFIAS COMO FONTES HISTÓRICAS: uma leitura de Michel de Certeau. **Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR** Juiz de Fora, MG, 15 a 17 de abril de 2015.

SIMONI, Rosinalda Côrrea da Silva. Ancestralidade feminina: da essência do sagrado aos movimentos feministas, mulheres negras e representatividade. **FRAGMENTOS DE CULTURA**, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 293-300, abr./jun. 2019.

TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres**: releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulus, 2010.

TOKARNIA, Mariana. **Brasil registra um crime de estupro a cada seis minutos em 2023**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-07/brasil-registra-um-crime-de-estupro-cada-seis-minutos-em-2023>, acesso em 30/10/2024.

TOMEI, Francesco Andrade. **O conceito de representações coletivas em Durkheim**. Laboratório Didático - USP ensina Sociologia, Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH Departamento de Sociologia, 2013.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos? **Ponto Urbe** [Online], 11 | 2012.

VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano. **A religião dos encantados**: os encantados como mediadores culturais no norte do Tocantins. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2019.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. 1981.

VIEIRA, Dilermando Ramos. A Virgem Maria na realidade afro-brasileira: História e manifestações. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2021.

WEISS, Raquel. Durkheim e as Formas Elementares da Vida Religiosa. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 95-119, jul./dez. 2012.

ANEXO 1: GLOSSÁRIO DOS ENCANTADOS E DO POVO DE TERREIRO

Família de encantados	É um grupo espíritos (entidades) ao qual pertence os encantados, cada encantado tem sua própria família, exemplo: família de légua, família de baia, família dos mouros, etc., porém os encantados podem trabalhar em outras linhas conforme a corrente dos médiuns que os carregam em sua crôa.
Minha casa	Chapéu (geralmente chamado assim pelos encantados e encantadas da família de Légua)
Labutar	trabalhar
Pepeli	papel/convite
Casuar/palhoça	casa
Cavalo/aparelho	médium (homem e mulher)
Maria do céu/mãe do céu/abundância	água
Tocha	vela/luz
Corre mundo, vintém, pataca, flepa de tostão, bronze, bandeira e papel pintado	dinheiro
Terecozeiro	pessoa que faz parte do terecô ou umbandista
Curuminho	criança
Espumosa/Escumosa/mijo de égua	cerveja
Cinquenta e dez (50 e 10)	Cachaça branca ou 51
Maravo	cachaça/cachaça branca
Palito/pitoco branco	cigarro
Simbó/cachimbo	cachimbo
Sua graça	seu nome
Babujo	comida
Babujar	comer
Carangueijo/bicho da hora	relógio

Riscador	Isqueiro
Fuxiqueiro	Celular
Rabo de saia	Mulher
Perna de Calça	homem
Transformado/pula pula	Homossexual
Sapationa	Lésbica
Macumbeiro/a	pessoa que faz parte da religião/umbandista
Baiar terecô/baiar nagô	dançar na gira
Na cabeça de	entidade está incorporada no corpo de alguma pessoa que é médium
Terra do pecado	o mundo material de hoje que é diferente do mundo espiritual dos encantados
Ponto cantado/doutrina	músicas que são cantadas durante as giras e que contam sobre a força/história do/a encantado (a)/entidade/orixá.
Ori/coroa/crôa	no sentido bem literal significa cabeça
Catiço	era o escravo que ficava fora da casa grande, escravo, o que se embriagava, o que ficava na rua por dias, era a pessoa rebelde – hoje se usa muito para os Exus, Pomba Gira e também pode usar para Caboclos e outros espíritos.
Guias	Pode ter dois significados: 1 – Colares usados por médiuns que simbolizam sobretudo proteção e firmeza; 2 – Entidades espirituais.
Egum	Espíritos desencarnados/ toda entidade que passou pelo processo da morte
Kiumba	Espíritos desencarnados sem luz e que são maldosos/ é um espírito que não evoluiu para o bem, é um espírito que só busca fazer maldade, é um espírito pagão que induz as pessoas fazerem coisas erradas como induzir aos vícios, a prostituição e coisas negativas
Obsessores	São espíritos que podem trazer alguns prejuízos para as pessoas, podem trazer males físicos e espirituais, trazer sugestões ao erro como kiumba: vícios, desânimo, doenças e etc.
Falange	Subdivisão ou organização de linhas ou grupo de espíritos/guias lideradas ou chefiadas por um guia ou entidade maior que é responsável por governar, comandar, organizar e manter o equilíbrio daquela linha de entidades.

Falangeiro	É o/a chefe de uma determinada falange
O invisível	Os espíritos, entidades ou encantados.
Irradiação	Quando o médium sente a força da entidade, quando a entidade está se aproximando e há certa conexão, ocorre quando há um movimento de aproximação da entidade ao médium
Incorporação	Quando o médium é tomado por uma entidade e se deixa conduzir por ela. Aprendi que existe duas formas de incorporação: uma em que o médium não perde totalmente a consciência e outra que ele perde por total ficando somente a entidade agindo e ele/ela (médium/cavalo) não percebe o que o corpo está fazendo porque está sendo completamente comanda pela força da entidade incorporada
Tirar uma chapa	Tirar uma foto
Ponto cantado	São as músicas ou doutrinas das entidades que são cantadas nos momentos das giras/cultos.
Ponto riscado	São desenhos feitos no chão ou tábuas (geralmente de giz) para invocar a força e a presença das entidades, esses pontos são revelados pelas próprias entidades no processo da mediunidade.
Baladeira	Rede
Carapacho/Carabaixo/Moi de ferro	Carro
Tarimba	Cama
Grode	Cachaça/bebidas
Areia doce	Açúcar
Demanda	Geralmente entendido como algo negativo que em algum momento é direcionado para alguém ou mesmo para todo um terreiro.
Ficar de obrigação	Entendido como momento em que o/a médium ou mesmo o pai/mãe está resguardado através de algumas regras de fazer ou comer determinados tipos de alimentos ou mesmo consumir bebida alcoólica. Ficar de obrigação é uma preparação espiritual para momentos grandes da vivencia religiosa por exemplo, rituais como os sacramentos.
Água doce	Refrigerante